

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Ranice Höehr Pedrazzi Pozzer

**POTENCIAL EMPREENDEDOR EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO**

**Santa Maria, RS
2021**

Ranice Höehr Pedrazzi Pozzer

**POTENCIAL EMPREENDEDOR EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Administração.**

Orientador: Dr. Luis Felipe Dias Lopes

Coorientador: Dr. Italo Fernando Minello

**Santa Maria
2021**

POZZER, RANICE HOEHR PEDRAZZI
POTENCIAL EMPREENDEDOR EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA PARA O
DESENVOLVIMENTO / RANICE HOEHR PEDRAZZI POZZER.- 2021.
277 p.; 30 cm

Orientador: Luis Felipe Dias Lopes
Coorientador: Italo Fernando Minello
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Administração, RS, 2021

1. Potencial empreendedor 2. Cognição 3. Transtorno do
Espectro Autista 4. Inclusão profissional 5.
Desenvolvimento I. Lopes, Luis Felipe Dias II. Minello,
Italo Fernando III. Título.

Ranice Höehr Pedrazzi Pozzer

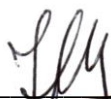
**POTENCIAL EMPREENDEDOR EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: UMA PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Administração**.

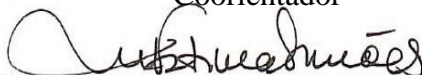
Aprovado em 01 de fevereiro de 2021:



Prof. Dr. Luis Felipe Dias Lopes (CCSH-UFSM)
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Walo Fernando Minello
Coorientador



Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima de Jesus Simões (UBI - Portugal)



Prof. Dr. Paulo Emílio Alves dos Santos (ESPM)



Prof^a. Dr^a. Vânia Medianeira Flores Costa (CCSH-UFSM)



Prof. Dr. Marcelo Trevisan (CCSH-UFSM)

Santa Maria - RS 2021

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Cesar Tadeu.
Aos meus filhos, Fernando e Filipe Luis.
Aos meus pais, Paulo Ramon e Eunice.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desta pesquisa e para o meu processo de doutoramento, o meu mais profundo agradecimento. Meu esposo, Cesar Tadeu, por incentivar minhas buscas por autodesenvolvimento, pelo silêncio confortador nos dias mais atribulados, pelas palavras de estímulo e pela parceria.

Meus pais, Ramon e Eunice, e minha irmã, Vanessa, que pouco puderam contar comigo nesses quatro anos, mas estavam sempre disponíveis para mim e para os meninos.

Meu filho Fernando, que participou ativamente desta tese, programando os softwares para análise bibliométrica, auxiliando nas revisões de texto e questionando a pesquisa com genuína curiosidade pela ciência.

Meu filho mais novo, Filipe Luis, que está no espectro autista e fez questão de ajudar na pesquisa, detalhando como sua mente funciona – inúmeros se...então..., o que explica a demora em responder e agir algumas vezes -.

Meus companheiros do grupo de pesquisa GPECOM, Estevão, Silvana, Luciano e Deoclécio, e os bolsistas Alexander, Lucas, Mikael e Alessandra, parceiros de estudos, de pesquisas e eventos. Foi muito bom trabalhar com vocês e espero que a nossa parceria em pesquisa continue. E ao grupo de pesquisa GPCET, que acompanhou a finalização desta tese, eu agradeço pelo carinho e acolhida.

Sou muito grata a todos os pais e mães de autistas que aceitaram participar desta pesquisa. As entrevistas podem ter sido emocionalmente desgastantes para vocês, mas tenham certeza que colaboraram e muito para a concretização desta tese. Vocês estão fazendo um ótimo trabalho com seus filhos e serão, certamente, inspiração para outros pais e mães.

Às pessoas autistas que concederam entrevistas e divulgaram a pesquisa entre seus contatos, indicando novos entrevistados, eu agradeço imensamente. Nossas conversas me fizeram ver o mundo com outros olhos. Espero que o mercado também entenda o quão incrível pode ser ter por perto alguém pensando diferente. E quero agradecer especialmente a Alice Casimiro, a Menina Neurodiversa, que, com a precisão de seus textos, construídos sobre a experiência de ser autista em um mundo que ainda não entende o autismo, me ajudou a compreender vários aspectos do cotidiano das pessoas que estão no espectro autista. E agradeço ainda a William Chimura, pelas pertinentes informações sobre o autismo que posta regularmente em seu canal no *Youtube*. As nossas conversas me proporcionaram muitos *insights* para a elaboração desta pesquisa que, como você mesmo observou, é apenas o início.

Também sou grata às empresas que participaram desta pesquisa e me mostraram como estão tentando adaptar seus espaços e modos de ação para que as pessoas com deficiência e pessoas autistas possam atuar com segurança. A participação das empresas que não contratam PcD's também foi fundamental para esta pesquisa, pois permitiu entender as dificuldades e receios que os gestores enfrentam nesse sentido.

Uma tese não se faz sem orientação. Então agradeço ao professor doutor Luis Felipe Dias Lopes, pelo auxílio com as questões éticas – que não foram poucas – e pelo suporte na finalização desta tese. Obrigada pela acolhida, pelas orientações e pela tranquilidade, que foram fundamentais na conclusão da pesquisa.

Agradeço especialmente ao mestre e amigo, professor doutor Italo Fernando Minello. Nesta tese, marcamos o ponto alto (pelo menos para mim) da nossa parceria com pesquisa, que começou em 2011. Agradeço pela disponibilidade de orientação, pela exigência, pelo questionamento, pela cobrança, por acompanhar a minha forma não linear de trabalhar e estar, acima de tudo, preocupado em construirmos juntos um trabalho com função social. Uma vez me disseram que bons profissionais deixam rastros. Eu, certamente, seguirei os teus.

E por fim, e desde o começo, agradeço a Deus por tudo.

RESUMO

POTENCIAL EMPREENDEDOR EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO

AUTOR: Ranice Höehr Pedrazzi Pozzer
ORIENTADOR: Luis Felipe Dias Lopes
COORIENTADOR: Ítalo Fernando Minello

Esta pesquisa tem por objetivo analisar características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional. O TEA é uma síndrome que se manifesta por alterações no desenvolvimento da linguagem e da interação social. Os indivíduos com TEA apresentam comportamentos estereotipados, repetitivos e ritualizados, bem como restrição de interesses e alterações sensoriais, com nível de severidade variado, o que justifica o uso da expressão espectro autista. Embora o autismo se caracterize como um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido sob o ponto de vista comportamental e caracterizado por dificuldades de interação social que podem manifestar-se como isolamento, comportamento social impróprio, entre outros sintomas (GADIA *et al.*, 2004, p. 584), não são raros os relatos de autistas que conseguiram superar o transtorno e, dentro do possível, desenvolveram habilidades que lhes permitem uma vida produtiva. Alguns, como Temple Grandin, por exemplo, utilizam sua forma diferenciada de olhar para a realidade como instrumento de transformação, o que vai ao encontro das definições de empreendedorismo. Sendo o empreendedorismo, na visão de Santos *et al.* (2014) intrinsecamente dependente de decisões e ações individuais (ainda que os fatores externos sejam determinantes para o empreender), justifica-se a escolha do Potencial Empreendedor como elemento do construto que está sendo adotado para esta pesquisa. O Potencial Empreendedor, que está relacionado às características individuais, pode nunca se converter em intenção empreendedora, mas traz em si um conjunto de atributos comportamentais que podem ser desenvolvidos, permitindo o estabelecimento de competências e capacidades que interessam ao mercado de trabalho. Para responder ao problema desta pesquisa, foram realizados quatro estudos envolvendo conceituação de Potencial Empreendedor relacionado ao desenvolvimento individual, a identificação de Potencial Empreendedor em indivíduos com TEA e em seus familiares – e como esse potencial influencia o desenvolvimento do autista - e a verificação das competências que o mercado de trabalho tem observado em profissionais com TEA que estão em atuação. Este estudo é baseado na relação família – autista – empresa, a partir do constructo que envolve Potencial Empreendedor, Cognição e Transtorno do Espectro Autista. Com o primeiro estudo, foi possível identificar uma lacuna teórica – Potencial Empreendedor e características empreendedoras em neuroatípicos, sendo o construto um tópico emergente se associado à educação, educação para o trabalho, desenvolvimento e conhecimento. O segundo estudo evidenciou que características comportamentais de pessoas autistas encontram similitudes nas características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor e que isso pode ser utilizado para fomentar a inclusão profissional. O terceiro estudo mostrou que há influências de características do Potencial Empreendedor dos pais no desenvolvimento dos filhos, considerando a superação do diagnóstico e resiliência. E o quarto estudo apontou que a contratação de pessoas autistas pode ser voltada ao resultado e não apenas à funcionalidade. Com isso, esta tese evidencia que o Potencial Empreendedor pode ser uma perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando a inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Potencial Empreendedor; cognição; Transtorno do Espectro Autista, inclusão profissional de PcD; desenvolvimento

ABSTRACT

ENTREPRENEURIAL POTENTIAL IN INDIVIDUALS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: A PERSPECTIVE FOR DEVELOPMENT

AUTHOR: Ranice Höehr Pedrazzi Pozzer

ADVISOR: Luis Felipe Dias Lopes

CO-ADVISOR: Ítalo Fernando Minello

This research has the objective of analyzing the behavior characteristics related to the entrepreneurial potential in individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), considering the influence of family members and their preparation for professional practice. ASD is a syndrome manifested by alterations in language development and social interaction. Individuals with ASD present stereotyped, repetitive and ritualized behaviors, as well as restricted interests and sensory alterations, with varying levels of severity, which justifies the use of the term autism spectrum. Although autism is characterized as a complex developmental disorder, defined from a behavioral point of view and characterized by difficulties in social interaction that may be manifested as isolation, inappropriate social behavior, among other symptoms (GADIA *et al.*, 2004, p. 584), reports of autistic people who managed to overcome the disorder and, as far as possible, developed skills that allow them to live a productive life are not uncommon. Some of them, such as Temple Grandin, for example, use their differentiated manner of looking at reality as an instrument for transformation, which is in line with the definitions of entrepreneurship. Entrepreneurship, in the view of Santos *et al.* (2014), is intrinsically dependent on individual decisions and actions (even if external factors are decisive for the entrepreneurial action), thus justifying the choice for entrepreneurial potential as an element of the construct that is being adopted in this research. The entrepreneurial potential, which is related to individual characteristics, may never become an entrepreneurial intention, but it brings with it a set of behavioral attributes that can be developed, allowing the establishment of skills and capacities that are of interest to the job market. To answer the problem of this research, four studies were carried out involving the conceptualization of entrepreneurial potential related to individual development, the identification of entrepreneurial potential in individuals with ASD and in their family members – and how these potential influences the autistic person's development – and the verification of the skills that the job market has observed in professionals with ASD who have been working. This study is based on the relationship family – autistic person – company, from the construct that involves entrepreneurial potential, cognition and autism spectrum disorder. With the first study, it was possible to identify a theoretical gap – Entrepreneurial Potential and entrepreneurial characteristics in neuroatypicals, being the construct an emerging topic if associated with education, education for work, development and knowledge. The second study showed that behavioral characteristics of autistic people find similarities in the behavioral characteristics related to Entrepreneurial Potential and that this can be used to promote professional inclusion. The third study showed that there are influences of characteristics of the Entrepreneurial Potential of parents in the development of their children, considering the overcoming of the diagnosis and resilience. And the fourth study pointed out that hiring autistic people can be geared to results and not just functionality. Thus, this thesis shows that the Entrepreneurial Potential can be a perspective for the development of the autistic person, aiming at insertion in the job market.

Keywords: Entrepreneurial Potential; cognition; autism spectrum disorder; professional inclusion; development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Problema, questões e objetivos da pesquisa.....	30
Figura 2 - Principais argumentos que justificam esta pesquisa.....	35
Figura 3 - Estrutura do trabalho.....	36
Figura 4 - Modelo de Potencial Empreendedor de Krueger e Brazeal (1994)	40
Figura 5 - Modelo teórico de Potencial Empreendedor de Santos (2008).....	42
Figura 6 - Clusters e relação entre seus componentes.	67
Figura 7 - Visão geral do Capítulo 2	69
Figura 8 - Desenho de pesquisa.....	74
Figura 9 - Objetivos específicos e procedimentos de coleta e análise dos dados.....	75
Figura 10 – Método do Estudo 1	78
Figura 11- Etapas da pesquisa bibliométrica.....	79
Figura 12 - Etapas para realização da ACA	82
Figura 13 - Método do Estudo 2.....	85
Figura 14 - Procedimentos analíticos do Estudo 2	92
Figura 15 – Esquema teórico de referência para categorização a priori.....	94
Figura 16 – Categorias de análise a priori	95
Figura 17 – Categorias de análise não a priori	96
Figura 18 - Método do Estudo 3.....	98
Figura 19 – Categorias de análise não a priori do Estudo 3	103
Figura 20 - Método do Estudo 4.....	106
Figura 21 - Etapas da AHP.....	108
Figura 22 – Procedimentos para análise integrada	113
Figura 23 – Estratégias analíticas	114
Figura 24 – Ocorrência de palavras-chave e clusters sobre Potencial Empreendedor	125
Figura 25 – Recorte da matriz de 192 trabalhos citantes e 18 autores citados.	127
Figura 26 – Mapa de cocitação.....	131
Figura 27 – Similitudes entre o comportamento do autista e Potencial Empreendedor.....	183
Figura 28 - Curva de enfrentamento do TEA	210
Figura 29 – Resumo dos resultados dos estudos da tese	226
Figura 30 – Análise integrada dos resultados dos estudos	235

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Número de publicações no período 1971-2019.....	119
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atributos do Potencial Empreendedor	42
Quadro 2 - Conceitos e formas de mensuração do Potencial Empreendedor.....	45
Quadro 3 - Características comportamentais do empreendedor e do intraempreendedor.....	48
Quadro 4 - Clusters de co-ocorrência de palavras-chaves determinadas pelos autores.	67
Quadro 5 - Índice m e classificação de hot topics	80
Quadro 6 – Estratégias para coleta de dados	87
Quadro 7 – Procedimentos para coleta de dados do Estudo 2.....	88
Quadro 8 – Roteiro de entrevista semiestruturada	89
Quadro 9 – Entrevistados e meio de participação na pesquisa.....	91
Quadro 10 – Procedimentos para coleta de dados do Estudo 3.....	99
Quadro 11- Temas e questões para o roteiro de entrevista do Estudo 3.....	100
Quadro 12 – Entrevistados e meio de participação na pesquisa.....	102
Quadro 13 – Empresas participantes da pesquisa.....	107
Quadro 14 – Critérios e subcritérios de seleção de pessoas em empresas	109
Quadro 15 – Termos obrigatórios para procedimento de coleta de dados	117
Quadro 16 - Bases de dados de periódicos científicos consultadas na WoS.....	118
Quadro 17 – Clusters das pesquisas sobre Potencial Empreendedor	124
Quadro 18- Matriz de frequência absoluta de cocitação.	128
Quadro 19 - Matriz com os valores de Cosseno de Salton.....	129
Quadro 20 – Testes prévios à Análise Fatorial Exploratória.....	129
Quadro 21 – Protocolo de entrevistas do Estudo 2.....	136
Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa	142
Quadro 23 - Unidades de análise que evidenciam atuação profissional.....	161
Quadro 24- Unidades de análise acerca do ambiente de trabalho esperado	163
Quadro 25 – Subcategorias da categoria “atuação profissional”	165
Quadro 26 – Unidades de análise que evidenciam características comportamentais.....	167
Quadro 27 - Subcategorias da categoria “características comportamentais”	170
Quadro 28 – Unidades de análise que evidenciam apoio	173
Quadro 29 – Subcategorias da categoria apoio	175
Quadro 30 – Unidades de análise que evidenciam ‘forma de pensar’.....	178
Quadro 31 – Subcategorias da categoria forma de pensar.....	180
Quadro 32 – Protocolo de entrevistas pais/mães/responsáveis por pessoas autistas.....	185

Quadro 33 - Unidades de análise que evidenciam Relação com o autismo.....	188
Quadro 34 - Subcategorias da categoria ' Relação com o autismo'	193
Quadro 35 - Unidades de análise que evidenciam Desenvolvimento	199
Quadro 36 - Subcategorias da categoria Desenvolvimento	201
Quadro 37 - Unidades de análise que evidenciam Apoio	205
Quadro 38 - Subcategorias da categoria Apoio	206
Quadro 39 – Resultados do Estudo 4	225

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das publicações sobre TEA nas categorias WoS	65
Tabela 2 - Publicações por ano, entre 2015-2020	66
Tabela 3 - Autores com o maior número de publicações sobre TEA.....	66
Tabela 4 - Principal assunto nos artigos constantes na Biblioteca Virtual em Saúde.	68
Tabela 5 – Escala de conversão dos critérios e subcritérios.....	110
Tabela 6 – Índice de consistência randômicos	111
Tabela 7 - Distribuição do corpus de análise por periódico	120
Tabela 8 – Distribuição das primeiras posições no corpus de análise do Estudo 1.....	120
Tabela 9 – Distribuição das primeiras posições sobre áreas de pesquisa.....	121
Tabela 10 – Distribuição de documentos por país.....	122
Tabela 11 – Tipos de documentos	122
Tabela 12 – Publicações por instituição	123
Tabela 13 – Artigos mais citados (1971-2019)	123
Tabela 14 – Índices h-b e m para determinação de hot topics.....	126
Tabela 15 - Análise fatorial exploratória das cocitações	130
Tabela 16 - Matriz de critérios de contratação de pessoas nas empresas do Grupo 1.....	211
Tabela 17 - Matriz de critérios de contratação de pessoas nas empresas do Grupo 2.....	212
Tabela 18 – Critério Cr1 - ‘Assume riscos calculados’	214
Tabela 19 - Critério Cr2 - ‘Aproveita oportunidades’	215
Tabela 20 - Critério Cr3 - ‘Atualização’	216
Tabela 21 - Critério Cr4 - ‘Administração do tempo’	217
Tabela 22 - Critério Cr5 - ‘Necessidade de realizar sonhos/futuro’	218
Tabela 23 - Critério Cr6 - ‘Criativo e observador da realidade em que vive’	219
Tabela 24 – Critério Cr7 – ‘Proatividade e dinamismo’	220
Tabela 25 – Critério Cr8 - ‘Comportamento’	221
Tabela 26 – Critério Cr9 – Pensamento.....	222
Tabela 27 - Critério Cr10 – Motivação para contratação	223
Tabela 28 – Resumo dos critérios dos dois grupos analisados.....	223

ABREVIATURAS E SIGLAS

ACA	Análise de Cocitação de Autores
AHP	Análise Hierárquica de Processo
APA	Associação Americana de Psiquiatria (<i>American Psychological Association</i>)
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CEI	<i>Carland Entrepreneurship Index</i>
CID	Classificação Internacional de Doenças
CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde
ICIDH	Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Desvantagem
GPECOM	Grupo de Pesquisa Gestão Empreendedora e Comportamento Humano nas Organizações
GPCET	Grupo de Pesquisa em Comportamento Inovador, Estresse e Trabalho
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PcD	Pessoa com Deficiência
PEAE	Projeto Educação e Atitude Empreendedoras
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
TAG	Transtorno de Ansiedade Generalizada
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGD-SOE	Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação
TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
TID	Transtornos Invasivos do Desenvolvimento
TOC	Transtorno Obsessivo Compulsivo
TPAC	Transtorno de Processamento Auditivo Central
WoS	<i>Web of Science</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
1.1	OBJETIVOS	29
1.1.1	Objetivo geral da tese	29
1.1.2	Objetivos específicos da tese	29
1.2	JUSTIFICATIVA	31
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO	35
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	37
2.1	POTENCIAL EMPREENDEDOR: CONCEITOS, MODELOS E MENSURAÇÃO .	37
2.1.1	Potencial Empreendedor e intraempreendedorismo	47
2.1.2	Potencial Empreendedor e cognição.....	49
2.2	O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	52
2.2.1	Desenvolvimento dos conceitos sobre Transtorno do Espectro Autista	55
2.2.2	TEA e os critérios diagnósticos estabelecidos pelo DSM-5.....	60
2.2.3	As pesquisas sobre Transtorno do Espectro Autista.....	65
3	MÉTODO	70
3.1	DELINEAMENTO DE PESQUISA	70
3.2	MÉTODO DO ESTUDO 1	76
3.2.1	Estudo bibliométrico: coleta e análise de dados	78
3.2.2	A análise de cocitações.....	81
3.3	MÉTODO DO ESTUDO 2	84
3.3.1	A coleta de dados do Estudo 2.....	86
3.3.2	Estratégia analítica do Estudo 2	92
3.4	MÉTODO DO ESTUDO 3	97
3.4.1	A coleta de dados do Estudo 3.....	98
3.4.2	Estratégia analítica do Estudo 3	103
3.5	MÉTODO DO ESTUDO 4	104
3.5.1	Procedimentos de coleta e de análise de dados do Estudo 4	106
3.6	ANÁLISE INTEGRADA DOS ESTUDOS COMPONENTES DA TESE.....	112
3.7	APONTAMENTOS SOBRE ÉTICA NA PESQUISA COM AUTISTAS	115
3.7.1	Procedimentos éticos da pesquisa.....	117
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	118
4.1	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 1	118
4.1.1	Análise bibliométrica.....	118
4.1.2	Análise de cocitação de autores.....	126

4.1.3	Estrutura intelectual da produção científica sobre Potencial Empreendedor.....	132
4.2	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 2.....	135
4.2.1	O protocolo de entrevistas do Estudo 2.....	135
4.2.2	Caracterização dos sujeitos de pesquisa a partir das falas dos entrevistados.....	141
4.2.3	Categorias de análise definidas a priori.....	152
4.2.4	Categorias de análise definidas não a priori.....	161
4.3	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 3.....	184
4.3.1	O protocolo de entrevistas do Estudo 3.....	184
4.3.2	Categorias de análise definidas não a priori.....	188
4.4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 4.....	211
4.5	ANÁLISE INTEGRADA.....	226
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	237
6	REFERÊNCIAS.....	242
7	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA – TEA.....	262
8	APÊNDICE B – ROTEIRO ADAPTADO PARA ENTREVISTA.....	263
9	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA - PAIS/MÃES.....	264
10	ANEXO A – TCLE TEA.....	267
11	ANEXO B – TCLE PAIS/MÃES.....	268
12	ANEXO C – TCLE EMPRESÁRIOS.....	269
13	ANEXO D – TERMO DE ASSENTIMENTO.....	270
14	ANEXO E – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....	271
15	ANEXO F – DISPENSA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	272
16	ANEXO G – REGISTRO NO GAP.....	273

1 INTRODUÇÃO

“O mundo precisa de todos os tipos de mentes” (GRANDIN, 2010). A afirmação de Temple Grandin¹ refere-se à diferentes visões de mundo que são possíveis ao se dar espaço aos indivíduos neuroatípicos, especificamente pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a suas formas distintas de perceber o ambiente e se relacionar com ele. Trata-se de um modo de conceber a realidade a partir da utilização de elementos não usuais para a construção de significados e atribuição de novas funcionalidades aos recursos. Um exemplo disso é trazido por Bialer (2017) que relata as obsessões por sequências numéricas de uma menina autista com limitações de fala. Depois de algum tempo descobriu-se que aquelas sequências correlacionavam palavras e números, produzindo sentidos complexos que possibilitavam a ela a estruturação do pensamento.

A forma de pensar da pessoa autista pode ser exemplificada pela experiência da própria Grandin, que afirma que uma de suas principais características, e que também pode ser observada em outros autistas, é o pensamento por meio de imagens² (GRANDIN, 2019; GRANDIN, 2010; TEMPLE, 2010). O raciocínio da autora é construído pelo que ela está vendo e na distinção de coisas que a maioria das pessoas não percebe³. Essa forma diferenciada de pensar vai ao encontro das definições relacionadas ao empreender, pois, segundo Hisrich, Peters e Shepherd (2009), os empreendedores pensam diferente. Outro exemplo é dado por Robison (2008), autista que dedicava muito tempo ao entendimento de circuitos elétricos e ondas sonoras, o que permitiu que desenvolvesse guitarras e outros equipamentos para bandas como *Kiss* e *Pink Floyd*, fazendo disso um negócio. Robison (2008) afirma ter desenvolvido a capacidade de traduzir ondas que via apenas em sua mente em sons, reproduzindo isso nos equipamentos que construía. O autor atribui sua habilidade à sua alta capacidade de concentração e ao tempo dedicado a atividade.

Tanto Robison quanto Grandin possuíam Potencial Empreendedor que evoluiu para intenção e culminou com a implementação de empresas. Embora nem todos os indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) consigam atingir um nível de

¹ Temple Grandin é autista e escritora sobre autismo. É também PhD em Zootecnia, consultora sobre manejo bovino e professora de Ciência Animal na *Colorado State University*. (GRANDIN, 2019; GRANDIN; PANEK, 2019).

² Grandin se define como uma pensadora visual foto realista, com as ideias e construções mentais surgindo a partir de imagens (GRANDIN, 2019; GRANDIN, 2010; GRANDIN; PANEK, 2019; TEMPLE, 2010).

³ Temple Grandin observou que os animais, notadamente gado bovino, apresentavam comportamentos muito específicos diante de detalhes do ambiente, o que permitiu que desenvolvesse uma nova forma de manejo desses animais, modificando as técnicas utilizadas até então (GRANDIN, 2010; GRANDIN; PANEK, 2019; TEMPLE, 2010).

desenvolvimento que possibilite a autonomia, há pessoas autistas que podem ter uma vida produtiva. Grandin, por exemplo, afirma que não queria estudar (GRANDIN, 2010) e só passou a se interessar por ciência ao ser desafiada por um professor, o que permitiu o desenvolvimento de seu potencial e a tornou uma proeminente autora sobre autismo e sobre manejo animal. Anterior ao estímulo educacional por parte do professor, Temple Grandin contou com o esforço expressivo de sua mãe - que a estimulou na aquisição de linguagem e no desenvolvimento de habilidades para que ela se tornasse autônoma - e a participação de uma tia - que a levava para a fazenda da família durante os verões para que ela trabalhasse e observasse a forma como o manejo com o gado era realizado até então - (GRANDIN; PANEK, 2019; TEMPLE, 2010). Aliado aos estímulos recebidos, a forma diferenciada de pensar foi determinante para o desenvolvimento das capacidades que levaram Grandin a empreender.

Diante do exposto, percebe-se que, mais do que proporcionar compreensão, o pensar diferente envolve interação com o meio e potencialidades inerentes a isso, com perspectivas de atuação e transformação da realidade, baseadas em uma percepção diferenciada de algum aspecto do cotidiano. Ao se considerar potencialidade - ainda que a expressão remeta a conceitos de poder e capacidade para realizar - há uma significação implícita de algo que não está acontecendo ou possibilidades de atuação que não estão sendo acionadas em sua integralidade. Implica em uma condição pré-existente de agir, baseada em características inatas ou resultantes de influências do ambiente, que pode ou não resultar em uma ação. Embora abranja várias outras acepções, por ser potencial, refere-se a algo que é suscetível de existir, aproximando-se do significado de virtual, que define força, potência, virtude (LEVY, 1996). É uma expressão que define o que é factível, possível, latente, mas não concretizado.

Relacionado ao empreender, o potencial alude a um conjunto de características comportamentais presentes em um indivíduo e que lhe asseguram condição de iniciar um empreendimento, mesmo que não exista - e nunca venha a existir - essa intenção de empreender (KING, 1985; KRUEGER; BRAZEAL, 1994; SANTOS, 2008). Conforme ilustra o caso apresentado de Temple Grandin, Potencial Empreendedor está relacionado a forma como o indivíduo se posiciona com tudo o que está a seu redor, com esse posicionamento orientando a produção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades e atitudes (SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014). A forma como os conhecimentos são adquiridos, as habilidades e as atitudes são desenvolvidas, o comprometimento que caracteriza a entrega é estabelecido e a maneira como a prática se converte em um meio de agregar valor social ao indivíduo e econômico à organização interessa particularmente a esta pesquisa.

A capacidade produtiva que Grandin e Robison demonstraram com seus trabalhos, apesar das dificuldades enfrentadas por serem autistas (GRANDIN, 2019; GRANDIN; PANEK, 2019; ROBINSON, 2008), vai ao encontro da definição de empreendedor trazida por Hisrich, Peters e Shepherd (2009). Para esses autores, o empreendedor tem a capacidade de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e da independência financeira e pessoal. Fillion (1999a), sob o enfoque comportamental, afirma que os empreendedores têm sonhos realistas ou visões, com os quais estão comprometidos, o que os tornam mais motivados a aprender. O aprendizado se dá, geralmente, pelo contato direto com a matéria concreta, o que indicou para Fillion (1999a) a dificuldade que os indivíduos realizadores têm em lidar com abstrações, o que pode ser observado nos relatos de Robison (2008) e Grandin (2010) apresentados anteriormente. Entretanto, potencialidade não é o suficiente para acessar o mercado de trabalho.

Apesar das potencialidades que os indivíduos possam possuir, no cenário brasileiro atual, uma condição física, sensorial ou cognitiva diferenciada é um limitante de acesso aos postos de trabalho. Ainda que a Lei 8.213/1991 estabeleça que empresas com cem ou mais empregados preencham de 2% a 5% dos seus cargos com beneficiários da previdência social reabilitados ou Pessoas com Deficiência (PcD), não há suficiente disponibilidade de vagas (OLIVEIRA; CAVALLI; GUIDUGLI, 2017). Para os autores, a progressão das normas jurídicas e a obrigatoriedade de cumprimento de cotas de contratação de PcD estimulou o desenvolvimento de ações voltadas à inclusão e ampliou a participação de pessoas com deficiência no mercado. Ainda assim, as imposições legais não provocaram alterações conjunturais significativas nas organizações, que cumprem cotas sem considerar a capacidade e habilidades ou mesmo as potencialidades dos indivíduos contratados.

Para Oliveira, Cavalli e Guidugli (2017), é necessário que sejam revistos posicionamentos da sociedade, do poder público e das organizações – tanto públicas quanto privadas – sobre exigências de perfeição, aptidão e agilidade e sobre suas próprias atuações nos processos de reabilitação e integração de PcDs, para que se reduzam barreiras atitudinais que ainda são impeditivos da inclusão. Uma mudança desse tipo significaria contratar não para cumprir uma cota, mas pelo aproveitamento de potencialidades do indivíduo.

Com o que foi apresentado, depreende-se que esta tese está voltada à identificação de potencialidades em pessoas autistas visando a inserção no mercado de trabalho. Parte-se do pressuposto que há certas similitudes entre o comportamento do autista e comportamentos relacionados a Potencial Empreendedor que podem interessar às organizações na contratação

de profissionais. O desenvolvimento das características comportamentais e a forma como a família influencia esse desenvolvimento também interessa a esta pesquisa, bem como a percepção das organizações que já contratam indivíduos autistas sobre as potencialidades identificadas em seus colaboradores. Diante disso, esta tese está baseada na relação autista-família-empresa, a partir dos construtos Potencial Empreendedor, Cognição e Transtorno do Espectro Autista.

No intuito de proporcionar maior clareza na condução desta pesquisa, esta tese foi seccionada em quatro estudos, compreendendo uma revisão sistemática sobre as pesquisas acerca de Potencial Empreendedor (Estudo 1), busca de similitudes entre o comportamento do autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor (Estudo 2), verificação da influência do potencial de pais e mães de autistas no desenvolvimento de certas características comportamentais (Estudo 3) e a verificação das características comportamentais de autistas que estão no mercado de trabalho (Estudo 4).

Esta pesquisa busca responder ao seguinte problema central da tese: **de que forma o desenvolvimento de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas pode ser influenciado pelos familiares e refletir no preparo para o exercício profissional?** Pela complexidade da questão, que envolve aspectos comportamentais em autistas, cujas peculiaridades no desenvolvimento cognitivo acentuam as diferenças individuais, foi necessário segmentar o problema central da tese em quatro outras questões de pesquisa, de forma a detalhar cada momento deste estudo e permitir maior acuracidade e cientificidade para apuração dos dados e análise.

- **Questão de pesquisa 1 (problema do Estudo 1):** Quais as dimensões teóricas acerca do Potencial Empreendedor podem ser identificadas na literatura atinente ao tema?

- **Questão de pesquisa 2 (problema do Estudo 2):** Quais as semelhanças entre características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor?

- **Questão de pesquisa 3 (problema do Estudo 3):** De que forma características comportamentais relacionadas ao Potencial Empreendedor dos responsáveis podem influenciar o desenvolvimento do autista?

- **Questão de pesquisa 4 (problema do Estudo 4):** Quais características comportamentais podem ser evidenciadas em autistas que estão no mercado de trabalho?

Cada uma destas questões orienta a realização de cada um dos quatro estudos componentes desta tese. A partir do problema central da tese e das questões de pesquisa definidas, foram estabelecidos o objetivo geral da tese e os objetivos específicos, que serão apresentados a seguir juntamente com seus desdobramentos em novos objetivos específicos para cada um dos quatro estudos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral da tese

Analisar características comportamentais relacionadas à Potencial Empreendedor em pessoas autistas, considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional.

1.1.2 Objetivos específicos da tese

1. Identificar, na literatura sobre o tema, dimensões teóricas concernentes a Potencial Empreendedor;
2. Elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor;
3. Verificar a influência das características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor dos responsáveis no desenvolvimento da pessoa autista;
4. Evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho;
5. Articular a contribuição do Potencial Empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando inserção no mercado de trabalho.

Os objetivos específicos da tese 1, 2, 3 e 4 são, respectivamente, os objetivos gerais dos estudos 1, 2, 3 e 4, sendo decompostos em outros objetivos específicos. A Figura 1 traz o problema central da tese, as questões de pesquisa, o objetivo geral da tese e os objetivos específicos da tese com seus desdobramentos.

Figura 1 – Problema, questões e objetivos da pesquisa

PROBLEMA CENTRAL DA TESE		
De que forma o desenvolvimento de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas pode ser influenciado pelos familiares e refletir no preparo para o exercício profissional?		
OBJETIVO GERAL DA TESE		
Analisar características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas, considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional.		
ESTUDO 1		
QUESTÃO DE PESQUISA 1 Quais as dimensões teóricas acerca do Potencial Empreendedor podem ser identificadas na literatura atinente ao tema?	OBJETIVO ESPECÍFICO DA TESE 1 Identificar, na literatura sobre o tema, dimensões teóricas concernentes a Potencial Empreendedor.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 1 - Enumerar tópicos relacionados a Potencial Empreendedor e desenvolvimento; - Identificar as dimensões teóricas sobre Potencial Empreendedor.
ESTUDO 2		
QUESTÃO DE PESQUISA 2 Quais as semelhanças entre características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor?	OBJETIVO ESPECÍFICO DA TESE 2 Elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 2 - Especificar características comportamentais da pessoa autista; - Verificar as manifestações do Potencial Empreendedor no comportamento da pessoa autista.
ESTUDO 3		
QUESTÃO DE PESQUISA 3 De que forma características comportamentais relacionadas ao Potencial Empreendedor dos responsáveis podem influenciar o desenvolvimento do autista?	OBJETIVO ESPECÍFICO DA TESE 3 Verificar a influência das características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor dos responsáveis no desenvolvimento da pessoa autista.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 3 - Identificar Potencial Empreendedor no responsável pela pessoa autista; - Verificar como as características comportamentais associadas a Potencial Empreendedor influenciam a forma de defrontar o autismo.
ESTUDO 4		
QUESTÃO DE PESQUISA 4 Quais características comportamentais podem ser evidenciadas em autistas que estão no mercado de trabalho?	OBJETIVO ESPECÍFICO DA TESE 4 Evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 4 - Hierarquizar características comportamentais valorizadas pelas empresas na contratação de funcionários; - Identificar características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em autistas que estão no mercado de trabalho.
OBJETIVO ESPECÍFICO DA TESE 5 Articular a contribuição do Potencial Empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando inserção no mercado de trabalho.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentados a problematização e os objetivos geral e específicos desta tese, prossegue-se com a justificativa para realização desta pesquisa.

1.2 JUSTIFICATIVA

No final de 2019, o governo federal enviou à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 6.159/2019, que desobriga as empresas a manter uma política de cotas para pessoas com deficiência (PcD) ou reabilitadas. Se for aprovada, a nova lei altera o disposto no artigo 93 da Lei 8.213/1991, que estabelece que empresas com cem ou mais empregados preencham, de 2% a 5% dos seus cargos, com beneficiários da previdência social reabilitados ou pessoas com deficiência. A justificativa para tal alteração na legislação trabalhista brasileira é que algumas empresas não teriam condições de cumprir as cotas estabelecidas legalmente - número insuficiente de pessoas com deficiência para atender a demanda de organizações localizadas em pequenos municípios, postos de trabalho preponderantemente em condições de periculosidade ou que demandam total capacidade física ou sensorial – (BRASIL, 2019). Essa proposição deu início a discussões em diversos segmentos da sociedade brasileira que consideram o fim das cotas uma ameaça à contratação de pessoas que, por suas condições físicas ou cognitivas, não são a primeira opção em processos seletivos. Diante disso, encontrar uma forma de tornar desejáveis ao mercado indivíduos que seriam preteridos é necessário e relevante.

O Brasil, segundo o Censo de 2010, possui cerca de 45 milhões de pessoas com deficiência (PcD), o que representa 24% da população total do país. Desse total, 13 milhões são considerados deficientes graves o que significa dizer que, pelas normas adotadas para avaliação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentam grande dificuldade ou são impossibilitadas de realizar tarefas cotidianas. O restante declarou diferentes níveis de dificuldades resultantes de deficiências visuais, auditivas, motoras ou cognitivas. Do total de brasileiros com algum tipo de deficiência, cerca de 32 milhões estão na faixa etária de 15 a 64 anos, o que os coloca no grupo que deveria estar inserido no mercado de trabalho – se suas condições assim o permitirem -, na população economicamente ativa. Entretanto, segundo dados publicados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em outubro de 2019, com base na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2018, 486,7 mil deficientes estavam ocupando postos de trabalho. Ainda que o percentual de deficientes inseridos no mercado tenha aumentado nos últimos anos - e isso se deve à intensificação da fiscalização do MTE -, o número de PcDs em atividade ainda é pequeno, embora exista legislação específica determinando contratação. É uma parcela significativa da população brasileira que está fora do mercado, o que torna pesquisas voltadas à inserção profissional de PcDs pertinentes.

O direito ao trabalho passou a ser assegurado aos deficientes físicos pela Lei 7.853/1989, regulamentada pelo Decreto 3.298/1999, que assegurou o pleno exercício dos

direitos individuais e sociais das pessoas com deficiência. Trata-se da busca por assegurar os direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988 a uma parcela considerável da população. O Poder Público, no texto das leis citadas, se compromete à promoção de ações para inserção de pessoas com deficiência nos setores público e privado, estabelecendo, inclusive, sanções aos que não cumprirem o que determina a lei. Mesmo com determinações legais e políticas de cotas para empresas, as PcDs não conseguem colocação profissional, conforme demonstrou a RAIS 2018. E há ainda a movimentação no sentido de flexibilizar as cotas para PcD. Tanto as determinações legais quanto as incertezas acerca de seu cumprimento ou flexibilizações corroboram nas justificativas para realização desta pesquisa, uma vez que nesta tese se analisa o Potencial Empreendedor de um grupo bem específico de PcD – pessoas autistas – visando o preparo para o exercício profissional, que é um direito assegurado constitucionalmente a todos os brasileiros, reforçado por legislações específicas a PcDs e determinado por política de cotas para as empresas.

Para as organizações, a contratação de PcD envolve questões de acessibilidade e preparo da equipe para inclusão. Hobold, De Nez e Bussolo (2018) apontam que, entre as dificuldades de contratação pelas empresas, está a cultura de que pessoas com deficiência não produzem, preconceito dos clientes e dificuldade em adaptar a PcD ao local de trabalho. A falta de conhecimento para lidar com as diferenças físicas e cognitivas também prejudicam a contratação de PcD. A consideração de incapacidade é estabelecida no momento em que a deficiência é mencionada, sem que critérios objetivos de avaliação sejam utilizados nos processos seletivos, tanto em organizações privadas quanto públicas (FEIJÓ, 2016). Esse aspecto evidencia-se como uma justificativa para este estudo, visto que se espera, com as reflexões propostas acerca do autismo e do Potencial Empreendedor, apontar para as organizações formas de obter resultado a partir do aproveitamento da visão e das potencialidades de um grupo que seria preterido em processos seletivos.

O Transtorno do Espectro Autista carrega em si um grande número de visões equivocadas e de mal-entendidos. Ramos (2017) destaca que a capacidade de vida produtiva do autista - ressaltando o nível de comprometimento do desenvolvimento de cada indivíduo – ainda não é considerada. E é nesse ponto que está a relevância do presente estudo, que busca identificar em PcDs que estão dentro do Espectro Autista, características que possam ser consideradas pelas organizações como pertinentes para o exercício profissional e, mais do que isso, identificar de que forma o desenvolvimento de capacidades específicas, a partir do Potencial Empreendedor, podem colaborar com o desenvolvimento do autista e sua preparação para o mercado de trabalho. Resgatando-se os casos de Temple Grandin e de John Robison,

indivíduos com Transtorno do Espectro Autista podem apresentar características comportamentais relacionadas ao Potencial Empreendedor e capitalizar esses atributos para o seu desenvolvimento e também para a geração de benefícios para a sociedade. A questão é se isso pode ser feito de uma forma mais sistemática, na qual o desenvolvimento do Potencial Empreendedor possa ser utilizado como uma forma de incrementar o desenvolvimento do autista, tornando-o apto ao mercado de trabalho e proporcionando a autonomia que deve ser objetivo de todos, o que caracteriza outra justificativa para este estudo.

Cesar Moraes, na introdução do livro Manual do Autismo (TEIXEIRA, 2016, p. 21), afirma que a “busca pela independência na vida adulta deve ser um objetivo das famílias, independente se os filhos tenham ou não diagnóstico de TEA”. E aqui reside outra razão para a realização desta pesquisa, que é a análise dos responsáveis pelo autista e de que forma características dos familiares (pai, mãe, responsáveis) podem influenciar no desenvolvimento do indivíduo diagnosticado.

Também interessa para o presente estudo a visão das organizações sobre contratação de autistas e a identificação de capacidades que esses indivíduos apresentam em suas atividades profissionais. Outro aspecto que pode caracterizar uma justificativa pontual para esta pesquisa é o fato de que a compreensão de pessoas autistas, dadas suas peculiaridades, pode contribuir com novas visões e transformações no mundo organizacional, o que já é experimentado por algumas empresas de desenvolvimento tecnológico no Brasil (SAP, 2019).

Adicional às justificativas para a realização desta pesquisa está a análise acerca do que já foi pesquisado e publicado sobre os temas Potencial Empreendedor e autismo. Visando identificar na literatura científica consultada possíveis lacunas teóricas que justificariam a realização da presente pesquisa, foram feitas buscas em bases de dados constantes no Periódicos Capes. Inicialmente, foi realizada uma busca na base *Web of Science*, com a *string*: TS=(("entrepreneur* potential") and ("systematic literature" OR "systematic literature review" OR "systematic review")). O resultado dessa busca indicou apenas dois artigos e nenhum tratava-se de uma revisão sistemática sobre o tema. Uma nova busca, tendo como *string* TS=("entrepreneur* potential"), sem delimitação de tempo, idioma ou tipo de documento, foi então realizada. Em nenhum dos 199 artigos encontrados foram considerados indivíduos neuroatípicos, o que aponta a relevância do tema desta tese. O detalhamento das pesquisas realizadas nas bases de dados compõe o Estudo 1, sendo apresentado no Capítulo 4 desta tese.

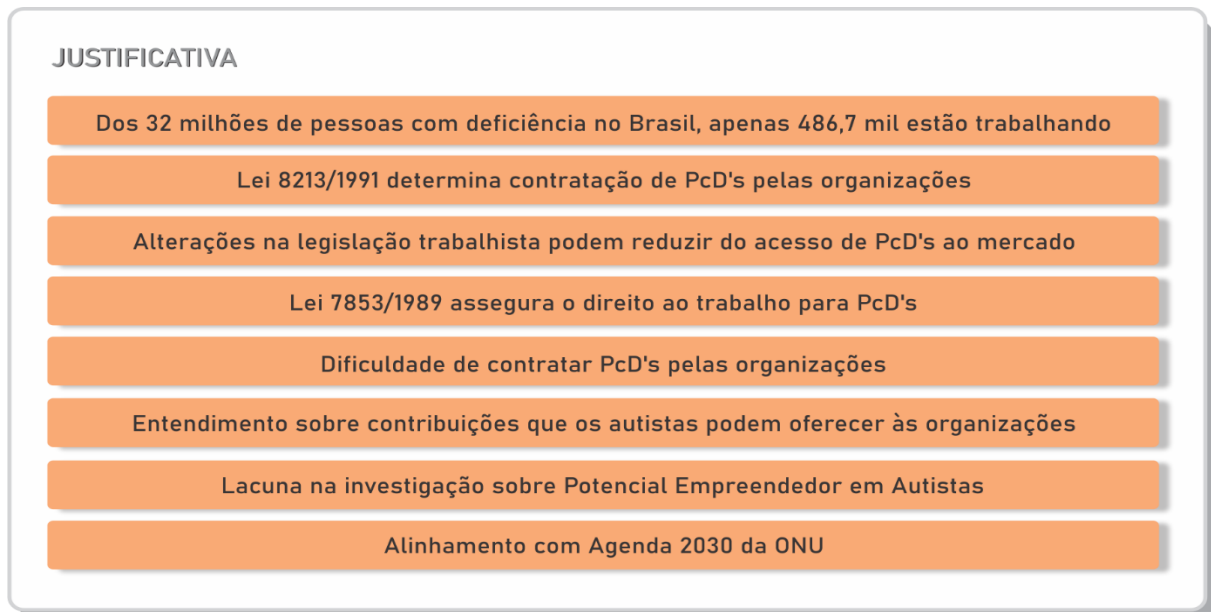
A última pesquisa na WoS partiu da *string* TS=("autism") e resultou em 65.036 artigos. O volume expressivo de publicações, sem delimitação de tempo, exigiu uma análise mais cuidadosa, que será apresentada no Capítulo 2, com a Fundamentação Teórica acerca de

Transtorno do Espectro Autista. Além da WoS, foi realizada uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Bireme), com a *string* de busca: (tw:(autism)) e com foco nas pesquisas publicadas nos últimos cinco anos, resultando em 9931 artigos. Nestes, não encontrou-se nenhuma associação a Potencial Empreendedor. Estas pesquisas também serão detalhadas na Fundamentação Teórica desta tese. A análise das publicações permitiu a consideração do tema Potencial Empreendedor como emergente e, poderia se dizer, aparentemente inédito, se associado a TEA, o que colabora com a justificativa de realização desta pesquisa.

Somado a isso, a Organização das Nações Unidas (ONU), ao elaborar a Agenda 2030 com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, delineou um tópico específico voltado à inclusão de PcD. Dentro do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8 (ODS 8), que é voltado à promoção do crescimento econômico, inclusivo e sustentável, com emprego e trabalho decente para todos, está o tópico 8.5 com a seguinte determinação: “até 2030, alcançar o emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas as mulheres e homens, incluindo para os jovens e pessoas com deficiência, e remuneração igual para trabalho de igual valor.” (ONU, 2019). Logo, esta tese está alinhada com a Agenda 2030 da ONU.

É importante destacar que o presente estudo está em consonância com a linha de pesquisa Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria, que sistematiza pesquisas direcionadas à dimensão humana e à dimensão organizacional. A presente pesquisa faz parte do Projeto Educação e Atitude Empreendedoras (PEAE) do Grupo de Pesquisa Gestão Empreendedora e Comportamento Humano nas Organizações (GPECOM/UFSM). O PEAE tem desenvolvido estudos sobre características comportamentais e atitudes empreendedoras e intenção empreendedora e autoeficácia, a partir de ações envolvendo professores e alunos de instituições de ensino superior e, há três anos, alunos e professores do ensino fundamental da rede pública. Entretanto, os estudos, até agora, foram direcionados, predominantemente, a indivíduos neurotípicos - definidos como aqueles que não apresentam nenhum tipo de alteração neurológica (VILLARROEL, 2018) -. Então, a presente pesquisa atua, especificamente, em um hiato de estudos nesse grupo, voltando a pesquisa para o Potencial Empreendedor em indivíduos neuroatípicos, especificamente aqueles que estão diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Figura 2 resume a justificativa para realização desta tese.

Figura 2 - Principais argumentos que justificam esta pesquisa



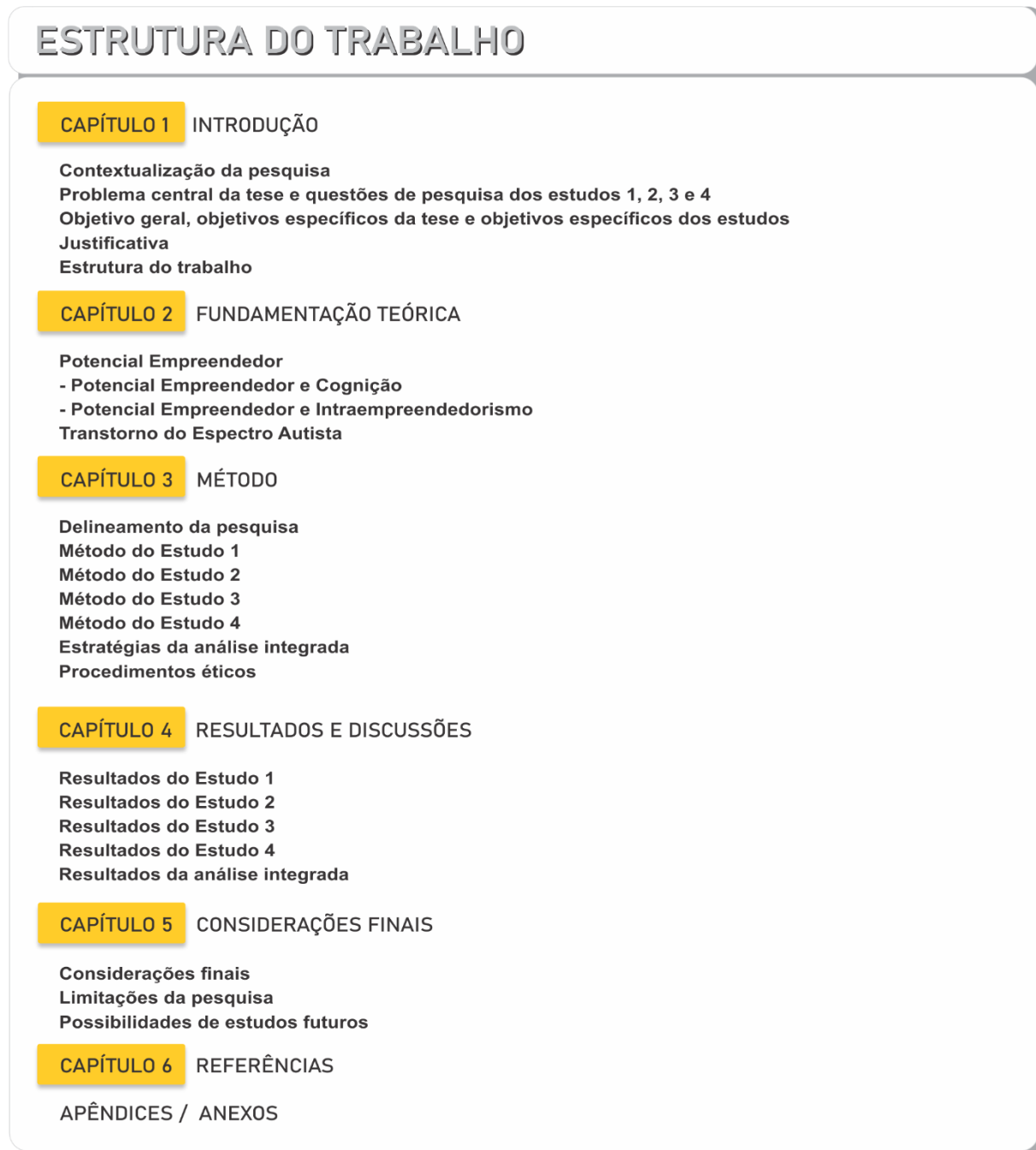
Fonte: Elaborado pela autora.

Esta pesquisa também está vinculada ao Grupo de Pesquisa em Comportamento Inovador, Estresse e Trabalho (GPCET), da Universidade Federal de Santa Maria, sendo o primeiro estudo realizado com indivíduos neuroatípicos dentro das temáticas relacionadas a comportamento e trabalho que orientam as pesquisas conduzidas pelo grupo.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Embora tenha sido elaborada a partir de quatro estudos distintos, esta tese segue a um formato usual de apresentação do conteúdo. Então, tem-se no primeiro capítulo a Introdução, com a contextualização da pesquisa, problematização, apresentação de objetivos e de justificativas. No segundo capítulo está a Fundamentação Teórica acerca de Potencial Empreendedor e Transtorno do Espectro Autista. O terceiro capítulo contém o Método da tese e os procedimentos de cada um dos quatro estudos que a compõem. O quarto capítulo é dedicado à apresentação dos resultados e discussões, sendo seccionado em cinco partes, uma para cada estudo, com a parte final dedicada à Análise Integrada, compreendendo a articulação dos quatro estudos visando responder ao problema central da tese. E por fim, são apresentadas as Considerações Finais, com limitações da pesquisa e possibilidades de realização de estudos futuros. O conteúdo de cada capítulo é indicado na Figura 3.

Figura 3 - Estrutura do trabalho



Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentada a estruturação da presente tese, continua-se com a Fundamentação Teórica que traz os temas Potencial Empreendedor e Transtorno do Espectro Autista.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa é construída sobre três temáticas principais: Potencial Empreendedor, Transtorno do Espectro Autista e Cognição. O conteúdo acerca de Potencial Empreendedor foi desenvolvido com base na literatura e nos artigos que foram publicados a partir de 1971. Esse período amplo de análise se justifica pelo reduzido número de artigos publicados até o início do ano de 2020. Também são trazidos aspectos referentes ao intraempreendedorismo. O tema cognição, desenvolvido a partir das proposições de Bandura (1988, 1998, 1999, 2005), encerra a primeira parte da fundamentação teórica. Quanto ao Transtorno do Espectro Autista, a fundamentação se dará a partir do histórico de pesquisas realizadas desde a década de 1940, quando os primeiros casos foram identificados. O período de abrangência longo se deve ao fato de que, a cada nova pesquisa sobre o tema, novos posicionamentos sociais eram observados, mudando a forma como o autismo era visto. A descrição do transtorno se dá a partir dos manuais de diagnósticos da Associação Americana de Psiquiatria (APA). As pesquisas dos últimos cinco anos disponibilizadas nas bases de dados *Web of Science* (WoS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS – Bireme) sobre TEA encerram este capítulo.

2.1 POTENCIAL EMPREENDEDOR: CONCEITOS, MODELOS E MENSURAÇÃO

As especificidades comportamentais do empreendedor são objeto de estudo há bastante tempo. De acordo com Neto (2008), os estudos sobre comportamento empreendedor iniciam com Max Weber, na obra “*Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”. Weber (1989) afirma que a ética protestante recomenda a geração de riqueza como resultante do próprio desempenho. Essa crença, somada às orientações contrárias à extravagância e ao consumo excessivo, contribuíram, segundo Neto (2008), para maior produtividade, redução de despesas e aumento da economia, o que o autor salienta como fatores essenciais para o crescimento econômico, que proporcionaram o desenvolvimento do capitalismo pela expansão das atividades empresariais.

McClelland (1961) efetivamente contribuiu para o entendimento do comportamento empreendedor, a partir de estudos empíricos que buscavam identificar as motivações para iniciar um negócio. Os estudos evidenciaram características comportamentais relacionadas as necessidades de realização e poder, que gerariam uma estrutura motivacional diferenciada no indivíduo. As características comportamentais foram, posteriormente, associadas às definições

de Potencial Empreendedor (ATHAYDE, 2009; CARLAND et al., 1995; KING, 1985; MITCHEL, 1989; RAAB; STEDHAN; NEUNER, 2005).

Com outra visão, mais ampla, do empreendedor e do empreendedorismo, alguns autores adotaram abordagens psicossociais, admitindo que fatores contextuais e sociais também agem como preditores do comportamento empreendedor, considerando a predisposição individual. Sarasvathy et al (2003) propôs um novo olhar sobre o tema, observando aspectos heterogêneos como forma de detalhar as diferenças do comportamento que envolveriam os estudos acerca do empreendedor. Nesse sentido, Barlach (2014) apontou diferenças motivacionais em empreendedores nos quais a influência familiar – antecipação de independência - implicava na decisão de empreender, ainda que limitada por questões ambientais.

O Potencial Empreendedor não é um tema novo nas pesquisas sobre empreendedorismo. Ao se analisarem as publicações na base de dados *Web of Science*, observou-se que são poucas as pesquisas envolvendo o tema em contraposição ao grande volume de trabalhos com temáticas mais próximas da intenção ou do empreender ou ainda das características comportamentais empreendedoras. A principal razão para escolher o Potencial Empreendedor como parte do construto base desta pesquisa não está tanto na emergência do tema, mas nas possibilidades de análise que surgem ao se trabalhar com os fatores que o compõem. O potencial não está condicionado à intenção empreendedora (que pode nunca se efetivar), embora seja um preditor (KRUEGER; BRAZEAL, 2018).

As publicações acerca de Potencial Empreendedor utilizadas para esta pesquisa apresentam conceituações sobre o tema, elencam características comportamentais e fatores componentes do potencial e indicam instrumentos de mensuração. Os conceitos sobre Potencial Empreendedor no primeiro estudo publicado em 1971 estão relacionados à forma como a identificação e redução dos riscos é considerada pelo empreendedor. Palmer (1971) afirma que instrumentos para identificar motivação poderiam mensurar a percepção individual e gestão de riscos, sendo que o caracterizaria o empreendedor seria a forma não como os riscos seriam identificados, mas reduzidos.

King (1985) define Potencial Empreendedor como uma combinação de traços de personalidade (motivação para realização, lócus de controle interno, propensão a assumir riscos calculados, habilidade para solucionar problemas e manipulação⁴) e fatores situacionais (deslocamento individual, insatisfação, oportunidade, incentivo, disponibilidade de recursos).

⁴ Para King (1985), o traço de personalidade manipulação está relacionado à satisfação que o empreendedor encontra em pessoas que podem buscar seus próprios objetivos.

Ao propor a autoanálise para avaliação do Potencial Empreendedor, o autor afirmou que o reconhecimento de traços individuais de personalidade seria uma forma de estabelecer um alinhamento com o Potencial Empreendedor. Para o autor, a identificação do Potencial Empreendedor permitiria melhor aproveitamento de oportunidades pela consciência das aptidões individuais.

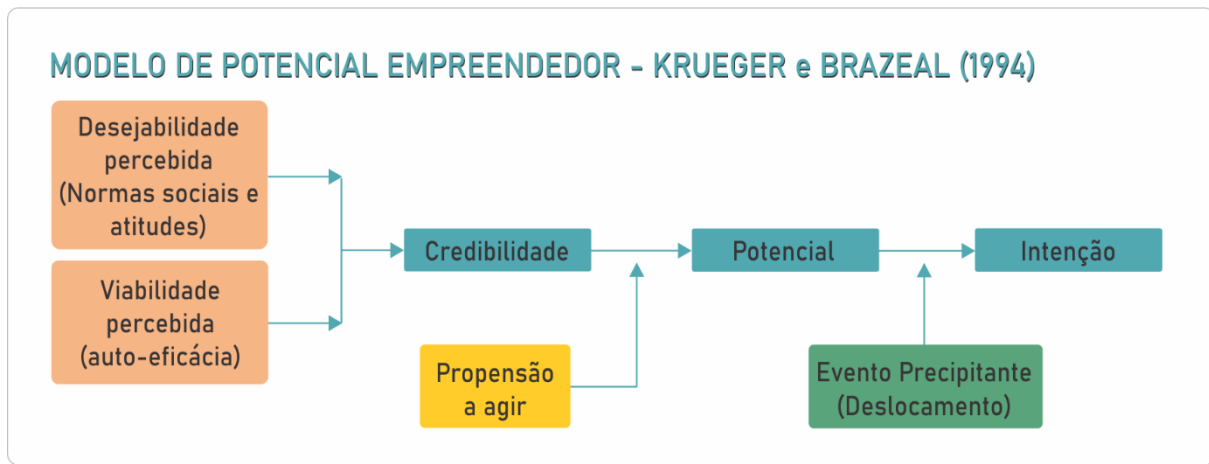
Nesse sentido, Mitchel (1989) sugere o desenvolvimento do Potencial Empreendedor em gestores como meio de fomentar a inovação. O autor indica nivelamento de hierarquias, estabelecimento de novas funções desafiadoras, tolerância ao erro e ao risco por parte das organizações e estabelecimento de recompensas por criatividade, como algumas das estratégias válidas para desenvolver mudanças de comportamento que desencadeariam Potencial Empreendedor.

Com uma base teórica mais ampla sustentando o conceito de Potencial Empreendedor, Krueger e Brazeal (1994) uniram a Teoria do Comportamento Planejado de Ajzen e o Modelo do Evento Empreendedor de Shapero, propondo um modelo para definir Potencial Empreendedor, baseado na interação de três construtos: percepção de deseabilidade (incluindo normas e atitudes sociais), viabilidade percebida (autoeficácia) e propensão a agir. O Potencial Empreendedor seria um preditor da intenção empreendedora.

Na Teoria do Comportamento Planejado existem três atitudes-chave que antecedem a intenção: atitudes relacionadas a comportamento - referem-se a avaliação de um determinado comportamento como favorável ou não -; normas subjetivas - pressão social para performar ou não um comportamento - e; controles comportamentais percebidos - percepção da facilidade ou dificuldade de executar um comportamento, supondo que reflita uma experiência passada e impedimentos e obstáculos previstos - (AJZEN, 1985, 1991). Para Ajzen (1991), o controle comportamental percebido se aproxima do significado de autoeficácia definida por Bandura (1977, 1982) como um preditor de desempenho, pois, para o autor, os indivíduos julgam suas performances futuras a partir de comportamentos passados.

O Modelo do Evento Empreendedor de Shapero, segundo Krueger e Brazeal (1994), assume que a inércia guia o comportamento até algo que a interrompa ou desloque. O deslocamento pode ser negativo (por exemplo, perda do emprego) ou positivo (recebimento de herança), possibilitando mudança de comportamento. Para os autores, a escolha do comportamento resultante depende da credibilidade – o comportamento deve ser visto como desejável e viável - somada à propensão a agir. O modelo de Krueger e Brazeal (1994) é apresentado na Figura 4.

Figura 4 - Modelo de Potencial Empreendedor de Krueger e Brazeal (1994)



Fonte: Krueger e Brazeal (1994, p. 95)

Cabe explicar, com base na Figura 4, que, dos elementos que compõem o item credibilidade do modelo de Krueger e Brazeal (1994), a autoeficácia, definida como uma crença de êxito na execução de determinadas tarefas, foi considerada por Chen, Greene e Crick (1998) uma forma de avaliar o potencial de indivíduos. É apontada pelos autores como apenas uma das variáveis nos complexos processos de decisão e ação empreendedoras. Entretanto, é também uma característica individual que indica potencial e cujo desenvolvimento, poderia alavancar o empreendedorismo, o que corrobora com o modelo de Krueger e Brazeal (1994).

Nascimento, Lizote e Verdinelli (2016) confirmaram o papel da autoeficácia no desempenho organizacional, a partir de pesquisa realizada com gestores de empresas incubadas. Alinhado a isso, Camozzato *et al* (2017), também analisando empresas incubadas, ampliam a utilização do construto, associando a autoeficácia e assunção de risco à satisfação com desempenho, sendo esse resultante das ações dos empreendedores.

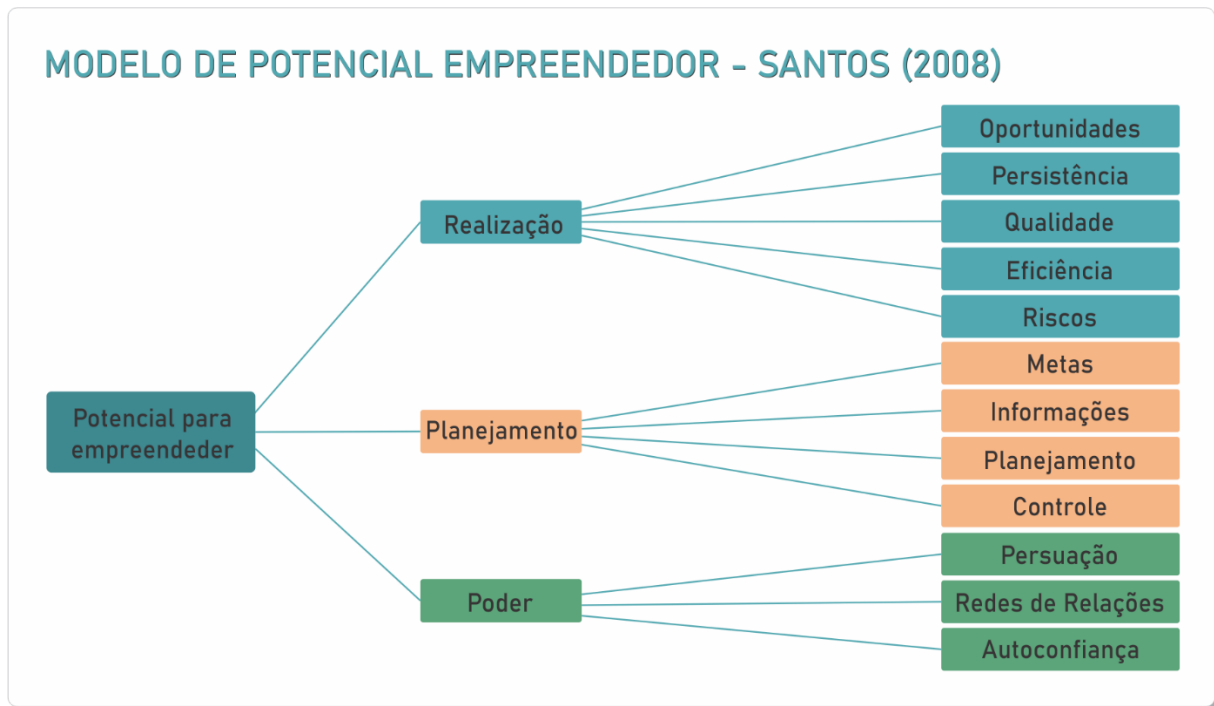
Assumir riscos calculados (CARLAND *et al*, 1995; FILION, 2000; McCLELLAND, 1961) é uma característica comportamental que diferencia gestores de empreendedores (AHMED, 1985). Portanto, uma forma de identificar Potencial Empreendedor é pela tolerância à incerteza que um indivíduo apresenta. Além disso, Carland e Carland (1997) colocam a inovação como um dos fatores que define o Potencial Empreendedor. Ao elaborarem um modelo de Potencial Empreendedor, os autores sugerem uma função entre a necessidade de realização, a preferência por inovação e a propensão a assumir riscos, reconhecendo, entretanto, que esses fatores são necessários, mas não suficientes para explicar o Potencial Empreendedor.

Em uma pesquisa posterior, Carland, Carland e Ensley (2001) validam o *Carland Entrepreneurship Index* (CEI), um instrumento elaborado para produzir uma medida concreta da força do impulso empreendedor e o desejo de criar um empreendimento, a partir de quatro construtos evoluídos dos elementos do empreendedorismo: cognição, preferência por inovação, propensão a assumir riscos e postura estratégica. O CEI foi considerado bom para descrever empreendedores, mas os próprios autores o consideraram incompleto. Inácio Junior e Gimenez (2004), ao analisarem a confiabilidade e validade da versão em português do CEI, indicaram ser útil para mensuração do Potencial Empreendedor, mas sugeriram a realização de novos estudos com vistas a “ajustes em alguns itens contra uma possível preferência cultural brasileira” (INÁCIO JUNIOR; GIMENEZ, 2004, P. 113).

Raab, Stedhan e Neuner (2005, p.73) elencaram características de personalidade consideradas pelos autores como relativamente estáveis enquanto preditoras de comportamento empreendedor: necessidade de realização, lócus de controle, habilidade para solução de problemas, necessidade de autoafirmação, tolerância à ambiguidade e estabilidade emocional. Nessa mesma linha, Athayde (2009) aponta como forma de acessar e medir o Potencial Empreendedor, atitudes direcionadas a características associadas ao empreendedorismo: liderança, criatividade, realização, controle pessoal e intuição. Para a autora, essas atitudes combinadas representam a essência do que é preciso para tornar-se empreendedor, considerando fatores situacionais favoráveis.

Outra maneira de explicar e identificar o Potencial Empreendedor foi desenvolvida por Santos (2008), que propôs uma escala de Potencial Empreendedor, a partir da elaboração de um modelo teórico baseado em três dimensões - realização, planejamento e poder - e uma dimensão complementar definida pela intenção de empreender (desejo de iniciar ou ter um negócio), sendo esta um critério de acionamento do empreendedorismo conforme disponibilidade de fatores externos. De acordo com o modelo de Santos (2008), um conjunto de atributos se relaciona a cada uma das dimensões do Potencial Empreendedor. Conforme ilustrado na Figura 5, a dimensão de Realização é composta por cinco atributos: oportunidades, persistência, qualidade, eficiência e riscos. A dimensão de Planejamento contém os atributos relacionados às metas, informações, planejamento e controle. E Poder tem como atributos persuasão, redes de relações e autoconfiança. Na Figura 5 ilustra-se o Modelo Teórico de Potencial Empreendedor de Santos (2008).

Figura 5 - Modelo teórico de Potencial Empreendedor de Santos (2008)



Fonte: Santos (2008, p.157)

Na Figura 5 observa-se que os atributos que compõem as dimensões do construto elaborado por Santos (2008) não estão relacionados à apenas características comportamentais empreendedoras, mas também contêm habilidades, capacidades e atitudes que caracterizam o empreendedor (ou o empreendedor em potencial). O detalhamento dos atributos é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Atributos do Potencial Empreendedor

(continua)

Atributo	Características
Oportunidade	Mostrar que dispõe de senso de oportunidade, ou seja, está atento ao que acontece à sua volta e a partir daí, ao identificar as necessidades das pessoas ou do mercado, ser capaz de aproveitar situações incomuns para iniciar novas atividades ou negócios.
Persistência	Capacidade de manter-se firme na busca do sucesso, demonstrando persistência para alcançar seus objetivos e metas, superando obstáculos pelo caminho. Capacidade de distinguir teimosia de persistência, admitir erros e saber redefinir metas e estratégias.

Quadro 1 - Atributos do Potencial Empreendedor

(conclusão)

Atributo	Características
Eficiência	Capacidade de fazer as coisas de maneira correta e, caso seja necessário, promover rapidamente mudanças para se adaptar as alterações ocorridas no ambiente. Capacidade de encontrar e conseguir operacionalizar formas de fazer as coisas melhor, mais rápidas e mais baratas. Capacidade de assegurar que o trabalho seja terminado a tempo. Proativo.
Metas	Capacidade de mostrar determinação, senso de direção e de estabelecer objetivos e metas definindo de forma clara aonde pretende chegar. Capacidade de definir rumos e objetivos mensuráveis.
Informações	Disponibilidade para aprender e demonstrar sede de conhecimentos. Interesse em encontrar novas informações em sua área de atuação ou mesmo fora dela. Estar atento a todos os fatores internos e externos, relacionados à sua organização/empresa. Interesse em saber como fabricar produtos ou fornecer serviços. Disponibilidade para buscar ajuda de especialistas em assuntos técnicos ou comerciais.
Planejamento	Disponibilidade para planejar suas atividades definindo objetivos. Capacidade de planejar detalhando tarefas. Ser capaz de atuar com o planejamento, a execução e o controle. Acreditar na importância do planejamento.
Controle	Capacidade de acompanhar a execução dos planos elaborados, manter registros e utilizá-los no processo decisório, checar o alcance dos resultados obtidos e de realizar mudanças e adaptações sempre que necessário.
Persuasão	Habilidade para influenciar pessoas quanto à execução de tarefas ou de ações que viabilizem o alcance de seu objetivo. Capacidade de convencer e motivar pessoas, liderar equipes e estimulá-las usando as palavras e ações adequadas para influenciar e persuadir.
Rede de Relações	Habilidade para influenciar pessoas quanto à execução de tarefas ou de ações que viabilizem o alcance de seu objetivo. Capacidade de convencer e motivar pessoas, liderar equipes e estimulá-las usando as palavras e ações adequadas para influenciar e persuadir.
Intenção de Empreender	Prenuncia a intenção de possuir, quer seja adquirindo de outrem ou partindo do zero, um negócio próprio.

Fonte: Santos (2008, p. 197-198).

Os atributos propostos pelo Modelo de Santos (2008) que constam no Quadro 1 são avaliados na Escala de Potencial Empreendedor, instrumento que visa identificar a existência ou não de potencial e intenção empreendedora em indivíduos. Souza et al. (2017) avultaram a análise estatística do instrumento, corroborando o modelo teórico de Santos (2008). Os autores constataram que o instrumento fornece uma base teórica sólida, estrutura empiricamente comprovada e funcionalidade prática de uso.

Para Santos, Caetano e Currel (2014), o Potencial Empreendedor é definido tanto para o indivíduo (KRUEGER; BRAZEAL, 1994; RAAB; STEDHAN; NEUNER, 2005), quanto para o país (HARADA, 2005; MUELLER; THOMAS, 2000). Ampliando a análise de Potencial Empreendedor do indivíduo, Santos, Caetano e Currel (2014) argumentam que um modelo

baseado em competência é mais adequado para expressar as dinâmicas que envolvem as atividades empreendedoras. Para os autores, Potencial Empreendedor refere-se à preparação de um indivíduo para se envolver em atividades empresariais, afirmando que essa definição captura a construção do potencial como uma habilidade que pode ser desenvolvida e que não está associada somente à empreendedores bem-sucedidos. Santos, Caetano e Curral (2014) explicam que o raciocínio teórico subjacente à conceitualização de Potencial Empreendedor é que há semelhanças entre o perfil psicossocial de indivíduos e a maioria dos empreendedores. Os autores consideram, então, que o Potencial Empreendedor pode ser aperfeiçoado a partir de um processo de desenvolvimento de habilidades empreendedoras (SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014, p.5), podendo ser explicado em quatro dimensões: motivação empreendedora, competências psicológicas, competências sociais e competências gerenciais.

A motivação empreendedora se refere aos motivos que levam um indivíduo a executar atividades empreendedoras típicas, conduzindo a busca por oportunidades, organização de recursos e engajamento no processo empreendedor. Para os autores, os três principais condutores da motivação empreendedora são o desejo por independência, a motivação econômica e a autoeficácia empreendedora.

Sobre as competências psicológicas, Santos, Caetano e Curral (2014) elencam características situacionais que são comuns aos empreendedores: ausência de outras pessoas dando ordens, necessidade de estabilidade emocional, demanda por contato social e prontidão para responder a mudanças e experimentação de novas ideias. Além dessas, os autores consideram os traços distintivos entre empreendedores, que são capacidade de inovação, inteligência emocional e resiliência. As competências sociais referem-se às características que denotam habilidade individual para interagir efetivamente outros indivíduos, o que inclui, conforme Santos, Caetano e Curral (2014), persuasão e capacidade de comunicação e habilidade para desenvolvimento de *network*.

A necessidade de o empreendedor possuir fortes habilidades para gerenciar um negócio é o que define a competência gerencial, que envolve conhecimentos em estratégia, gestão dos recursos e gestão de pessoas. A competência gerencial, para Santos, Caetano e Curral (2014) envolve ainda visão, habilidade para mobilização de recursos e liderança. As competências, argumentam os autores, representam um critério flexível, dinâmico e passível de aprendizado da atividade empreendedora, o que justifica a utilização do construto pelos autores para definir o Potencial Empreendedor.

Os autores utilizados nesta Fundamentação Teórica indicam diversas formas de definir e avaliar o Potencial Empreendedor. No quadro a seguir sumarizam-se os conceitos.

Quadro 2 - Conceitos e formas de mensuração do Potencial Empreendedor

(continua)

Autores	Conceitos e Modelos de Potencial Empreendedor	Atitudes, traços de personalidade, habilidades e motivações do empreendedor	Forma de mensuração
Palmer (1971)	Conceito relacionado à forma como a identificação e redução dos riscos são consideradas pelo empreendedor.	Percepção individual de gestão de riscos, sendo que o caracterizaria o empreendedor seria a forma não como os riscos seriam identificados, mas reduzidos.	Instrumentos de medição de motivação.
King (1985)	Combinação de traços de personalidade e fatores situacionais.	Motivação para realização Locus de controle interno Propensão a assumir riscos calculados Habilidade para solucionar problemas Manipulação	<i>Behavior Check Questionnaire</i> e <i>Attitude Check Questionnaire</i> : autoanálise para avaliação do potencial, com reconhecimento de traços individuais de personalidade.
Mitchell (1989)	Potencial definido como características comportamentais que podem ser desenvolvidas e direcionadas para fomentar a inovação.	Aproveitar oportunidades de crescimento ou desenvolvimento Ausência de medo Aceitação de mudanças Visão Tolerância aos riscos Criatividade	Não indicou um método de mensuração de Potencial Empreendedor, mas de desenvolvimento.
Krueger e Brazeal (1994)	Definido como um processo de interação entre percepção de desejabilidade, viabilidade percebida e propensão a agir, sendo preditor da intenção empreendedora.	Aqueles que se percebem buscando oportunidades.	Sugerem diferentes instrumentos de mensuração para cada item do modelo de Potencial Empreendedor.
Chen, Greene e Crick (1998)	Propõe o construto autoeficácia empreendedora para tentar prever a probabilidade de um indivíduo ser um empreendedor.	Papel do empreendedor se relaciona com inovação, assunção e redução de riscos, gestão, construção de relacionamentos, busca por objetivos.	Avaliando autoeficácia.
Carland et al. (1995) Carland, Carland e Ensley (2001)	Potencial Empreendedor definido em função de propensão ao risco, necessidade de realização e preferência por inovação	Empreendedorismo como uma função de quatro elementos: Traços de personalidade (necessidade de realização e criatividade) Inovação Risco Postura estratégica	CEI – <i>Carland Entrepreneurship Index</i> Avalia a presença de características empreendedoras, classificando o respondente em microempreendedor, empreendedor ou macro empreendedor.

Quadro 2 - Conceitos e formas de mensuração do Potencial Empreendedor

(conclusão)

Autores	Conceitos e Modelos de Potencial Empreendedor	Atitudes, traços de personalidade, habilidades e motivações do empreendedor	Forma de mensuração
Raab, Stedhan e Neuner (2005)	Não conceituam potencial, mas definem o empreendedor como um indivíduo motivado para inovar e que pode gerir os processos de transferência de inovação da ideia para o mercado.	Necessidade de realização Lócus de controle Propensão a assumir riscos Habilidade para solução de problemas Necessidade de autoafirmação Tolerância à ambiguidade Estabilidade emocional	Instrumento baseado em King (1985) com ampliações, que mede as características comportamentais, empatia, orientação à equipe e orientação ao cliente.
Santos (2008)	Modelo teórico baseado em três dimensões - realização, planejamento e poder - e uma dimensão complementar definida pela intenção de empreender.	Oportunidade Persistência Eficiência Metas Informações Planejamento Controle Persuasão Rede de relações Intenção de Empreender	Escala de Potencial Empreendedor
Athayde (2009)	Usa o modelo de Krueger e Brazeal (1994) para definir Potencial Empreendedor.	Liderança Criatividade Realização Controle pessoal Intuição	ATE-Test: instrumento que mede atitudes direcionadas ao empreender.
Santos, Caetano e Curral (2014)	Potencial Empreendedor como uma habilidade que pode ser desenvolvida. Modelo baseado em competências com quatro dimensões: motivações empreendedoras, competências psicológicas, competências sociais e competências gerenciais.	Indivíduo em preparação para empreender Desejo de independência Autoeficácia Motivação econômica Visão Capacidade de mobilização de recursos Liderança Capacidade de inovação Inteligência emocional Resiliência Capacidade de comunicação e persuasão Network	EPAI – <i>Entrepreneurial Potential Assessment Inventory</i> . Pode ser usado por um empreendedor para autoavaliação, treinamento ou desenvolvimento profissional.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Athayde (2009), Carland; Carland; Ensley (2001), Carland et al. (1995), Chen; Greene; Crick (1998), King (1985), Krueger; Brazeal (1994), Mitchell (1989), Palmer (1971), Raab; Stedhan; Neuner (2005), Santos (2008), Santos; Caetano; Curral (2014).

Estudos publicados a partir de 2015 não indicam novos conceitos de Potencial Empreendedor, valendo-se das definições baseadas em características comportamentais e possibilidade futura de empreender. Há estudos voltados às instituições de ensino superior e seus

membros e os meios que adotam para acessar o Potencial Empreendedor e formar empreendedores transformadores da sociedade (JONES; PATTON, 2018; WATSON; MCGOWAN, 2019); direcionados ao desenvolvimento econômico a partir da consideração do Potencial Empreendedor de determinados grupos (URBAN; NDOU, 2019; NGWABA, 2019); com aplicação de modelos de Potencial Empreendedor já existentes para analisar credibilidade empreendedora (MUSSONS-TORRAS; TARRATS-PONS, 2019) e; associando o construto Potencial Empreendedor à criatividade (AHMETOGLU et al., 2015). Há, ainda, trabalhos direcionados ao desenvolvimento de Potencial Empreendedor a partir de modelos de educação empreendedora (ASHEGHI-OSKOOEE, 2015), tendo como base teorias cognitivas e de aprendizagem.

Para esta pesquisa - que está voltada ao potencial de neuroatípicos - com base nos conceitos apresentados nesta fundamentação teórica, especificamente nos autores Mitchel (1989), Krueger e Brazeal (1994), Santos (2008) e Santos, Caetano e Curral (2014), o Potencial Empreendedor será definido como características comportamentais que predispõem à criação de um novo empreendimento ou à inovação em empreendimentos já estabelecidos, e que podem ser acionadas e desenvolvidas a partir de determinados estímulos externos e suporte adequado. Alguns aspectos desse conceito serão abordados nos próximos subitens, que trazem os temas intraempreendedorismo, cognição, desenvolvimento de comportamentos observados e autoeficácia.

2.1.1 Potencial Empreendedor e intraempreendedorismo

A presente pesquisa, que visa analisar as características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional, acolhe que, determinadas características que definem o empreendedor podem também fomentar a inovação em organizações já estabelecidas, via intraempreendedorismo, o que amplia as possibilidades de atuação independente da intenção de iniciar um negócio. O intraempreendedorismo – empreendedorismo dentro de organizações existentes – envolve quatro dimensões distintas: busca e entrada de novos negócios relacionados à empresa, produtos ou mercados; inovação, com criação de novos produtos, serviços e tecnologias; auto renovação, que enfatiza a reformulação estratégica e mudança organizacional e; proatividade, que reflete a orientação da alta administração à busca de competitividade e inclui iniciativa, assumir riscos, além de competitividade agressiva e ousadia (ANTONCIC; HISRICH, 2001).

Dois anos mais tarde, os mesmos autores publicaram um novo artigo, atualizando a definição de intraempreendedorismo que, para Antoncic e Hisrich (2003), deveria ser visto como um conceito multidimensional, cujos componentes ampliariam as dimensões apresentadas anteriormente. Criar novos empreendimentos; abrir novas filiais; inovação de produtos e serviços; inovação de processos internos e externos, técnicas ou procedimentos; renovação de conceitos preestabelecidos e planejamento estratégico revisto com periodicidade; assumir riscos com comprometimento e ousadia; proatividade voltada ao pioneirismo e iniciativa; agressividade competitiva com relação aos concorrentes foram as novas dimensões apresentadas. Essas dimensões convergem para características comportamentais empreendedoras – potenciais ou estabelecidas -. Barlach (2014) elenca comportamentos associados ao empreendedor, baseando-se em McClelland:

(...) capacidade de estabelecer objetivos altos, mas alcançáveis; preocupação com realização pessoal ao invés de recompensas – extrínsecas - pelo sucesso; desejo de feedback relevante sobre o trabalho, o impulso para a excelência, ou seja, o alcance de um objetivo em relação a conjunto de padrões; o querer fazer bem um trabalho ou realizar algo importante; o desejo de responsabilidade pessoal para achar soluções para problemas; o gosto pelo feedback rápido sobre performance (de forma a ter elementos para o próprio aperfeiçoamento); o evitar aquilo que é muito fácil ou muito difícil; o não gostar do sucesso como produto do acaso; e a preferência por desafios que não estejam acima de suas capacidades (BARLACH, 2014, p. 275).

Ainda que as características empreendedoras sejam comuns a empreendedores e intraempreendedores, algumas distinções foram observadas por diversos autores. No Quadro 3 apresenta-se um comparativo.

Quadro 3 - Características comportamentais do empreendedor e do intraempreendedor.

(continua)

	Empreendedor	Intraempreendedor
Motivação	Liberdade Automotivação Autoconfiança Necessidade de realização, de autorrealização e de realizar seus sonhos	Liberdade dentro da organização Acesso a recursos da organização Automotivação Reage ao reconhecimento e recompensas Orientados para metas Necessidade de realização, de autorrealização e de realizar seus sonhos
Risco	Assume riscos calculados	Assume riscos moderados, em geral não teme ser demitido, o risco pessoal é baixo
Visão e estratégia	Visão particular Orientado à ação Estrategista	Precisa fazer os colegas concordarem com sua visão Orientado à visão Estrategista
Iniciativa	Identifica, avalia e aproveita oportunidades	Identifica, avalia e aproveita oportunidades; Aproveita estímulos organizacionais para iniciativa

Quadro 3 - Características comportamentais do empreendedor e do intraempreendedor. (conclusão)

	Empreendedor	Intraempreendedor
Inovação	Criação de negócios Expansão Novos produtos e processos	Criação de negócios Expansão Novos produtos e processos Mudanças operacionais Renovação estratégica
Ação	Proatividade e dinamismo Agrada a si e aos clientes	Proatividade e dinamismo Agrada a si, aos clientes e aos fornecedores Estimula outros na busca por resultados cada vez melhores Defesa de ideias Trabalha na organização e se destaca dos demais
Rede de relacionamentos	Capacidade de influenciar pessoas e construir redes de relacionamentos	Capacidade de influenciar pessoas e construir redes de relacionamentos
Criatividade	Capacidade de inovar e criar	Capacidade de inovar e criar

Fonte: Elaborado pela autora com base em Antoncic; Hisrich (2001), Baron (1998), Bottino; Dias; Dibb (2006), Chieh; Andreassi (2008), David (2004), Filion (1999, 2000), Hashimoto (2009), McClelland (1961), Neto (2008), Schumpeter (1961), Silva (2006).

Conforme apresentado no Quadro 3, as diferenças comportamentais entre empreendedores e intraempreendedores estão mais voltadas às diferenças de papéis dentro da organização. Enquanto o empreendedor trabalha pela consolidação de seu empreendimento, o que envolve maior risco pessoal e muitas vezes, ausência de suporte, o intraempreendedor conta com o apoio da organização. Nesse sentido, Johnston (1996) já enumerava como uma das razões para se estimular o intraempreendedorismo, a existência de empreendedores em potencial que nunca iniciariam negócios próprios, mas que poderiam, apoiados por organizações, promover inovação, uma vez que, para o autor, o intraempreendedorismo está alinhado com as condições necessárias para melhoria contínua. Nesta tese, o conceito de intraempreendedorismo adotado será o de Antoncic e Hisrich (2001). Os autores referem a definição a processos intraorganizacionais que conduzem a atividades inovadoras e orientações tais como desenvolvimento de novos produtos, serviços, tecnologias, técnicas administrativas, estratégias e posturas competitivas.

2.1.2 Potencial Empreendedor e cognição

Há cerca de 70 mil anos, a Revolução Cognitiva deu início à história (HARARI, 2018). Refere-se ao surgimento de novas formas de pensar e se comunicar. Dessa revolução resulta a capacidade de transmitir informações sobre o mundo, sobre as relações sociais e sobre coisas

que não existem de fato (tais como espíritos tribais, por exemplo), que permitiram ao *Homo sapiens* o planejamento de ações complexas, a coesão dos indivíduos em grupos maiores, a cooperação entre um grande número de pessoas e a rápida inovação no comportamento social (HARARI, 2018). A isso se deve a permanência do *sapiens*, ao contrário de outros humanos que foram extintos (neandertais, *denisova*, *floresienses*).

A cognição refere-se à forma como as pessoas adquirem, armazenam e utilizam o conhecimento (HAYES; ALLINSON, 1994) e tem sido objeto de estudo desde meados dos anos 1950, com enfoques distintos e relacionados a diferentes abordagens acerca da aprendizagem. A forma de gerir o conhecimento está conceituada como uma dicotomia do pensamento humano que oscila entre a dimensão intuitiva e analítica, em um processo contínuo ao longo do qual são possíveis todos os graus de estilo cognitivo (ALLINSON; HAYES, 1996). O estilo cognitivo é a maneira preferida de coleta, processamento e avaliação de dados, influenciando a forma como um indivíduo examina ambientes em busca de informações e como organiza, interpreta e integra as interpretações em modelos mentais e teorias subjetivas que guiam o comportamento individual (ALLINSON; HAYES, 2012) e social, contribuindo para o surgimento tácito de certo padrão cognitivo social.

Nessa acepção, a Teoria Social Cognitiva de Bandura explica, por meio do modelo de causalidade recíproca, que comportamento, fatores cognitivos e ambiente operam como determinantes interagentes que se influenciam mutuamente (BANDURA, 1999). Os fatores pessoais internos - nas formas cognitiva e afetiva -, os padrões comportamentais e todas as influências ambientais interagem entre si, afetando o comportamento das pessoas em função do impacto sobre suas aspirações, crenças de autoeficácia, entre outras influências (MASOTI, 2014). Segundo Bandura (1999), a Teoria Social Cognitiva postula uma estrutura causal multifacetada que direciona o desenvolvimento de competências e a regulação da ação. Essa estrutura de conhecimento representa modelos, regras e estratégias de ação efetivas que servem como guias cognitivos para a construção de padrões de comportamento mais complexos. Os guias cognitivos, para Bandura (1999), têm influência nas fases iniciais do desenvolvimento de habilidades, com as estruturas de conhecimento especificando como sub-habilidades devem ser selecionadas, integradas e sequenciadas para servir a propósitos determinados. Com o tempo, e a prática, as habilidades se integram totalmente e são mais facilmente executadas, tornando-se rotinizadas e exigindo menor controle cognitivo, em qualquer área de atuação da vida social do indivíduo, bem como na profissional.

Barini Filho e Cardoso (2003) também consideram a influência do ambiente no processo de desenvolvimento humano. Os autores enfatizam o papel dos modelos mentais no

processo de desenvolvimento a partir da ideia de que “a visão de mundo pode ser identificada, delimitada, modelada e internalizada, com suporte de adequadas condições ambientais e por um reforço comportamental sistemático” (p.69), o que corrobora com Bandura (1986), que considera que os indivíduos são, simultaneamente, produtos e produtores de seu ambiente.

Devi, Khandelwal e Das (2017) em um estudo voltado à contribuição da Teoria Social Cognitiva de Bandura no campo da educação ressaltam o papel do ambiente no desenvolvimento de determinados conhecimentos. Para os autores, a percepção de autoeficácia permitiria a instrutores e educandos o estabelecimento de metas mais altas e aumento no tempo de dedicação ao que foi planejado. O processo pelo qual o indivíduo estabelece metas futuras e gerencia seu comportamento e planos para alcançá-las, a autorregulação, opera sob o cotidiano individual dentro de funções do ambiente, com automonitoramento e auto influência. Os autores explicam que, quando um indivíduo decide replicar um comportamento observado – que pode estar dentro das características comportamentais empreendedoras -, a autoeficácia proporciona confiança para execução do comportamento.

Sobre autoeficácia, Kickul et al. (2009) destacam a existência de diferentes tipos necessários aos processos relacionados ao empreendedorismo. Sendo o processo de empreender composto por estágios não lineares e interativos, a percepção de cada estágio é dada sob a lente do estilo cognitivo. Ao pensar sobre diferentes competências demandadas para criar um novo empreendimento, os estilos cognitivos de um indivíduo podem, para os autores, promover uma autopercepção, o que reforçaria diferentes tipos de autoeficácia. Os estilos cognitivos, para Kickul et al. (2009), exercem influência entre autoeficácia percebida, intenção empreendedora e os processos de criação de novos empreendimentos. A intenção empreendedora de indivíduos intuitivos, esclarecem os autores, são melhor explicadas por crenças de autoeficácia a respeito de identificação de novas oportunidades. Já a intenção de indivíduos analíticos está mais fortemente relacionada às crenças de autoeficácia em relação ao planejamento, organização de recursos e estágios de implementação de um novo empreendimento. Para os autores, indivíduos analíticos e intuitivos podem apresentar níveis similares de intencionalidade empreendedora, apesar de utilizarem diferentes caminhos cognitivos.

Apresentados, então, alguns conceitos e modelos sobre Potencial Empreendedor e considerações acerca do intraempreendedorismo e de como a cognição e os estilos cognitivos atuam no desenvolvimento de comportamentos, procede-se com a segunda parte do construto desta tese, que consiste em uma explanação sobre o Transtorno do Espectro Autista, incluindo informações sobre o histórico das pesquisas e posicionamentos sociais delas resultantes.

2.2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Para apresentar o conteúdo relativo ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) é importante resgatar algumas informações sobre como as diferenças físicas, comportamentais e cognitivas foram consideradas do século XX à atualidade, no Brasil e no mundo. Relativamente ao TEA, as pesquisas e os posicionamentos dos estudiosos sempre influenciaram a forma como a sociedade olhou para o autista e sua família, resultando em uma série de lapsos e desacertos (DONVAN; ZUCKER, 2017; SILBERMAN, 2015). A cronologia sobre esses estudos será abordada a seguir.

A questão da deficiência foi tratada, durante um longo período, como um problema da sociedade. Especialmente nos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, grupos trabalhavam para a esterilização e eutanásia de indivíduos que estivessem fora da faixa do que era considerado normal. A eugenia e, especificamente, o manifesto *The Passing of the Great Race*, de Madison Grant, “era a base da crença de que uma sociedade não pode ser construída com indivíduos deficientes” (DONVAN; ZUCKER, 2017, p. 36). Grant (1916), em um trecho do livro, considera um equívoco a crença na santidade da vida humana, afirmando que a natureza exige a “obliteração dos inaptos” (GRANT, 1916, p.26), pois, para o autor, a vida só seria valiosa quanto útil para a comunidade. Esse mesmo manifesto, segundo Donvan e Zucker (2017), embasou, durante a Segunda Guerra Mundial, o massacre de milhares de alemães com deficiências físicas ou intelectuais. O conflito resultou em um importante passo para o estabelecimento dos direitos humanos e dos direitos das pessoas com deficiência.

Com o final da segunda guerra, a Europa estava devastada, sendo grande o número de pessoas que terminaram o conflito inválidas e sem familiares, demandando auxílio do Estado. Dirigentes internacionais, em 1948, elaboram, então, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento que visa unificar todos os direitos de cada indivíduo. O artigo XXV menciona a pessoa com deficiência – designada inválida – como plena de direitos em caso de perda dos meios de subsistência fora de seu controle (NAÇÕES UNIDAS, 2009). Nesta época, instituições voltadas às pessoas com deficiência se consolidam em várias partes do mundo. No Brasil, segundo Miranda (2003, 2008) a negligência ainda levará alguns anos para ser substituída por ações visando a educação de pessoas com deficiência.

Miranda (2003, 2008) ressalta que a Educação Especial no Brasil foi caracterizada por ações isoladas, com atendimento voltado às deficiências visuais e auditivas e, também às deficiências físicas, mas estas em menor quantidade. As deficiências mentais não eram consideradas, segundo a autora. Miranda (2008) destaca que as concepções de deficiência

mental estavam condicionadas às expectativas sociais de cada época. Os indivíduos que não estavam intelectualmente dentro do padrão esperado pela sociedade eram segregados em turmas especiais nas escolas ou institucionalizados. Ainda que houvesse segregação, “a educação dos indivíduos com deficiência era enaltecida” (MIRANDA, 2008, p. 32).

A partir da década de 1950, as classes especiais ganham mais espaço nas escolas brasileiras e há a expansão de instituições privadas de caráter filantrópico - por exemplo, as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais – (MIRANDA, 2003, 2008). À ampliação de oportunidades de escolarização para a população, seguiu-se um aumento de classes especiais para deficientes mentais nas escolas públicas, na década de 1960. A preocupação em entender a deficiência mental aumenta e novos conceitos são elaborados nos anos seguintes.

Em 1982, Mazzotta explicou deficiência como impeditivos visuais, auditivos, mentais e motores, detalhando que há uma variedade de tipos e intensidades diferentes em cada um deles. Esse autor destacou ainda as diferenças nos efeitos e na forma pela qual as pessoas reagem a um mesmo tipo ou grau de deficiência. Assim, segundo Mazzotta (1982), nenhuma deficiência implica em problemas tão específicos a ponto de justificar qualquer visão estática e uniforme sobre as pessoas com deficiência. O autor escreveu uma longa lista de definições sobre o termo ‘excepcional’, utilizado na década de 1980, para definir o que atualmente se convencionou chamar pessoa com deficiência (PcD). Os conceitos, tanto de leigos quanto de profissionais (médicos, educadores, assistentes sociais e psicólogos) uniam todas as diferenças comportamentais e físicas, situando-as fora de um espectro de normalidade. Naquele momento, capacidades superiores ou inferiores – no jargão da época - eram igualadas como excepcionalidade. Mazzotta (1982) destacou o consenso social pessimista daquele momento o que gerava omissão da sociedade em relação à organização de serviços de atenção às PcDs, consenso aquele fundamentado na ideia de que a condição de incapacitado, deficiente e inválido eram imutáveis.

A forma de se referir às deficiências não era apenas uma questão conceitual. Gaudenzi e Ortega (2016) resgatam o histórico das definições apontando que, ainda nos anos 1980, críticas eram feitas reivindicando a descrição de deficiência como uma questão de direitos humanos e não apenas biomédica. Havia uma rejeição ao modelo médico de que a deficiência devia ser corrigida e uma defesa da ideia de que a sociedade é que deveria se ajustar. Os autores citam como as deficiências eram definidas pela Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Desvantagem (ICIDH) da Organização Mundial de Saúde (OMS) e a relação de causalidade que se estabelecia entre essas definições.

(...) *impairments* significava perda ou anormalidade de uma estrutura ou função corporal – psicológica, fisiologia ou anatômica; *disability* significava a restrição ou perda da capacidade de performance de atividades de forma considerada normal para os seres humanos e *handicap* era a desvantagem de uma pessoa individual oriunda do *impairment* ou da *disability* que a limita de desempenhar um papel que é normal em determinado grupo. (GAUDENZI; ORTEGA, 2016, p. 3062).

Gaudenzi e Ortega (2016) informam que as maiores críticas à relação de causalidade estabelecida pelos conceitos propostos pela ICIDH referiam-se à soberania da linguagem biomédica, o que enfatizava as concepções curativas.

No ano de 2001, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), estabelecendo o que ficou conhecido como Modelo Social da Deficiência, com caráter sociológico e político. Gaudenzi e Ortega (2016) afirmam que o documento da OMS não foi o suficiente para encerrar os debates sobre o sentido de ‘deficiência’. O termo, aliás, deixa de ser utilizado e as expressões ‘funcionalidade’ e ‘incapacidade’ são adotadas. A mudança do discurso curativo, que deslocou a desigualdade do corpo para as estruturas sociais, segundo os autores, fomentou o questionamento sobre o tipo de sociedade que poderia garantir os direitos das pessoas com deficiência.

Nesse sentido, Amundson (2000) afirma que as pessoas com deficiência têm algumas desvantagens que seriam em parte causadas pelo contexto social em que viviam. O modelo social tornou a deficiência uma questão de contexto social. Este se estabelece, segundo o autor, a partir das formas incapacitantes com que certos tipos de variação física, comportamental e cognitiva são tratados na sociedade. Amundson (2000) resgata algumas ideias do final do século XX, que sugeriam que o conceito de normalidade da espécie fosse substituído por responsividade, que seria uma normalidade individual. O conceito de responsividade abandonaria a base estatística e comparativa de normalidade, substituindo-a por uma avaliação da relação entre desempenho individual e necessidades. Para o autor, o “desenvolvimento produziria adultos que funcionam, mas não de forma idêntica” (AMUNDSON, 2000, p. 39).

Nessa acepção, para Klautau, Winograd e Bezerra (2009), o conceito de normatividade deve ser entendido como algo que permite a individualização, o que faz com que o indivíduo seja pensado a partir da noção de potência, desenvolvida por meio de comportamentos particulares que “não são apenas respostas automáticas a estímulos externos, mas modos singulares de se relacionar com o meio que todo o ser vivo explora à sua maneira” (p. 560).

Essas formas de se olhar para o indivíduo de condição corporal atípica, considerando o contexto social e características individuais, ampliam os argumentos para o desenvolvimento de formas de inclusão social. No Brasil, uma legislação específica foi promulgada no ano de 2015, visando inclusão social e cidadania para as pessoas com deficiência. A Lei Brasileira de

Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº. 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência garante condições de acesso à saúde e educação, entre outros direitos que já eram assegurados a todos os brasileiros sem distinção pela Constituição Federal de 1988, e estabelece punições por ações discriminatórias contra as pessoas com deficiência (BRASIL, 2015). Gaudenzi e Ortega (2016), ao analisarem o Estatuto da Pessoa com Deficiência, salientam o caráter médico e social pelo qual a deficiência deve ser tratada no Brasil. O caráter médico, para os autores, enfatiza as funções e estrutura do corpo; o caráter social pondera fatores ambientais e ambos estão voltados à consideração das limitações de desempenho de atividades (GAUDENZI; ORTEGA, 2016).

A partir do que foi exposto, depreende-se que a mudança mais significativa no conceito de deficiência foi a consideração do contexto social, individualizando cada PcD. Esse entendimento interessa para esta tese, que possui entre suas etapas de realização, a identificação de comportamentos de indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição considerada, para efeitos legais, como deficiência e cujas peculiaridades diferenciam os indivíduos que estão no espectro autista. O TEA é tratado no próximo subitem, que contém o histórico, definições e as manifestações clínicas do transtorno.

2.2.1 Desenvolvimento dos conceitos sobre Transtorno do Espectro Autista

O primeiro caso registrado de Transtorno do Espectro Autista, e que rendeu o primeiro artigo científico sobre o tema, data da década de 1940, nos Estados Unidos e foi tratado, inicialmente, como doença mental. Donald Triplet, um menino que vivia em uma comunidade rural no Mississippi, apresentava um comportamento peculiar e, naquele momento, inexplicável, que combinava déficits e talentos (DONVAN; ZUCKER, 2017, p. 20). O distanciamento da família, as atitudes repetitivas e a necessidade de manter o cotidiano imutável eram associadas a uma facilidade de memorizar itens, desde que fosse mantida sua ordem original. Alterações de rotina ou na disposição de brinquedos ou mesmo dos móveis da casa, desencadeava crises de violência. (DONVAN; ZUCKER, 2017).

Aos três anos, Donald foi institucionalizado, para viver sob supervisão especializada, o que, naquele momento, segundo Donvan e Zucker (2017), era o esperado. Crianças com algum tipo de diferença, como trissomia vinte e um (Síndrome de Down), epilepsia ou qualquer outra condição que os médicos não soubessem explicar, eram direcionadas a instituições. A expressão “defeituoso” era aplicada nessa época, em substituição à “idiota”, “imbecil” ou “retardado”, que foram, no início do século XX, usadas para designar pessoas que apresentavam

comportamentos semelhantes a crianças de menos de três anos, de três a sete anos e de sete a dez anos, respectivamente. Segundo Donvan e Zucker (2017), expressões como maníaco, lunático, mentecapto, demente e débil mental, entra outras, também eram utilizadas como termos clínicos. Fora do ambiente científico, as expressões - que ainda são usadas atualmente - são estigmatizadoras, com o acréscimo do uso pejorativo da expressão autista, que tem se tornado um sinônimo de alheamento e dificuldade de aprendizado.

O caso de Donald Triplet foi analisado pelo médico Leo Kanner, que passou a acompanhar também outras dez crianças com características similares, chegando à conclusão que havia descoberto uma nova condição (SILBERMAN, 2015). Kanner (1943) considerou a incapacidade das crianças então analisadas de se relacionar com outras pessoas uma das principais características do que chamou de distúrbio autista do contato afetivo (*Autistic Disturbances of Affective Contact*). O termo autismo já havia sido utilizado anteriormente na descrição de sintomas de esquizofrenia.

Em 1911, Eugène Bleuler publicou *Dementia praecox ou groupe des schizophrénies*, obra na qual refere-se ao autismo ao descrever o mundo interno e irreal do esquizofrênico, que se apresenta como episódios de negação e perda do contato com a realidade (DURVAL, 2011; ELKIS, 2000; PEREIRA, 2000). O autismo é explicado como “uma tendência a colocar sua própria fantasia acima da realidade e a se retirar desta última” (BLEULER, 1993, p.24). Tenório (2016) retoma a definição de Bleuler sobre o termo, explicando ser similar ao que Freud chamou de autoerotismo, que se referia a tendência de se desconectar da interação com meio ambiente e a se relacionar exclusivamente com uma realidade interior, observada em adolescentes e adultos diagnosticados como esquizofrênicos.

Kanner (1943), ao relatar ao caso de Donald e, a partir desse paciente, identificar o autismo como um distúrbio, é detalhista em descrever a aparente falta de afeição do menino, que parecia, segundo o médico, “estar satisfeito consigo” (KANNER, 1943, p. 218). O comportamento distante e frio de Donald e a forma de interação repetitiva e sem sentido com objetos são detalhadamente descritos por Kanner, compondo a base dos sintomas associados ao autismo. Kanner (1943) conclui que a abstração o tornava alheio a tudo, afirmando que Donald “parece estar sempre pensando e pensando, e conseguir a sua atenção requer uma quebra da barreira mental entre sua consciência e o mundo exterior” (p. 218).

Outro aspecto observado no comportamento de Donald Triplet e que foi muito descrito por Kanner era a necessidade de ritualização de expressões e uso de palavras apenas em seu sentido literal. Qualquer alteração nos rituais, relata Kanner (1943), desencadeava alterações de humor, acompanhadas de crises de choro e violência. Ao mesmo tempo, o menino demonstrava

peculiaridade no uso do idioma, respondendo a algumas questões com metáforas. Os pais de Donald relatavam detalhadamente comportamentos e a forma como lidavam com as particularidades de uso da linguagem e seus relatos se assemelhava muito aos relatos dos pais dos outros dez pacientes analisados por Kanner. Os filhos eram descritos como “autossuficientes, ‘na concha’, mais felizes quando deixados sozinhos, agindo como se as pessoas não estivessem ali, alheios a tudo sobre eles mesmos, dando a impressão de silenciosa sabedoria, falhando nas relações interpessoais” (KANNER, 1943, p. 242). Os estudos de Kanner culminaram com a definição do autismo nos Estados Unidos.

Simultaneamente aos estudos de Kanner, o médico austríaco Hans Asperger propôs um distúrbio denominado psicopatia autística (ASPERGER, 2015a; NATIONAL AUTISM CENTER, 2011; SILBERMAN, 2015; TAMANAHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008). Descartando a possibilidade de origem psicogênica, Asperger destacou a natureza familiar do distúrbio, cogitando que a transmissão dos traços de personalidade fosse ligada ao sexo masculino (ASPERGER, 2015c, p.719). Os pacientes analisados apresentavam déficit severo na interação social, empatia pobre, tendência a intelectualizar emoções e fala prolixa, com linguagem tendendo ao formalismo, o que levou Asperger a denominá-los pequenos professores (KLIN, 2006).

O trabalho de Hans Asperger, que foi iniciado antes da Segunda Guerra Mundial, tornou-se conhecido mais tarde, na década de 1980, graças ao trabalho da psiquiatra Lorna Wing, que cunhou o termo espectro autista e reconheceu a importância do trabalho de Asperger (DONVAN; ZUCKER, 2017; NATIONAL AUTISM CENTER, 2011; WING, 1981), denominando de Síndrome de Asperger a condição identificada pelo médico. O reconhecimento de Asperger foi acompanhado de dúvidas em relação à forma como executou seu trabalho, devido a conexões do médico com o nazismo, o que foi ignorado pelos pesquisadores em um primeiro momento⁵.

O conceito de autismo ganhou aceitação clínica a partir de 1966, mas não haviam esforços consideráveis para tentar entender, de maneira científica, as causas do transtorno.

⁵ Em 2018, o historiador e professor da Universidade de Viena, Herwig Czech, em um artigo publicado na revista *Molecular Autism*, trouxe novas informações sobre Hans Asperger. Czech (2018), após uma longa pesquisa em documentos emitidos durante o período de ocupação alemã na Áustria, incluindo arquivos pessoais e registros de pacientes de Asperger, confirmou o médico como um oponente de princípios do nacional-socialismo e defensor de seus pacientes contra o programa de eutanásia e outras medidas de higiene racial apregoadas pelos nazistas. Entretanto, Czech (2018) identificou que o médico conseguiu se acomodar ao regime nazista, sendo recompensado com oportunidades de carreira. De acordo com pesquisador, Asperger não teria se filiado ao partido nazista, mas se uniu a outros grupos filiados e legitimou publicamente diretrizes de higiene racial, tendo inclusive encaminhado crianças para *Spiegelgrund*, um hospital infantil conhecido, à época, por ser local para prática de eutanásia, dentro dos princípios da eugenia. O trabalho de Asperger sobre autismo não teria sido comprometido, mas a imagem do médico, homenageado com nomenclatura da síndrome que identificou, mudou.

Naquela época, a psiquiatria atribuiu a causa do autismo às mães que não amavam seus filhos. Donvan e Zucker (2017) relatam que as mães, cujos filhos diagnosticados autistas fossem encaminhados para tratamentos, deveriam também participar de terapias de grupo com assistentes sociais e outras mães, pois eram consideradas parte do problema. Ficaram conhecidas como ‘mãe geladeira’, conceito amplamente apoiado pela psiquiatria americana. A ideia para o termo partiu da constatação de Leo Kanner que os pais dos autistas, ao chegarem à clínica, eram frios e indiferentes a seus filhos. Em uma entrevista publicada na revista Time em 1948, Kanner fala das crianças que nunca descongelariam, referindo-se aos autistas, devido à atitude de seus pais (TIME, 1948).

A culpa das mães permaneceu como causa do autismo por muito tempo. E o escritor americano Bruno Bettelheim tem uma parcela de responsabilidade nisso. Mesmo sem formação em psicologia ou psiquiatria, Bettelheim escreveu sobre o autismo e dirigiu uma escola para autistas (DONVAN; ZUCKER, 2017; SILBERMAN, 2015). Seus livros e artigos sobre psiquiatria e psicanálise o tornaram famoso e são vendidos ainda hoje. Bettelheim era considerado a maior autoridade no assunto. Em uma entrevista para uma rede de televisão americana, Bettelheim afirmou que as crianças eram autistas porque as mães as queriam mortas. Essa afirmação em cadeia nacional teve como resultado um aumento no desprezo com que as mães de autistas eram tratadas (DONVAN; ZUCKER, 2017).

A situação começou a se reverter quando pais se uniram para tentar substituir a inculpação das mães por pesquisas e apoio nos tratamentos. Baseado em experimentação, com a preocupação da cientificidade, Bernard Rimland, um psicólogo cujo filho apresentava comportamento condizente com o autismo, publicou, em 1964, o livro *Infantile Autism: The Syndrome and Its Implications for a Neural Theory of Behavior*, sobre a então chamada síndrome (DONVAN; ZUCKER, 2017). Rimland estabeleceu o autismo como uma condição inata baseada mais em genética e neurologia do que em complexidades do desenvolvimento psíquico, o que o levou a ser criticado pela parte da comunidade científica que considera o autismo um problema psicológico originado em uma falha na relação entre a criança autista e sua mãe (FADDA; CURY, 2016; SILBERMAN, 2015). Ainda assim, o livro de Rimland foi o primeiro passo para o enfraquecimento do estereótipo da mãe geladeira e serviu de motivação para que outros pais buscassem mais informações sobre a condição de seus filhos autistas e, mais do que isso, iniciassem com um tipo de ativismo pela garantia de direitos aos autistas e outros deficientes que, naquela época e com o apoio da lei, poderiam ser rejeitados em escolas públicas e privadas nos Estados Unidos (DONVAN; ZUCKER, 2017). Paralelo a isso, outros estudos foram sendo realizados visando o entendimento das causas do autismo.

Na década de 1970, o psiquiatra britânico Michael Rutter e a psicóloga americana Susan Folstein publicam um estudo feito com crianças gêmeas, reforçando o autismo como um distúrbio com componente genético (FOLSTEIN; RUTTER, 1977). Segundo Silberman (2015), o trabalho dos autores definitivamente dissociou autismo e esquizofrenia, demonstrando que eram condições separadas e que somente em casos raros poderiam acontecer conjuntamente. Rutter propôs, segundo Klim (2006), uma definição de autismo com base em quatro critérios: atraso e desvios sociais; problemas de comunicação; comportamentos incomuns e; início antes dos trinta meses de idade. O trabalho de Rutter e de outros pesquisadores culminou com a inserção do autismo na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-III) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria, em 1980, na nova classe de transtornos - os transtornos invasivos do desenvolvimento. Para Grandin e Panek (2019), a inclusão do autismo no DSM-III formalizou o autismo como um diagnóstico. Os autores explicam que a criação do termo Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação (TGD-SOE) no DSM-III, em 1987, e a inclusão da Síndrome de Asperger no DSM-IV, de 1994, foram importantes para reposicionar o autismo como um espectro.

O DSM-IV definiu cinco transtornos que resultavam em comprometimento de diversas áreas do desenvolvimento: Autismo, Síndrome de Rett, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (TGD-SOE), incluindo nesse último o autismo atípico. Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) ou Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) são fenomenologicamente relatados no rol de transtornos neuropsiquiátricos (VOLKMAR; LORD, 1998). Segundo os autores, os transtornos invasivos são caracterizados por padrões de atraso e desvio em várias áreas do desenvolvimento, com início nos primeiros meses de vida. Volkmar e Lord (1998) esclarecem que, embora seja frequentemente associado com algum tipo de déficit cognitivo, as características comportamentais diferem entre indivíduos que apresentam esses déficits não associados ao TGD. Nos indivíduos com TGD, a interação social e a comunicação são mais afetadas enquanto que habilidades cognitivas não verbais podem estar dentro dos limites.

Grandin e Panek (2019) atribuem ao DSM-IV um aumento no número de diagnósticos de TGD-SOE, devido a um erro tipográfico na impressão do manual de 1994, o qual induzia os médicos a diagnosticarem o transtorno a partir da identificação de deficiência de interação social ou das competências verbal e não-verbal, quando na verdade, o paciente precisaria cumprir os dois critérios para ser diagnosticado com TGD-SOE. O texto foi corrigido no DSM-IV-TR no ano 2000, embora, para Grandin e Panek (2019), o diagnóstico equivocado já fosse o diagnóstico

padrão. Araújo e Lotufo Neto (2014) explicam que, com o DSM-5⁶, publicado em 2013, os transtornos de desenvolvimento foram absorvidos por um único diagnóstico, o Transtorno do Espectro Autista. Para os autores, a nova classificação é reflexo da visão científica atual de que os transtornos são uma mesma condição, com variações nos déficits da comunicação e na socialização e padrões de comportamentos e interesses restritos e repetitivos (ARAÚJO; LOTUFO NETO, 2014, p.70). Os critérios do DSM-5 serão apresentados a seguir.

2.2.2 TEA e os critérios diagnósticos estabelecidos pelo DSM-5

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o termo utilizado atualmente para definir a condição dos indivíduos chamados anteriormente autistas. A nova nomenclatura foi estabelecida no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria em sua quinta edição (DSM-5). O manual determina que indivíduos que foram diagnosticados, segundo as orientações do DSM-IV, com transtorno autista, transtorno (ou síndrome) de Asperger e TGD-SOE devem receber o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Ou seja, o TEA envolve os transtornos antes chamados de Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno de Asperger (DSM-5).

O DSM-5 trouxe uma nova estrutura de sintomas para o TEA, composta por dois domínios relativos à déficit de comunicação e comportamentos e interesses restritos (DSM-5, 2014). O manual enfatiza que os indivíduos com déficits de comunicação, mas sem os demais sintomas elencados no TEA devem ser avaliados em relação à transtorno de comunicação social, o que indica uma tentativa de conter diagnósticos com base em apenas um dos critérios (déficit de comunicação). O DSM-5 (2014, p.50) detalha de forma ilustrativa e não exaustiva o déficit de comunicação e na interação social com as seguintes manifestações:

- **Déficits na reciprocidade socioemocional** - abordagem social anormal, dificuldade para estabelecer uma conversa normal, compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.

- **Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social** - comunicação verbal e não verbal pouco integrada e anormalidade no contato visual e

⁶ Segundo Grandin e Panek (2019), a mudança dos números romanos para números arábicos foi determinada para facilitar a numeração de atualizações do DSM-5.

linguagem corporal ou déficits na compreensão e no uso de gestos, ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.

- **Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos** - dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos, dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, ausência de interesse por pares.

Quanto a comportamentos e interesses restritos, o DSM-5 (2014, p.50) traz os seguintes exemplos, também não exaustivos:

- **Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos** - estereotípias motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas.

- **Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal** - sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente.

- **Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco** – forte apego a, ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos.

- **Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente** - indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento.

Segundo o DSM-5, os sintomas devem estar presentes no período de desenvolvimento, mas podem não se manifestar até que demandas sociais excedam as capacidades limitadas do indivíduo ou possam estar disfarçadas por estratégias desenvolvidas ao longo da vida do autista. Sobre essas estratégias, Robison (2008), diagnosticado com Síndrome de Asperger, exemplifica: “à medida que ficava mais velho, eu me ensinei a me comportar de um modo mais normal. Eu posso fazê-lo bem o suficiente para enganar uma pessoa durante toda uma noite, talvez até mais” (p. 33).

A forma de classificar a gravidade do autismo também foi alterada no DSM-5. Antes, o autismo era classificado em leve, moderado e severo, nomenclatura que ainda é utilizada pelos familiares e grupos de apoio à autistas e suas famílias. A nova edição DSM-5 estabeleceu uma outra forma de classificação, a partir da necessidade de suporte que uma pessoa diagnosticada com TEA demande:

- **Nível 1 (Exigindo apoio)** – Dificuldade para iniciar interações sociais, respostas atípicas, interesse reduzido por interações sociais. Inflexibilidade de comportamento, dificuldade de trocar de atividade, problemas para organização e planejamento são obstáculos para independência (DSM-5, p. 53).

- **Nível 2 (Exigindo apoio substancial)** - Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações (DSM-5, p. 53).

- **Nível 3 (Exigindo apoio muito substancial)** - Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações (DSM-5, p. 53).

Para o DSM-5, os déficits de fala apresentam diferentes características, sendo influenciados pela idade do indivíduo, nível intelectual, capacidade linguística e tipos de tratamento e apoio recebidos. Os déficits podem ser definidos como ausência total de fala, atrasos de linguagem, fala em eco, linguagem literal ou afetada e, ainda, comunicação social recíproca afetada pelo TEA quando a linguagem tem desenvolvimento normal.

Os déficits de reciprocidade são caracterizados por pequena ou por ausência de capacidade de iniciar interações sociais e compartilhar emoções – o que às vezes é amenizado pelo autista pela imitação do comportamento dos outros, ainda que de forma reduzida. A linguagem é mais utilizada para solicitação e classificação. Em autistas adultos, segundo o DSM-5, os déficits de reciprocidade podem ser identificados quando há dificuldade de processamento e resposta a pistas sociais complexas, o que é compensado por alguns autistas com algumas estratégias para enfrentamento dos desafios sociais (como por exemplo, o que não dizer em uma conversação), mas que certamente não são aplicáveis a todas as situações. Em novos enfrentamentos, há esforço e ansiedade para atender a demanda social, o que não acontece para indivíduos neurotípicos, que resolvem a situação de forma intuitiva (DSM-5). Robison (2008) explica os déficits de reciprocidade na perspectiva do indivíduo com síndrome de Asperger:

Estava tão acostumado a viver em meu próprio mundo que responderia aquilo que estivesse pensando. Se me lembrasse de ter passeado de cavalo, não importa se a outra criança dissesse “Olha meu caminhão” ou “Minha mãe está no hospital” eu teria respondido “Andei a cavalo no parque” do mesmo jeito. As palavras dos outros não interrompiam o curso de meus pensamentos, é como se não ouvisse o que tinham dito. Mas, de algum modo, eu tinha ouvido, porque responderia. Mesmo que a resposta não fizesse nenhum sentido para o interlocutor (ROBISON, 2008, p. 27-28).

Alguns indivíduos com Transtorno do Espectro Autista não estabelecem contato visual de forma típica. Grandin e Panek (2019), explicam, a partir de pesquisas realizadas com ressonância magnética em autistas altamente funcionais que o cérebro neuroatípico responde de forma oposta ao cérebro neurotípico. O que nestes ativa o ‘direcionar o olhar’, naqueles ativa o ‘evitar o olhar’. Robison (2008) afirma evitar o contato visual quando está conversando com alguém pela distração que os estímulos visuais provocam. O autor conta que, durante a infância, ele parava de falar se visse algo que o interessava. Na fase adulta, faz longas pausas entre as frases, buscando elementos neutros para fixar o olhar e evitar as distrações.

Indivíduos com TEA também podem não utilizar gestos ou expressões faciais e podem apresentar alterações na entonação da voz. Em geral, apresentam repertório de gestual menor do que neurotípicos e costumam não utilizar o recurso comunicativo apropriadamente. Muitos manifestam ausência de interesse social – ou interesse reduzido – que pode ser resultante de rejeição anterior ou falta de habilidade do indivíduo com TEA em realizar abordagens (DSM-5). O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais explica ainda que pode existir, entre os autistas, preferências por atividades solitárias ou baseadas apenas em interesses especiais compartilhados (a maioria dos autistas tem hiperfoco em algum tema específico, tendo bastante dificuldade em falar sobre outros temas), o que dificulta as interações sociais.

Quanto a outros aspectos comportamentais, o DSM-5 salienta as estereotipias motoras (*flapping*, estalar os dedos, entre outras), uso de objetos de forma não funcional (enfileirar ou empilhar objetos, girar moedas). Nesse sentido, Robison (2008) afirma que, durante a infância, só via uma maneira de usar os brinquedos e ficava incomodado quando outras crianças brincavam da forma que ele achava errada. Ao ganhar um cãozinho de presente, o autor afirmou não saber o que fazer com ele: “(...) estava sempre apertando, puxando sua cauda e tudo o mais, num esforço para descobrir sua função” (ROBISON, 2008, p. 22).

Os autistas também podem apresentar, segundo o DSM-5, apego a rotinas e padrões ritualizados de comportamento, rigidez de pensamento, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, foco em luzes ou objetos giratórios, indiferença a dor, calor ou frio. Sobre a hipersensibilidade sensorial (sensibilidade a sons, luz, texturas), Grandin e Panek (2019)

afirmam ser totalmente debilitante para alguns autistas e moderada para outros, impedindo a participação em atividades familiares e o exercício profissional.

Comprometimento intelectual e discrepâncias entre habilidades funcionais adaptativas e intelectuais podem ser observadas em alguns indivíduos com TEA, de acordo com o DSM-5. Falta de coordenação motora ou coordenação motora anormal (caminhar na ponta dos pés, por exemplo) também são características associadas ao espectro autista e que apoiam o diagnóstico. Nos casos mais extremos, autolesão e comportamentos disruptivos também podem ser observados.

Teixeira (2016) explica que as crianças podem iniciar um desenvolvimento normal, mas ter esse desenvolvimento interrompido e, muitas vezes, regredir. Além do Transtorno do Espectro Autista, o autor explica que outros transtornos podem estar presentes no mesmo indivíduo, como Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), epilepsia, alterações do sono e agressividade.

O DSM-5 salienta que o TEA não é um transtorno degenerativo pois a aprendizagem e compensação podem continuar ao longo da vida do autista. Alguns indivíduos com TEA irão apresentar deterioração comportamental na adolescência. O Manual destaca ainda que apenas uma minoria de indivíduos com TEA vive e trabalha de forma independente – os que têm menores níveis de prejuízo e conseguem aliar seus interesses e habilidades especiais com alguma função remunerada – e muitos continuarão socialmente ingênuos e vulneráveis, demandando auxílio e propensos a depressão e ansiedade.

Na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) desenvolvida pela Organização Mundial de Saúde, o Transtorno do Espectro Autista ainda segue a orientação do DSM-IV, com a classificação F84 para Transtornos Globais do Desenvolvimento desdobrando-se em F840 Autismo Infantil, F841 Autismo Atípico, F842 Síndrome de Rett, F843 Outro Transtorno Desintegrativo da Infância, F844 Transtorno com Hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados, F845 Síndrome de Asperger, F848 Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento e F849 Transtornos Globais Não Especificados do Desenvolvimento. O código estabelecido pelo CID-10 é utilizado nos laudos emitidos após diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (PEBMED, 2019).

Após a explanação sobre o TEA e as especificidades comportamentais dos indivíduos que estão diagnosticados, é relevante trazer informações sobre as pesquisas realizadas sobre o tema nos últimos cinco anos. Para tanto foram consultadas as bases de dados Web of Science e a Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme), cujos resultados são apresentados no próximo subitem.

2.2.3 As pesquisas sobre Transtorno do Espectro Autista

Esta parte do referencial teórico trata-se de uma pesquisa bibliométrica, de caráter descritivo, elaborada a partir da aplicação de técnicas estatísticas e matemáticas para descrever aspectos da literatura (ARAÚJO, 2006; ROSTAING, 1996) quanto ao TEA, a partir das publicações constantes na base de dados *Web of Science* (WoS). O levantamento sobre as pesquisas realizadas sobre autismo iniciou com uma busca ampla realizada na WoS, partindo da *string* TS=(*autism*), resultando em 67.355 documentos⁷, publicados desde 1945. Delimitando o período de publicação aos anos 2015-2020, o volume de trabalhos foi reduzido à 32.487. As três áreas categorizadas pela WoS que mais publicam sobre autismo são Psicologia do Desenvolvimento (5811 artigos), Neurociências (5699 artigos) e Psiquiatria (5593 artigos), cada uma concentrando cerca de 17% das publicações sobre o tema. A lista completa pode ser verificada na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das publicações sobre TEA nas categorias WoS

Categorias WoS	Número de Publicações	Percentual
Psicologia do desenvolvimento	5811	17,87
Neurociências	5699	17,54
Psiquiatria	5593	17,21
Reabilitação	3462	10,65
Educação Especial	2902	8,93
Neurologia Clínica	2605	8,01
Pediatria	2196	6,76
Genética e Hereditariedade	2085	6,41
Ciências do Comportamento	1713	5,27
Farmacologia	1363	4,19
Psicologia Clínica	1349	4,15
Ciências Multidisciplinares	1184	3,64
Bioquímica/Biologia Molecular	1131	3,48
Psicologia	1015	3,12
Psicologia Multidisciplinar	924	2,84
Psicologia experimental	803	2,47
Pesquisa em educação	784	2,41
Medicina geral interna	690	2,12
Saúde ocupacional	628	1,93
Pesquisa experimental em medicina	543	1,67
Biologia celular	511	1,57
Linguística	446	1,37

Fonte: *Web of Science*

⁷ Indicados pelos seguintes índices de citação: *Science Citation Index Expanded*, *Social Sciences Citation Index*, *Arts & Humanities Citation Index*, *Conference Proceedings Citation Index - Science e Conference Proceedings Citation Index - Social Science & Humanities*.

A Tabela 2 indica o número de publicações sobre TEA nos últimos anos.

Tabela 2 - Publicações por ano, entre 2015-2020

Ano	Número de Publicações
2015	5498
2016	5919
2017	6326
2018	6480
2019	7412
2020	852*

Fonte: *Web of Science* * Os valores de 2020 consideram artigos publicados até a primeira quinzena de março.

Entre os autores com maior volume de publicações sobre o TEA, Baron-Cohen, S. aparece na primeira posição, com 143 documentos, Bolta, S. na segunda posição com 129 trabalhos e Zwaigenbaun na terceira posição com 128 artigos publicados. Na Tabela 3 mostra-se a distribuição dos autores que mais publicaram no período analisado.

Tabela 3 - Autores com o maior número de publicações sobre TEA

Autor	Número de Publicações	Autor	Número de Publicações
BARON-COHEN, S.	143	LORD, C.	68
BOLTE, S.	129	SCHULTZ, R. T.	67
ZWAIGENBAUM	128	KASARI, C.	65
CHARMAN, T.	117	MANDELL, D. S.	65
GILLBERG, C.	100	GESCHWIND, D. H.	63
WANG, Y.	93	PELLICANO, E.	63
BUITELAAR, J. K.	79	BUXBAUM, J. D.	62
SCHERER, S. W.	79	DELORME, R.	60
ANONYMOUS	76	OLIVER, C.	60
ANAGNOSTOU, E.	74	ZHANG, Y.	60
SZATMARI, P.	73	FALKMER, T.	59
MURATORI, F.	71	HAPPE, F.	59
LICHTENSTEIN, P.	68		

Fonte: *Web of Science*

Os Estados Unidos estão entre os países que mais publicam sobre TEA, com 14.571 trabalhos nos últimos cinco anos, seguido pela Inglaterra (3635 artigos), Austrália (2167 artigos) e Canadá (2136 artigos). O Brasil aparece na lista WoS na posição 18, com 486 trabalhos publicados no período em análise. Devido ao grande volume de publicações, não foi possível a geração de um relatório de citação do período 2015-2020 com as ferramentas disponíveis na WoS. Uma nova delimitação de tempo restringiu as publicações aos anos de 2019-2020, com análise dos 500 trabalhos mais citados com o uso do software *VOSViewer*®, segundo co-ocorrência de palavra-chave, com a opção palavra-chave escolhida pelo autor, resultando em sete clusters que são indicados no Quadro 4.

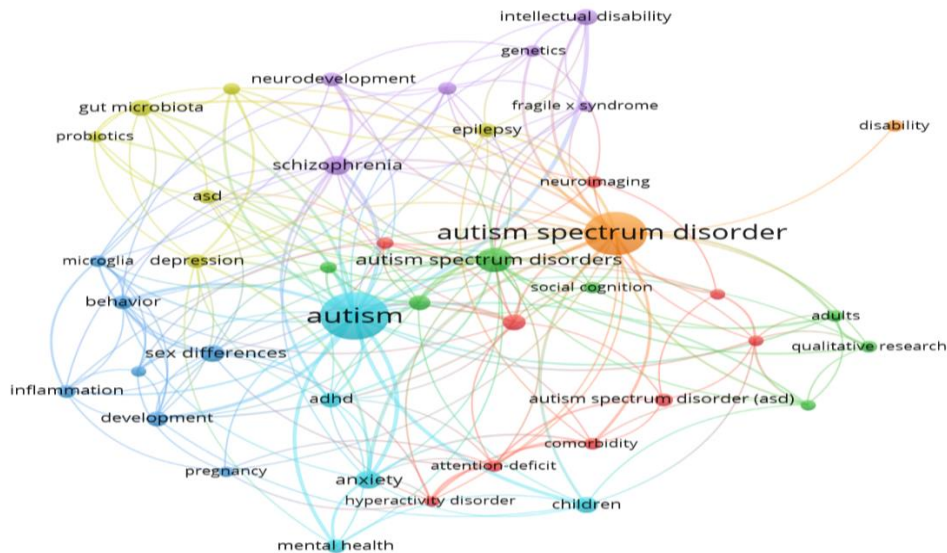
Quadro 4 - Clusters de co-ocorrência de palavras-chaves determinadas pelos autores.

Cluster	Itens	Palavras-chave
1 (vermelho)	9	Déficit de atenção, Transtorno do Espectro Autista, desenvolvimento cerebral, comorbidade, diagnósticos, hiperatividade, aprendizado, desordens de neurodesenvolvimento, neuroimagens
2 (verde)	7	Adultos, Transtorno do Espectro Autista, cerebelo, conectividade funcional, prevalência, pesquisa qualitativa, cognição social.
3 (azul escuro)	7	Comportamento, desenvolvimento, inflamação, microglia, gravidez, diferenças de sexo, estresse
4 (amarelo)	6	Alzheimer, TEA, depressão, epilepsia, microbiota intestinal, probióticos
5 (lilás)	6	Epigenética, síndrome do x frágil, genética, incapacidade intelectual, neurodesenvolvimento, esquizofrenia
6 (azul claro)	5	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividde, ansiedade, autismo, crianças
7 (laranja)	2	TEA, incapacidade

Fonte: *Web of Science* e software *VOSViewer*®.

A estrutura dos clusters resultantes da busca e a relação entre seus componentes pode ser verificada na Figura 6.

Figura 6 - Clusters e relação entre seus componentes.



Fonte: Dados obtidos na *WoS*, utilizando o software *VOSViewer*®.

A análise dos clusters formados pelas palavras-chave atribuídas pelos autores das publicações consideradas indica as linhas seguidas por grupos de pesquisadores. Há foco no autismo e comorbidades, na cognição social, na saúde mental, nos aspectos relacionados à defesa do organismo, nas questões relacionadas ao sistema digestivo e sua relação com o autismo e o foco na genética. Mesmo que um dos clusters tenha componente sobre TEA em adultos, não há palavra-

chave relacionada ao exercício profissional. Também não foi identificado, nos estudos dos últimos quinze meses, pesquisas voltadas ao desenvolvimento de potenciais específicos para o mercado de trabalho, mas sim ao desenvolvimento de habilidades e competências como um todo. Visando complementar a análise sobre publicações acerca do autismo, uma nova busca foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde – Bireme⁸, com a *string* `tw:((tw:(autism)))`. Foram identificados 52.676 artigos, cujos assuntos principais são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 4 - Principal assunto nos artigos constantes na Biblioteca Virtual em Saúde.

Assunto	Número de artigos
Transtorno Autístico	18.229
Transtorno do Espectro Autista	7.559
Transtornos Globais do Desenvolvimento Infantil	5.046
Encéfalo	2.605
Síndrome de Rett	2.241
Deficiência Intelectual	1.909
Comportamento Social	1.614
Deficiências do Desenvolvimento	1.340
Transtornos Mentais	1.258
Pais	1.219
Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade	1.107
Síndrome de Asperger	912
Terapia Comportamental	894
Proteínas do Tecido Nervoso	825
Atenção	778
Esquizofrenia	752
Cognição	739
Transtornos do Desenvolvimento da Linguagem	727
Síndrome do Cromossomo X Frágil	723
Predisposição Genética para Doença	711

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações obtidas na Biblioteca Virtual em Saúde.

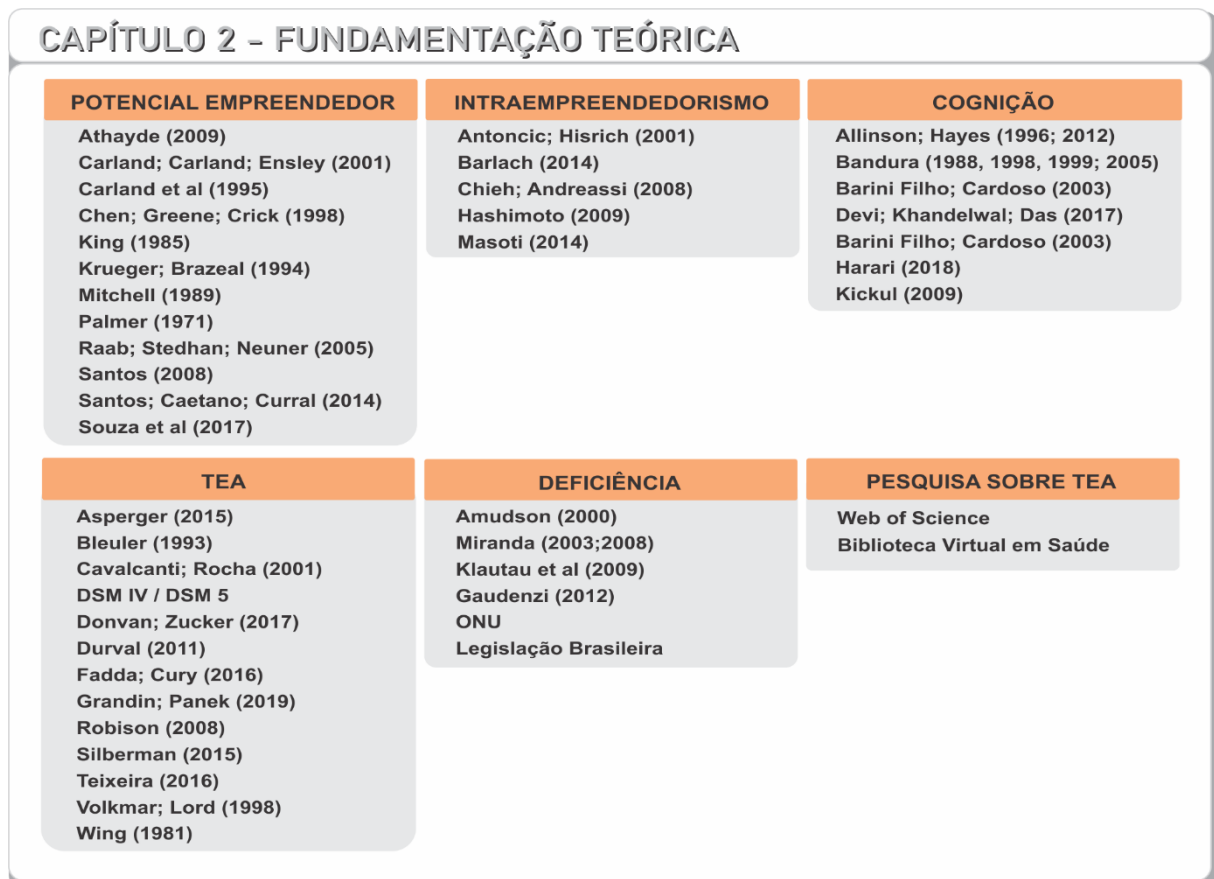
Cabe salientar que, além desses, outros 30 temas surgiram na pesquisa, concernentes a características do autismo, comorbidades e comportamentos. Aplicando dois filtros à busca, um fixando o prazo de publicação aos últimos cinco anos e outro ordenando os artigos por relevância, resultou em 22.372 trabalhos. Os artigos evidenciados traziam resultados de pesquisas voltadas à identificação das causas do autismo, mais especificamente sobre aspectos fisiológicos. Ao selecionar apenas artigos voltados à cognição – que interessa a esta tese –, o

⁸ A Biblioteca Virtual em Saúde reúne as seguintes bases de dados: MEDLINE, LILACS, IBECs, Index Psicologia - Periódicos técnico-científicos, BINACIS, CUMED, WHO IRIS, Index Psicologia – Teses, BDENF – Enfermagem, LIS - Localizador de Informação em Saúde, BBO – Odontologia, BRISA/RedTESA, MedCarib, Sec. Munic. Saúde SP, HomeoIndex – Homeopatia, Coleção SUS, Sec. Est. Saúde SP, Recursos Multimídia, DeCS - Descritores em Ciências da Saúde, CVSP – Brasil, MOSAICO - Saúde integrativa, PAHO-IRIS, Porto Rico, SOF - Segunda opinião formativa, ARGMSAL e PAHO.

número de trabalhos foi reduzido a 272. Os artigos resultantes, em sua maioria, estavam mais voltados a questões fisiológicas que influenciam a cognição do que a questões ambientais e comportamentais, ainda que esses temas estivessem presentes em alguns trabalhos.

Finalizadas as explanações sobre as pesquisas realizadas sobre TEA, encerra-se a fundamentação teórica desta tese. A primeira parte deste capítulo abordou Potencial Empreendedor, Intraempreendedorismo e Cognição. Na segunda parte, foram apresentados os conceitos sobre Transtorno do Espectro Autista, com a recapitulação das pesquisas e estudos feitos desde a identificação dos primeiros casos, no século XX. Foram apresentados também os principais sintomas do TEA, com base nos manuais da Associação Americana de Psiquiatria (APA) e um panorama sobre as pesquisas realizadas nos últimos cinco anos. A Figura 7 traz a visão geral deste capítulo.

Figura 7 - Visão geral do Capítulo 2



Fonte: elaborado pela autora.

O próximo capítulo traz o método da tese, com explicação sobre cada um dos quatro estudos que compõem este trabalho. É importante destacar que cada estudo tem métodos de coleta e análise próprios, apresentados também no próximo capítulo.

3 MÉTODO

Este capítulo traz o método da tese a partir do delineamento da pesquisa, com indicação da abordagem e tipo de pesquisa quanto aos objetivos e aos procedimentos. Conforme foi apresentado anteriormente, esta tese é composta por quatro estudos, cada um com características e procedimentos distintos que são detalhados separadamente no intuito de facilitar a compreensão de suas particularidades.

3.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa delineada sob as abordagens qualitativa e quantitativa, de base empírica, caráter exploratório e descritivo, do tipo não experimental, com corte transversal, cujo propósito é responder a problemas de pesquisa sem estabelecimento de hipóteses a serem testadas.

A pesquisa qualitativa pode ser definida em três principais perspectivas (FLICK, 2005). Na primeira, referenciais teóricos tradicionais do interacionismo simbólico e da fenomenologia embasam os estudos. Na segunda perspectiva, a linha principal está ancorada na etnometodologia e construcionismo, com interesse nas rotinas da vida diária e na construção da realidade social. A terceira perspectiva assume estruturas e mecanismos psicológicos inconscientes e configurações sociais latentes. Para Flick (2005), essas perspectivas diferem nos objetivos de pesquisa e métodos que empregam. A primeira perspectiva utiliza entrevistas semiestruturadas e narrativas, que são analisadas sob a ótica da análise de conteúdo e análise de narrativa. A segunda usa grupos focais, observação, documentos, interações gravadas, que são analisadas com análise do discurso, análise de conversação, entre outras. E a terceira, utiliza também interações gravadas, fotografias e filmes, que são analisados segundo a hermenêutica objetiva (FLICK, 2005, p. 10). Quanto aos campos de aplicação destas abordagens, Flick (2005; 2009) aponta algumas intersecções. A primeira abordagem é indicada para pesquisa biográfica e análise de conhecimento. A segunda é própria para análise de vida e organizações e estudos culturais. E a terceira é utilizada para pesquisa biográfica, pesquisa familiar, entre outras.

Para esta pesquisa, duas perspectivas da abordagem qualitativa parecem adequadas. A primeira, que parte de narrativas biográficas e permite uma abordagem qualitativa sobre pontos de vista subjetivos, é adequada para esta pesquisa em função de que os dados principais foram coletados com entrevistas semiestruturadas, que serão analisadas sob a ótica da análise de conteúdo. Esta perspectiva é aderente ao Estudo 2, que visa elencar similitudes entre as

características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor. Ressalta-se que esta pesquisa também visa o entendimento de situações de construção social relacionadas ao desenvolvimento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e sua atuação no mercado de trabalho. Logo, a segunda abordagem, sustentada por realização de observações e interações gravadas, examinadas segundo a análise de conteúdo é igualmente adequada ao Estudo 3 (que busca verificar a influência das características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor dos responsáveis no desenvolvimento da pessoa autista) e ao Estudo 4 (que busca evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho). O que se pretende, então, é que ambas perspectivas embasem o desenvolvimento da presente pesquisa, de forma que os dados coletados tanto nas entrevistas quanto nas postagens nas redes sociais realizadas pelos sujeitos de pesquisa (autistas e familiares), sejam analisados sob a ótica da análise de conteúdo, de acordo com suas especificidades.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Duarte (2009) afirma que esta se caracteriza pela formulação e descoberta dos pressupostos teóricos à medida que se dá o processo de coleta de dados, mesmo que a teoria já estivesse presente desde o início da pesquisa. Para Figaro (2014), a utilização de métodos qualitativos pode ser feita desde que a coerência da pesquisa empírica seja mantida. A autora considera que as técnicas de coleta de dados na pesquisa qualitativa devem ser efetuadas de forma a “contar com as controvérsias naturais ao estudo das relações sociais” (p. 126-127), mantendo-se a complexidade que lhe é inerente e permitindo apreender a dinâmica dos temas relativos às Ciências Sociais e Humanidades.

Madureira e Branco (2001), a partir de Gonzalez Rey (1999), descrevem alguns atributos da pesquisa qualitativa. Para os autores, o caráter interpretativo do conhecimento está relacionado à necessidade de dar sentido às expressões e construções do sujeito estudado e a produção do conhecimento é um processo de caráter interativo. Na pesquisa qualitativa, para Madureira e Branco (2001), as relações entre participantes e pesquisadores e entre pesquisadores entre si são atributos que fazem parte do processo, tendo as relações entre o pesquisador e o objeto de estudo, um papel fundamental na construção do conhecimento. A produção de sentido na pesquisa qualitativa se estabelece no contato entre pesquisador e objeto de estudo na visão de Madureira e Branco (2001). Os autores, ao explanarem sobre a condição da subjetividade e da afetividade na pesquisa quantitativa como fontes de erro, sugerem que, na pesquisa qualitativa, a participação do pesquisador no processo de construção do conhecimento com suas crenças, valores e visões do mundo é aceitável. Essa visão é compartilhada por Fischer (1996) que explica que:

a apreensão da realidade organizacional deve incorporar os diversos níveis que tendem a aflorar quando o pesquisador assume posturas mais flexíveis e compreensivas, adota técnicas e procedimentos múltiplos e emprega categorias analíticas e métodos de análise coerentes com o objetivo da pesquisa (p. 66).

Além da abordagem qualitativa esta pesquisa também foi elaborada sob abordagem quantitativa, definida pela análise sistemática realizada no Estudo 1 e modelagem matemática realizada no Estudo 4. Para Duarte (2009, p. 6), na investigação quantitativa, “o pesquisador parte do conhecimento teórico existente ou de resultados empíricos anteriores, pelo que a teoria antecede o objeto de investigação”. Trata-se, então, de se utilizar de instrumentos que já comprovaram e podem mensurar com segurança construtos componentes da pesquisa. No que se refere ao Estudo 1, usam-se técnicas inerentes às pesquisas bibliométricas. Já no Estudo 4, formulário quantitativo para coleta de dados aliado a técnicas de coleta qualitativas e diferentes estratégias analíticas foram utilizados, visando, conforme Duarte (2009), melhorar a validade dos resultados.

Diante do objetivo central da tese, que é **analisar características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas, considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional**, esta pesquisa se caracteriza como empírica. Para Thiollent (1986; 2002), a pesquisa empírica busca analisar situações concretas, seja para intervenção ou para ação orientada à solução de problemas detectados. Figaro (2014) aponta que a investigação empírica ocorre em um recorte do campo social, no qual está inserido o objeto de estudo, demandando a presença do pesquisador no espaço onde se dão as relações sociais. No caso desta pesquisa, o campo social é estabelecido pelas relações em torno da pessoa autista, compreendendo família e organizações de atuação profissional (que foram visitadas para coleta de dados) bem como os espaços virtuais para troca de experiências e suporte (redes sociais e grupos de apoio cujas interações são mediadas pela tecnologia e que foram acompanhados durante o período de coleta de dados).

Embora o Potencial Empreendedor não seja um tema novo a ser investigado, a associação deste ao Transtorno do Espectro Autista faz com que a presente pesquisa se enquadre como exploratória. Isso se sustenta na perspectiva de Sampieri, Collado e Lucio (2006) que afirmam que estudos exploratórios são adequados para abordar problemas de pesquisas pouco estudados, que ainda apresentem muitas dúvidas ou que não tenham sido abordados por estudos científicos. De acordo com Richardson (2012) a pesquisa exploratória é utilizada quando se deseja conhecer um fenômeno sobre o qual há poucas ou nenhuma informação. Nesse sentido, Vieira (2002) afirma que a pesquisa exploratória visa proporcionar ao pesquisador maior

familiaridade com o problema em estudo, sendo algumas vezes utilizada “em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão e identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem” (p. 65). Esse é o caso do presente estudo, pois o problema central da tese - **de que forma o desenvolvimento de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas pode ser influenciado pelos familiares e refletir no seu preparo para o exercício profissional?** – oportuniza o desdobramento em quatro outras questões de pesquisa para que fosse desenvolvida uma aproximação com o tema considerando as relações no campo social da pessoa autista, nos contextos pessoal, familiar e profissional. A busca de resposta a cada questão derivada do problema central da tese se dá com a condução de estudos separados, todos eles relacionando Potencial Empreendedor a Transtorno do Espectro Autista, a partir da investigação com diferentes sujeitos de pesquisa.

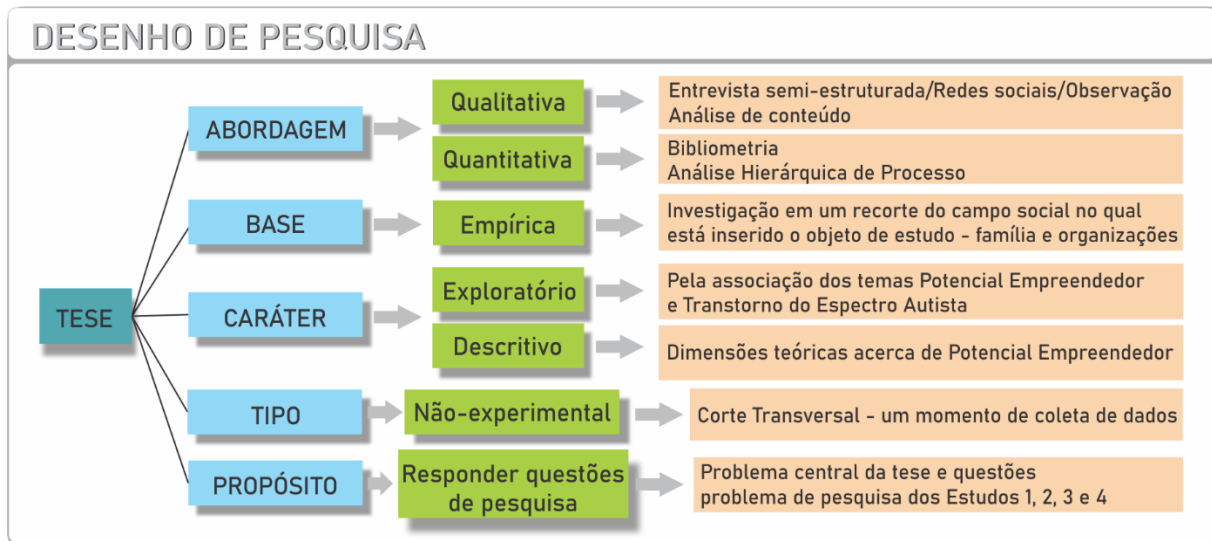
Esta pesquisa também se caracteriza como descritiva pois o Estudo 1 é voltado ao entendimento das dimensões teóricas acerca de potencial empreendedor, a partir de pesquisa realizada em artigos já publicados sobre o tema. Tripodi e Bender (2010) explicam que a construção do conhecimento pode ser vista como um *continuum*, com a pesquisa exploratória identificando variáveis de interesse e desenhos de pesquisa apropriados para o melhor entendimento das relações entre as variáveis e a pesquisa descritiva permitindo entender características daquelas variáveis. Para os autores, a pesquisa descritiva busca pelo entendimento e mensuração das variáveis, buscando ampliar o conhecimento sobre determinado aspecto do objeto de estudo. Nesta tese, o caráter descritivo da pesquisa está focado na identificação de dimensões teóricas sobre Potencial Empreendedor e que servirão de base para as análises dos estudos 2, 3 e 4 que compõem este trabalho.

O propósito deste trabalho foi definido, conforme as definições de Sampieri, Collado e Lucio (2006), para responder a um problema de pesquisa, sem estabelecimento de hipóteses. Com o propósito definido, esta tese foi delineada como uma pesquisa do tipo não experimental, com corte transversal. As pesquisas não experimentais são usadas para responder perguntas sobre grupos ou identificar diferenças entre os grupos (SALKIND, 2010). E até mesmo por questões éticas algumas pesquisas demandam design não experimental. Reio (2016) destaca que não é possível manipular eticamente variáveis como horas trabalhadas ou deficiências físicas, o que obriga⁹ pesquisadores a usar métodos não experimentais ao pesquisar variáveis como aquelas. No caso desta tese, trabalhou-se com Potencial Empreendedor e TEA, variáveis

⁹ Expressão do autor - REIO (2016).

que também não podem ser manipuladas, o que justifica o delineamento não experimental para esta pesquisa. No que se refere ao corte transversal, este se caracteriza por um momento de coleta de dados, com entrevistas e visitas às organizações realizadas entre os meses de novembro de 2019 e fevereiro de 2020. A Figura 8 resume o delineamento da pesquisa.

Figura 8 - Desenho de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Duarte (2009), Figaro (2014), Flick (2005; 2009), Reio (2016), Richardson (2012), Salkind (2010), Sampieri, Collado e Lucio (2006) e Vieira (2002).

Conforme já explanado, dada a complexidade do tema desta pesquisa, que envolve comportamento de indivíduos autistas, optou-se por seccionar o trabalho em quatro estudos como forma de atender cada um dos primeiros quatro objetivos específicos da tese individualmente e assegurar um embasamento teórico e apuração dos dados de maneira adequada a cada momento da pesquisa. Os procedimentos de coleta e de análise de dados adotados são apresentados na Figura 9.

Figura 9 - Objetivos específicos e procedimentos de coleta e análise dos dados

OBJETIVOS ESPECÍFICOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS			
ESTUDO 1			
OBJETIVO ESPECÍFICO 1 DA TESE Identificar, na literatura sobre o tema, dimensões teóricas concernentes a potencial empreendedor.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 1 - Enumerar tópicos relacionados a potencial empreendedor e desenvolvimento; - Identificar as dimensões teóricas sobre potencial empreendedor.	COLETA Artigos disponíveis na WoS Resumo dos artigos	ANÁLISE Análise sistemática Identificação das dimensões teóricas
ESTUDO 2			
OBJETIVO ESPECÍFICO 2 DA TESE Elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a potencial empreendedor.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 2 - Especificar características comportamentais da pessoa autista; - Verificar as manifestações do potencial empreendedor no comportamento da pessoa autista.	COLETA Entrevista semiestruturada com autistas Postagens nas redes sociais Observação	ANÁLISE Análise de conteúdo
ESTUDO 3			
OBJETIVO ESPECÍFICO 3 DA TESE Verificar a influência das características comportamentais relacionadas a potencial empreendedor dos responsáveis no desenvolvimento da pessoa autista.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 3 - Identificar potencial empreendedor no responsável pela pessoa autista; - Verificar como as características comportamentais associadas a potencial empreendedor influenciam a forma de defrontar o autismo.	COLETA Entrevista semiestruturada com responsáveis Postagens nas redes sociais Observação	ANÁLISE Análise de conteúdo
ESTUDO 4			
OBJETIVO ESPECÍFICO 4 DA TESE Evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO ESTUDO 4 - Hierarquizar características comportamentais valorizadas pelas empresas na contratação de funcionários; - Identificar características comportamentais relacionadas a potencial empreendedor em autistas que estão no mercado de trabalho.	COLETA Formulário multicritério com gestores Entrevista semiestruturada com autistas Observação	ANÁLISE Análise Hierárquica de Processo Análise de conteúdo
OBJETIVO ESPECÍFICO DA TESE 5 Articular a contribuição do potencial empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando inserção no mercado de trabalho.			ANÁLISE Análise Integrada

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos próximos tópicos, os procedimentos de coleta e análise dos dados serão apresentados por estudo, iniciando com o Método do Estudo 1.

3.2 MÉTODO DO ESTUDO 1

Este estudo trata-se de uma análise sistemática realizada na base de dados *Web of Science* (WoS). O estudo foi efetuado em duas etapas, compreendendo, inicialmente, a verificação dos principais autores, publicações e temas associados à Potencial Empreendedor, o que permitiu a identificação de lacunas no campo de pesquisa. Em um segundo momento, foram identificadas dimensões teóricas relacionadas ao tema Potencial Empreendedor, a partir da análise de citações de autores, realizada entre os autores mais citados nos documentos disponíveis na WoS. Nesse momento de pesquisa, foram reunidas informações, organizando conjuntos de referências dos trabalhos científicos, delimitando um domínio de conhecimento aceito na comunidade científica e a visualização de relações e estruturas entre os conteúdos abordados.

O Estudo 1 integra o conjunto de quatro estudos que foram realizados durante a condução desta tese. Justifica-se realizar estudos bibliométricos preliminares à coleta e análise dos dados referentes aos temas principais deste trabalho – Potencial Empreendedor e Transtorno do Espectro Autista -, como forma de preparação de um arcabouço teórico que permita embasar as análises subsequentes. Para tanto, foi estabelecida a primeira questão problema de pesquisa derivada do problema central da tese: **quais as dimensões teóricas acerca do Potencial Empreendedor podem ser identificadas na literatura atinente ao tema?**

Este estudo busca identificar, na literatura sobre o tema, dimensões teóricas concernentes a Potencial Empreendedor, primeiro objetivo específico desta tese, a partir da consecução de dois novos objetivos específicos:

- Enumerar tópicos relacionados à Potencial Empreendedor e desenvolvimento;
- Identificar as dimensões teóricas sobre Potencial Empreendedor.

O Estudo 1 trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual realizada nas publicações constantes na base de dados Web of Science (WoS), sobre Potencial Empreendedor. A primeira parte do estudo compreende a realização de pesquisa bibliométrica, de caráter descritivo, elaborada a partir da aplicação de técnicas estatísticas e matemáticas para descrever aspectos da literatura quanto ao tema em estudo (ARAÚJO, 2006; ROSTAING, 1996). Para Silva (2004), a pesquisa bibliométrica tem como finalidade a análise da atividade científica, o que é confirmado por Macedo et al. (2007), que afirmam que a bibliometria permite identificar o estágio em que um tema de pesquisa se encontra. Para o presente estudo (Estudo 1), identificar pesquisas relacionando as variáveis Potencial Empreendedor e desenvolvimento do indivíduo, e a forma como esses temas foram tratados significa identificação de tópicos relacionados que servirão para o estabelecimento de uma base conceitual atualizada para a realização dos estudos

seguintes desta tese (Estudos 2, 3 e 4). Então, o presente estudo é realizado, em um primeiro momento, sob abordagem quantitativa – referindo-se aos aspectos bibliométricos que visam quantificar variáveis relacionadas à produção científica sobre o tema em estudo.

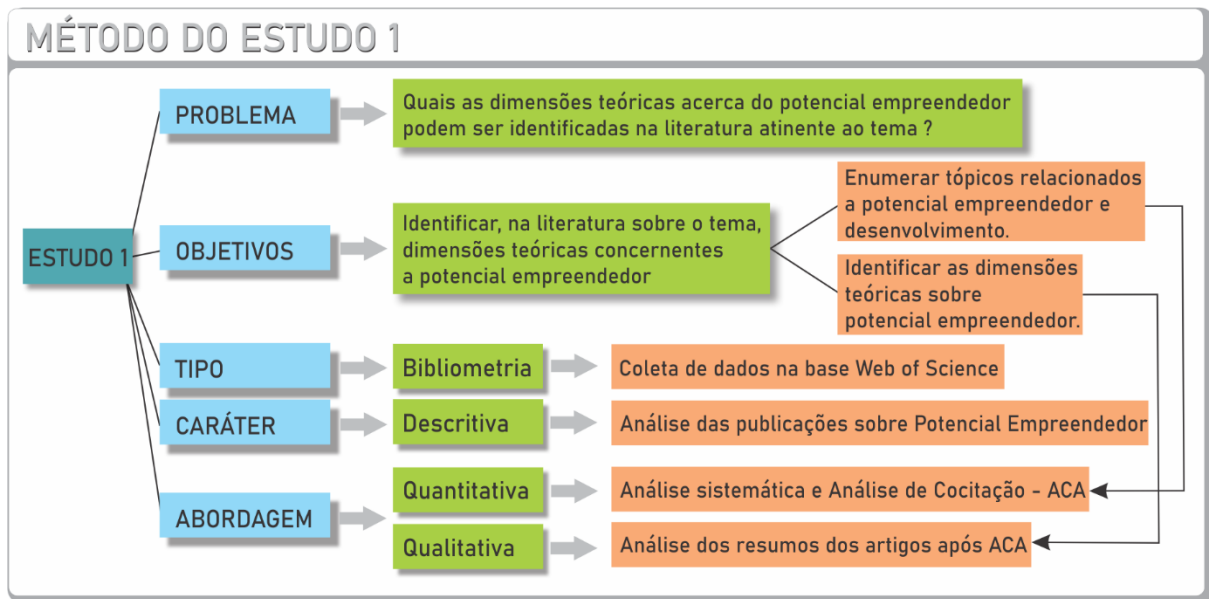
Na segunda parte do estudo foram adotadas as abordagens quantitativa e qualitativa, com a realização de análises comparativas das publicações, considerando cocitações, buscando identificação de conteúdo, método e estrutura intelectual dos trabalhos. Para Vanz e Caregnato (2003, p. 255), os estudos de citações são uma forma de mapear um campo emergente ou consolidado, sendo um indicador de atividade científica que permite compreender a estrutura e o desenvolvimento da ciência. Grácio e Oliveira (2013) explicam que o estudo das cocitações trata da frequência com que dois autores ou documentos são citados de forma conjunta. Para as autoras, os conjuntos de referências dos trabalhos científicos podem ser analisados como reflexos de uma comunidade discursiva, de modo a constituir um domínio e cuja visualização permite a transformação de conceitos e fenômenos em percepções. A apreensão de determinados dados e relações e estruturas subjacentes que não estão apresentadas de forma explícita podem, então, ser visualizadas.

De acordo com Miguel, Moya-Anegon e Herrero-Solana (2008), a premissa fundamental da análise de cocitação é que entre dois ou mais documentos, autores, periódicos ou outras entidades que são citados juntos em um terceiro trabalho posterior, existe, pelo menos na perspectiva do autor que fez as citações, uma similaridade de conteúdo entre os citados. Os autores afirmam ainda que, quanto maior a frequência de cocitação, mais próxima é a relação entre os autores. Miguel, Moya-Anegon e Herrero-Solana (2008) comentam ainda que as análises de cocitação foram utilizadas em inúmeros estudos, com o objetivo de revelar diferentes aspectos da estrutura intelectual e a composição de campos de conhecimento, pela identificação de especialidades científicas, frentes de pesquisa e mudanças na estrutura intelectual ao longo do tempo.

Carvalho (2019) destaca a possibilidade de realizar estudos de cocitação considerando ocorrências no parágrafo, na frase ou com os dados de referências bibliográficas, sendo este último adotado neste estudo. O autor afirma não haver diferença entre a proximidade por artigo e a proximidade nas referências, mas indica a probabilidade de citações não serem totalmente referenciadas, o que altera os dados finais da pesquisa.

O delineamento do Estudo 1, bem como os procedimentos de coleta e análise dos dados são ilustrados na Figura 10.

Figura 10 – Método do Estudo 1



Fonte: Elaborado pela autora

A forma como a coleta de dados foi realizada e as estratégias analíticas para a pesquisa bibliométrica - a análise de cocitação de autores e análise dos resumos das publicações sobre Potencial Empreendedor - são apresentadas nos próximos subitens.

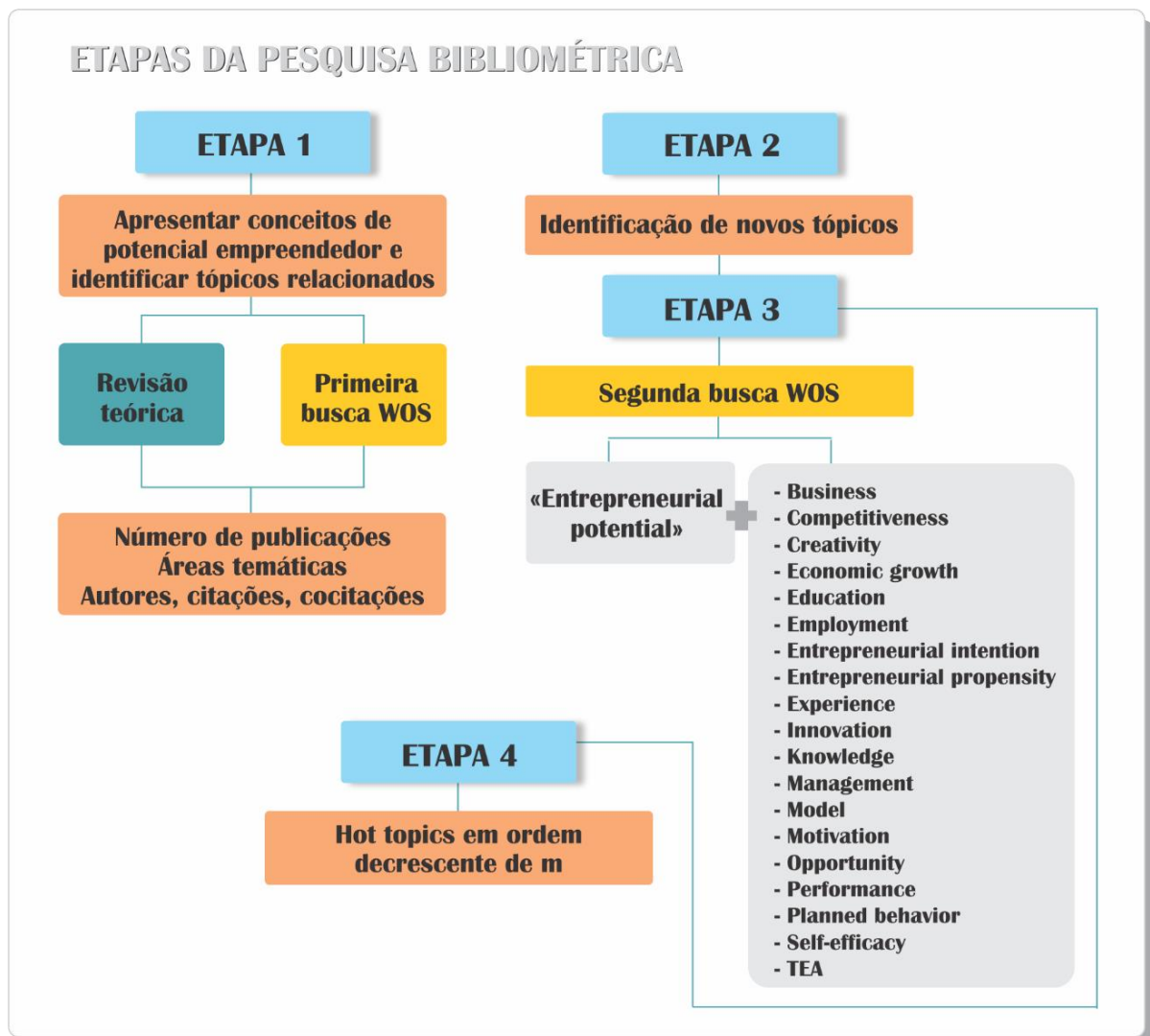
3.2.1 Estudo bibliométrico: coleta e análise de dados

A coleta de dados para a realização do presente estudo foi feita na *Web of Science*, uma base multidisciplinar que indexa somente os periódicos mais citados em suas respectivas áreas, sendo também um índice de citações com indicação em cada artigo dos documentos por ele citados, assim como os documentos que o citaram (BAR-ILAN, 2008).

A primeira parte do Estudo 1, que compreende a realização da pesquisa bibliométrica, foi realizada em quatro etapas. Inicialmente, foi feita uma busca ampla, sem delimitação de datas do termo “*entrepreneurial potential*”, na base de dados *Web of Science* (WoS), contemplando todas as databases - *Web of Science*, *Derwnet Innovations Index*, *KCI – Korean Journal Database*, *Russian Science Citation Index* e *Scielo Citation Index* – identificando 199 publicações, sendo a primeira datada de 1971. A partir dessa busca foram levantadas as seguintes informações: número de publicações por ano, publicações por periódico, autores, áreas temáticas, países, tipos de documentos, instituições, idiomas e artigos mais citados (considerando citações em outros temas e não apenas em Potencial Empreendedor).

A segunda etapa compreendeu a identificação de outros tópicos relacionados ao termo de busca, a partir da análise das publicações encontradas na primeira etapa, totalizando 12 novos tópicos a serem combinados com o termo “*entrepreneurial potential*”. Em um terceiro momento, novas buscas foram realizadas, considerando o período de publicações 1971-2019. E, por fim, as publicações resultantes da pesquisa foram classificadas para identificação de *hot topics* e cálculo do índice *h-b* e *m*. Os procedimentos adotados nas quatro etapas da pesquisa bibliométrica são detalhados na Figura 11.

Figura 11- Etapas da pesquisa bibliométrica



Fonte: Elaborado pela autora.

Detalhadas todas as etapas de pesquisa bibliométrica que compõe a primeira parte do Estudo 1, apresentam-se algumas explicações acerca do *h*-índice. Definido em 2005 por Hirsch

(2005), o *h-index* é um indicador que caracteriza a produção científica de um pesquisador, a partir da consideração de que a quantificação do impacto e a relevância da produção científica individual são necessárias para a avaliação por outros pesquisadores e comparação de propósitos. O *h-index*, segundo Banks (2006), mede o impacto cumulativo de um cientista, considerando principalmente a qualidade da pesquisa e também o tamanho da comunidade em na qual o cientista publica.

Banks (2006), ampliando o escopo do *h-index*, propôs o índice *h-b*, que é obtido por meio do número de citações de um tópico ou combinação em determinado período, listado em ordem decrescente de citações. O índice *h-b* é encontrado em publicações que tenham obtido um número de citações igual ou maior à sua posição no *ranking*. Banks (2006) também explica que o cálculo do índice *m* é obtido pela divisão do índice *h-b* pelo período de anos que se deseja obter informações (*n*), ou seja,

$$m = \frac{h - b}{n} \quad (3.1)$$

Para a análise dos índices *h-b* e *m* serão utilizadas as definições de Banks (2006), apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 - Índice *m* e classificação de hot topics

Índice <i>m</i>	Tópico/combinação
$0 < m \leq 0,5$	Pode ser de interesse para pesquisadores em um campo específico de pesquisa, o qual envolve uma comunidade pequena.
$0,5 < m < 2$	Provavelmente pode se tornar um <i>hot topic</i> como área de pesquisa, na qual a comunidade é muito grande ou o tópico/combinação apresenta características muito interessantes.
$m \geq 2$	É considerado um <i>hot topic</i> , com alcance não apenas na sua própria área de pesquisa e provavelmente com efeitos de aplicação ou características únicas.

Fonte: BANKS (2006)

Conforme foi explicado anteriormente, o Estudo 1 realizou-se em dois momentos distintos, compreendendo a realização de uma pesquisa bibliométrica e a análise de cocitações. Apresentados os aspectos concernentes ao primeiro momento desta pesquisa, procede-se com o detalhamento da segunda parte, a análise de cocitações.

3.2.2 A análise de cocitações

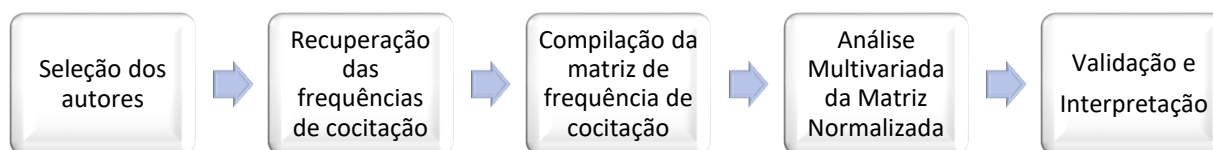
De acordo com Miguel, Moya-Anegon e Herrero-Solana (2008), as técnicas estatísticas são comumente utilizadas nas análises de citações. Essas técnicas podem ser usadas, segundo os autores, para fazer agrupamentos de entidades (sejam documentos, autores, periódicos) e para construir mapas que retratam a estrutura intelectual dos domínios científicos (MIGUEL; MOYA-ANEGON; HERRERO-SOLANA, 2008). Hjørland (2002) destaca a contribuição da análise de citação e de cocitação, especialmente no que se refere à visualização das áreas do conhecimento científico. Para o autor, constituem um procedimento relevante para o entendimento da interlocução entre pesquisadores, pois contribuem para a visualização do processo interativo e evidenciam a estrutura subjacente de um domínio do conhecimento.

Grácio e Oliveira (2013, p. 4) explicam que domínio pode ser compreendido como uma comunidade discursiva e seu papel na ciência, salientando que a noção de domínio do conhecimento envolve o universo conceitual. Para as autoras, a busca é pela integração do indivíduo com o contexto social das comunidades nas quais está inserido. Grácio e Oliveira (2013) afirmam ainda que a identificação do domínio pode ser feita pela análise da frequência de citações e da frequência de cocitação das mesmas. A análise de citação permitiria identificar grupos de cientistas, suas publicações e os autores de maior impacto na área. Já a análise de cocitação, segundo as autoras, trataria da frequência com que dois documentos (ou autores, ou periódicos, ou países, ...) são citados simultaneamente.

Tennis (2003) apresenta uma abordagem para análise de domínio baseada em dois planos analíticos. O eixo horizontal seria a área de modulação, determinando a extensão de um domínio e o eixo vertical conteria os graus de especialização, determinando a profundidade e especificidade do domínio. Nomes, escopo e amplitude, ficariam no primeiro eixo. Intensidade e profundidade do domínio, no segundo.

No presente estudo, será realizada a Análise de Cocitação de Autores (ACA), que tem como objetivo analisar a estrutura intelectual de uma determinada área ou conjunto de pesquisadores, mostrando sua estrutura social e cognitiva e seu domínio de investigação, a partir da consideração de que os pesquisadores, ao citarem fontes similares, abordam problemas de pesquisa similares na comunidade científica a qual pertencem (GRÁCIO; OLIVEIRA, 2013). A Figura 12 apresenta as etapas do procedimento metodológico para a ACA, considerando a abordagem proposta por Tennis (2003), a partir do esquema elaborado por McCain (1990).

Figura 12 - Etapas para realização da ACA



Fonte: Adaptado de McCain (1990)

A seleção dos autores, na presente pesquisa, foi realizada na base de dados *Web of Science* (WoS) a partir dos dados obtidos com a pesquisa bibliométrica. A recuperação das frequências de cocitação se deu pela disponibilidade dos dados na base de dados WoS e pelo mapeamento das cocitações nos artigos que compõem o corpus de análise. Para compilação da matriz de frequência de cocitação elaborou-se uma tabela, com estabelecimento de valor de corte de participação dos autores (GRÁCIO; OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA; ALVES, 2017) seguindo-se da matriz absoluta de frequência.

Para relativizar a intensidade dos valores de cocitação em relação à quantidade de citações recebidas individualmente pelos autores cocitados, utilizou-se o Cosseno de Salton (CS), convertendo a matriz absoluta de frequência de cocitações em matriz de índice de intensidade relativa entre os cocitados. O CS é definido como a razão entre a frequência de cocitação de dois autores e a raiz quadrada da multiplicação dos números de citações recebidas individualmente (GRÁCIO; OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA; ALVES, 2017). A expressão matemática do CS é:

$$CS = \frac{cocit(X,Y)}{\sqrt{cit(X).cit(Y)}} \quad (3.2)$$

onde:

$cocit(X,Y)$ = número de pesquisas em que os autores X e Y foram cocitados;

$cit(X)$ = número de pesquisas em que o autor X foi citado;

$cit(Y)$ = número de pesquisas em que o autor Y foi citado.

O CS gera números variando entre zero e um. Quando mais próximo de um, mas intensa é a similaridade temática pesquisada pelos dois autores citados (GRÁCIO; OLIVEIRA, 2013). As autoras afirmam ainda que o valor zero para CS significa ausência de cocitação e o valor igual a um indica que eles foram citados exatamente nas mesmas pesquisas, o que pode

significar coautoria ou proximidade teórico-metodológica. Nesta pesquisa foi usado o *software CS-Calc*¹⁰.

Para a realização da análise multivariada da matriz normalizada, optou-se pela realização da Análise Fatorial Exploratória (AFE) que, segundo Hair Jr. et al. (2009, p. 102) é uma técnica cujo propósito é definir a estrutura inerente entre as variáveis na análise. De acordo com os autores, a análise fatorial “fornece ferramentas para analisar a estrutura das interrelações (correlações) em um grande número de variáveis, definindo conjuntos de variáveis que são fortemente interrelacionados, conhecidos como fatores” (HAIR Jr. et al., 2009, p. 102). Anterior à AFE, foi realizado o teste de Kayser-Meyer Olkin (KMO), cujo valor varia de 0 a 1, com 0,5 indicando que a amostra pode ser tratada pelo método de análise fatorial (WILLIAMS; ONSMAN; BROWN, 2010), o que é o caso da amostra considerada neste estudo. Também foi realizado o teste de esfericidade de Bartlett, para verificar correlação entre as variáveis.

Após a execução da análise fatorial exploratória em todas as suas etapas (análise e exclusão de variáveis), teve início a rotação ortogonal dos fatores. Os métodos de rotação têm por objetivo a simplificação das linhas e das colunas da matriz fatorial para simplificar a interpretação (HAIR Jr. et al., 2009). No presente estudo, foi escolhido o método Varimax que, segundo Hair Jr. et al. (2009), se concentra na simplificação das colunas, maximizando a soma de variâncias de cargas exigidas da matriz fatorial. O *software* utilizado para a realização desses procedimentos foi o *Stata SE*.

Além da análise de cocitação a partir de cálculos estatísticos, foi realizada uma análise utilizando os softwares específicos para a realização de estudos bibliométricos. Nesta pesquisa, o *software VOSViewer*® foi utilizado para repetir a análise de cocitação, gerando mapas de visualização e clusters com dados semelhantes aos obtidos com a análise estatística.

Por fim foi cumprida a etapa de validação e interpretação da análise fatorial exploratória, etapa qualitativa do Estudo 1, com análise dos resumos de cada publicação evidenciada nesta pesquisa, o que permitiu a identificação de dimensões que descrevem a estrutura intelectual da produção científica sobre Potencial Empreendedor e desenvolvimento do indivíduo. Os conteúdos expressos nos resumos foram agrupados, evidenciando-se as principais ideias desenvolvidas pelos autores e a conexão existente entre eles.

Finalizada a explanação do Método do Estudo 1, procede-se com a apresentação dos procedimentos metodológicos do Estudo 2.

¹⁰ *Software* desenvolvido exclusivamente para esta pesquisa e que calcula do Cosseno de Salton em matrizes de cocitação de autores.

3.3 MÉTODO DO ESTUDO 2

O Estudo 2 está focado no entendimento da condição do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especificamente no que se refere ao seu comportamento e à forma como o mesmo se define. No intuito de identificá-lo, definiu-se a seguinte questão de pesquisa, que representa o problema de pesquisa do Estudo 2: **quais as semelhanças entre características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor?**

Para responder a esta questão, se objetiva elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor - sendo este o segundo objetivo específico da tese -, a partir da busca pelos objetivos específicos do Estudo 2:

- Especificar características comportamentais da pessoa autista;
- Verificar as manifestações do Potencial Empreendedor no comportamento da pessoa autista.

Como o foco do Estudo 2 são comportamentos, a pesquisa foi delineada como qualitativa, de caráter exploratório, empírica, não experimental, de corte transversal. Para Baker (2001), a pesquisa qualitativa tem se mostrado particularmente útil a algumas situações específicas, tais como exploração de comportamentos complexos, que é exatamente o caso do TEA. Nesse sentido, Amaratunga et al. (2002) afirmam que a abordagem qualitativa em pesquisas se justifica quando há uma tentativa de levar em conta diferenças entre indivíduos, em uma busca por resultados mais profundos e com significado.

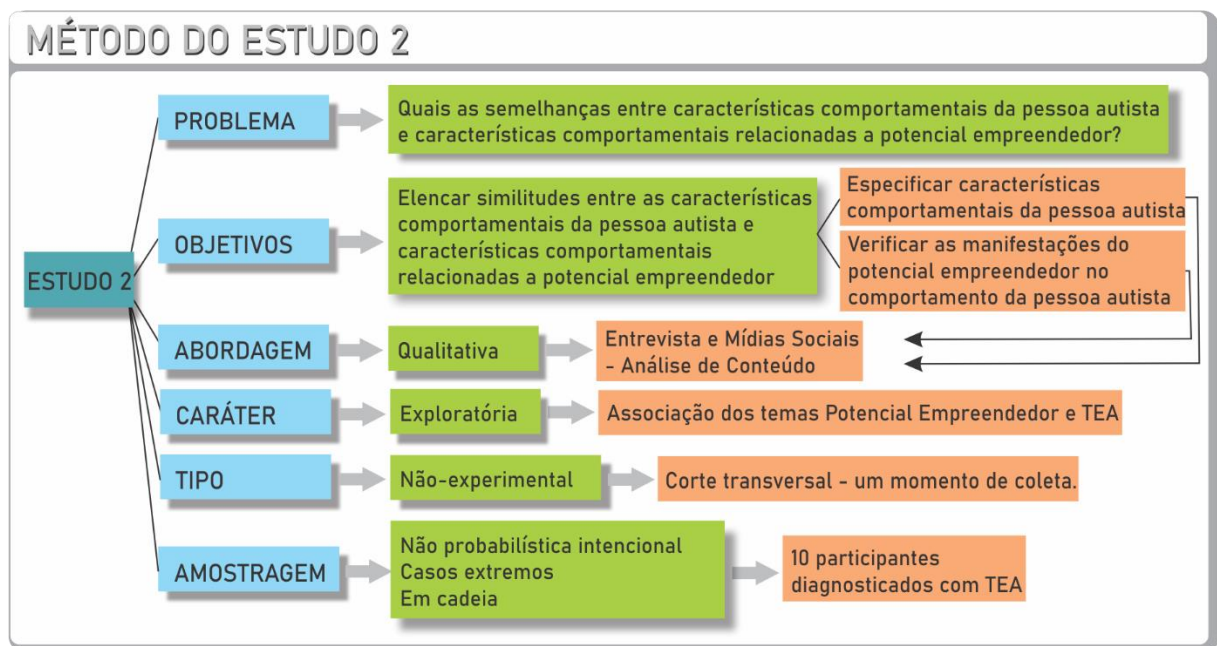
Conforme foi apresentado anteriormente, os temas Transtorno do Espectro Autista e Potencial Empreendedor não são recentes nas pesquisas, mas a busca por intersecções entre o comportamento do autista e as características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor conferem, ao Estudo 2, o caráter exploratório. Na visão de Sampieri, Collado e Lucio (2006), os estudos exploratórios buscam avançar no conhecimento sobre temas pouco pesquisados ou ampliar estudos já existentes com a consideração de novas perspectivas de análise. Tal argumento é coerente com a proposta do Estudo 2, que busca olhar para o Transtorno do Espectro Autista a partir da identificação de Potencial Empreendedor em pessoas autistas.

Este estudo é definido como empírico, pois a pesquisa foi realizada no campo social onde estavam estabelecidas as relações em torno das pessoas autistas participantes desta pesquisa – família, organizações de atuação profissional e redes sociais e grupos de apoio digitais). Apenas um momento de coleta foi realizado o que define o corte transversal.

No Estudo 2, a definição dos sujeitos de pesquisa seguiu a procedimentos técnicos de amostragem. A amostra foi definida como não probabilística intencional, pois os sujeitos foram escolhidos segundo critérios pré-determinados (RICHARDSON, 2012; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Pode ser classificada como amostra de casos extremos, que é aquela formada por indivíduos com características bem específicas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006) - pessoas autistas -. Nesse tipo de amostragem, os autores sugerem a seleção de seis a dez casos, uma vez que a análise se dará em profundidade. No Estudo 2, foram selecionados 10 indivíduos diagnosticados com TEA.

A amostragem do Estudo 2 foi planejada segundo o critério de máxima variação (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006; ANGROSINO, 2009), pois buscam-se perspectivas distintas sobre Transtorno do Espectro Autista e desenvolvimento visando inserção profissional. O acesso aos sujeitos de pesquisa se deu, inicialmente, por busca em redes sociais, especificamente em grupos de apoio e suporte à indivíduos com TEA e familiares. Com o desenvolvimento do trabalho, a amostragem passou a ser em cadeia (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006), com os sujeitos de pesquisa indicando outros que poderiam participar do estudo e divulgando a pesquisa em seus canais e páginas nas mídias sociais. A Figura 13 resume o método do Estudo 2.

Figura 13 - Método do Estudo 2



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Sampieri, Collado e Lucio (2006) e Richardson (2012)

O Estudo 2 trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa, de base exploratória, empírica, não experimental, de corte transversal, realizada com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, a partir de realização de entrevistas e conteúdos disponibilizados pelos entrevistados e por outros autistas nas redes sociais, como explicado no próximo tópico, que traz as informações sobre a coleta de dados do Estudo 2.

3.3.1 A coleta de dados do Estudo 2

A coleta de dados qualitativos deve ocorrer integralmente nos ambientes naturais e cotidianos dos indivíduos (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006), especialmente por se tratar de indivíduos com TEA, que podem ter, entre suas características comportamentais, a resistência a mudança e dificuldade de lidar com situações novas (TEIXEIRA, 2016), o que seria o caso de participação em uma pesquisa. Definida como um processo com uma série de atividades relacionadas, a coleta de dados visa reunir informações para responder as questões de pesquisa, sendo a principal fonte de evidência utilizada no Estudo 2 a entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), a partir de um roteiro de entrevista previamente definido.

Para realização das entrevistas foram utilizadas diferentes estratégias. A primeira foi a condução de entrevistas pessoalmente, com reunião agendada entre pesquisadora e entrevistado e seguindo ao roteiro de entrevistas. A segunda estratégia foi a condução de entrevista por videoconferência, com agendamento prévio e câmeras desabilitadas ou não, conforme assentimento do entrevistado. Esse tipo de entrevista é descrito por Mattar (2008) como uma possibilidade quando não há meios de pesquisador e entrevistado se encontrarem pessoalmente. Ainda permite que o entrevistado prepare com mais calma as suas respostas (MATTAR, 2008), sendo um recurso importante ao se entrevistar pessoas autistas.

A terceira estratégia adotada buscou a participação de pessoas autistas que não se sentiam confortáveis para responder as perguntas pessoalmente ou por videoconferência, mas que estavam interessadas em participar do estudo. Para esse grupo, uma versão adaptada do roteiro de entrevista (APÊNDICE B) foi enviada, permitindo respostas por escrito. E a quarta estratégia compreendeu o uso do aplicativo *WhatsApp*. Nesse formato, as questões eram enviadas por escrito (a mesma versão da entrevista adaptada), uma a uma, e respondidas por áudio ou por escrito, conforme decisão do entrevistado. Todas as respostas das entrevistas passaram pelo mesmo tratamento: transcrição, formatação do documento, codificação para proteger a identidade dos entrevistados e impressão para proceder à análise. O Quadro 6 resume as estratégias de coleta de dados adotadas para condução das entrevistas.

Quadro 6 – Estratégias para coleta de dados

Estratégia para coleta de dados	Instrumento de coleta
Entrevista conduzida pessoalmente	Entrevista semiestruturada
Entrevista por videoconferência	Entrevista semiestruturada
Entrevista por escrito	Roteiro de entrevista adaptado
Entrevista por WhatsApp	Roteiro de entrevista adaptado e fracionado

Fonte: Elaborado pela autora.

Para condução das entrevistas, algumas práticas foram adotadas para garantir a fidedignidade das informações coletadas (ANGROSINO, 2009; RICHARDSON, 2012).

- Neutralidade do entrevistador – os entrevistados foram informados sobre a impossibilidade de reação do entrevistador. A postura de neutralidade em relação às respostas evitaria, segundo Angrosino (2009), a indicação de resposta certa para o entrevistado.

- Assentimentos neutros – palavras que indicam que o pesquisador está atento ao que está sendo dito, mas não exercem influência sobre o conteúdo das respostas. As expressões ‘entendo’ e ‘compreendo’ foram utilizadas para esse fim.

- Reelaboração das questões durante a entrevista para melhor compreensão. Sempre que o entrevistado solicitava, a questão era repetida de outra forma, sem a possibilidade de ilustrar ou exemplificar, ou mesmo citar o que outros entrevistados já haviam respondido.

- Não interrupção dos relatos, mesmo quando o assunto em questão não estava mais sendo abordado nas entrevistas com indivíduos com TEA. Por se tratar de neuroatípicos, a forma como a construção da resposta (ou mesmo fuga desta) se dava, interessava à pesquisa.

- Aproveitamento de pistas sobre temas novos surgidos durante a entrevista – esses temas foram abordados após o encerramento da coleta de dados formal e as respostas foram inseridas no diário de campo, junto com as observações.

Além das entrevistas semiestruturadas, a coleta de informações nas redes sociais também foi fonte de evidência para a realização desta pesquisa. As redes sociais foram monitoradas durante um ano, com postagens sendo coletadas segundo os seguintes critérios: comentários com temas sobre cotidiano, aspirações e questões de interesse à esta pesquisa, como, por exemplo, textos e comentários que indicassem o pensar diferente. As postagens geraram conjuntos de textos, analisados conforme as estratégias definidas para cada estudo. Essas estratégias serão apresentadas posteriormente, ainda neste capítulo. Todos os procedimentos de coleta de dados do Estudo 2 são indicados no Quadro 7.

Quadro 7 – Procedimentos para coleta de dados do Estudo 2

Procedimentos para coleta de dados	
Definição dos sujeitos de pesquisa	- Indivíduos diagnosticados com TEA
Listagem de fontes de evidência	- Entrevistas - Postagens nas redes sociais - Diário de campo
Plano de coleta de dados	- Divulgação da pesquisa em grupos de suporte à autistas e familiares nas redes sociais - Monitoramento das redes sociais - Pesquisa sobre empresas que mantém programas de inclusão profissional - Elaboração de entrevistas semiestruturadas - Submissão dos instrumentos à especialista da área de Educação Especial - Correção dos instrumentos de coleta de dados - Agendamento de entrevistas
Coleta de dados	- Realização de entrevistas - Seleção de postagens dos entrevistados nas redes sociais
Preparação dos dados para análise	- Transcrição das entrevistas - Conferência dos requisitos para composição do corpus de análise - Organização das postagens selecionadas nas redes sociais para composição do corpus de análise - Organização do diário de campo

Fonte: Elaborado pela autora.

O roteiro da entrevista semiestruturada para o Estudo 2 foi elaborado a partir de temas concernentes à Potencial Empreendedor, Cognição e Transtorno do Espectro Autista. A partir desses temas identificados na literatura, subtemas foram estabelecidos e destes resultaram as questões componentes do roteiro de entrevista semiestruturada. O roteiro foi, então, submetido à apreciação da Educadora Especial¹¹ que acompanhou a elaboração desta pesquisa, sendo o formato de questões alterado para tópicos, a fim de permitir a reelaboração dos questionamentos aos entrevistados sempre que fosse necessário. Além disso, dois tópicos foram inseridos pela educadora especial, com foco na visão do entrevistado sobre sua própria condição de pessoa autista.

O roteiro de entrevista semiestruturada ficou composto por cinco partes: quanto à história de vida, contendo tópicos sobre a história do entrevistado, diagnóstico, experiências marcantes e fatos cotidianos; quanto ao Potencial Empreendedor, cujos tópicos objetivam identificar características comportamentais relacionadas ao tema; quanto ao Autismo, com tópicos

¹¹ A elaboração desta tese e do roteiro de entrevista semiestruturada para o Estudo 2 foi acompanhado por uma Educadora Especial, que tinha por função principal auxiliar no entendimento da condição do autista e na utilização de técnicas que facilitassem a comunicação com os indivíduos com TEA. O projeto desta tese e o instrumento de coleta de dados foi submetido à apreciação da profissional, que fez algumas considerações e adaptações. A profissional também iria acompanhar a condução das entrevistas, mas todos os entrevistados dispensaram o acompanhamento, preferindo falar apenas com a pesquisadora.

voltados à identificação de especificidades da condição do entrevistado acerca do Transtorno do Espectro Autista; quanto ao apoio familiar, educacional e social, reunindo os tópicos relacionados à influência de familiares ou terceiros no desenvolvimento do indivíduo com autismo e; quanto ao trabalho, que reúne os tópicos voltados à inserção e permanência no mercado de trabalho. O Quadro 8 traz as os temas, subtemas, autores e tópicos do instrumento de pesquisa.

Quadro 8 – Roteiro de entrevista semiestruturada

(continua)

Tema	Subtema	Autores	Tópicos para entrevista
História de vida	Infância Escola Educação Diagnóstico Experiências Vida diária Comportamento	DSM-5 Teixeira (2016)	1. História de vida 2. Diagnóstico de autismo 3. Experiências marcantes 4. Cotidiano 5. Descoberta do autismo 12. Dificuldades (física, sensorial e psicológica)
Necessidade de realização	Definição de metas Relação com dinheiro Necessidade e Capacidade de realização	Barlach (2014) King (1985) McClelland (1961) Raab, Stedhan e Neuner (2005)	6. Planos para o futuro 7. Capacidade de planejamento
Planejamento			
Capacidade de inovação	Criatividade Percepção de capacidade	Athayde (2009) McClelland (1961) Mitchell (1989) Santos (2008) Santos, Caetano e Curral (2014)	10. Criatividade 23. Com o que quer trabalhar
Traços de personalidade	Comportamento Crises Ausências (autismo) Linguagem Estereotípias	DSM-5 Gadia, Tuchman e Rota (2004) Robison (2008) Teixeira (2016)	11. Situações difíceis 17. Ansioso/nervoso/irritado 24. O que seus colegas precisam saber sobre você? * 25. O que você quer contar sobre o autismo? *
Percepções sobre o ambiente	Percepção da realidade Identificação de problemas Observação de detalhes Padrões como forma de interação e compreensão	DSM-5 Mitchel (1989)	13. Facilidades (física, sensorial e psicológica) 14. Experiência sensorial – ambiente 22. Dia de trabalho
Atenção aos detalhes			
Percepção de padrões			
Motivação econômica	Interesses restritos Foco em algo específico Busca por informações Vontade de agir de acordo com suas crenças e aptidões	DSM-5 Gadia, Tuchman e Rota (2004) Grandin (2010; 2019) Hisrich et al. (2009) Krueger e Brazeal (1994) Santos et al. (2014) Teixeira (2016)	9. Atividades favoritas 10. Criatividade 13. Facilidades (física, sensorial e psicológica) 23. Com o que quer trabalhar
Criar algo de valor dedicando tempo e esforço			
Hiperfoco			
Propensão à ação			

Quadro 8 – Roteiro de entrevista semiestruturada

(conclusão)

Tema	Subtema	Autores	Tópicos para entrevista
Autoeficácia	Autonomia Autoeficácia	Kickul et al (2009) Santos, Caetano e Curral (2014) Teixeira (2016)	9. Atividades favoritas 13. Facilidades (física, sensorial e psicológica)
Pensar diferente	Pensar em imagens, em fluxo ou de outra forma Formas de relacionar conteúdos Desenvolvimento Aprendizado Estilo cognitivo Variação cognitiva Dificuldade de abstração	Allinson e Hayes (1996; 2012) Bandura (1988; 1998; 1999) Fillion (1999) Grandin (2010; 2019)	8. Busca por novas experiências 15. Ideias/raciocínio/pensamento 16. Aprendizado cognição
Cognição			
Aprendizagem			
Capacidade de raciocínio			
Socialização	Família Amigos Colegas Médicos e terapeutas	DSM-5 Grandin (2010; 2019); Grandin e Panek (2019) Robison (2008); Santos (2008)	18. Pessoa que mais ajuda e como 19. Pessoa que fez diferença na tua vida 20. Família 21 Amigos

Fonte: Elaborado pela autora.

*Questões inseridas pela Educadora Especial que acompanha a pesquisa.

Nas entrevistas semiestruturadas têm-se o discurso do entrevistado como foco central. Ainda que uma das características do autista seja a dificuldade com a linguagem bem como o estabelecimento de conversações (TEIXEIRA, 2016), a entrevista é um meio de obter informações individualizadas e mais amplas, que irão permitir o acesso à aspectos comportamentais relacionados às especificidades de cada indivíduo autista. Visto que os sujeitos de pesquisa são neuroatípicos, a condução das entrevistas respeitou as particularidades dos entrevistados, que optaram pela forma como gostariam de participar da pesquisa. É importante salientar que as entrevistas foram realizadas com autistas leves e moderados, o que significa considerar que as alterações comportamentais que fazem parte da condição do autista podem ser observadas. Embora, inicialmente, tenha sido planejada a condução das entrevistas na presença de familiares e com o apoio profissional de uma educadora especial¹² para evitar situações estressantes para os entrevistados, as entrevistas foram acordadas com os participantes, de forma que eles escolheram como proceder e optaram pela não participação dos familiares e dos profissionais. O quadro 9 contém as informações sobre os entrevistados e a forma de participação na pesquisa.

¹² Educadora Especial Daniela Mourales – Formada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Educação pela UFSM. Professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul.

Quadro 9 – Entrevistados e meio de participação na pesquisa

Entrevistado	Gênero	Idade	Local de origem	Meio de participação
AE1	M	22	Porto Alegre/RS	Videoconferência
AE2	M	21	Faxinal do Soturno/RS	Pessoalmente
AE3	F	22	Rio de Janeiro/RJ	Videoconferência
AE4	M	36	São Paulo/SP	Por escrito
AE5	M	20	Curitiba/PR	Videoconferência
AE6	M	21	Araçatuba/SP	Por escrito
AE7	M	31	Alegrete/RS	Pessoalmente
AE8	F	18	Rio de Janeiro/RJ	WhatsApp
AE9	M	28	Cachoeira de Macacu/RJ	WhatsApp
AE10	F	33	Campos dos Goytacazes/RJ	Por escrito

Fonte: Elaborado pela autora

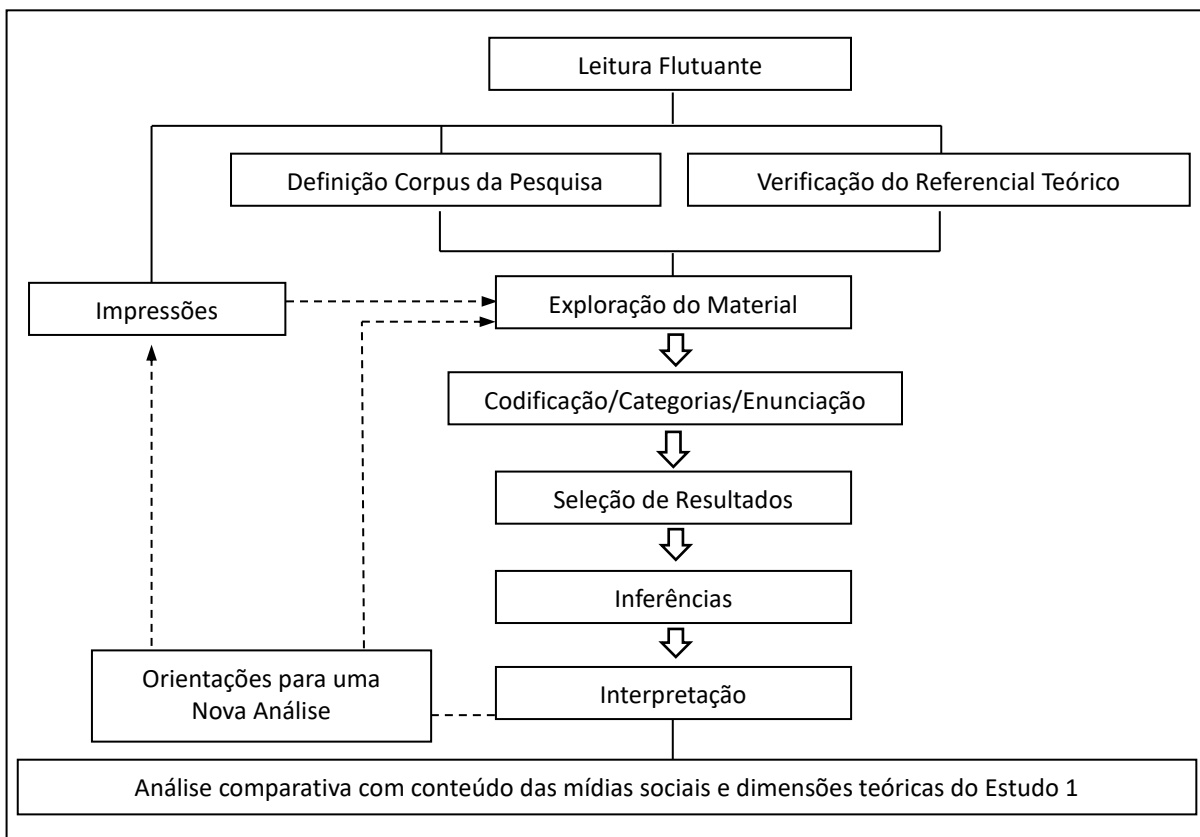
Yin (2010) afirma que um dos pontos fortes das entrevistas é o fornecimento de informações e explicações causais percebidas. Por outro lado, a parcialidade da resposta, as incorreções resultantes da falta de memória e a reflexividade – responder o que o entrevistador quer ouvir – são particularidades da entrevista que devem ser neutralizadas com o uso de outras fontes de evidência. Neste estudo, a segunda fonte de evidência é o conteúdo publicado pelos entrevistados nas redes sociais. As postagens foram acompanhadas durante um ano, com coleta dos textos publicados e comentários de outros autistas.

Com características semelhantes à documentação – os textos são publicados na internet e mantidos na rede mundial de computadores, o que significa que há certa estabilidade nas informações - e ampla cobertura, o material retirado das redes sociais é composto pelas postagens dos entrevistados e pelas interações com outros usuários, uma vez que as mídias sociais se caracterizam pela construção coletiva de conteúdo, o que gera novos significados que precisam ser considerados nas análises deste estudo. Nesse sentido, a maior característica das redes sociais é apresentada por Costa (2018): fluxo constante de informações e oportunidade de se expressar e incentivar outras pessoas a fazê-lo. As informações obtidas com as postagens são confrontadas com os dados resultantes da análise de conteúdo a que são submetidas as entrevistas neste estudo. Complementar às fontes de evidência, observações e questionamentos adicionais feitos aos entrevistados foram anotados no diário de campo para confrontação durante a análise, que é detalhada a seguir.

3.3.2 Estratégia analítica do Estudo 2

As entrevistas deste estudo foram submetidas à análise de conteúdo, que é definida por Bardin (2010, p.33) como “conjunto de técnicas de análise das comunicações”. As técnicas utilizadas serão a análise temática – divisão do texto em alguns temas principais – e análise sequencial – divisão do texto em sequências, a partir de critérios semânticos e estilísticos. Concomitantemente, o material foi submetido à análise de enunciação que, segundo Bardin (2010, p.215), trata a “comunicação como um processo e não como um dado”, tratando as falas como um processo de elaboração, considerando motivações e desejos no uso da linguagem. Na Figura 14 ilustram-se os procedimentos analíticos do Estudo 2.

Figura 14 - Procedimentos analíticos do Estudo 2



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, a partir de Bardin (2010).

Os procedimentos de análise incluem a pré-análise do material coletado, a exploração do material, a categorização e inferências e interpretações. Estas foram realizadas a partir de comparações das respostas das entrevistas com os conteúdos postados nas redes sociais e as dimensões teóricas evidenciadas na análise sistemática sobre Potencial Empreendedor.

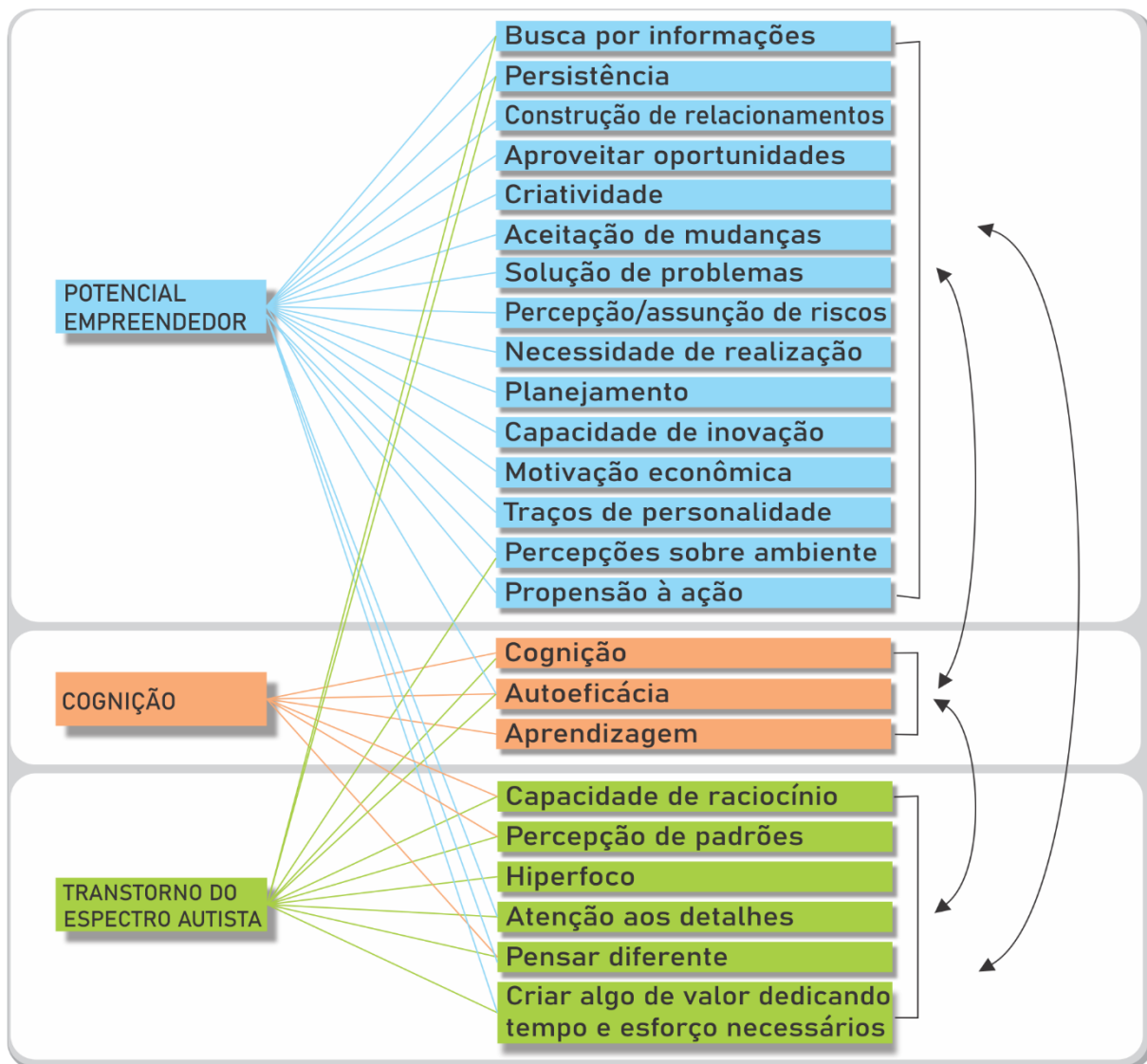
O primeiro momento da pré-análise é a leitura flutuante, quando se estabelece o contato inicial com os materiais a analisar – entrevistas transcritas na íntegra -, permitindo o surgimento de impressões e orientações, que foram anotadas para posterior consulta. De acordo com Bardin (2010), a pré-análise tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais, operacionalizado o processo de análise. Nessa fase, foi formado o corpus da pesquisa, com a demarcação do universo de materiais que foram submetidos aos procedimentos analíticos. O corpus da pesquisa foi determinado de acordo com a regra da homogeneidade, na qual todos os materiais obedecem a critérios precisos de escolha e a regra da pertinência, que determina que os materiais devem ser adequados enquanto fonte de informação, o que é o caso das entrevistas concedidas para esta pesquisa. Compõem o corpus de análise as dez entrevistas realizadas e as postagens nas redes sociais. Nestas, selecionou-se os textos de sites, blogs e outras mídias sociais dos participantes e de outros indivíduos autistas, contendo informações sobre o cotidiano de pessoas com TEA, bem como os comentários em cada postagem.

De posse das primeiras impressões obtidas com a leitura flutuante, iniciou-se a fase de exploração do material coletado, com definição das unidades de análise que foram a base da categorização. As unidades de análise podem ser palavras, frases ou temas, sendo definidas de forma que atendam aos objetivos da pesquisa e estejam de acordo com o tipo de material a ser analisado. No presente estudo, as unidades de análise são as sequências de textos das entrevistas transcritas, definidas durante o período de pré-análise. Como a determinação das unidades de análise é de responsabilidade do pesquisador, desde que critérios condizentes com os objetivos do estudo que se está realizando sejam considerados, a determinação das sequências de texto como unidades de análise se justifica pelo fato de não haver, nas entrevistas, parágrafos definidos. As falas dos entrevistados foram espontâneas, motivadas pelos questionamentos previamente elaborados. As respostas versavam desde o tema da pergunta formulada inicialmente até explicações detalhadas de episódios anteriores vividos pelos entrevistados e que culminavam com o tema da questão formulada. Visto que são indivíduos neuroatípicos, a forma não usual de responder aos questionamentos também foi considerada, o que fez com que o tamanho das sequências de texto variasse ao longo das transcrições, totalizando 381 sequências de texto ou unidades de análise.

De cada sequência de texto foram selecionadas palavras-chave, definidas por Bardin (2010) como unidades de significação ou temas. Para a autora, fazer uma análise temática implica em identificar núcleos de sentido que podem ter significado para a análise. Após a definição das unidades de análise, iniciou a categorização, definida por Bardin (2010) como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e,

seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2010, p. 145). As categorias são, de acordo com Bardin (2010), rubricas ou classes. Agrupam unidades de registro com características em comum sob um mesmo título. Nesta pesquisa, a categorização foi feita pelo critério semântico, criando-se categorias temáticas a partir da síntese dos conteúdos coletados, processo que fornece uma representação simplificada dos dados. A categorização foi realizada com categorias de análise a priori e categorias de análise não a priori. As categorias de análise a priori foram definidas a partir do esquema teórico de referência contido na Figura 15:

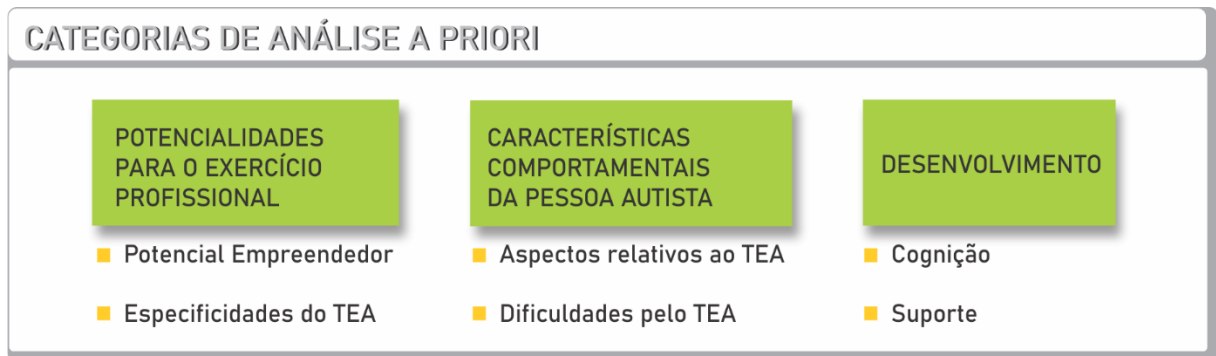
Figura 15 – Esquema teórico de referência para categorização a priori



Fonte: Elaborado pela autora com base em Allinson e Hayes (1996; 2012); Athayde (2009); Bandura (1988; 1998; 1999); Carland et al. (1995), Carland, Carland e Ensley (2001); Chen e Crick (1998); DSM-5 (2014); Grandin (2010; 2019); Grandin e Panek (2019); King (1985); Krueger e Brazeal (1994); Mitchell (1989); Muotri (2011); Palmer (1971); Raab, Stedhan e Neuner (2005); Robison (2008); Santos (2008); Santos, Caetano e Curral (2014); Teixeira (2016).

A partir da teoria acerca de Potencial Empreendedor, Transtorno do Espectro Autista e Cognição e das intersecções entre esses temas que foram identificadas no desenvolvimento desta tese e que podem ser verificadas na Figura 15, foram elaboradas três categorias de análise a priori: potencialidades para o exercício profissional; características comportamentais da pessoa autista e desenvolvimento. Cada categoria é composta por duas subcategorias, que são apoiadas nas falas dos entrevistados e nas postagens coletadas nas redes sociais. A Figura 16 traz essas categorias.

Figura 16 – Categorias de análise a priori



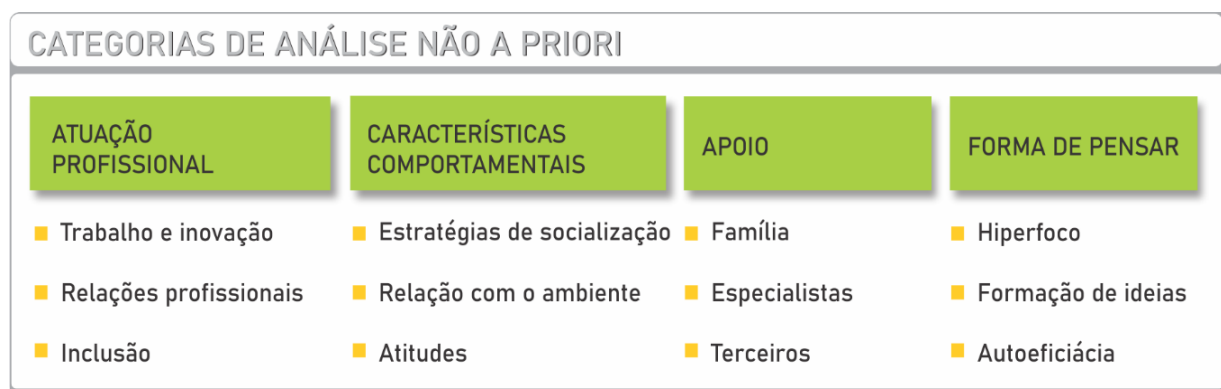
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir do esquema teórico de referência

A proposta das categorias de análise à priori é contribuir para a análise dos resultados, tendo como foco potencialidades para o exercício profissional, a partir de características comportamentais que estão relacionadas a Potencial Empreendedor e ao Transtorno do Espectro Autista, bem como evidenciar aspectos relacionados ao desenvolvimento de tais características e ao entendimento do transtorno.

Complementarmente, aplicando-se as técnicas de análise de conteúdo, especificamente a análise temática e de enunciação (BARDIN, 2010), foram elaboradas categorias de análise não a priori, com temas que emergiram das falas dos entrevistados. As categorias de análise não a priori foram desenvolvidas por acervo, sendo resultantes da classificação dos elementos constantes nas respostas dos entrevistados (BARDIN, 2010). Foram formuladas segundo a regra da homogeneidade - que determina que um único princípio de organização deve nortear a realização dos procedimentos de categorização – e a regra da pertinência - que afirma que a categoria deve estar adaptada ao material de análise escolhido.

Do processo de categorização resultaram quatro categorias de análise não a priori: atuação profissional; características comportamentais; apoio e forma de pensar. Cada categoria é composta por três subcategorias, conforme demonstrado na Figura 17.

Figura 17 – Categorias de análise não a priori



Fonte: Elaborada pela autora.

Para elaboração das categorias de análise a priori e não a priori, criou-se o protocolo de entrevistas, um documento que proporciona exame individual das unidades de análise de forma comparativa entre os entrevistados e contém informações sobre a biografia dos sujeitos de pesquisa e dados referentes ao Potencial Empreendedor e ao Transtorno do Espectro Autista verificados nos relatos. O protocolo permitiu a verificação de semelhanças nos relatos, facilitando o processo de agrupamento das informações similares, compondo o processo de categorização e consta no próximo capítulo desta tese. Além disso, como forma de verificar se as características comportamentais que são alvo desta tese estão presentes nos entrevistados, foram elaborados quadros de caracterização dos sujeitos de pesquisa, nos quais são analisados trechos das falas que indicam comportamentos concernentes ao Potencial Empreendedor e ao Transtorno do Espectro Autista.

Finalizado o processo de categorização, se inicia a etapa de interpretação, na qual os dados obtidos com a análise de conteúdo, são contrapostos com os dados obtidos nas postagens das mídias sociais e com as dimensões teóricas identificadas no Estudo 1. A apresentação das categorias a priori e não a priori e a interpretação dos dados serão apresentados no próximo capítulo desta tese. O presente capítulo prossegue com a apresentação do método do Estudo 3.

3.4 MÉTODO DO ESTUDO 3

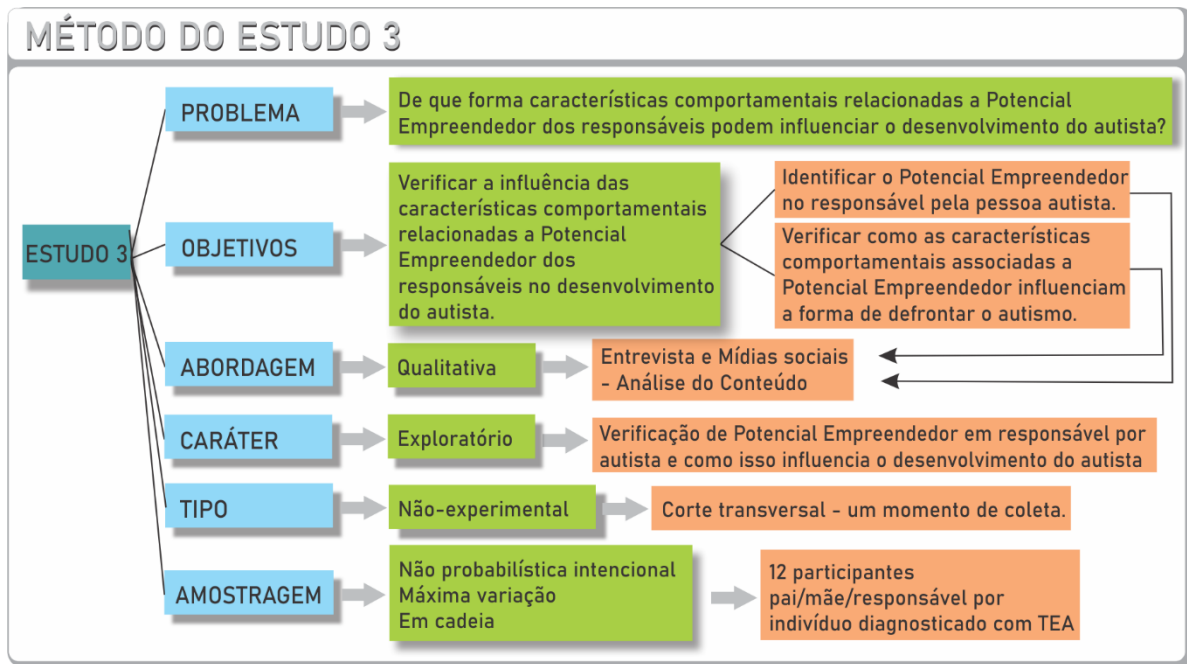
Este subitem tem por objetivo apresentar o percurso adotado para o desenvolvimento Estudo 3. Embora Potencial Empreendedor não seja um tema novo tratado pela comunidade científica, o fato de se direcionar o estudo para os responsáveis por indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tirando o foco dos estudos envolvendo empreendedores e gestão de negócios, faz com que a presente pesquisa tenha caráter exploratório. Para Sampieri *et al.* (2006), a pesquisa pode ser classificada como exploratória quando o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado ou estudá-lo sob uma nova perspectiva, o que é o caso do Estudo 3, que busca **verificar a influência das características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor dos responsáveis no desenvolvimento da pessoa autista**, sendo este o terceiro objetivo específico desta tese e o objetivo geral do Estudo 3. Esse objetivo foi desdobrado em dois objetivos específicos:

- Identificar Potencial Empreendedor no responsável pela pessoa autista;
- Verificar como as características comportamentais associadas a Potencial Empreendedor influenciam a forma de defrontar o autismo.

A investigação foi delineada sob a abordagem qualitativa, que contempla a realização de entrevistas semiestruturadas, analisadas sob a ótica da análise de conteúdo, segundo os mesmos procedimentos adotados no Estudo 2. A abordagem qualitativa foi escolhida pela necessidade de se levar em conta o contexto como influência sobre o fenômeno em estudo. Nesses casos, há vantagem da abordagem qualitativa sobre a quantitativa, de acordo com Fleury e Fischer (1996). A abordagem qualitativa também possibilita apreender o fenômeno estudado em sua complexidade e singularidade; os dados coletados estão menos sujeitos a controle racional; há possibilidade de identificação de significados individuais e coletivos, uma vez que os dados são coletados em situações reais e não controladas (FLEURY; FISCHER, 1996).

A amostragem do Estudo 2 também foi planejada segundo o critério de máxima variação (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006; ANGROSINO, 2009). Os sujeitos de pesquisa foram acessados via redes sociais e grupos de apoio a pais de autistas. A amostragem também se deu em cadeia (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006), com os sujeitos de pesquisa indicando outros participantes. Selecionaram-se 12 participantes, sendo o critério de inclusão ser responsável por uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A Figura 18 sumariza o método do Estudo 3.

Figura 18 - Método do Estudo 3



Fonte: Elaborado pela autora

O Estudo 3 está definido então como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, empírica, do tipo não-experimental, com corte transversal, realizada com pais e mães de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, utilizando entrevistas, conteúdos disponibilizados pelos entrevistados nas redes sociais e observações anotadas no diário de campo. As informações sobre os procedimentos de coleta de dados constam no próximo subitem.

3.4.1 A coleta de dados do Estudo 3

Os procedimentos de coleta dos dados do Estudo 3 seguem as mesmas diretrizes do Estudo 2, utilizando-se como principal fonte de evidência a entrevista semiestruturada (APÊNDICE C). As entrevistas do Estudo 3 foram realizadas pessoalmente, por videoconferência ou por *WhatsApp*, conforme o que fosse mais conveniente para o entrevistado. É importante salientar que as entrevistas com as mães dos autistas se deu no contexto de cuidado com o filho, sendo, nesses casos, interrompida várias vezes e retomada. As interrupções e a forma de retomada das entrevistas são consideradas na transcrição e alguns detalhes sobre a condução de cada entrevista são anotados no diário de campo.

Na condução das entrevistas do Estudo 3 também observou-se a neutralidade do entrevistador, uso de assentimentos neutros, não interrupção dos relatos e aproveitamento de pistas sobre

novos temas que foram questionados após o encerramento da entrevista e anotadas no diário de campo. Esse procedimento foi adotado para dar cientificidade à pesquisa, mantendo o foco no instrumento previamente elaborado, sem perder informações relevantes.

A segunda fonte de evidência do Estudo 3 são as informações disponibilizadas pelos entrevistados e por outros responsáveis por autistas nas redes sociais. As redes sociais desempenham, atualmente, um papel de suporte aos responsáveis por pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Vários grupos de apoio e troca de experiências, com acesso restrito, conectam pessoas pelo mundo todo. A partir dessa constatação, percebeu-se a necessidade de explorar os conteúdos disponibilizados nas redes sociais pelos responsáveis pelos autistas, especificamente aqueles que estão participando desta pesquisa e que indicaram os grupos nos quais fazem parte. As postagens feitas nas redes sociais, bem como os comentários de outras pessoas que participam dos grupos, foram coletados e analisados segundo a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2010). Além disso, questionamentos foram lançados pela pesquisadora nas redes sociais, buscando identificar tópicos relativos a esta tese. É importante salientar que existem técnicas de análise das redes sociais digitais tanto qualitativas como quantitativas, mas que não se aplicam ao presente estudo pois a rede social não é foco de análise e sim os conteúdos das mensagens trocadas pelos participantes desta pesquisa. Logo, os dados coletados nas redes sociais digitais foram analisados à luz da análise de conteúdo. Os procedimentos de coleta de dados do Estudo 3 constam no Quadro 10, apresentado a seguir.

Quadro 10 – Procedimentos para coleta de dados do Estudo 3

Procedimentos para coleta de dados	
Definição dos sujeitos de pesquisa	- Responsáveis por indivíduos com TEA
Listagem de fontes de evidência	- Entrevistas - Postagens nas redes sociais - Diário de campo
Plano de coleta de dados	- Divulgação da pesquisa em grupos de suporte à autistas e familiares nas redes sociais - Monitoramento das redes sociais - Elaboração de entrevistas semiestruturadas - Agendamento de entrevistas
Coleta de dados	- Realização de entrevistas - Seleção de postagens dos entrevistados nas redes sociais
Preparação dos dados para análise	- Transcrição das entrevistas - Conferência dos requisitos para composição do corpus de análise - Organização das postagens selecionadas nas redes sociais para composição do corpus de análise - Organização do diário de campo

Fonte: Elaborado pela autora.

As fontes de evidência do Estudo 3 são, então, as entrevistas semiestruturadas realizadas com pais, mães e responsáveis por pessoas autistas e postagens nas redes sociais e grupos de suporte às famílias de indivíduos com TEA e as observações contidas no diário de campo elaborado durante o processo de coleta de dados.

A entrevista do Estudo 3 é constituída por 22 questões, sendo composta por quatro partes: quanto à história de vida, reunindo questões voltadas a fatos marcantes da vida do entrevistado antes e depois do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista; quanto ao Potencial Empreendedor, com questões que objetivam a identificação de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor; quanto ao autismo, reunindo questões relativas ao enfrentamento do autismo e ao comportamento do indivíduo autista sob os cuidados do entrevistado e; quanto ao apoio familiar, educacional e social, com questões voltadas ao cotidiano da família, especificamente no que tange a suporte às dificuldades e demandas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista.

O roteiro de entrevista foi elaborado a partir de categorias teóricas, concernentes a Potencial Empreendedor, autismo e cognição, delineadas a partir de constructos teóricos de diversos autores, especialmente, Allinson e Hayes (1996; 2012), Bandura (1999), Lazarus e Folkman (1994), Santos (2008), McClelland (1961), Santos et al. (2014), Krueger e Brazeal (2018), Neto (2008), Teixeira (2016), Grandin (2010, 2019), Ramos (2017). O Quadro 11 a seguir apresenta os temas, subtemas, autores e questões no roteiro de entrevistas.

Quadro 11- Temas e questões para o roteiro de entrevista do Estudo 3

(Continua)

Temas	Subtemas	Autores	Questões no roteiro de entrevista
Assumir riscos calculados	Avalia riscos Assume riscos	McClelland (1961)	5. Fale sobre sua vida depois do diagnóstico. 7. Quais as características que você acredita que ajudam no desenvolvimento do seu filho?
Aproveita oportunidades	Mudança Novas atividades	McClelland (1961) Neto (2008) Benevides (2014)	5. Fale sobre sua vida depois do diagnóstico. 6. Quais são seus planos para o futuro? O que está fazendo para alcançá-los?
Atualização	Aplicação das informações Entendimento Estilo cognitivo	McClelland (1961) Bandura (1999) Allinson e Hayes (1996; 2012)	7. Quais as características que você acredita que ajudam no desenvolvimento do seu filho? 11. Você costuma buscar informações ou tratamentos diferenciados para seu filho? Como faz isso?

Quadro 11 – Tópicos e temas para o roteiro de entrevista do Estudo 3

(continua)

Temas	Subtemas	Autores	Tópicos para o roteiro de entrevista
Administração do tempo	Percepção do próprio cotidiano Dedicação	Penna (2006) Benevides (2014)	9. Como você gerencia o seu tempo?
Necessidade de realizar seus sonhos/futuro	Necessidade de realização Autorrealização	McClelland (1961) Grandin (2010) Teixeira (2016) Neto (2008)	6. Quais são seus planos para o futuro? O que está fazendo para alcançá-los?
Criativo	Criatividade Inovação	McClelland (1961) Grandin (2010)	10. Relate momentos em que você precisou ser criativo para resolver algum problema ou auxiliar o seu filho. 13. Relate momentos em que o autista surpreendeu de alguma forma.
Proativo	Tomada de decisão Início de empreendimento Início de ação	McClelland (1961) Grandin (2010) Teixeira (2016) Neto (2008) Penna (2006)	5. Fale sobre sua vida depois do diagnóstico. 7. Quais as características que você acredita que ajudam no desenvolvimento do seu filho? 11. Você costuma buscar informações ou tratamentos diferenciados para seu filho? Como faz isso?
Rede de contato relacionamentos	Redes sociais Redes de apoio Contatos profissionais	McClelland (1961) Teixeira (2016) Neto (2008) Penna (2006)	11. Você costuma buscar informações ou tratamentos diferenciados para seu filho? Como faz isso? 21. O que mudou no relacionamento familiar com o diagnóstico? Relate situações em que o apoio familiar ou a ausência de apoio ficaram evidenciados. 22. E qual o papel dos amigos na sua vida atualmente?
Observador da realidade em que vive	Problemas cotidianos Possibilidades de empreender Soluções	Grandin (2010, 2019) Donvan e Zucker (2017) McClelland (1961)	5. Fale sobre sua vida depois do diagnóstico.
Participação da família	Emocional Financeiro Educativo	Benevides (2014)	17. Fale sobre a sua família e a relação deles com o autismo. 18. Você se sentiu apoiado (a) após o diagnóstico? 21. O que mudou no relacionamento familiar com o diagnóstico? Relate situações em que o apoio familiar ou a ausência de apoio ficaram evidenciados.

Quadro 11 – Tópicos e temas para o roteiro de entrevista do Estudo 3

(conclusão)

Temas	Subtemas	Autores	Tópicos para o roteiro de entrevista
Comportamento do autista	Socialização Estereotípias Aprendizagem Fala	Ramos (2017) Teixeira (2016) Penna (2006)	12. Comente sobre alguma situação difícil que você viveu por ser responsável por um autista. 13. Relate momentos em que o autista surpreendeu de alguma forma. 14. Fale sobre o comportamento do seu filho. 15. Relate situações que você viveu por conta do autismo

Fonte: Elaborado pela autora.

A condução das entrevistas no Estudo 3 seguiu as mesmas diretrizes estabelecidas para o Estudo 2, com entrevistados respondendo aos questionamentos por escrito, pessoalmente, por videoconferência e pelo aplicativo WhatsApp. É importante salientar que a busca foi realizar entrevistas pessoalmente, mas alguns entrevistados preferiram participar enviando áudios pelo WhatsApp. O quadro 12 traz informações sobre a forma de participação dos pais e mães de autistas no Estudo 3.

Quadro 12 – Entrevistados e meio de participação na pesquisa

Entrevistado	Profissão	Local de origem	Meio de participação
PE1	PoliciaI militar	Júlio de Castilhos	Por escrito
PE2	Professor	Santa Maria	Pessoalmente
ME1	Autônoma	Faxinal do Soturno	Pessoalmente
ME2	Assistente social	Faxinal do Soturno	Pessoalmente
ME3	Fisioterapeuta	João Pessoa	Videoconferência
ME4	Professora	Sorocaba	WhatsApp
ME5	Pedagoga	São Paulo	WhatsApp
ME6	Professora	Santa Maria	Pessoalmente
ME7	PoliciaI Militar	Santa Maria	Pessoalmente
ME8	Do lar	Santo Ângelo	Pessoalmente
ME9	Gestora de RH	Rio de Janeiro	WhatsApp
ME10	Autônoma	São Paulo	WhatsApp

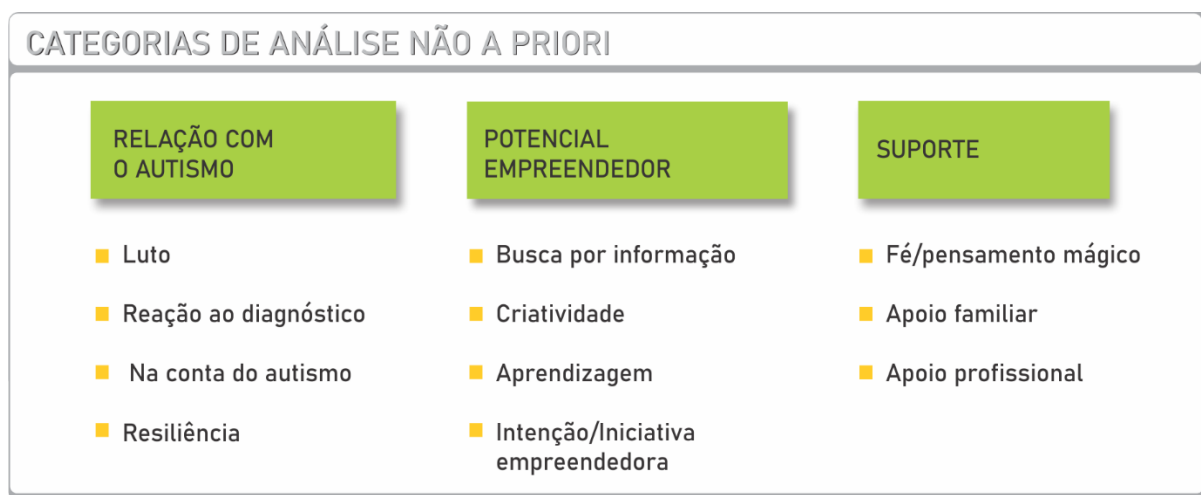
Fonte: Elaborado pela autora

Com a finalização da coleta de dados, iniciam-se os procedimentos de análise, que serão detalhados no próximo subitem.

3.4.2 Estratégia analítica do Estudo 3

As entrevistas do Estudo 3 também foram submetidas à análise de conteúdo, segundo os mesmos procedimentos adotados para o Estudo 2 e já apresentados neste capítulo. A categorização iniciou com divisão das entrevistas em unidades de codificação ou de análise, resultando em 243 unidades. A partir da análise de conteúdo das unidades, 24 temas foram identificados como recorrentes e, do agrupamento destes, resultaram três categorias de análise não a priori: relação com o autismo, desenvolvimento e apoio. Cada categoria é composta por subcategorias, que absorvem os temas emergentes nas falas dos entrevistados, conforme detalha a figura a seguir.

Figura 19 – Categorias de análise não a priori do Estudo 3



Fonte: Elaborada pela autora.

As categorias foram estabelecidas de forma a representar, a partir da frequência dos relatos, as características comportamentais dos responsáveis por autistas ao se defrontarem com a condição de seus filhos e a forma como essas características podem influenciar no desenvolvimento do autista. Como surgiram nas falas dos entrevistados aspectos que podem ser relacionados à resiliência, o tema foi incluído nas análises, com novos autores sendo inseridos nesta pesquisa.

A análise e interpretação dos dados do Estudo 3 são apresentadas no próximo capítulo. O presente capítulo segue com o detalhamento dos procedimentos metodológicos do Estudo 4.

3.5 MÉTODO DO ESTUDO 4

O Estudo 4 trata-se de uma pesquisa empírica, descritiva, quantitativa e qualitativa, realizada a partir aplicação de formulário com gestores de empresas que contratam e que não contratam autistas e entrevistas semiestruturadas com autistas que estão inseridos no mercado de trabalho. Figaro (2014) afirma que a pesquisa empírica é uma modalidade que se realiza no campo social. Para a autora, trata-se de ir a campo, estar com pessoas e presenciar as relações sociais entre os sujeitos pesquisados, o que foi feito neste estudo com as visitas às empresas que contratam e que não contratam indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Os estudos descritivos para Richardson (2012) são adequados quando se deseja “descrever as características de um fenômeno” (p.66), sendo utilizado quando se deseja conhecer determinado grupo e suas características (OLIVEIRA, 2011). Logo, o Estudo 4 pode ser caracterizado como descritivo pois busca evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho, sendo este o quarto objetivo específico desta tese. Este objetivo foi desdobrado em dois novos objetivos específicos, que norteiam a realização do Estudo 4:

- Hierarquizar características comportamentais valorizadas pelas empresas na contratação de funcionários;
- Identificar características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em autistas que estão no mercado de trabalho.

Este estudo vale-se de metodologias quantitativas e qualitativas. Para Sampieri, Collado e Lucio (2004), o enfoque quantitativo utiliza os dados para responder as perguntas de pesquisa, confiando na medição numérica para estabelecer com exatidão padrões de comportamento de uma população. Neste estudo, a parte quantitativa é definida pelo uso de modelagem matemática, especificamente a Análise Hierárquica de Processos (AHP), a partir da aplicação de formulário que permitiu identificar quais os atributos comportamentais os gestores valorizam na contratação de colaboradores.

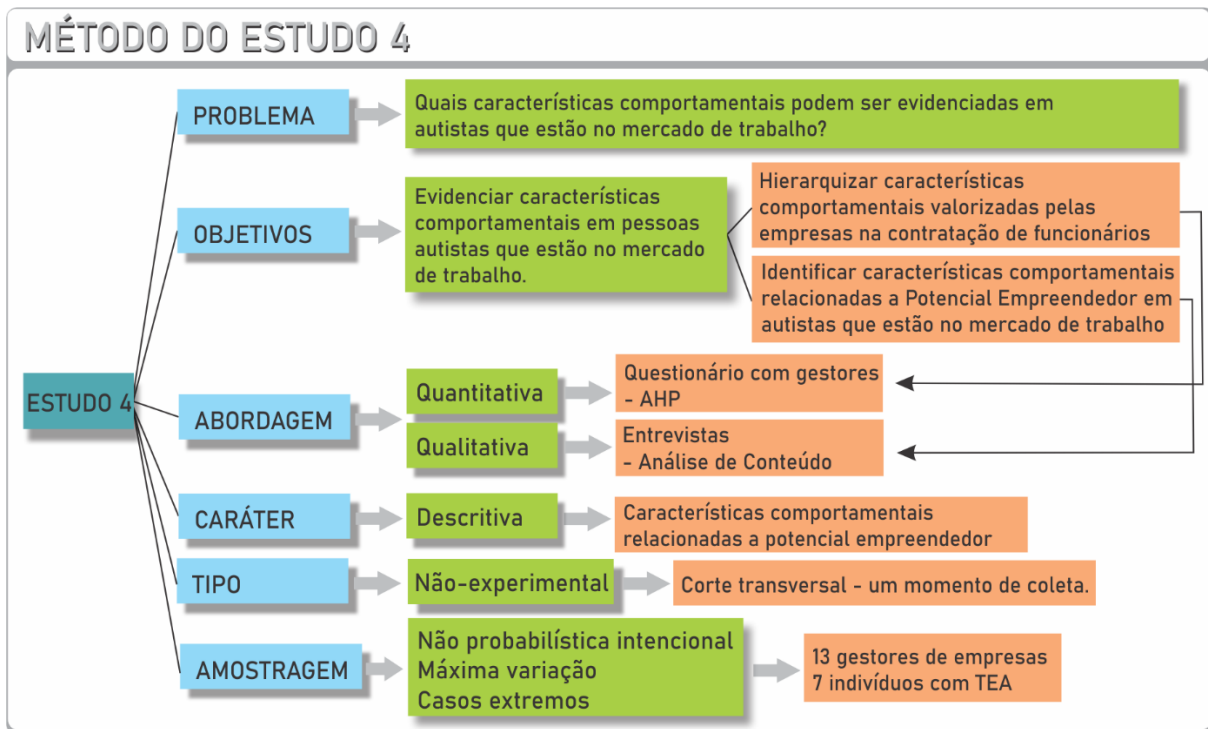
Já o enfoque qualitativo, para Denzin e Lincoln (2006), pode ser definido como um conjunto de práticas materiais e interpretativas, envolvendo técnicas de coleta de informações e estratégias analíticas que deem conta das contradições e singularidades que poderão ser observadas. De acordo com Richardson (1999), os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, assim como compreender e classificar processos dinâmicos vivenciados por grupos sociais. Para Angrosino (2009), os dados para análise qualitativa podem vir das experiências dos indivíduos, do exame das interações e comunicações que estejam se desenvolvendo e investigando documentos

ou traços semelhantes de experiências ou interações. No Estudo 4, a parte qualitativa é composta por entrevistas com indivíduos com TEA que estão inseridos no mercado de trabalho. As entrevistas, após categorização, serão confrontadas com o resultado da análise multicritério, buscando responder o problema de pesquisa do Estudo 4: **quais características comportamentais podem ser evidenciadas em autistas que estão no mercado de trabalho?**

Além disso, uma coleta de dados, caracterizada por questionamentos adicionais aos previstos nos instrumentos formais de coleta de dados e às observações realizadas durante as visitas de aplicação do formulário nas empresas, gerou um conjunto de anotações e inferências registradas no diário de campo. As informações contidas no diário de campo complementam os dados coletados no formulário e nas entrevistas, proporcionando maior robustez para a análise integrada, a qual será apresentada no decorrer deste capítulo.

O Estudo 4 conta com dois grupos de sujeitos de pesquisa: gestores de empresas e pessoas autistas que estão atuando profissionalmente. O primeiro grupo foi definido a partir de amostragem não probabilística intencional e critério de máxima variação (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2006; RICHARDSON, 2012)., com as empresas sendo selecionadas a partir de seus programas de inserção profissional de pessoas com deficiência (PcD) e obrigatoriedade legal de contratação de PcD. Para fazer um contraponto, algumas empresas que não contratam PcD também foram selecionadas, sendo escolhidas por conveniência (disponibilidade de participação e facilidade de acesso). Foram selecionados 13 gestores para participar da pesquisa. O critério amostral que definiu o segundo grupo foi amostragem por casos extremos, (ANGROSINO, 2009; SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2006; RICHARDSON, 2012), sendo incluídos como sujeitos de pesquisa sete indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista e que estão inseridos no mercado de trabalho. O método do Estudo 4 é sumarizado na Figura 20.

Figura 20 - Método do Estudo 4



Fonte: Elaborado pela autora

Os procedimentos de coleta e análise dos dados do Estudo 4 serão detalhados no próximo subitem.

3.5.1 Procedimentos de coleta e de análise de dados do Estudo 4

O Estudo 4 possui dois momentos distintos de coleta e análise de dados. O primeiro se dá pela aplicação de formulário com gestores de empresas para realizar a Análise Hierárquica de Processo. O segundo se dá pela realização de entrevista semiestruturada com autistas que estão no mercado de trabalho, procedendo com análise de conteúdo. Além dos procedimentos formais, informações adicionais foram reunidas durante a coleta de dados, seguindo procedimentos sistematizados, semelhantes às anotações de campo da pesquisa etnográfica, contendo “explicação de cenário, relação dos participantes, descrição dos participantes, descrições de comportamentos e interações” (ANGROSINO, 2009, p. 59).

Dez empresas, de diferentes portes e áreas de atuação, participaram deste estudo, totalizando 13 gestores respondentes do formulário, conforme indica o Quadro 13 a seguir. É importante salientar que as empresas foram visitadas pela pesquisadora, gerando, além dos questionários respondidos, informações adicionais que foram anotadas no diário de campo.

Quadro 13 – Empresas participantes da pesquisa.

EMPRESAS QUE CONTRATAM PcD (incluindo pessoas autistas)				
Área	Número de estabelecimentos	Número de funcionários	Número de PcDs	Gestores respondentes
Supermercado	2	10	1	2
Soluções em TI	10	1500	Não informado	1
Rede de supermercados	29	3000	130	2
Rede de postos de combustível	140	3200	50	2
Rede de indústrias	5	2600	Não informado	1
EMPRESAS QUE NÃO CONTRATAM PcD				
Painéis solares	1	Não informado	0	1
Revenda de baterias	1	31	0	1
Rede de restaurantes	13	450	0	1
Concessionária	1	Não informado	0	1
Grupo de empresas	3	15	0	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Os sete indivíduos autistas entrevistados que participaram deste estudo também compõem a amostra do Estudo 1, ou seja, o mesmo protocolo elaborado a partir das entrevistas daquele estudo foi utilizado aqui, visando responder tanto o problema do Estudo 1 quanto o do Estudo 4. Já para a coleta com gestores, procedimentos específicos voltados à Análise Hierárquica de Processos (AHP) foram adotados.

A AHP é uma teoria de medição a partir de comparações pareadas, baseadas em julgamentos de especialistas para obter escalas de prioridade (SAATY, 2008, p. 83). Trata-se de um método analítico que decompõe problemas complexos em menos complexos. De acordo com o autor, as comparações são feitas usando escalas de julgamentos absolutos que representam o quanto um elemento domina o outro em relação a um determinado atributo. Saaty (2008) explica que os julgamentos podem ser inconsistentes, o que demanda análises de inconsistência para melhorá-los, o que é uma preocupação do modelo AHP.

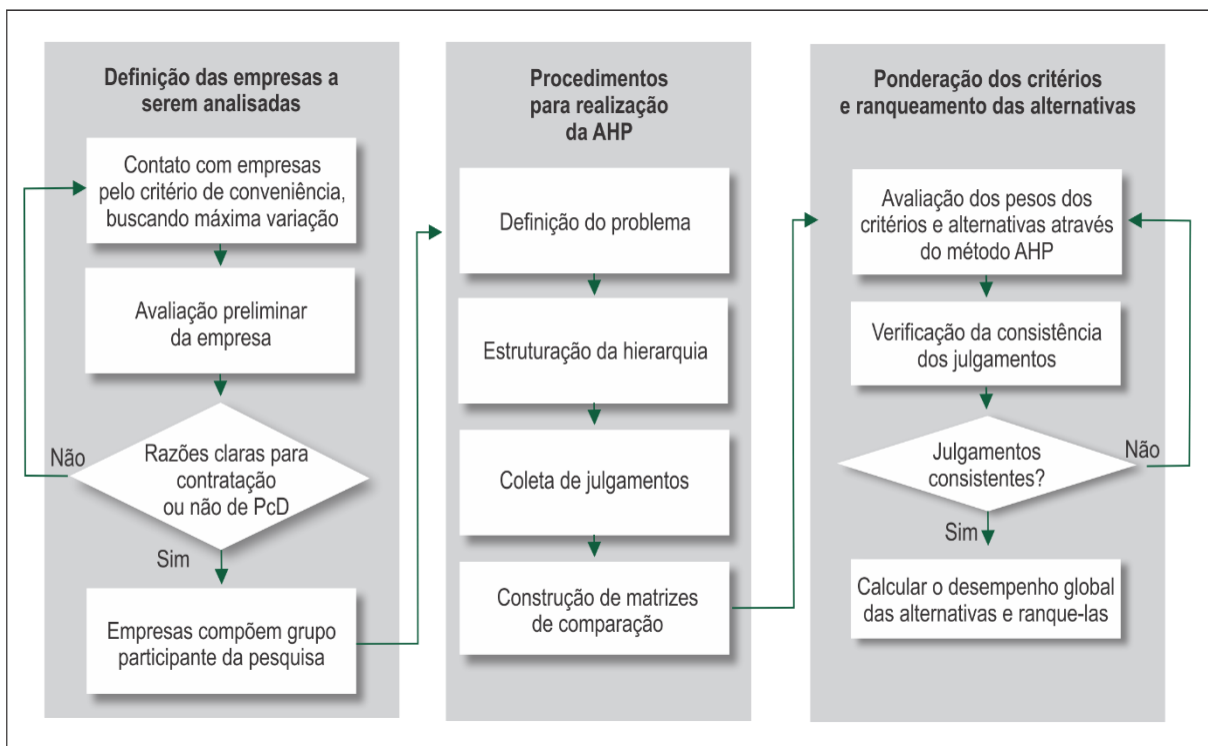
A escolha pelo modelo AHP como ferramenta para coleta de dados entre os gestores de empresas neste estudo se deu pela rapidez de resposta do formulário e pela consistência dos dados que são possíveis obter com tal instrumento. Sendo a seleção de pessoas um processo de decisão com critérios bem estabelecidos, a AHP é adequada para organizar esses critérios em ordem de importância e, neste estudo, permitiu visualizar o que realmente importa para os gestores na seleção de seus colaboradores, considerando aspectos comportamentais que evidenciam Potencial Empreendedor e comportamentos da pessoa autista. A AHP segue a uma sequência resultante da decomposição da decisão em etapas de forma que permita gerar prioridades. Costa (2002) e Saaty (2008) detalham esse procedimento, que foi o adotado na presente pesquisa.

- Definir o problema e determinar o tipo de conhecimento que se está buscando;

- Estruturar a hierarquia de decisão identificando foco principal, seguindo dos critérios aos quais os elementos dependem e dos conjuntos de alternativas;
- Aquisição dos dados ou coleta de julgamentos de valor emitidos por especialistas (no caso deste estudo, a opinião dos gestores sobre a seleção de pessoas em suas organizações);
- Construção de um conjunto de matrizes de comparação par a par;
- Síntese dos dados obtidos, calculando-se a prioridade de cada alternativa em relação ao foco principal;
- Análise de consistência do julgamento, verificando o quando o sistema de classificação utilizado é consistente.

A Figura 21 traz as etapas da AHP realizadas neste estudo.

Figura 21 - Etapas da AHP



Fonte: Elaborado pela autora com base em Saaty (2008)

No Estudo 4, o instrumento de coleta de dados – formulário – para ser respondido pelos gestores das empresas participantes da pesquisa foi elaborado com tópicos indicando características comportamentais concernentes a Potencial Empreendedor e a execução de tarefas como critérios e assertivas indicando comportamentos relativos às pessoas autistas e ao Potencial Empreendedor como subcritérios. Cada critério é composto por três subcritérios, totalizando, para serem avaliados, dez tópicos e trinta assertivas. No instrumento, as características associadas a

Potencial Empreendedor e ao TEA não são diferenciadas, compondo conjuntamente determinados critérios, conforme foi identificado no embasamento teórico desta tese. O Quadro 14 traz o formulário.

Quadro 14 – Critérios e subcritérios de seleção de pessoas em empresas

Critérios		Subcritérios	
Cr1	Assumir riscos calculados	SCr1	Capacidade do colaborador de avaliar riscos.
		SCr2	Cumprimento de prazos.
		SCr3	Assumir riscos de novos projetos.
Cr2	Aproveita oportunidades	SCr4	Identificar e aproveitar oportunidades.
		SCr5	Fazer novas atividades.
		SCr6	Aceitar mudanças.
Cr3	Atualização	SCr7	Buscar por informações.
		SCr8	Aplicar as informações nas tarefas.
		SCr9	Buscar por novas formas de executar as tarefas.
Cr4	Administração do tempo	SCr10	Dedicar-se ao trabalho.
		SCr11	Organização das tarefas de modo a cumprir os prazos.
		SCr12	Perceber o tempo dedicado a cada tarefa.
Cr5	Necessidade de realizar sonhos/futuro	SCr13	Necessidade de realização.
		SCr14	Buscar autorrealização.
		SCr15	Planos pessoais estruturados.
Cr6	Criativo e observador da realidade em que vive	SCr16	Ser criativo.
		SCr17	Percepção de soluções inovadoras
		SCr18	Questionamento se os métodos são adequados e permissão para desenvolvimento de novos métodos.
Cr7	Proatividade e dinamismo	SCr19	Busca por novas maneiras de superar os desafios.
		SCr20	Orientação a mudanças.
		SCr21	Desenvolvimento de novas maneiras de realizar as tarefas.
Cr8	Comportamento	SCr22	Capacidade de socialização.
		SCr23	Facilidade de aprendizagem.
		SCr24	Precisão na fala.
Cr9	Pensamento	SCr25	Enfrentar a realidade de forma diferenciada.
		SCr26	Pensar diferente.
		SCr27	Raciocínio não usual.
Cr10	Motivação para contratação	SCr28	Capacidade de gerar resultado imediato.
		SCr29	Capacidade de inovação.
		SCr30	Capacidade produtiva.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Allinson e Hayes (1996; 2012); Athayde (2009); Bandura (1988; 1998; 1999); Benavides (2014); Carland et l. (1995), Carland, Carland e Ensley (2001); Chen, Greene e Crick (1998); Grandin (2010; 2019); Grandin e Panek (2019); King (1985); Krueger e Brazeal (1994); Mitchell (1989); Muotri (2011); Palmer (1971); Penna (2006); Raab, Stedhan e Neuner (2005); Robison (2008); Santos (2008); Santos, Caetano e Curral (2014).

Um aspecto que torna relevante o uso da AHP nesta pesquisa é a forma como o modelo capta a subjetividade inerente a utilização de variáveis qualitativas, o que é possível, para Saaty (2008), com uma escala específica para emissões de julgamentos de valor pelos avaliadores. Os

respondentes da pesquisa – gestores de organizações – atribuem valores a cada critério e subcritério, conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 – Escala de conversão dos critérios e subcritérios

VALOR	DEFINIÇÃO
1	Alguma importância
3	Importância pequena
5	Importância grande
7	Importância muito grande
9	Importância absoluta

Fonte: Adaptado de Saaty (2008)

Relacionando os valores apresentados na Tabela 5 às assertivas contidas no Quadro 13, é possível verificar que as comparações paritárias expressam termos linguísticos que são convertidos em valores numéricos, elencando-se o grau de importância dos elementos analisados no estudo. Após o julgamento dos critérios, parte-se para a tabulação dos dados com cálculo da média das respostas para cada critério e subcritério, com posterior inserção dos dados nos quadros de análise. Conforme os valores encontrados, são atribuídos pesos em uma análise pareada entre os critérios e os subcritérios. A consistência se dá quando, a partir de um montante de dados brutos de uma base determinada, todos os outros dados podem ser deduzidos por esta mesma base. O resultado é, então, sustentado pelo Índice de Consistência, desenvolvido por Saaty (2008), que avalia o grau de inconsistência da matriz realizada par a par, por meio da equação

$$IC = \frac{|\lambda_{\max} - N|}{N - 1} \quad (3.3)$$

onde:

N é a ordem da matriz;

λ_{\max} é o maior autovalor da matriz de julgamentos paritários.

O cálculo do λ_{\max} (autovalor máximo) é feito em uma tabela auxiliar A”, com dados obtidos a partir da multiplicação da primeira coluna da matriz de julgamentos pela prioridade de A, e assim sucessivamente. O cálculo leva em conta, também, um vetor de prioridades auxiliar P”, com valor obtido com a soma das linhas de A”, dividindo os elementos do vetor P” pelos respectivos elementos do vetor de prioridades. O λ_{\max} utiliza a soma dos elementos armazenados em “Pauxiliar” dividida pela ordem da matriz (N).

Outro valor que deve ser calculado ao se realizar a AHP é a Razão de Consistência (RC), que permite avaliar a inconsistência em função dos julgamentos realizados por meio da seguinte equação:

$$RC = \frac{IC}{IR} \quad (3.4)$$

onde:

IC e o Índice de Consistência;

IR é o Índice Randômico (*Random Index*).

O IR é o índice de consistência obtido para uma matriz randômica recíproca, apresentando elementos não-negativos para vários tamanhos de matriz N. A Tabela 6 indica a ordem das matrizes e seus valores de IR.

Tabela 6 – Índice de consistência randômicos

Dimensão da matriz	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Inconsistência aleatória	0	0	0,58	0,9	1,12	1,24	1,32	1,41	1,45	1,49

Fonte: Adaptado de Costa (2002)

Segundo Costa (2002), como a inconsistência é inerente ao ser humano, deve existir uma tolerância para a sua aceitação. Uma matriz aceitável deve ter Razão de Consistência menor ou igual a 10% ($RC < 0,1$).

No Estudo 4, as informações obtidas com as empresas foram complementadas com as informações resultantes das entrevistas com as pessoas autistas que estão no mercado de trabalho, visando responder à questão problema de pesquisa estabelecida para este estudo. É importante ressaltar que as entrevistas com os autistas que estão no mercado de trabalho são conduzidas segundo o mesmo roteiro estabelecido para o Estudo 2, e analisadas sob a ótica da análise de conteúdo, seguindo os mesmos procedimentos estabelecidos para o Estudo 2 e já apresentados neste capítulo.

Por fim, os resultados obtidos com os quatro estudos que compõem esta tese serão analisados conjuntamente, na busca por responder ao problema central da tese: de que forma o desenvolvimento de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas pode refletir em seu preparo para o exercício profissional? Os procedimentos da análise integrada dos quatro estudos são apresentados no próximo subitem.

3.6 ANÁLISE INTEGRADA DOS ESTUDOS COMPONENTES DA TESE

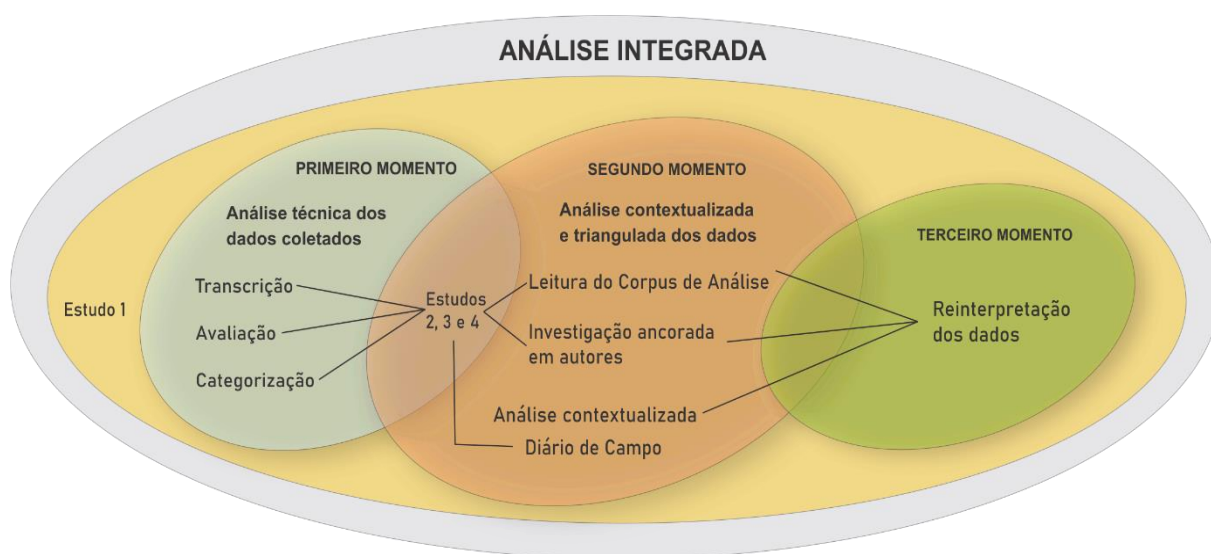
Na análise integrada dos estudos componentes da tese se busca articular a contribuição do Potencial Empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando inserção no mercado de trabalho. Para tanto, os resultados dos quatro estudos desta pesquisa são confrontados, com foco em evidências de que características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas podem ser desenvolvidas e esse desenvolvimento pode ser influenciado pelas características comportamentais dos responsáveis pelo autista. Além disso, a análise integrada prevê a associação dessas características comportamentais com os posicionamentos dos gestores participantes desta pesquisa quanto à contratação de PcD's e com as características comportamentais identificadas nos autistas que estão no mercado de trabalho.

A análise integrada, nesta pesquisa, pode ser compreendida como a última etapa da Análise por Triangulação de Métodos. Para Minayo, Assis e Souza (2005, p.29) pode ser compreendida como a “expressão de uma dinâmica de investigação e de trabalho que integra a análise das estruturas, dos processos e dos resultados”. Segundo Marcondes e Brisola (2014), a técnica favorece uma percepção da totalidade acerca do objeto de estudo e a unidade entre os aspectos teóricos e empíricos, o que infundiria o carácter de cientificidade ao estudo. Para as autoras, há duas etapas da triangulação: uma preparação e tratamento das narrativas e a análise propriamente dita, com reflexões sobre construção da realidade pelos sujeitos, sobre processos que atravessam as relações estabelecidas e sobre as estruturas que perpassam a vida em sociedade, tendo como base a teoria atinente aos temas adotados na pesquisa.

Para as autoras, em uma pesquisa científica que se proponha a fazer uma Análise por Triangulação de Métodos, que é o que se pretende na análise integrada desta tese, deve-se, em um primeiro momento, transcrever e analisar os dados coletados, com definição e discussão de categorias de análise e retomada dos objetivos estabelecidos (o que foi feito nos Estudos 2, 3 e 4 desta pesquisa, com os dados qualitativos, e com os dados quantitativos do Estudo 4). Marcondes e Brisola (2014) destacam a importância de recorrer a autores para proceder com a triangulação em uma segunda etapa, o que caracteriza o segundo momento dos procedimentos analíticos dos Estudos componentes desta pesquisa, nos quais outros autores, além dos previstos na Fundamentação Teórica, foram trazidos para a discussão e embasamento dos temas que emergiram da análise dos dados coletados. Nos resultados e discussões dos Estudos, as dimensões teóricas evidenciadas no Estudo 1 também foram consideradas. Após a investigação ancorada em autores, inicia-se uma etapa da triangulação de métodos que é considerada como ápice da

interpretação para Marcondes e Brisola (2014), etapa na qual são trabalhadas questões mais amplas. Para as autoras, esse momento de análise contextualiza o objeto de estudo na sociedade (no caso desta tese, os sujeitos de pesquisa – pessoas autistas, pais e mães e gestores), bem como reflexos da realidade no espaço particular dos sujeitos de pesquisa, sendo esta contextualização possível com informações coletadas no ambiente e articuladas com as informações normatizadas. É o caso desta análise integrada, que recorre aos resultados dos estudos que compõem esta tese, articulando-os com observações feitas no campo social dos sujeitos de pesquisa, observações estas que estão no diário de campo desta tese. A Análise por Triangulação de Métodos nesta pesquisa tem seu terceiro momento na reinterpretação, quando a análise contextualizada é reunida à análise de dados e aos autores que embasam esta pesquisa. A Figura 22 resume os procedimentos da análise integrada.

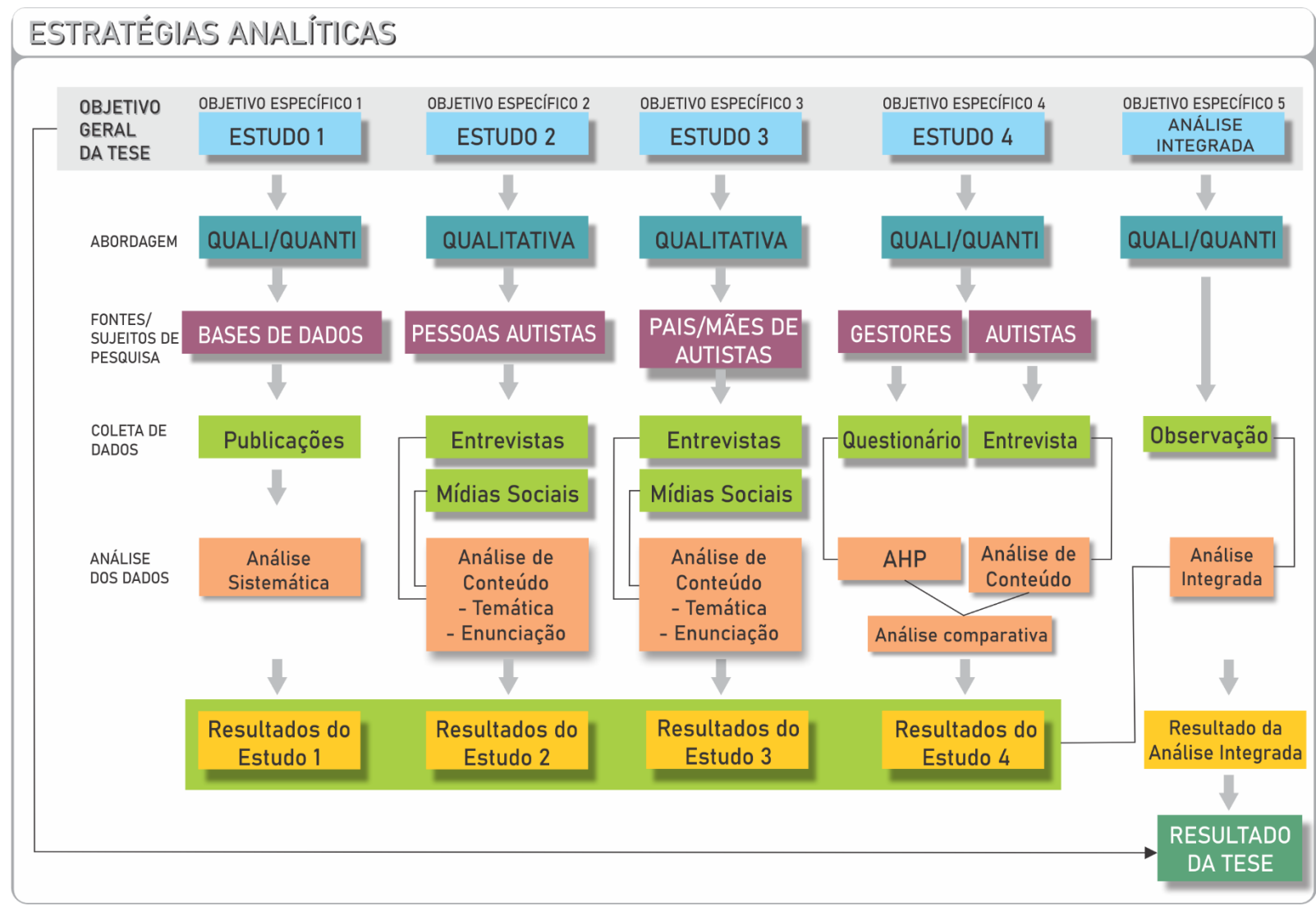
Figura 22 – Procedimentos para análise integrada



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marcondes e Brisola (2014).

A análise integrada trata-se, então, da reunião dos estudos componentes desta tese, submetidos à Análise por Triangulação de Métodos, com vistas a alcançar o quinto objetivo específico elaborado para esta tese. Na Figura 23 detalha-se a forma como os quatro estudos estão relacionados e como suas análises são direcionadas à análise integrada.

Figura 23 – Estratégias analíticas



Fonte: Elaborado pela autora.

Por esta pesquisa estar voltada à indivíduos neuroatípicos, procedimentos éticos foram adotados e serão apresentados no subitem a seguir.

3.7 APONTAMENTOS SOBRE ÉTICA NA PESQUISA COM AUTISTAS

A pesquisa com indivíduos com TEA requer algumas reflexões prévias. Por se tratar de um estudo com seres humanos, com certas especificidades comportamentais e sujeitos a estigmas sociais, são necessários alguns cuidados na condução da pesquisa. Pellicano (2014) resgata os principais problemas relacionados à pesquisa com autistas como um alerta à comunidade científica sobre a forma de condução dos estudos. Uma das questões trazidas pelo autor refere-se às barreiras de envolvimento. A diversidade de pontos de vista dentro do que o autor chamou ‘comunidade autista’ e a improvável solução de eventuais disputas geradas por essas diferenças, resulta em dificuldade para os pesquisadores, que relatam passividade no processo de pesquisa pela comunidade autista ao invés de participação ativa na construção do conhecimento. O que acontece é que os pesquisadores não sugerem que os membros da comunidade se tornem coprodutores da pesquisa, o que para Pellicano (2014) significa que os processos de tomada de decisão sobre os estudos deveriam ser equilibrados entre pesquisadores e comunidade, em um modelo baseado em participação comunitária.

Pellicano (2014) relata que muitas vezes os pais dos autistas não participam das pesquisas, ainda que os poucos participantes relatem experiências positivas. Em geral, os familiares são fornecedores de um grande volume de informações, mas raramente tem acesso ao resultado da pesquisa, o que faz com que o autor aponte que os pesquisadores estão mais interessados em coletar dados do que fornecer resultados. Nas questões trazidas por Pellicano (2014), a mais grave parece ser a objetificação de autistas adultos, que veem suas experiências pessoais serem desconsideradas pelos pesquisadores. Essa falta de reciprocidade salienta o autor, resulta em sentimentos de desconfiança e faz com que os autistas estejam menos motivados a participar de futuras pesquisas.

A maioria dos autistas adultos, pais de crianças com autismo e profissionais querem estar mais envolvidos no processo de pesquisa, o que, segundo Pellicano (2014), encontra resistência na comunidade científica, que preza pela imparcialidade e rigor. Para os pesquisadores, a participação de indivíduos com interesses pessoais no tema de pesquisa pode ser uma fonte de viés, ainda que os pesquisadores não estejam livres do viés por si mesmos (PELLICANO, 2014). Por outro lado, Mygatt (2007), ao relatar pesquisas sobre o autismo que estavam sendo conduzidas nos Estados Unidos, salienta que a “contribuição dos autistas para a discussão acadêmica acerca do transtorno é inestimável” (p. 19).

Um outro ponto que precisa ser considerado refere-se à anuência por parte dos autistas em participar de pesquisas científicas. Loyd (2012) afirma que uma das preocupações do pesquisador sobre autismo é obter um consentimento válido de participação na pesquisa por parte do autista. A autora relata que, em suas pesquisas feitas com jovens autistas inseridos no sistema educacional do Reino Unido, os procedimentos para obter o consentimento começam com uma carta explicativa para o professor do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista e outra carta explicando os procedimentos de pesquisa para a família. Com o consentimento do professor e dos familiares, parte-se para a obtenção do consentimento do autista, que, segundo Loyd, pode ser efetivado por escrito ou verbalmente. A autora salienta que todos os procedimentos de pesquisa são entregues à família e ao autista em um livreto e que um tempo de preparo para o pesquisado pela família é um importante momento da pesquisa. O papel do professor/educador também é salientado, pois cabe a ele, em cada momento de coleta de dados, renovarem as informações sobre a pesquisa e obter novamente o consentimento para participar.

Loyd (2012) salienta a importância da fala dos pesquisados ao pesquisador, o que traz uma importância ética adicional ao colocá-los como agentes ativos e especialistas em suas próprias vidas, tendo suas contribuições validadas na construção do que estava acontecendo no momento de pesquisa e reconhecendo a sua perspectiva como diversa daquelas apresentadas pela família e educadores. Nesse sentido, Hens, Robeyns e Schaubroenck (2019) destacam a importância da experiência do autista. Para as autoras, ainda que o autismo carregue conceitos ligados à heterogeneidade, complexidade e ambiguidade, as pessoas com autismo devem relatar suas experiências em ser diferentes, o que permitirá chegar a uma compreensão diferenciada do autismo, uma vez que esses aspectos contribuem para o entendimento da complexidade do conceito e não devem, segundo Hens, Robeyns e Schaubroenck (2019), ser ignorados.

Hens, Robeyns e Schaubroenck (2019) explicam ainda que o campo da ética nas pesquisas sobre autismo deve considerar questões relativas ao termo autismo e heterogeneidade. As autoras questionam se é válido que indivíduos com características tão diferentes sejam tratados sob um termo ‘guarda-chuva’. Percebe-se que ainda não há uma agenda da ética sobre o autismo que contemple a terminologia. Neste estudo, o termo autista, é utilizado mais como um recurso linguístico, para evitar a repetição de indivíduo com TEA e indivíduo com Transtorno do Espectro Autista.

Outro conjunto de questões trazidas por Hens, Robeyns e Schaubroenck (2019) diz respeito à ideia do autismo com uma identidade ou um traço de personalidade e não uma doença ou desordem que pode ser curada ou evitada. Segundo as autoras, os membros do movimento da neurodiversidade sugerem que uma abordagem de ‘transtorno’ exclusivamente é

insatisfatória, uma vez que, para o movimento, autismo não é considerado doença, mas uma identidade que está associada à benefícios que são negligenciados por neurotípicos. Por outro lado, Ortega (2009) trouxe a visão das associações profissionais e familiares de autistas que são pró-cura e recusam identificações positivas com a condição, vendo o autismo como uma doença que está afligindo alguém. Ortega traz ainda a visão dos próprios autistas, que tem orgulho de sua condição, rejeitando o termo ‘pessoa com autismo’ e adotando rótulos como ‘autista’ ou ‘aspie’. Esse último termo é usado por autistas de nível 1 para evitar questionamentos por parte de familiares de autistas níveis 2 e 3, que desconsideram as dificuldades enfrentadas pelos autistas leves, balizados pela própria realidade do transtorno na sua forma mais severa.

Para os pesquisadores que estão focados nas questões biológicas acerca do autismo, as questões éticas ganham outros contornos, que não serão considerados neste trabalho, uma vez que a análise aqui é comportamental e não envolverá coleta de material humano. Os procedimentos éticos desta pesquisa são detalhados no próximo subitem.

3.7.1 Procedimentos éticos da pesquisa

Esta tese foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (CEP-UFSM), via Plataforma Brasil, seguindo as diretrizes do Ministério da Saúde, do Conselho Nacional de Saúde e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Foi inicialmente cadastrada no Gabinete de Projetos do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM (Anexo G) e encaminhada ao CEP-UFSM, sob CAAE número 19668919.2.0000.5346 e aprovada segundo parecer número 3.570.217, sendo dispensada sua apresentação ao CONEP. Para realização da coleta de dados, foram providenciados os termos obrigatórios, indicados no Quadro 14.

Quadro 15 – Termos obrigatórios para procedimento de coleta de dados

Termos	Sujeitos/Estudo	Anexo
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE Autista	Pessoas autistas/Estudos 1 e 4	A
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE Família	Pais e mães de autistas/Estudo 2	B
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE Empresário	Gestores de empresas/Estudo 3	C
Termo de Assentimento	Pessoas Autistas/Estudos 1 e 4	D
Termo de Confidencialidade	Todos os entrevistados	E
Dispensa de Autorização Institucional	-	F

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste capítulo foram apresentados os procedimentos metodológicos da tese e de cada um dos estudos que a compõem. Finalizado o capítulo do Método, prosseguiu-se com o capítulo de Resultados e Discussões de cada um dos Estudos e da Análise Integrada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são expostos os resultados da bibliometria e da análise de cocitação de autores do Estudo 1, da pesquisa sobre características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas do Estudo 2, sobre a influência do comportamento dos pais/mães no desenvolvimento dos autistas do Estudo 3 e os resultados do Estudo 4 referentes à comportamentos de autistas que estão no mercado de trabalho. Ao final do capítulo serão apresentados os resultados da análise integrada.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 1

O Estudo 1 compreende a pesquisa bibliométrica e identificação de *hot topics* a partir dos dados coletados na *WoS*, a Análise de Cocitação de Autores (ACA) e as dimensões teóricas acerca de Potencial Empreendedor evidenciadas a partir da ACA.

4.1.1 Análise bibliométrica

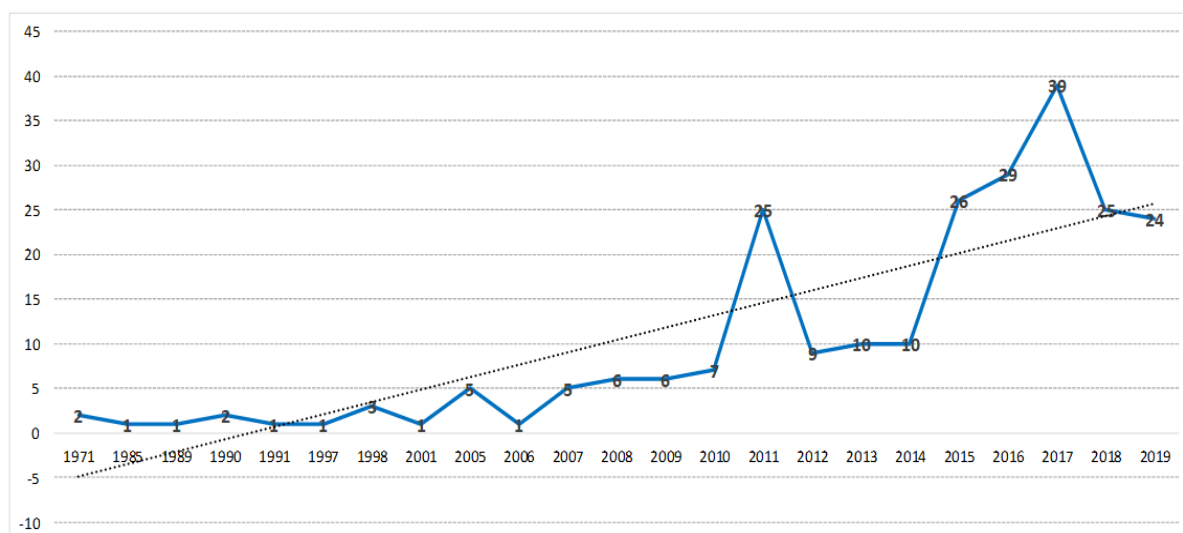
A análise bibliométrica foi realizada nas bases de dados indicadas no Quadro 15.

Quadro 16 - Bases de dados de periódicos científicos consultadas na *WoS*

Bases de Dados	Características das Bases de Dados
<i>Web of Science Core Collection</i>	Base de dados multidisciplinar em que se buscam referências e citações de trabalhos publicados em periódicos de elevado impacto.
<i>Derwnet Innovations Index</i>	Ferramenta de pesquisa que fornece acesso a mais de 30 milhões de invenções descritas em mais de 65 milhões de documentos de patentes.
<i>Russian Science Citation Index</i>	Base de dados que contém os registros de artigos da Scientific Electronic Library eLIBRARY.RU, maior portal russo de informações no campo das ciências, tecnologia, medicina e educação.
<i>SCI - Scielo Citation Index</i>	O SciELO Citation Index (Scientific Electronic Library Online) é uma base de dados em que se buscam referências para artigos publicados em mais de 1000 periódicos de acesso aberto em doze países.
<i>KCI – Korean Journal Database</i>	Base de dados de periódicos coreanos fornecidos pela National Research Foundation of Korea (NRF).
<i>SSCI – Social Sciences Citation Index</i>	O Social Sciences Citation Index é um índice multidisciplinar para a literatura de periódicos de Ciências Sociais, com mais de 2.900 periódicos em 50 disciplinas das Ciências Sociais. Ele também indexa itens relevantes de mais de 3.500 periódicos técnicos e científicos.
<i>AHCI – Arts & Humanities Citation Index</i>	Índice multidisciplinar para a literatura de periódicos de artes e humanidades. Ele cobre totalmente mais de 1.600 periódicos e indexa itens selecionados de mais de 6.000 periódicos de ciências e Ciências Sociais.

A coleta de dados do Estudo 1 iniciou com uma pesquisa na base *Web of Science*, (*WoS*) com a *string*: TS=(("entrepreneur* potential") and ("systematic literature" OR "systematic literature review" OR "systematic review")). O resultado indicou apenas dois artigos e não tratavam-se de revisão sistemática sobre o tema. Uma nova busca tendo como *string* TS=("entrepreneur* potential"), sem delimitação de tempo, idioma ou tipo de documento foi então realizada. A intenção foi ampliar ao máximo o número de documentos para compor o corpus de análise do Estudo 1. A *WoS* foi consultada em novembro de 2019, com identificação de 199 publicações, e a busca foi repetida em 2020, para atualização dos índices bibliométricos até o final de 2019, totalizando 239 documentos (artigos, revisões, resumos e outros), compreendendo, então, o período de 1971-2019, conforme indica o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Número de publicações no período 1971-2019



Fonte: Web of Science

Como observa-se no Gráfico 1, o período entre 2015 e 2019 concentra o maior volume de publicações. Entre o primeiro artigo publicado em 1971 e o início do século XXI foram poucos trabalhos publicados e sem regularidade. Pelo gráfico se pode inferir que a partir de 2007 os estudos sobre Potencial Empreendedor se intensificam, com número máximo de publicações registrado em 2017 (39 documentos).

Ao se analisar as publicações por periódico, o que se observou é que são poucos os trabalhos sobre o tema Potencial Empreendedor em cada periódico. A Tabela 5 indica a distribuição do corpus de análise por periódico.

Tabela 7 - Distribuição do corpus de análise por periódico

Periódico	Número de documentos
<i>PROCEEDINGS OF THE EUROPEAN CONFERENCE ON ENTREPRENEURSHIP AND INNOVATION</i>	8
<i>VOPROSY STATISTIKI</i>	5
<i>ENTREPRENEURSHIP AND REGIONAL DEVELOPMENT</i>	4
<i>INTERNATIONAL MULTIDISCIPLINARY SCIENTIFIC CONFERENCES ON SOCIAL SCIENCES AND ARTS</i>	4
<i>PROCEDIA ECONOMICS AND FINANCE</i>	4
<i>ACTUAL PROBLEMS OF ECONOMICS</i>	3
<i>EUROPEAN PLANNING STUDIES</i>	3
<i>INTED PROCEEDINGS</i>	3
<i>INTERNATIONAL JOURNAL OF ENTREPRENEURIAL BEHAVIOR RESEARCH</i>	3
<i>JOURNAL OF DEVELOPMENTAL ENTREPRENEURSHIP</i>	3
<i>PROCEDIA SOCIAL AND BEHAVIORAL SCIENCES</i>	3
Dois artigos (20 periódicos)	40
Um artigo (156 periódicos)	156
TOTAL	239

Fonte: *Web of Science*

Nos arquivos de texto fornecidos pela busca na *WoS* foram identificados 650 autores nos 239 artigos que compõem o corpus de análise desta pesquisa, sendo que quatro trabalhos não possuíam indicação de autores. Os nomes repetidos e os dados replicados foram excluídos, resultando em 612 autores entre os quais destacam-se com maior volume de publicação Garcia-Rodrigues, F.J., com quatro trabalhos publicados, sendo autor principal em três deles; Moghavvemi, S., autor principal de quatro trabalhos; Salleh, N., autor secundário de quatro artigos; Gil-Soto, E. e Gutierrez-Tano, D., com três trabalhos como autores secundários cada um. A Tabela 8 apresenta as cinco primeiras posições, com autores com três trabalhos ou mais e distribui os dados pelo tipo de autoria – única ou coautoria principal e secundária.

Tabela 8 – Distribuição das primeiras posições no corpus de análise do Estudo 1

Autores	Autoria	Autoria principal	Autoria secundária
GARCIA-RODRIGUEZ, F.J.	4	3	1
MOGHAVVEMI, S.	4	4	0
SALLEH, N.	4	0	4
GIL-SOTO, E.	3	0	3
GUTIERREZ-TANO, D.	3	0	3
41 autores	2		
566 autores	1		
TOTAL	612		

Fonte: *Web of Science*

Os dados da pesquisa indicam que a coautoria é uma prática na produção acadêmica acerca de Potencial Empreendedor e que não há um grande volume de publicações sobre o tema por um autor ou grupo de autores. Já as áreas de pesquisa que concentram as publicações sobre Potencial Empreendedor variam bastante. A Tabela 9 contém a distribuição das primeiras 16 posições que formam o corpus de análise, considerando áreas com mais de cinco documentos identificados.

Tabela 9 – Distribuição das primeiras posições sobre áreas de pesquisa.

Área de Pesquisa	Número de documentos
ECONOMIA E NEGÓCIOS	147
PESQUISA EDUCACIONAL	40
ENGENHARIA	33
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	31
OUTROS TÓPICOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS	30
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	26
PROBLEMAS SOCIAIS	18
ECOLOGIA E CIÊNCIAS AMBIENTAIS	16
PSICOLOGIA	15
GEOGRAFIA	14
MATEMÁTICA	12
TOPICS OUTROS TÓPICOS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA	8
SOCIOLOGIA	8
AGRICULTURA	7
ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO	7
ESTUDOS URBANOS	5
Três áreas com quatro documentos	12
Sete áreas com três documentos	21
Seis áreas com dois documentos	12
22 áreas com um documento	22

Fonte: *Web of Science*

Três documentos não possuíam informações sobre a área de pesquisa. O maior volume de publicações se concentra na área de economia e negócios, com 61% dos trabalhos recuperados na busca na *WoS*. Entre os países que mais publicam sobre o tema, Romênia e Estados Unidos são indicados na pesquisa com 18 trabalhos cada. O Brasil aparece na lista, com quatro pesquisas publicadas durante o período 1971-2019. Dos 239 documentos indicados pela *WoS*, 23 não indicaram país de origem ou estavam vinculados a mais de um país. A Tabela 10 traz as primeiras oito posições na distribuição de documentos por país.

Tabela 10 – Distribuição de documentos por país.

País	Número de documentos
ROMÊNIA	18
ESTADOS UNIDOS	18
INGLATERRA	16
PORTUGAL	15
RÚSSIA	15
ESPAÑA	12
ITÁLIA	9
MALÁSIA	9
Cinco países com 7 documentos	35
Cinco países com 6 documentos	30
Dois países com 5 documentos	10
Nove países com 4 documentos	36
Cinco países com 3 documentos	15

Fonte: *Web of Science*

Entre os trabalhos recuperados pela busca na *WoS*, houve predominância de artigos, com 143 documentos indicados. A Tabela 11 indica os tipos de trabalho e número de publicações sobre Potencial Empreendedor que fazem parte do corpus de análise desta pesquisa.

Tabela 11 – Tipos de documentos

Tipo de documento	Quantidade
ARTIGO	143
ARTIGO DE CONFERÊNCIA	98
REVISÃO	6
OUTRO	3
RESUMO	2
ACESSO RECENTE	1
PATENTE	1

Fonte: *Web of Science*

A análise dos dados fornecidos pela *WoS* demonstrou que não há uma instituição com grande volume de publicações, sendo a *Kazan Federal University* a que registrou o maior número trabalhos, com cinco documentos relacionados a Potencial Empreendedor. A Tabela 12 traz a distribuição de publicações por instituição, priorizando as que publicaram mais de três trabalhos. Nos resultados recuperados da *WoS*, um grande número de instituições aparece com apenas um trabalho publicado. Quanto ao idioma de publicação, 82% dos documentos são em língua inglesa. Há publicações em russo (6%), espanhol (4%), português (2%), coreano (1%). Alguns trabalhos também foram publicados em alemão e ucraniano.

Tabela 12 – Publicações por instituição

Instituição	Número de documentos
KAZAN FEDERAL UNIVERSITY	5
COMENIUS UNIVERSITY BRATISLAVA	4
NATIONAL RESEARCH UNIVERSITY HIGHER SCHOOL OF ECONOMICS	4
UNIVERSIDAD DE LA LAGUNA	4
UNIVERSITI MALAYA	4
UNIVERSITY OF ORADEA	4
URAL FEDERAL UNIVERSITY	4
Dez instituições com 3 trabalhos publicados	30
36 instituições com 2 trabalhos publicados	72

Fonte: *Web of Science*

Outro levantamento feito na *WoS* foi dos artigos mais citados. A Tabela 13 traz as dez primeiras posições na listagem de artigos mais citados com o número de citações obtidas.

Tabela 13 – Artigos mais citados (1971-2019)

Artigo	Número de citações
CHEN, C. C.; GREENE, P. G.; CRICK, A. Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? Journal of Business Venturing , v. 13, i. 4, p. 295-316. 1998.	919
MUELLER, S. L.; THOMAS, A. S. Culture and entrepreneurial potential: A nine country study of locus of control and innovativeness. Journal of Business Venturing , v. 16, i. 1, p. 51-75. 2001.	547
BIRKINSSHAW, J.; HOOD, N.; YOUNG, S. Subsidiary entrepreneurship, internal and external competitive forces, and subsidiary performance. International Business Review , v. 14, i. 2, p. 227-248. 2005.	165
WWNNBERG, K.; WIKLUND, J.; WRIGHT, M. The effectiveness of university knowledge spillovers: Performance differences between university spinoffs and corporate spinoffs. Research Policy , v. 40, i. 8, special Issue: SI, p 1128-1143. 2011.	123
ASHCROFT, B.; LOVE, J. H.; MALLOY, E. New firm formation in the british counties with special reference to Scotland. Regional Studies , v. 25, i. 5, p. 395-409. 1991.	63
PALMER, M. Application of psychological testing to entrepreneurial potential. California Management Review , v. 13, i. 3, p. 32-38. 1971.	47
BERGLUND, K.; JOHANSSON, A. W. Entrepreneurship, discourses and conscientization in processes of regional development. Entrepreneurship and Regional Development , v. 19, i. 6, p. 499-525. 2007.	45
JAYAWAMA, D.; JONES, O.; MACPHERSON, A. Entrepreneurial potential: The role of human and cultural capitals. International Small Business Journal-Researching Entrepreneurship , v. 32, i. 8, p. 918-943.2014.	43
DY, A. M.; MARLOW, S.; MARTIN, L. A Web of opportunity or the same old story? Women digital entrepreneurs and intersectionality theory. Human Relations , v. 70, i. 3, p. 286-311. 2017.	36
PIETRZAK, M. B.; BALCERZAK, A. P.; GAJDOS, A.; ARENDT, L. Entrepreneurial environment at regional level: the case of polish path towards sustainable sócio-economic development. Entrepreneurship and Sustainability Issues , v. 5, i. 2, p. 190-203. 2017	34

Fonte: *Web of Science*

A segunda etapa da pesquisa bibliométrica busca identificar novos tópicos para outras buscas na base de dados *Web of Science* para, em seguida, identificar os *hot topics*. Para tanto, o arquivo de texto gerado pela *WoS*, com as informações sobre as publicações no período considerado foram lançados no software *VOSViewer*[®], para análise de co-ocorrência de palavras-chave, com limitação de três ocorrências. Das 826 palavras-chave identificadas, foi indicada co-ocorrência de 68, formando sete clusters, constantes no Quadro 16.

Quadro 17 – Clusters das pesquisas sobre Potencial Empreendedor

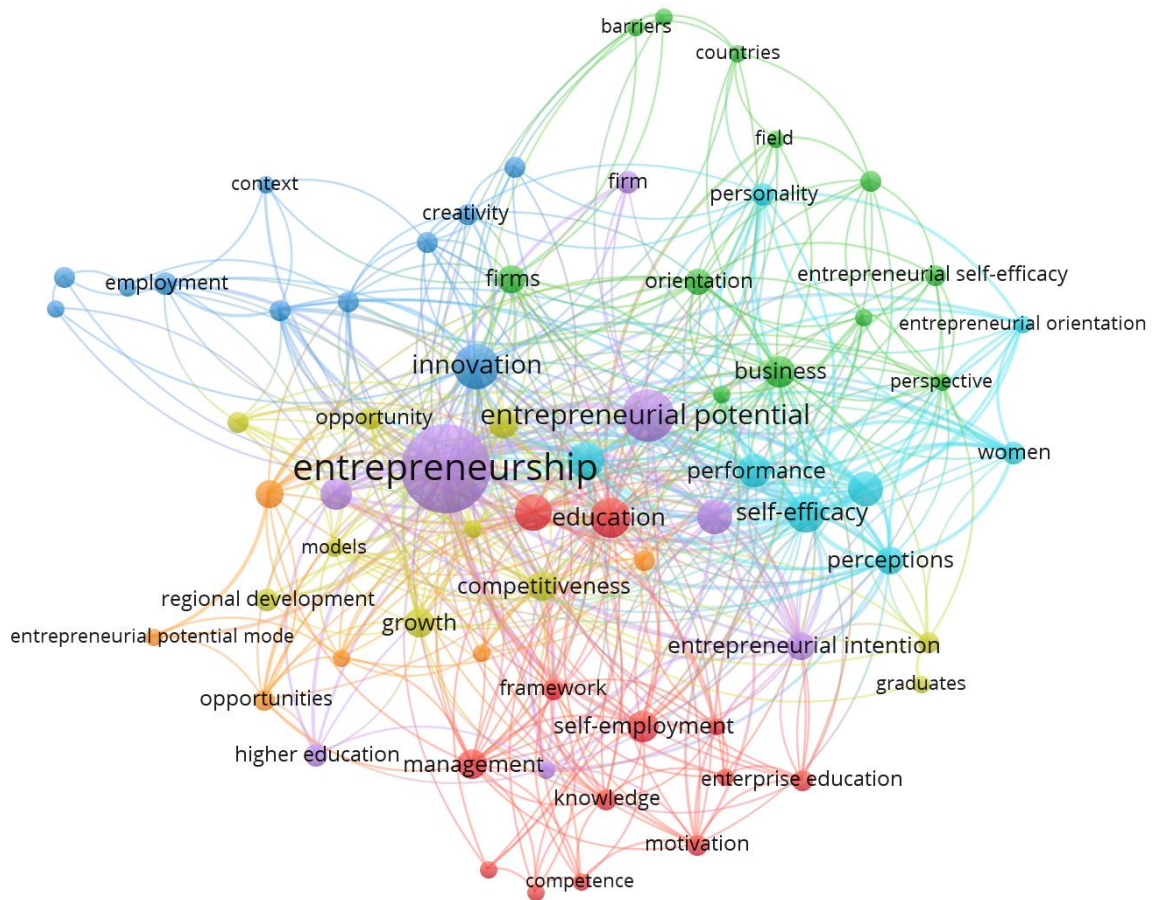
Cluster	Itens	Palavras-chave
1 (vermelho)	13	<i>Competence, education, enterprise, enterprise education, entrepreneur, framework, knowledge, management, motivation, networks, self-employment, students, UK</i>
2 (verde)	12	<i>Barriers, business, countries, enterprises, entrepreneurial self-efficiency, entrepreneurship potential, field, firms, orientation, perspective, resources, success</i>
3 (azul escuro)	11	<i>Context, corporate entrepreneurs, creativity, economic growth, employment, entrepreneurial activity, entrepreneurial personal, experience, innovation, market economy, model</i>
4 (amarelo)	10	<i>Competitiveness, determinants, entrepreneurial intention, graduates, growth, models, opportunity, planned behavior, regional development, Saudi arabia</i>
5 (lilás)	8	<i>Entrepreneurial intention, entrepreneurial potential, entrepreneurship, entrepreneurship education, firm, higher education, impact, university</i>
6 (azul claro)	8	<i>Entrepreneurial orientation, gender, intentions, perceptions, performance, personality, self-efficacy, women</i>
7 (laranja)	6	<i>Entrepreneurial potential, entrepreneurs, opportunities, organization, training, user acceptance</i>

Fonte: *VOSViewer*[®], a partir de informações da base *Web of Science*.

Nas palavras-chave selecionadas pelo *VOSViewer*[®] não foi identificada nenhuma relacionada a pessoas com deficiência ou com Transtorno do Espectro Autista. O arquivo base gerado pela *WoS* foi então consultado, com o objetivo de averiguar se entre as palavras cuja ocorrência em três documentos não se verificou, aparecia algum termo relacionado ao autismo ou à deficiência, mas nenhum dos dois foi identificado.

As ligações entre as palavras-chave com maior ocorrência nos documentos analisados e os cluster são ilustrados pelo mapa produzido no *VOSViewer*[®], na Figura 24.

Figura 24 – Ocorrência de palavras-chave e clusters sobre Potencial Empreendedor



Fonte: *VOSViewer*®, a partir de informações da base *Web of Science*.

Analisando as ocorrências das palavras-chave escolhidas pelos autores e, tendo como base o referencial teórico atinente a Potencial Empreendedor, foram determinadas os seguintes tópicos para cálculo dos índices h-b e m: *business, competitiveness, creativity, development, economic growth, education, employment, entrepreneurial intention, entrepreneurial propensity, experience, innovation, knowledge, management, model, motivation, opportunity, performance, planned behavior e self-efficacy*. Além disso, uma busca associando os tópicos Potencial Empreendedor e Transtorno do Espectro Autista (*entrepreneur* potential and autism spectrum disorder*) não obteve resultados – nenhum artigo publicado com os dois temas. A Tabela 14 traz os índices h-b e m dos tópicos mencionados, em ordem decrescente de m.

Tabela 14 – Índices h-b e m para determinação de hot topics

Temas	h-b	m
<i>Business</i>	11	1,1
<i>Development</i>	10	1
<i>Performance</i>	10	1
<i>Model</i>	9	0,9
<i>Education</i>	8	0,8
<i>Experience</i>	8	0,8
<i>Innovation</i>	8	0,8
<i>Opportunity</i>	7	0,7
<i>Employment</i>	6	0,6
<i>Knowledge</i>	6	0,6
<i>Creativity</i>	5	0,5
<i>Motivation</i>	5	0,5
<i>Self-efficacy</i>	5	0,5
<i>Entrepreneurial intention</i>	4	0,4
<i>Entrepreneurial propensity</i>	4	0,4
<i>Management</i>	4	0,4
<i>Economic growth</i>	3	0,3
<i>Competitiveness</i>	2	0,2
<i>Planned behavior</i>	2	0,2

Fonte: *Web of Science*

Com o cálculo dos índices h-b e m foi possível verificar que os tópicos selecionados não se caracterizam como hot topics ($m \geq 2$) segundo Banks (2006). Entretanto, os tópicos *business, development, performance, model, education, experience, innovation, opportunity, employment e knowledge* podem se tornar hot topics ($0,5 < m < 2$) devido a características da combinação do tópico quando associado a Potencial Empreendedor ou ao tamanho da comunidade científica (BANKS, 2006). Com isso, pode-se inferir que os temas associados à Potencial Empreendedor indicam os tópicos como emergentes, apontando ainda para a existência de nichos que podem ser desenvolvidos com novas pesquisas, o que é o caso do tema Potencial Empreendedor e Transtorno do Espectro Autista.

4.1.2 Análise de cocitação de autores

Finalizada a primeira parte do Estudo 4, que consiste na análise dos dados sobre publicações acerca de Potencial Empreendedor fornecidos pela WoS, se dá prosseguimento a pesquisa com a Análise de Cocitação de Autores (ACA) entre os 239 documentos indicados na base de dados. A ACA, em um primeiro momento, envolve a análise de citação e de cocitação, seus indicadores de proximidade e sua normalização a partir do estudo do Cosseno de Salton

(CS). Para se proceder com a ACA foi utilizado o relatório de citações gerado pela WoS. O documento, convertido em planilha eletrônica foi submetido a uma análise, com exclusão de documentos repetidos, sem indicação de autoria e sem a listagem de referências, resultando em 192 documentos que compuseram o corpus de análise deste momento da pesquisa.

Os documentos restantes foram lançados em uma nova planilha eletrônica no software Excel, com identificação dos autores mais citados nas pesquisas sobre Potencial Empreendedor, sendo evidenciados: Acs, Z.; Ajzen, I.; Audretsch, D.; Bandura, A.; Drucker, P.; Fayolle, A.; Fritsch, M.; Gartner, W.; Hofstede, G.; Johannisson, B.; Krueger, N.; Kuratko, D.; Linan, F.; McClelland, D.; Shane, S.; Shapero, A.; Schumpeter, J. e; Williams, C. A Figura 17 mostra um recorte da matriz 192x18, na qual é possível ver, por exemplo, o valor um na célula de cruzamento da coluna de McClelland, D. com a linha de Agung, AI; Mukhadis, A; Sutadji, E; Purnomo, o que indica a citação. Entretanto, Kruger, N. não foi citado por nenhum dos autores constantes neste recorte de matriz (Figura 22), o que é indicado pelo zero na coluna do autor.

Figura 25 – Recorte da matriz de 192 trabalhos citantes e 18 autores citados.

	Krueger	Ajzen	Linan	Fayolle	Gartner	Shapero	Bandura	Hofstede	Shane	Audretsch	Acs	Schumpeter	McClelland	Drucker
Absalyamov, T; Kundakchyan, R; Zulfakarov	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Afonso, M; Tomas, HM; Peres, P; Marques,	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Agung, AI; Mukhadis, A; Sutadji, E; Purnom	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Ahmetoglu, G; Harding, X; Akhtar, R, Cham	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Akimova, O	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Almeida, PIL; Ahmetoglu, G; Chamorro-Pre	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0
Amornpinyo, N	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Annicchiarico, A; De Nicolo, D; Maddaluno,	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ASHCROFT, B; LOVE, JH; MALLOY, E	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Asheghi-Oskooee, H	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1
Baltas, Z; Odaman, H	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
Ban, O; Sayin, E; Coita, D; Eleren, A	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Baranovic, B; Stibric, M; Domovic, V	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Barbosa, N; Eiriz, V	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
Baron, RA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Dados da WoS.

Com a matriz de ocorrência (192x18), foi elaborada a matriz quadrada e simétrica (18x18), usando a função matemática “SOMARPRODUTO”, cujo resultado constituiu a frequência de cocitação entre os autores mais citados nos trabalhos analisados (GRACIO; OLIVEIRA, 2013). Para exemplificar como a matriz 18x18 foi construída, o valor 3 na célula de cruzamento entre Ajzen, I e Drucker, P. foi resultado da aplicação da função

SOMARPRODUTO (C2:C193;O2:O193), na qual o intervalo “C2:C193” indica a coluna de citação de Ajzen, I. na matriz 192x18 e o intervalo “O2:O193” indica a coluna de citação Drucker, P. na mesma matriz. O valor nas células de cruzamento de linha e coluna de um mesmo autor indicam o número de vezes que o autor foi citado nos documentos sobre Potencial Empreendedor analisados, conforme indicado no Quadro 17.

Quadro 18- Matriz de frequência absoluta de cocitação.

	Acs, Z.	Ajzen, I.	Audretsch, D.	Bandura, A.	Drucker, P.	Fayolle, A.	Fritsch, M.	Gartner, W.	Hofstede, G.	Johannisson, B.	Krueger, N.	Kuratko, D.	Linan, F.	McClelland, D.	Shane, S.	Shapero, A.	Schumpeter, J.	Williams, C.
Acs, Z.	15	1	6	1	1	1	3	3	0	3	2	0	1	2	4	0	2	1
Ajzen, I.		19	4	7	3	7	0	3	3	1	14	1	10	0	4	8	2	0
Audretsch, D.			14	1	4	2	3	3	3	1	4	0	3	1	4	2	3	2
Bandura, A.				14	1	4	0	2	0	1	8	1	5	1	4	5	1	0
Drucker, P.					24	2	0	4	2	2	4	2	2	6	2	4	8	1
Fayolle, A.						12	0	3	3	2	8	1	8	1	4	6	1	0
Fritsch, M.							7	1	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0
Gartner, W.								18	3	1	6	2	4	8	5	3	4	0
Hofstede, G.									7	1	3	1	4	1	2	3	2	0
Johannisson, B.										9	1	0	1	0	2	0	2	1
Krueger, N.											28	2	9	5	5	13	3	0
Kuratko, D.												12	2	3	3	1	1	0
Linan, F.													13	0	3	6	0	0
McClelland, D.														19	6	3	5	0
Shane, S.															25	2	6	0
Shapero, A.																15	3	0
Schumpeter, J.																	18	1
Williams, C.																		3

Fonte: Dados da pesquisa, a partir das informações da base *WoS*.

A partir da matriz de frequência absoluta de cocitação (Quadro 18) calculou-se a matriz normalizada com os valores do Cosseno de Salton, utilizando o software *CS-Calc*. Os dados, são apresentados no Quadro 18. Destacam-se quatro valores de índice de cocitação normalizado (CS) acima de 0,6. O valor de CS 0,61 entre Krueger, N. e Ajzen, I. indicam proximidade temática entre os autores, que foram citados conjuntamente em 14 dos 192 trabalhos analisados. O valor de CS 0,64 entre Liñan, F. e Ajzen, I também indica proximidade temática. Nesse caso, os autores foram citados conjuntamente em dez documentos. O mesmo valor, 0,64, aparece na célula de cruzamento entre Fayolle, A. e Liñan, F. que foram citados juntos em oito trabalhos. Krueger, N. e Shapero, A., com CS 0,63 também apresentam proximidade temática, sendo citados conjuntamente em 13 dos 192 trabalhos considerados nesta bibliometria.

Quadro 19 - Matriz com os valores de Cosseno de Salton

	Acs, Z.	Ajzen, I.	Audretsch, D.	Bandura, A.	Drucker, P.	Fayolle, A.	Fritsch, M.	Gartner, W.	Hofstede, G.	Johannisson, B.	Krueger, N.	Kuratko, D.	Linan, F.	McClelland, D.	Shane, S.	Shapero, A.	Schumpeter, J.	Williams, C.
Acs, Z.	1,00	0,06	0,41	0,07	0,05	0,07	0,29	0,18	0,00	0,26	0,10	0,00	0,07	0,12	0,21	0,00	0,12	0,04
Ajzen, I.		1,00	0,25	0,43	0,14	0,46	0,00	0,16	0,26	0,08	0,61	0,07	0,64	0,00	0,18	0,47	0,11	0,00
Audretsch, D.			1,00	0,07	0,22	0,15	0,30	0,19	0,30	0,09	0,20	0,00	0,22	0,06	0,21	0,14	0,19	0,08
Bandura, A.				1,00	0,05	0,31	0,00	0,13	0,00	0,09	0,40	0,08	0,37	0,06	0,21	0,35	0,06	0,00
Drucker, P.					1,00	0,12	0,00	0,19	0,15	0,14	0,15	0,12	0,11	0,28	0,08	0,21	0,38	0,03
Fayolle, A.						1,00	0,00	0,20	0,33	0,19	0,44	0,08	0,64	0,07	0,23	0,45	0,07	0,00
Fritsch, M.							1,00	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,15	0,00	0,09	0,00	
Gartner, W.								1,00	0,27	0,08	0,27	0,14	0,26	0,43	0,24	0,18	0,22	0,00
Hofstede, G.									1,00	0,13	0,21	0,11	0,42	0,09	0,15	0,29	0,18	0,00
Johannisson, B.										1,00	0,06	0,00	0,09	0,00	0,13	0,00	0,16	0,05
Krueger, N.											1,00	0,11	0,47	0,22	0,19	0,63	0,13	0,00
Kuratko, D.												1,00	0,16	0,20	0,17	0,07	0,07	0,00
Linan, F.													1,00	0,00	0,17	0,43	0,00	0,00
McClelland, D.														1,00	0,28	0,18	0,27	0,00
Shane, S.															1,00	0,10	0,28	0,00
Shapero, A.																1,00	0,18	0,00
Schumpeter, J.																	1,00	0,04
Williams, C.																		1,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados fornecidos pela *WoS* foram utilizados na execução da análise fatorial exploratória, para avaliar os padrões existentes entre as publicações analisadas (BRAUN; NASSIF, 2018). No software Stata/SE cada autor citado foi tratado como uma variável e o primeiro procedimento de análise foi o cálculo do determinante da matriz de correlação, o Teste de Esfericidade de Bartlett e a medida de adequação da amostra com o teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Os resultados são apresentados no Quadro 20.

Quadro 20 – Testes prévios à Análise Fatorial Exploratória.

Determinantes de matriz de correlação	
Det.	= 0,021
Teste de Esfericidade de Bartlett	
Qui-quadrado	= 712.459
Graus de liberdade	= 153
p-valor	= 0,000
H ₀ : variáveis não são intercorrelacionadas	
Medida de Adequação da Amostra Kaiser-Meyer-Olkin	
KMO	= 0,685

Fonte: Dados da pesquisa

O p-valor 0,000 no Teste de Esfericidade de Bartlett e o KMO = 0,685 indicam que os dados podem ser submetidos a Análise Fatorial Exploratória, o que foi feito com o software Stata/SE (método: *principal-component factors*), com seis fatores com autovalor maior que 1. Os dados, então, foram submetidos a rotação ortogonal *Varimax*, resultando nas cargas fatoriais apresentadas na Tabela 15.

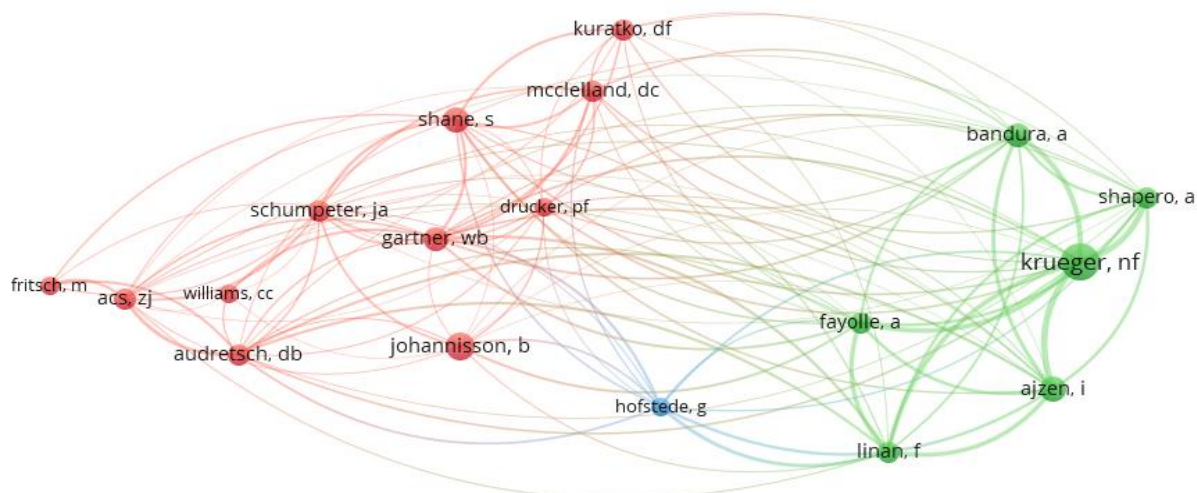
Tabela 15 - Análise fatorial exploratória das cocitações

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
Krueger	0,7919					
Ajzen	0,7846					
Shapero	0,7233					
Linan	0,6814					
Bandura	0,6479					
Fayolle	0,6182					
Audretsch		0,7524				
Fritsch		0,6895				
Acs		0,6757				
McClelland			0,7243			
Shane			0,6054			
Gartner			0,5990			
Kuratko			0,3441			
Drucker				0,7382		
Schumpeter				0,6125		
Hofstede					0,8114	
Johannisson						0,8337
Williams						0,4052

Fonte: Dados da pesquisa.

Como constata-se na Tabela 15, os agrupamentos obtidos com a análise fatorial exploratória foram analisados qualitativamente, para identificação dos padrões apresentados pelas publicações. Entretanto, antes de se proceder à identificação das dimensões teóricas, buscou-se a visualização dos agrupamentos. Para tanto, utilizou-se a mesma planilha de dados elaborada a partir das informações fornecidas pela *WoS*. Essa planilha corrigida foi lançada no software *VOSViewer*[®], para criação de um mapa de análise de cocitações, tendo como unidade de análise os autores citados. Foram identificados pelo software 4.296 autores, sendo evidenciados os 20 que obtiveram mais de quinze citações, parâmetro escolhido para este estudo. É importante salientar que, entre esses autores, dois foram excluídos, por não se referirem a um autor específico e sim a instituições, com trabalhos diferentes indicados em cada artigo componente do corpus de análise. O mapa de cocitação do *VOSViewer*[®] pode ser verificado na Figura 26:

Figura 26 – Mapa de cocitação



Fonte: *VOSviewer*® com dados fornecidos pela WoS.

O agrupamento ou cluster vermelho é o maior em número de autores indicados (Acs, Audretsch, Drucker, Fritsch, Gartner, Johannisson, Kuratko, McClelland, Schumpeter, Shane e Williams). O agrupamento verde é formado por seis autores (Ajzen, Bandura, Fayolle, Krueger, Linã e Shapero). E por fim Hofstede, que aparece em um cluster separado. Os dados são similares aos encontrados com a análise fatorial exploratória, especialmente o cluster verde e o azul, que contém os mesmos autores indicados nos fatores 1 e 5. Entretanto, o cluster vermelho unificou os autores apresentados nos fatores 2, 3, 4 e 6. De acordo com Van Eck e Waltman (2010), os mapas do *VOSviewer*® são baseados em distância, com proximidade significando forte relação. O que se observa é que os autores indicados nos fatores da análise fatorial exploratória, ainda que dentro de um mesmo cluster na análise apresentada pelo software, se encontram próximos, o que indica que há uma relação entre eles, e que a AFE os diferenciou dos demais. Essa diferenciação se deve a utilização de outras formas de proceder com ACA pelo *VOSviewer*®.

O software *VOSviewer*® se vale de uma medida de similaridade probabilística - *probabilistic affinity index* - (MACHADO, 2015) que busca mensurar a associação entre itens coocorridos. O programa também executa a técnica de agrupamento (*VOS clustering technique*) com a técnica de escalonamento multidimensional - MDS - (MACHADO, 2015; VAN ECK; WALTMAN, 2010). De acordo com Hair Jr. et al. (2009), o MDS é um procedimento que permite determinar a “imagem relativa percebida de um conjunto de objetos” (p, 484). De acordo com Machado (2015), a técnica utilizada no *VOSviewer*® permite reunir e classificar grupos de variáveis a partir de um padrão de agrupamento (homogeneidade).

A partir dos agrupamentos resultantes da Análise Fatorial Exploratória, procedeu-se a análise qualitativa dos resumos das publicações dos autores evidenciados como os mais citados entre os documentos analisados nesta bibliometria, para consolidação das dimensões teóricas acerca de Potencial Empreendedor.

4.1.3 Estrutura intelectual da produção científica sobre Potencial Empreendedor

Com os agrupamentos identificados na análise fatorial, foi feito um levantamento entre os artigos citados, buscando evidenciar dimensões teóricas que permeiam a literatura e as pesquisas sobre Potencial Empreendedor entre os artigos analisados neste estudo.

A primeira dimensão – **intenção empreendedora e comportamento** - reúne trabalhos que relacionam a Teoria do Evento Empreendedor de Shapero e Teoria do Comportamento Planejado de Ajzen (AJZEN, 1985). Krueger (1993) e Krueger e Dickson (1994) comparam esses dois modelos em termos de sua capacidade de prever intenções empreendedoras destacando que na Teoria do Comportamento Planejado as intenções em geral dependem de percepções de atratividade pessoal, normas sociais e viabilidade enquanto que na Teoria do Evento Empreendedor as intenções empreendedoras dependem de percepções de desejo pessoal, viabilidade e propensão a agir. Essas duas teorias compõem o modelo de Potencial Empreendedor de Krueger e Brazeal (1994). Outros artigos de Krueger utilizam conceitos próximos a autoeficácia para explicar tolerância ao risco e tomada de decisão, bem como identificação de oportunidades (KRUEGER; DICKSON, 1994; KRUEGER, 1998; 2000).

Liñan e Santos (2007) analisam comportamento dos empreendedores e contexto social como influenciadores de intenção empreendedora. O autor também analisou a teoria do comportamento planejado de Ajzen para testar o papel de diferentes percepções sobre a intenção do indivíduo de se tornar um empreendedor (LIÑAN, 2008), para criar o Questionário de Intenção Empreendedora (LIÑAN; CHEN, 2009) e para, juntamente com a teoria econômica institucional e a teoria do capital social, desenvolver o modelo de intenção empreendedora (LIÑAN; RODRIGUES-COHARD; RUEDA-CANTUCHE, 2011).

Fayolle também se utiliza da teoria do comportamento planejado associando o tema à educação para o empreendedorismo (FAYOLLE; GAILLY; LASSAS-CLERC, 2006). O autor também aborda intenção empreendedora como uma estrutura teórica significativa (FAYOLLE; LIÑAN, 2014) e que pode ser influenciada pela educação empreendedora (FAYOLLE; GAILLY, 2015).

Os trabalhos de Bandura envolvem o conceito de autoeficácia (BANDURA, 1977; BANDURA; ADAMS, 1977; BANDURA; ADAMS. HARDY, 1980) e autoeficácia percebida,

que opera como um mecanismo comum por meio do qual diversas influências afetam a ação humana e o pensamento (BANDURA, 1982; 1984). Em 2001, Bandura escreveu sobre a teoria cognitiva social, explicando a agência pessoal, em cujas transações as pessoas são produtoras e produtos de sistemas sociais (BANDURA, 2001).

A segunda dimensão – **empreendedorismo como capital e desenvolvimento regional** - reúne estudos em *startups* (AUDRETSCH; ACS, 1994); transição da economia gerenciada para a economia empreendedora experimentada por alguns países e que produziu reflexos nos índices de desemprego (AUDRETSCH; THURIK, 2000); capital empreendedor como fator que molda a produção e a produtividade (AUDRETSCH; KEILBACH, 2004) e capital empreendedor relacionado a performance econômica (AUDRETSCH; KEILBACH, 2005) e desenvolvimento regional (AUDRETSCH; DOHSE, 2007). Fritsch e Wyrwich (2017) também estudam as *startups* e o efeito no desenvolvimento regional, a partir de análises relacionadas a culturas regionais de empreendedorismo. Os trabalhos de Fritsch analisam o impacto da formação de novos negócios na mudança regional (FRITSCH, 2008; FRITSCH; BRIXY; FALK, 2006; FRITSCH; MUELLER, 2004) e diferenças regionais no nível e no desenvolvimento de novas atividades regionais de formação de negócios (FRITSCH, 2013; FRITSCH; MUELLER, 2007; FRITSCH; SCHROEDER, 2011). Acs também direciona seus estudos aos empreendimentos regionais (ACS; STOREY, 2004; ACS; ARMINGTON, 2004) e às *startups* (ACS; MUELLER, 2008). Os trabalhos de Acs se voltam ainda a teorias sobre empreendedorismo e microeconomia (ACS; BRAUNERHJELM; AUDRETSCH, 2009).

A terceira dimensão – **empreendedorismo e cultura** - é composta apenas pelos trabalhos de Hofstede. Em um dos trabalhos mais citado do autor, constante no corpus de análise desta tese sobre Potencial Empreendedor, Hofstede afirma que a natureza das habilidades de gerenciamento é culturalmente específica (HOFSTEDE, 1984), com técnicas e filosofias específicas para determinados contextos, não sendo aplicáveis a outros. Hofstede (2003), oferece definições de cultura como um refinamento da mente e o resultado desse refinamento e como programação mental, relacionada a processos humanos mais fundamentais.

Os trabalhos dos autores McClelland, Shane, Gartner e Kuratko compõem a quarta dimensão teórica – **características comportamentais empreendedoras e seus influenciadores**. Os estudos de McClelland indicaram relação entre empreendedorismo e necessidade de realização (McCLELLAND, 1965; 1987) e apresentaram que características como proatividade e compromisso com os outros podiam ser observadas em empreendedores bem sucedidos (McCLELLAND, 1987). As pesquisas de Shane mais citadas tratam de aspectos relacionados à cultura, em associação com estratégia (SHANE, 1992) e inovação (SHANE,

1993), relacionam empreendedorismo com desenvolvimento tecnológico, propensão de assumir riscos e a outros fatores econômicos (SHANE, 1996), tratam sobre aproveitamento de oportunidades (SHANE, 2000), analisam como as motivações dos empreendedores são tratadas nas pesquisas sobre o tema (SHANE; LOCKEA; COLLIN, 2003), associa características de personalidade à tendência ao empreendedorismo (SHANE; CHERKAS; SPECTOR, 2010). Outro autor presente neste agrupamento é Gartner, que em 1988 já definia o empreendedor a partir de suas características e traços de personalidade. Outros estudos citados do autor ampliam o debate acerca do empreendedorismo como um campo de pesquisa (GARTNER, 1990; 2007; GARTNER; DAVIDSSON; ZAHRA, 2007). Kuratko trata de educação para o empreendedorismo (KURATKO, 2005), comportamento empreendedor (KURATKO; IRELAND; COVIN, 2005) e elabora um instrumento de avaliação do empreendedorismo corporativo (KURATKO; HORNSBY; COVIN, 2014).

A quinta dimensão teórica – **empreendedorismo e economia** – concentra as publicações de Drucker e Schumpeter, ressaltando o impacto da educação no desenvolvimento econômico (DRUCKER; GOLDSTEIN, 2007) e apresentando os ciclos econômicos, evolução do capitalismo e do empreendedorismo e analisando a resposta criativa na história da economia (SCHUMPETER, 1961; 1997).

A sexta dimensão – **empreendedorismo com orientação social** – resulta do agrupamento dos trabalhos dos autores Johannisson e Williams. O primeiro defende o desenvolvimento de uma rede pessoal como forma de assegurar a continuidade de um empreendimento (JOHANISSON, 1988; 1995; JOHANISSON; MONSTED, 1997) e relaciona a abertura de um pequeno negócio ao empreendedorismo comunitário qualificado, definido como maneiras pessoais e inovadoras de criar apoio para empreendedores autônomos locais (JOHANISSON, 1990). Williams analisa relações de trabalho (WILLIAMS, 2005a), avalia as práticas de enfrentamento adotadas pelas famílias da Europa Centro-Oriental após o colapso do bloco socialista (WILLIAMS, 2005b; WILLIAMS; ROUND, 2008), aborda o dualismo da economia formal/informal, documentando o papel da informalidade no desenvolvimento de empresas (WILLIAMS, 2007a, 2009; WILLIAMS; NADIN, 2010; 2011; WILLIAMS; SHAHID, 2016) e busca, com trabalho publicado ainda em 2007, avaliar o discurso de que o empreendedorismo e a cultura empresarial são entrelaçados com o esforço capitalista orientado ao lucro, procurando entender se, em algumas populações, a cultura do empreendedorismo é mais orientada socialmente do que orientada ao lucro (WILLIAMS, 2007b).

4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 2

Esta seção é dedicada à análise dos resultados do Estudo 2, a qual foi realizada a partir da análise de conteúdo das entrevistas e das publicações nas mídias sociais dos sujeitos de pesquisa que são indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista. Os procedimentos de análise foram realizados em etapas, elencadas a seguir.

- Criação do protocolo de entrevistas, um quadro com as informações mais relevantes de cada entrevista, composto das seguintes informações: idade e gênero do entrevistado, formação, principais atividades (incluindo profissionais), informações sobre pais/responsáveis, fatos marcantes, aspectos comportamentais e cognitivos referentes a Transtorno do Espectro Autista e Potencial Empreendedor. O protocolo de entrevistas é uma ferramenta elaborada por Minello (2010) e nesta pesquisa tem como base teórica os autores Allinson e Hayes (1996; 2012), Bandura (1999), Lazarus e Folkman (1994), Santos (2008), McClelland (1961), Santos et al. (2014), Krueger e Brazeal (2018), Neto (2008), Teixeira (2016), Grandin (2010, 2019) e Ramos (2017).

- Sustentação teórico-empírica por meio de autores e de relatos dos entrevistados, de comportamentos específicos do TEA e do Potencial Empreendedor, caracterizando os sujeitos de pesquisa deste estudo.

- Análise das categorias de análise definidas a priori com base nos construtos teóricos adotados para este estudo, trazendo trechos das falas dos entrevistados e referências teóricas para cada categoria previamente definida.

- Análise das categorias de análise definidas não a priori, emergentes dos relatos dos entrevistados e sustentadas teoricamente da mesma forma que as categorias a priori.

4.2.1 O protocolo de entrevistas do Estudo 2

O protocolo de entrevistas (Minello, 2010) sumariza aspectos importantes das entrevistas. Trata-se de uma série de quadros informativos que visam proporcionar um panorama da pesquisa, organizando as falas dos entrevistados em três conjuntos de informações. O primeiro refere-se a dados biográficos; o segundo à dados referentes ao Transtorno do Espectro Autista e; o terceiro é voltado a dados referentes ao Potencial Empreendedor. É importante salientar que todas as observações inseridas no quadro são resultantes da percepção da pesquisadora sobre aspectos relevantes expressados pelos entrevistados, sem ilação sobre os mesmos, no intuito de manter o rigor científico.

Quadro 21 – Protocolo de entrevistas do Estudo 2

(continua)

Entrevistados	Biografia		Fatos marcantes	Dados referentes ao TEA		Dados referentes ao Potencial Empreendedor	
	Idade/ Gênero	Formação/ Atividades		Comportamento	Cognição	Comportamento	Cognição
AE1	22/M	<ul style="list-style-type: none"> - Estudante de pós-graduação em Informática na Educação - Empresário 	<ul style="list-style-type: none"> - Diagnosticado na fase adulta. - Distanciamento da mãe. - Observação de padrões e uso disso de forma funcional - Estratégias de socialização bem elaboradas. - Insistência em determinadas coisas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de socialização. - Interesse por padrões. - Interesse em objetos, afeto deslocado de pessoas. - Rituais e prazer na execução dos rituais. - Estereotípias - Crises causadas por estresse e irritação. - Entendimento literal das falas. - Atipicidades prejudicando o trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estratégias para escapar de situações e para conseguir socializar com outras pessoas. - Hiperfoco mal utilizado, prejudicando a atuação profissional. - Novas experiências como consequências de interesses e não como uma busca. - Modelo de computação orientada a objetos para socializar. - Inflexibilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa tolerância ao risco, o que gera perda de oportunidades e desenvolvimento de estratégias para minimizar os riscos. - Alta competitividade. - Empreendedor. - Intenção de iniciar outros empreendimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver projetos só pelo aprendizado. - Utilizar padrões para identificar o tipo de aplicativo que as empresas mais querem e usa isso para negociar novos projetos.
AE2	21/M	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino médio completo - Assistente de depósito de supermercado 	<ul style="list-style-type: none"> - Diagnosticado na fase adulta. - Chegou a iniciar Engenharia, mas não viu sentido no que estava fazendo e desistiu. - Trabalha alguns dias por semana. - Tem facilidade com números. - Apresentou desenvolvimento depois que começou a trabalhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Agressividade. - Não consegue falar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. - Problemas com sons altos e com eventos não planejados. - Fala várias coisas em sequência até se perder – percebe isso e tenta contornar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inteligência acima da média. - Facilidade de aprendizado. Tentou ficar ‘mais burro’ para conseguir se relacionar melhor com os outros. - Pensa articulando o pensamento anterior para conseguir se expressar. Ideias vão se abrindo em novas ideias muito rapidamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dinheiro é um bônus por estar trabalhando, mas não é o que importa (foco na atividade) - Busca por informações em áreas de interesse. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosto por se aprofundar em determinados assuntos. - Prefere aprender coisas novas na prática, para evitar cometer erros, o que o incomoda muito.

Quadro 21 – Protocolo de entrevistas do Estudo 2

(continuação)

Entrevistados	Biografia		Fatos marcantes	Dados referentes ao TEA		Dados referentes ao Potencial Empreendedor	
	Idade/ Gênero	Formação/ Atividades		Comportamento	Cognição	Comportamento	Cognição
AE3	22/F	<ul style="list-style-type: none"> - Estudante de Letras - Influencer sobre TEA 	<ul style="list-style-type: none"> - Diagnóstico na fase adulta. - Compreensão literal de falas. - Dificuldade com mudança. - Tentativa de suicídio antes do diagnóstico. - Mantém páginas de conteúdo sobre autismo na internet e nas redes sociais. - Sensível a luzes e a sons. - Estereotípias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades sensoriais e de socialização. - Dificuldade com ambientes com muitas pessoas. - Entendimento literal das falas, o que causa dificuldade com algumas matérias da faculdade. - Ambientes muito grandes causam dor e ansiedade. - Mudanças de planos causam crises. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade com abstrações. - Lembra de coisas que já passaram e sente como se estivessem acontecendo naquele momento. - Não pode ser interrompida quando está concentrada. - Dificuldade com memórias em ordem linear. - Memórias causam alterações de comportamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem planos para o futuro bem delineados. - Busca por informações detalhadas de assuntos relacionados ao seu hiperfoco. - Hiperfoco como impulsor da atividade que realiza na internet como influencer sobre autismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aprendizado por leitura e escrita. - Utiliza a escrita como principal meio de realização de suas atividades na internet.
AE4	36/M	<ul style="list-style-type: none"> - Bacharel em Design - Empresário 	<ul style="list-style-type: none"> - Destacou desenvolvimento mais lento na infância. - Dificuldade de expressão e socialização. - Aprecia trabalho criativo. - Se tornou mais tolerante a questões relacionadas a toque com o nascimento do filho. - Certo incômodo por não ter convivido com o próprio pai. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades de socialização. - Dificuldade com toque. - Relata restrição na busca por experiências pessoais. - Literalidade da fala. - Precisa de tempo para aceitar mudanças. - Hiperfoco em criação. - Não é muito tolerante a mudanças e é sensível a questões relacionadas ao ambiente (sons e luzes) 	<ul style="list-style-type: none"> - Pensar diferente é desafiador e precisa enfrentar isso. - Autistas são, para AE 4, um tipo diferente de pessoa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Planos para o futuro estão bem delineados. - Tem intenção de aumentar a empresa. - Busca por informações e elabora planos de ação. - Dificuldades de socialização culminaram com abertura de empresa. - Busca sempre novas experiências em relação ao trabalho. - Criatividade no trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aprendizado pela prática e pela observação. - Se dá de forma exponencial, como se tivesse meses de estudo entre a primeira e a segunda execução de uma tarefa.

Quadro 21 – Protocolo de entrevistas do Estudo 2

(continuação)

Entrevistados	Biografia		Fatos marcantes	Dados referentes ao TEA		Dados referentes ao Potencial Empreendedor	
	Idade/ Gênero	Formação/ Atividades		Comportamento	Cognição	Comportamento	Cognição
AE5	20/M	- Estudante universitário	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em mudança de rotina e em questões sociais. - Comportamentos bem típicos de TEA e traços de impulsividade. - Hiperfoco de duas formas: interesses restritos e isolamento completo do ambiente por longos períodos de tempo. - Antecipa ações das pessoas, mas não as compreende. 	<ul style="list-style-type: none"> - Isolamento mental. Insistência em certos assuntos e ações. - Ausência de afeto. - Esquecia até de se alimentar quando estava fazendo algo do seu interesse e ficava irritado quando interrompido. - Não quer que pessoas entrem ou saiam de sua vida. - Alterações de rotina causam mudança de humor. - Inflexibilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de padrões para socialização. - Ideias impulsivas, que ele tenta suprimir. - Pensamento por insight e algumas vezes são soluções importantes. - Hiperfoco de isolamento: é como se fizesse parte daquilo que está fazendo ou estudando. 	<ul style="list-style-type: none"> - Imaginação e criatividade. - Busca por novas experiências. - Estabelece planos claros para o que deseja alcançar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem facilidade em achar soluções criativas para o que está fazendo. - Aprendizado por insights.
AE6	21/M	<ul style="list-style-type: none"> - Estudante Universitário - Desempregado 	<ul style="list-style-type: none"> - Já trabalhou, mas não é proativo. - Considerado bem desenvolvido para um autista, é foco de atenção de educadores e pesquisadores na cidade onde vive. - Conseguiu superar dificuldades sociais, mas afirma não ter empatia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rigidez de comportamento. - Intolerância com erros. - Já se acostumou com mudanças, mas era resistente. - Falta de empatia. - Emoções muito intensas. - Dificuldade para iniciar algo novo. - Tem dificuldades com sons altos e ambientes barulhentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pensa muito e muito rapidamente que chega a esquecer de agir. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem planos claros para futuro, inclusive de longo prazo, mas afirma estar focado em planos de curto prazo. - Novas experiências como forma de sair da zona de conforto. - Está escrevendo livro de ficção e desenvolvendo jogos. - Quer trabalhar com cinema. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aprendizado por assimilação e pensamento criativo baseado no que tem na memória.

Quadro 21– Protocolo de entrevistas do Estudo 2

(continuação)

Entrevistados	Biografia		Fatos marcantes	Dados referentes ao TEA		Dados referentes ao Potencial Empreendedor	
	Idade/ Gênero	Formação/ Atividades		Comportamento	Cognição	Comportamento	Cognição
AE7	31/M	- Contador - Militar	- Diagnóstico na fase adulta. - Extremamente detalhista. - Dificuldade em quebra de rotina. - Reconhecimento que se fosse diagnosticado ainda criança o desenvolvimento não teria sido tão satisfatório. - Hiperfoco em motores. - Autoeficácia em tópicos relacionados ao hiperfoco.	- Problemas com o ambiente, com sons. - Socialização precária. - Dificuldade de competir com neurotípicos. - Cansaço em ambientes que exigem interação social. - Não gosta de surpresas. - Busca por previsibilidade.	- Pensamento em fluxograma e antecipação de resultados. - Desenvolvimento de estratégias para se passar por neurotípico. - Teto de desenvolvimento. Não consegue passar de certos limites.	- Dedicção a tarefas e detalhamento. - Prefere trabalhos desafiadores. - Hiperfoco como um diferencial. Se abandonar o hiperfoco, que é o que lhe auxilia em entender algumas coisas em profundidade, não terá mais nada.	- Autoeficácia como defesa. - Análise de problemas em fluxograma. - Desenho técnico. - Antecipa resultados de ações que está realizado. - Autoeficácia com assuntos relacionados ao seu hiperfoco. Sente que aprende mais que os outros que tem as mesmas oportunidades.
AE8	18/F	- Estudante - Vendedora de doces que ela mesma produz	- Diversos diagnósticos relacionados a questões neuronais e comportamentais. - Produz doces e os vende imitando o comportamento de outras vendedoras. - Tem rotina de trabalho e estudo bem aberta.	- Sente que é problemático estar em uma rotina muito rígida. - Mudanças a deixam ansiosa e com raiva. - Dificuldade com o ambiente. Precisa se isolar algumas vezes. - Cansa em ambientes muito estimulantes. - Luzes a deixam sonolenta. - Se irrita com interrupções. Precisa falar de seu hiperfoco.	- Ideias se formam rapidamente, fora de ordem e não iniciam do básico ao complexo.	- Pesquisa, analisa e busca informações antes de executar planos. - Busca experimentar coisas novas, mas com limites.	- Aprende coisas que interessam com facilidade. - Começar a vender doces aumentou a memorização. - Aprende resumindo e precisa de explicações.

Quadro 21 – Protocolo de entrevistas do Estudo 2

(conclusão)

Entrevistados	Biografia		Fatos marcantes	Dados referentes ao TEA		Dados referentes ao Potencial Empreendedor	
	Idade/ Gênero	Formação/ Atividades		Comportamento	Cognição	Comportamento	Cognição
AE9	28/M	- Estudante de administração - Vendedor de doces que ele mesmo produz	- Já teve empregos, mas o comportamento o levou à demissão. - Divórcio dos pais causou problemas. - Faz doces para vender. Teve dificuldade no primeiro dia e buscou auxílio nas redes sociais. - Várias iniciativas de pequenos empreendimentos foram iniciadas sem planejamento ou previsão de condução.	- Comportamentos impulsivos. - Dificuldade de compreender questões relacionadas à convivência social. - Dificuldade com mudanças. - Dificuldade em entender ironias, sinais, expressões faciais. - Ansiedade. - Dificuldade com regras sociais.	- Pensa como um computador com muitas abas abertas. - As informações não ficam guardadas e muitas vezes vêm à tona. Vêm desordenadas.	- Intenção empreendedora e iniciativas empreendedoras. - Tentativas de enfrentamentos de problemas. - Busca por informações.	- Inteligência. - Autodidata. Aprende sozinho. - Autoeficácia – ser bom em fazer doces o estimulou a começar a vender doces.
AE10	33/F	- Ensino médio - Autônoma	- Saiu de casa cedo e sem apoio familiar. - Focada em trabalhar. - Atenção aos detalhes para evitar surpresas. - Tem facilidade para realizar coisas relacionadas ao hiperfoco.	- Não tolera distrações no trabalho. - Não tem bons relacionamentos pessoais. - Fala exatamente o que pensa e tem problemas por isso. - Não gosta de distrações quando está trabalhando. - Não gosta de socializar no trabalho.	- Hiperfoco e concentração acima da média. - Ideias aparecem de repente. Pensamento por insight.	- Consegue perceber detalhes que geram melhorias nas empresas em que atua. - Novas experiências relacionadas a interesses específicos. - Busca informações antes de realizar algo novo. - Tem planos estruturados para o futuro.	- Pensamentos a partir de referências externas. - Aprendizado pela prática, por imagens e, algumas vezes por observação de padrões.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Allinson e Hayes (1996; 2012), Bandura (1999), Lazarus e Folkman (1994), Santos (2008), McClelland (1961), Santos et al. (2014), Krueger e Brazeal (2018), Neto (2008), Teixeira (2016), Grandin (2010, 2019) e Ramos (2017), a partir de ferramenta desenvolvida por Minello (2010).

4.2.2 Caracterização dos sujeitos de pesquisa a partir das falas dos entrevistados

Por estar voltado à indivíduos com TEA, o Estudo 2 foi elaborado a partir de amostragem por casos extremos, não probabilística intencional e em cadeia (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006) para determinação dos sujeitos de pesquisa. A escolha dos participantes foi vinculada ao objetivo deste momento da pesquisa, que busca elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas ao Potencial Empreendedor.

O conceito de Potencial Empreendedor adotado para este estudo foi definido pela pesquisadora, com base na literatura, como características comportamentais que predisõem à criação de um novo empreendimento ou à inovação em empreendimentos já estabelecidos, e que podem ser acionadas e desenvolvidas a partir de determinados estímulos externos e suporte adequado. As características comportamentais associadas ao construto são: busca por informações, persistência, construção de relacionamentos, aproveitamento de oportunidades, criatividade, aceitação de mudanças, solução de problemas, percepção/assunção de riscos, necessidade de realização, planejamento, capacidade de inovação, motivação econômica, traços de personalidade, percepções sobre o ambiente e propensão à ação. (ATHAYDE, 2009; CARLAND et al., 1995, CARLAND; CARLAND; ENSLEY, 2001; CHEN; GREENE; CRICK, 1998; KING, 1985; KRUEGER; BRAZEAL, 1994; MITCHELL, 1989; PALMER, 1971; RAAB; STEDHAN; NEUNER, 2005; SANTOS, 2008; SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014).

Foram consideradas, ainda, características comportamentais resultantes do TEA que podem ser correlacionadas ao desenvolvimento de potencialidades: capacidade de raciocínio, percepção de padrões, hiperfoco, atenção aos detalhes, pensar diferente e criar algo de valor dedicando tempo e esforço necessários (DSM-5, 2014; GRANDIN, 2010; 2019; GRANDIN; PANEK, 2019; MUOTRI, 2011; ROBISON, 2008; TEIXEIRA, 2016). A autoeficácia e a aprendizagem, que são aspectos cognitivos (ALLINSON; HAYES, 1996; 2012; BANDURA, 1988; 1998; 1999), também são consideradas na elucidação do perfil dos entrevistados com TEA. Além destas, visto que a caracterização dos sujeitos de pesquisa é embasada na literatura, recorre-se ainda aos resultados do Estudo 1 desta tese, especificamente a primeira dimensão teórica identificada – intenção empreendedora e comportamento -, que evidencia a Teoria do Comportamento Planejado como influência na intenção empreendedora, e a quarta dimensão teórica – características comportamentais empreendedoras e seus influenciadores – que reúne aspectos relacionados à cultura, assumir riscos, aproveitamento de oportunidades, motivações e traços de personalidade. Todos esses tópicos sobre comportamento e seus influenciadores embasam, então, a caracterização dos sujeitos de pesquisa, apresentada no Quadro 22.

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continua)

ENTREVISTADO AE1	TRECHOS DA FALA DE AE1
Potencial Empreendedor	<p>Aí eu investia muito mais esforço e conseguia identificar quais eram os projetos semelhantes aos que eu já tinha repertório e quando eu conseguia identificar, eu investia muita energia em negociar com essas pessoas. Então cativava elas, conseguia negociar bem, era disruptivo com a minha concorrência. Então, dificilmente, eu não conseguia ganhar. Esses projetos que eu já tinha uma boa estratégia de selecionar eles, e investir um grande tempo em atenção mesmo, né, para cativar a pessoa a negociar comigo, conseguia converter, então, isso em negócio, fazer o contrato, e entregava algo maravilhoso. Sempre conseguia entregar algo maravilhoso. Era do meu repertório já... já tinha uma grande experiência de como fazer. (AE1)</p> <p>Por mais que eu tenho claras evidências que eu conseguiria aprender, eu conseguiria sim entregar esse projeto, e com certeza seria uma performance melhor que a grande maioria dos outros, outros competidores ali, eu não conseguia tolerar não saber 100% do caminho. Às vezes eu passava as 24 horas estudando intensivamente para saber como iria concretizar aquele projeto, todas as etapas dele, eu conseguia 90%. Mas dez por cento faltava. Nossa, não tô conseguindo entender como vou fazer isso. Me desesperava, cancelava o projeto, pedia desculpa e tal. E aí, passava, sei lá... podia passar, depois disso me aliviava. Ficava aliviado. Aí passava mais um dia e pronto, tinha 100%. (AE1)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	<p>AE1 é empresário e a primeira fala evidencia dois aspectos importantes relacionados a Potencial Empreendedor – aproveitar oportunidades e necessidade de realização -. Assumir de riscos não é uma característica de AE1, entretanto, uma característica relacionada ao TEA e que também é relacionada ao Potencial Empreendedor, que é criar algo de valor dedicando o tempo e esforço necessário, aparece no segundo excerto da entrevista.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Tem um ato, enquanto eu estou programando, tem um... tem uma abstração que eu poderia fazer para ti, mais ou menos como funciona a minha atividade profissional. Quando estou negociando, tem uma outra abstração que eu uso, né? Então, modelos diferentes para cada situação, né? Então, quando eu estou conversando com uma outra pessoa, né, eu também uso um outro modelo que vai se formando de uma forma diferente, digamos assim. Então eu diria que tenho N modelos para cada, né, maneiras... N maneiras que as ideias vão se formando. E essa maneira que essas ideias vão se formando vai depender bastante de qual atividade eu estou engajado no momento (...). Para interação com pessoas, por exemplo, certamente eu uso modelos que estão muito relacionados com análise do comportamento, né? Eu enxergo interações como contingências, né? Então, tudo tem o seu antecedente, todos os comportamentos que eu observo são respostas aos estímulos antecedentes e...e... é... logo em seguida de cada resposta que eu observo, há uma consequência que, por conta dessa consequência, eu devo esperar que a probabilidade dessa...dessa resposta que eu acabo de observar será mais ou menos, né?... se incrementará ou se ela se decrementará. Sei lá como é o nome disso... <i>dicrement</i>... Eu não sei, não consigo traduzir esse termo do inglês. Ah... ok. Isso é uma coisa também. Quando eu vou pensando, por exemplo, em análise do comportamento, eu penso em inglês (risos). Eu não penso em português. (AE1)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>AE1 utiliza a forma de pensar diferenciada para estabelecer estratégias de socialização e de ação, de forma a compensar as dificuldades comuns ao TEA.</p>

Quadro 22– Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE2	TRECHOS DA FALA DE AE2
Potencial Empreendedor	<p>Olha eu prefiro sempre... hã... pedir como é que a coisa funciona. Detalhes primeiro ou nem que seja pedir para alguém fazer para poder ver. Eu gosto de ver para ter uma ideia melhor na minha cabeça primeiro... quando eu posso tentar fazer, eu posso tentar mais fazer o mais próximo possível do que foi explicado para tipo... quando é possível, eu gosto de evitar ficar cometendo erro muito... muito... muito bobageira assim, para não ficar muito perdido, não ficar fazendo as coisas muito errado. Eu gosto de fazer as coisas certas quando possível. Para mim, eu não tô fazendo a coisa certa me incomoda. (AE2)</p> <p>Eu tenho vontade de aprender qualquer coisa. Sempre vai servir para alguma coisa. Não tenho nenhum exemplo específico, mas matemática sempre foi matemática a matéria mais fácil. (AE2)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	<p>AE2, embora esteja inserido no mercado de trabalho, não evidencia comportamentos relacionados a Potencial Empreendedor. Ainda assim, demonstra capacidade de aprendizagem e atenção aos detalhes, para evitar erros.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>A coisa estava complicada, assim, quando era adolescente. Acredita que eu cheguei num ponto, assim, que eu botei na minha cabeça que poderia ser uma boa ideia eu ficar mais burro? Para poder interagir melhor com os outros... Chegou um ponto que, assim, eu não entendia. Como é que eu vou entender (?). Eu estava tão... enlouquecido que eu cheguei ao ponto de acreditar que ficar mais burro ia dar certo. Aquilo ali me marcou mal (risos) porque no final das contas eu consegui ficar preguiçoso. E foi a coisa mais horrível que eu me arrependi a morte de ficar... de ficar preguiçoso. Eu cheguei a um ponto que eu chegava a fazer uma prova, fazer uma coisa assim, né, eu não conseguia lembrar as coisas. Sempre minha memória sempre foi muito boa e aí eu percebi que eu tinha conseguido funcionar muito bem. Mas aquilo ali só tava me atrapalhando porque para saber, assim, que tipo,... que... que... eu tava pensando com isso, né? (AE2)</p> <p>Eu não penso exatamente igual todo mundo, né? Meu pensamento é um pouquinho diferente. Eu penso muito mais ligeiro. Quando as pessoas estão aqui, eu já tô lá na frente, né? (...) Digamos simplesmente vai ... vai fluindo as coisas assim como se... vem assim as coisas, mas aí bem ligeiro. Tipo assim, tô pensando uma coisa, por exemplo e enquanto... eu tipo em questão de...de...de segundos eu já completei o pensamento ... assim e aquilo ali já vai se abrindo para outras coisas e vou pensando aquilo ali vai indo assim. Tipo assim, penso numa coisa, isso aqui, isso aqui, depois isso aqui, isso é bem ligeirinho assim mas... tipo... para mim, eu já tô acostumado a funcionar assim. (AE2)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>As duas passagens das falas de AE2 indicam a forma de pensar diferenciada e agilidade de pensamento do entrevistado. O gestor de AE2 afirmou que apenas em olhar para as prateleiras do mercado, ele é capaz de dizer a quantidade de mercadorias que poderiam ser colocadas ali. Entretanto, o rapaz prefere ficar no depósito, fazendo tarefas mais mecânicas, que o deixam mais confortável com o trabalho. O raciocínio matemático está presente, mas é pouco utilizado nas tarefas cotidianas.</p>

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE3	TRECHOS DA FALA DE AE3
Potencial Empreendedor	<p>Eu tento pesquisar muito sobre o que eu quero fazer... e pensar muito nisso. E eu tento... eu tento organizar, mas eu não sei me organizar muito bem nas (...) vou tentando fazer as coisas que... Geralmente eu penso muito à frente e acabo tendo muita ansiedade pelo futuro. Eu tenho que planejar muito. (AE3)</p> <p>Hã... Acho que escritora. De preferência sobre autismo. (AE3)</p>
Análise do comportamento relacionado a potencial empreendedor	<p>O primeiro trecho indica a utilização do planejamento para alcance de determinados objetivos. O planejamento é utilizado pela entrevistada como forma de reduzir ansiedade, mas há instabilidade emocional quando algo não sai conforme o planejado. AE3 também delineou planos para o futuro, conforme indica o segundo fragmento da entrevista. É uma atividade que a entrevistada já exerce, em redes sociais, tendo se tornado uma influencer e referência para pais e outros autistas. Ou seja, um interesse já está sendo direcionado para trabalho, de forma empreendedora.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Bem às vezes eu gosto de ficar revendo cenas que... que aconteceram e que me deixaram feliz. E às vezes eu gosto de inventar cenas isso me faz rir... começar a rir. Ou às vezes me deixa tão animada que eu começo a correr. Eu posso tá até no meio da rua. Hã... ou às vezes eu fico tão ansiosa por causa de algum... algum lugar que eu não consigo pensar direito e começo a andar de um lado para o outro e a me mexer mais e no meu caso não é só imagens também tem palavras. mas eu... eu não... gosto muito de conversar comigo mesmo. eu descobri que as pessoas costumam fazer. geralmente. tem muita repetição de som e muita música e a (...) e eu gosto de ouvir as coisas de novo para (...) e (...) é. Acho que é isso. (AE3)</p> <p>Talvez seja dificuldade de ter memórias na ordem certa. Talvez às vezes as memórias não sejam muito lineares e causa dificuldade de saber se foi recente ou não e... e ficam vindo a mente e às vezes eu posso ficar chateada de repente sem motivo aparente ou possa ficar muito animada de repente (...) e talvez sair correndo (?) (...) (AE3)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>A entrevistada indicou, em suas falas, diversas características relacionadas ao autismo. Os dois trechos acima foram selecionados por indicarem o pensar diferente do autista e a forma como esse pensar influencia o comportamento do autista. O que parece ser disfuncional, na verdade é resultado de pensamentos que estão ocorrendo e que retomam as emoções já vividas em intensidade, como se tivessem acabado de acontecer. A entrevistada também relatou dificuldade em perceber se algo está sendo vivido ou imaginado.</p>

Quadro 22– Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE4	TRECHOS DA FALA DE AE4
Potencial Empreendedor	<p>Primeiramente, voltar ao meu ritmo de trabalho antigo para poder alugar uma casa para morar com a minha esposa e filho. No âmbito profissional, fazer a minha empresa funcionar a todo vapor para poder contratar o meu primeiro funcionário e em até 5 anos conseguir abrir uma loja de rua. O processo não é muito linear, mas a priori eu começo estudando com antecedência sobre o que desejo e tudo que preciso para realizar tal coisa. Feito isso eu entro na fase de viabilizar financeiramente o que desejo, seja uma compra ou um projeto. E por fim eu realizo. (AE4)</p> <p>Por ser um autista visual eu aprendo muito com a observação. Sou do tipo que se entope de vídeos sobre um assunto específico (p.e. marcenaria) e depois de comprar as primeiras ferramentas eu executo a primeira ideia, que geralmente não fica perfeita. É aqui que entra a segunda fase do meu aprendizado: prática. Como eu aprendo de forma exponencial, a diferença entre a minha primeira tentativa e a segunda são gritantes - é como se eu tivesse tido meses de preparo entre as execuções, quando na verdade o espaçamento é de alguns dias. (AE4)</p> <p>Basicamente, eu tenho um problema para resolver e tenho que descobrir como realizar isso com o que tenho disponível. Então minhas ideias dependem sempre do que será feito. (AE4)</p>
Análise do comportamento relacionado a potencial empreendedor	<p>Os três excertos da fala de AE4 indicam características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor. A primeira é o planejamento, evidenciado pelo delineamento de planos e busca por informações, que também compõem o Potencial Empreendedor. A segunda é a aprendizagem. A fala indica um aspecto cognitivo que é a aprendizagem de forma exponencial, com facilidade para executar o que acabou de aprender. O entrevistado usa isso em seu empreendimento, que é voltado a produção de brinquedos. E por fim, a busca por solução de problemas apareceu na fala de AE4.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Meu interesse especial (o hiperfoco) principal é criar. (AE4)</p> <p>A coisa que mais me deixa irritado é dar sentido diferente ao que falo, pois sempre digo que sou literal, logo não há margem para interpretação das entrelinhas. Quando isso acontece eu fico descompensado. (AE4)</p> <p>E saber que sou autista finalmente me trouxe a informação que faltava para eu entender quem sou de verdade; conseguir explicar os problemas que tive e as coisas únicas e incríveis que faço. E eu descobri isso de forma paralela com o nascimento do meu filho, então precisei fazer um esforço danado para lidar com as minhas próprias crises e ser um pai funcional e presente. Passei a buscar ajuda para poder lidar com as minhas dificuldades e a enfrentar todos os desafios que eu tenho por causa do tipo de cérebro que tenho, tudo isso para que o meu filho tenha sempre o melhor de mim. (AE4)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>Alguns aspectos do comportamento de pessoas autistas aparecem na fala do entrevistado. O primeiro é o hiperfoco voltado à criação, que é capitalizado na empresa de AE4. O segundo é a literalidade do discurso e as alterações comportamentais que provocam em casos de incompreensão. E por fim, a busca por criar algo de valor dedicando tempo e esforço necessário, que aparece na fala do entrevistado ao elucidar o esforço que está fazendo para superar suas dificuldades para o que o filho tenha o melhor pai.</p>

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE5	TRECHOS DA FALA DE AE5
Potencial Empreendedor	<p>Eu comecei a ler alguns livros e me interessar por determinados assuntos e eu era muito bom com computadores. Então hoje, quando eu desmonto um computador, eu falo é um bom dia para salvar vidas. (AE5)</p> <p>Eu achava ela bonita. Eu pensei, bom, fui pesquisar como conquistar uma garota <i>Wikipédia</i>. O <i>Wikipédia</i> me disse seja mais inteligente que ela. (AE5)</p> <p>Mesmo que eu não soubesse fórmulas, as ideias eu tinha. Ideias para fazer o trabalho. Então eu fazia as ideias geniais. (...) e ela só formulava com as palavras certas que tinham que ser usadas porque eu não sabia fazer isso direito então os trabalhos eu tirava 20 e 30 20 30 20 30 por que as ideias eram incríveis mas eu não sabia formular Eu só fui aprender a formular essas coisas no último ano do médio por causa de atitude de uma pessoa. (AE5)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	<p>Os excertos da entrevista de AE5 indicam busca por informações e uso dessas informações para uma atividade profissional, que é assistência técnica de computadores. A busca por informações também orienta aspectos da vida privada. Uma outra questão que surge nas falas é a criatividade, que é uma característica comportamental associada a Potencial Empreendedor. O entrevistado relata a criatividade para solucionar questões e o apoio que teve para aprender a usar funcionalmente esta criatividade.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Para você ter uma noção sobre como eu não sei entender as pessoas (risos). Eu sei premeditar elas, mas eu não sei entendê-las. (...) porque eu não entendia quando ela queria falar comigo, quando ela não queria falar comigo. Na verdade, eu não entendo até hoje. Mas vamos fingir que eu entendo. E eu não entendi, então tinha muitas vezes que ela me respondia por educação, mas não falava comigo. Eu não sabia. Não, na verdade até hoje eu não (...) A maioria das pessoas que eu conversei a partir desse ponto eram ou de outro país ou de outro estado, tudo pelo computador, porque era só sentar na frente do computador e eu pareço normal conversando assim tipo você me ouvindo parece que eu sou um garoto normal. As pessoas também. Então era fácil para mim criar um certo vínculo (AE5)</p> <p>Quando eu era criança eu comecei a ir na igreja com um ano e meio de idade, e meu hiperfoco era a Bíblia. Então eu sei muita coisa. Muita coisa que as pessoas geralmente não sabem. (...) Eu lembro que meu primeiro carrinho de controle remoto que montei foi entrando em hiperfoco. (...) (...) O meu hiperfoco era tão forte que eu quando eu consegui entrar nessa forma, era como se eu tivesse dentro dos navios que estudavam nos livros. Então eu conseguia ter detalhes como, sei lá, uma textura de madeira que eu conseguia imaginar de uma forma mais fluida. (AE5)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>A dificuldade de socialização de AE5 é mencionada juntamente com a estratégia de solução que é usar interações mediadas pela tecnologia. Outro aspecto mencionado é o hiperfoco, que aparece de duas formas: um interesse restrito e concentração extrema. O hiperfoco é uma das características comportamentais relacionadas a Transtorno do Espectro Autista que podem ser utilizadas para desenvolver potencialidades para o exercício profissional.</p>

Quadro 22– Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE6	TRECHOS DA FALA DE AE6
Potencial Empreendedor	<p>Não sou muito bom com planejamento, mas consegui traçar algumas metas para os próximos dez como aprender mais 1 idioma, ou 2, se possível. Escrever 3 livros (já estou escrevendo o primeiro), desenvolver uma história em quadrinhos, cursar pelos menos duas faculdades (Design de Animação e Cinema) e atualmente iniciei o desenvolvimento de um jogo de corrida com os meus colegas de sala, se pudermos lança-lo em até 10 anos seria perfeito. (...) Meus objetivos geralmente não passam de 1 ano. Até porque nunca se sabe o que pode acontecer daqui a 5 minutos, então penso que não adianta tentar programar demais. (AE6)</p> <p>Prefiro minha rotina, minha zona de conforto, mas entendo a necessidade e importância de se renovar, então eu me forço a tentar coisas novas quando tenho a oportunidade. Eu só aprendi a andar de bike em outubro deste ano (2019), mas um dia meu irmão me convidou para uma corrida de 20Km e eu fui sem pensar duas vezes. Acabei caindo e me ralando na primeira curva... (AE6)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	<p>Os dois trechos da entrevista de AE6 ilustram características comportamentais concernentes a planejamento e experiências. Embora AE6 não se considere bom em fazer planos e buscar por eles, ele está buscando realizar seus planos. Visto a natureza dos planos – escrever livro e fazer filmes e games – é possível inferir comportamentos relacionados a Potencial Empreendedor convertendo-se em intenção empreendedora. Quanto às experiências, AE6 relata esforço e reconhece a importância.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Tenho autismo Asperger, um autismo de alto-funcionamento, então eu penso em coisas demais e muito rapidamente, por isso acabo sendo um pouco introvertido, penso tanto que esqueço de agir e quando tento acabo mudando de ideia na mesma hora, então fico nesse meio-termo entre agir e pensar e acabo por deixar diversas oportunidades passarem. Eu particularmente sou muito lógico e objetivo, tenho extrema dificuldade em entender as emoções e sentimentos dos outros e não sei lidar com as minhas, eu nunca as deixo transparecer, mas quando elas vêm à tona acabam sendo muito intensas. Também não tenho empatia alguma, se escuto uma pessoa desabafar, eu entendo o que ela diz, assimilo toda a informação e paro por aí, não consigo me colocar do outro eu só entendo a dor alheia e me compeço, só. (AE6)</p> <p>Hoje em dia eu estudo pesquisando, escutando vídeos no <i>Youtube</i> e podcasts. Mas estou muito mais seletivo do que antes, só pesquiso coisas que gosto, que tenham a ver com filosofia, sociologia, psicologia e/ou português. Por exemplo, sigo 3 (três) canais que analisam a parte técnica de jogos eletrônicos. Um analisa a música, outro analisa a psicologia, outro a estória, parte técnica, mecânicas, filosofias e por aí vai. Quero entender porque as coisas são como são e como elas nos afetam. Tudo sempre voltado ao homem, humano. (AE6)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>Pelos excertos da entrevista de AE6, questões ligadas ao pensamento do autista são evidenciadas, especialmente no que tange à lógica e objetividade. O aprendizado está voltado aos temas de interesse, especialmente jogos. Neste, a busca por informações técnicas torna o hiperfoco uma potencialidade.</p>

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE7	TRECHOS DA FALA DE AE7
Potencial Empreendedor	<p>Então eu faço tudo super esmiuçado, só nos detalhezinhas. E aí, quando tu junta tudo, acaba sendo perfeito. E eu vejo que as pessoas neurotípicas não tem essas... elas vão meio que no... ah vamos indo... Vamos indo. Vou te dar um exemplo: em 2013, eu fiz, de moto, uma viagem na América do Sul. Eu fui até a Argentina, Bolívia, Peru, Chile e daí eu voltei. Deu 8500 km em 23 dias. E estava tudo super detalhado, a quilometragem do dia, onde que eu ia passar, o documento que eu tinha que ter, onde que o policial ia me cobrar dinheiro e acontece isso. Então estava tudo... não tinha surpresa nenhuma. Tudo dentro da caixa. E eu vi, também, que as pessoas, quando fazem essas viagens, não planejam tanto assim e a minha... A minha, eu tinha tudo planejado sabe? Eu tinha aqui ... no Brasil já tinha feito o seguro lá do Chile e lá da Bolívia, que eu sabia que ia precisar sabe? Então já sabia tudo que podia passar e tudo mais. (AE7)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	<p>Para AE7, planejamento é uma forma de redução de inseguranças. Ainda assim, é uma característica do Potencial Empreendedor. A atenção aos detalhes, expressa pelo entrevistado, que na literatura é indicada como característica ligada ao autismo, também é uma característica empreendedora.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Por exemplo, falam a tá acontecendo tal coisa tá (...) vazando óleo e tal partes indo (...) carro aí, eu já consigo imaginar todo carro, começar as hipóteses nela e... e trabalhar como se fosse um fluxograma. (...) Deixa eu te explicar eu... eu não sabia que eu tava no espectro E aí eu tava... eu sempre tinha o meu autofoco. Eram os aeromodelos que uma vez eu comecei a construir. E se eu construir, descobrir todos os mistérios, tava voando. Aí vou para outra coisa, mas sempre na minha área de mecânica. Eu tava no trabalho, mas eu tava lá pensando no meu aeromodelo. Digamos assim, eu tava pensando no meu foco. Mas eu... eu vi lá que as pessoas normais estavam falando de aplicação financeira LCI, LCA estavam juntando dinheiro. Eu pensei: Poxa não sobra nada porque eu gasto tudo eu gasto tudo. E daí eu comecei a pensar: não, mas eu acho que eu não estou certo. Todo mundo tá diferente aí mais uma vez eu comecei a tentar me adequar entendeu eu comecei a abandonar meu hiperfoco vou ficar sem. Agora você é uma pessoa normal. Aí ficava só de computador, vendo besteira só no Facebook. Só que eu vi que aquele hiperfoco não era algo que eu podia abandonar, que era uma necessidade. Eu vi que eu comecei a ficar, sabe, a perder o sentido das coisas, sabe, que... que eu tô vivendo, que... que é um dia atrás do outro só para ganhar dinheiro. E a vida começa não ter mais sentido e quando vai ver essas campanhas contra suicídio. Ela sempre se baseia no apoio entre as pessoas. Fale com seus amigos, mas isso é uma coisa que a gente não tem. Então, abandonando foco e não tendo a parte social funcionando 100%, não sobra mais nada, sabe? E eu comecei a ficar depressivo E aí que eu vi que: poxa, não é assim, sabe? E aí que um belo dia (?) Mas agora que eu tô me resolvendo. (...) (AE7)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>Mais do que uma característica comportamental, para o entrevistado AE7 o hiperfoco fornece significado ao cotidiano, orientando estudos e interesses. Quando ao pensar diferente, o pensamento em fluxograma ajuda a compreender o que precisa fazer e organizar as ações. O entrevistado relata utilizar essa forma de pensar para dar conta das atividades cotidianas.</p>

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE8	TRECHOS DA FALA DE AE8
Potencial Empreendedor	<p>Também sei cozinhar doces e os vender. Imito minha mãe e outras vendedoras e dá certo. Por algum tempo aguento fazer isso. (AE8)</p> <p>Sempre deixo minha rotina um pouco aberta para dar espaço para isso. Quando estou presa demais em uma rotina é problemático, então me organizo para mudar um pouco. (AE8)</p> <p>Eu em primeiro lugar pesquiso muito sobre o assunto. Vejo o custo, onde é, o que eu teria que fazer, etc. Depois busco a opinião da família e de outros, que geralmente me dão dicas. Organizo minha rotina e aprendo o caminho se isso for na rua e faço. No início ficarei ansiosa, mas depois posso me acostumar e gostar (isso aconteceu quando vendia palha italiana na escola, toda noite eu tinha que começar a fazer às 18h e ajudou, pois, eu decorei mais nomes de estudantes do que em 8 anos de escola). (AE8)</p> <p>Quero trabalhar com artes, às vezes me apresentando, adoro isso. Não fico muito nervosa no palco, é muito mais difícil falar um a um do que com uma plateia. Penso no futuro em trabalhar com algo que trabalhe a Neurodiversidade, para poder ajudar outras pessoas como eu, se preferência com adolescentes e adultos. (AE8)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	<p>O primeiro excerto de entrevista ilustra autoeficácia e motivação econômica. Ainda que o comportamento de vendas não seja natural, mas resultado de imitação de outros comportamentos, é eficaz. O segundo trecho traz informações sobre busca por novas experiências. A entrevistada AE8 reconhece que limitações de rotina podem não ser benéficas. O terceiro trecho ilustra o planejamento e os benefícios que iniciativas empreendedoras trouxeram para a entrevistada.</p>
Transtorno do Espectro Autista	<p>Talvez algo marcante seja que eu consiga aprender as coisas que quero facilmente. Como o teclado autodidata e a mesma coisa estudando o DPAC e outros elementos da Neurodiversidade. (AE8)</p> <p>Ideias bem fora de ordem e rapidamente. Elas geralmente seguem uma temática e são similares em alguns pontos, mas esqueço rápido. Também não iniciam do básico ao complexo, o que pode incomodar, pois tenho que pensar no que falar para escrever para os outros. (AE8)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	<p>Os trechos trazem informações sobre aprendizado, hiperfoco e pensamento. Os dois primeiros, como em muitos outros autistas, estão relacionados, unindo um aspecto cognitivo a uma característica da pessoa autista. A forma de pensar, de forma desordenada, é uma característica relatada por autistas.</p>

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(continuação)

ENTREVISTADO AE9	TRECHOS DA FALA DE AE9
Potencial Empreendedor	<p>Recentemente eu tive a ideia de vender maçãs do amor, eu quis aproveitar uma habilidade minha pra tentar ganhar dinheiro com ela. (AE9)</p> <p>Você pode pensar... porque que quando você estava tendo problemas com seu pai você não foi pra São Paulo? Porque eu não queria admitir que eu não conseguia resolver meus problemas sozinho e não queria ser um peso pra minha mãe. (AE9)</p> <p>No começo eu não sabia fazer nada, mas assistindo as videoaulas do <i>Youtube</i> em pouco tempo evolui muito. Sabe, pra mim é mágico você pegar um fio e transformar em gorros, toucas, cachecóis, sapatinhos de bebê, casacos, etc. Gosto de escrever também, eu já escrevi um livro e o disponibilizei no <i>Wattpad</i>. Eu me surpreendi comigo mesmo porque eu concluí o livro em uma semana. Como a história se baseava numa experiência minha e eu já tinha mais ou menos o enredo na cabeça então não foi tão difícil (AE9)</p>
Análise do comportamento relacionado a potencial empreendedor	Os trechos da fala de AE9 indicam autoeficácia, um aspecto cognitivo que também é uma característica do Potencial Empreendedor, busca por solução de problemas e aprendizado. Além disso, evidenciam também iniciativas relacionadas ao empreender.
Transtorno do Espectro Autista	<p>Então eu cresci sendo a criança que impressionava pela inteligência, mas era tida como arrogante, nariz em pé, que não gosta dos tios, muito adulto para a idade, etc. Eu também tinha muita dificuldade de fazer amiguinhos, pois eu não sabia como me aproximar das outras crianças (AE9)</p> <p>Então, o cérebro constantemente recebe uma enxurrada de informações. Só que no caso elas não ficam guardadas, essas informações constantemente vêm à tona na nossa mente que chega a ser uma "bagunça". É como se a gente não conseguisse organizar tudo. Parece um computador com 46 abas abertas, algumas estão travadas e tem três músicas tocando e eu não faço ideia de onde elas vêm e como faço para para-las. Eu estou respondendo às perguntas, mas eu mesmo tempo que tento pensar nas respostas, têm várias coisas na minha cabeça me distraindo, fazendo eu me perder e tem música tocando. Isso faz a gente ter um desgaste e se cansar mais rápido que as pessoas neurotípicas. (AE9)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	Falas evidenciam dificuldades concernentes a relacionamentos pessoais e forma de funcionamento do cérebro no que tange a ordenação de informações. Como outros relatos de autistas, AE9 alega dificuldades de concentração e desgaste físico resultante dessa forma de formação de pensamentos, mas isso não o impediu de prosseguir nos estudos e buscar formas de se manter financeiramente.

Quadro 22 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

(conclusão)

ENTREVISTADO AE10	TRECHOS DA FALA DE AE10
Potencial Empreendedor	<p>Foi uma das conquistas que me mostravam que sim, eu posso conquistar coisas como qualquer neurotípico porque eu concorri com 20 mil pessoas e nem todos conseguiram. Isso é a maior prova pra mim de que persistência, tentativas ousadas e acreditar em si mesmo podem levar a bons resultados. (AE10)</p> <p>Me formar em psicologia, trabalhar e continuar os estudos nessa área para me especializar e ao mesmo tempo fazer alguns investimentos como em consultórios para alugar por exemplo e outras coisas mais. (AE10)</p>
Análise do comportamento relacionado a Potencial Empreendedor	Os excertos da entrevista de AE10 indicam planos para o futuro. Recentemente, uma vitória em um concurso cultural exteriorizou a característica comportamental persistência, percepção e assunção de riscos (tentativas ousadas) e autoeficácia.
Transtorno do Espectro Autista	<p>Quando olho para trás e excluo alguns traumas (que não estou a fim de relatar) e coisas comuns como morte de ente queridos (apesar de eu não encarar a morte como todas as outras pessoas), eu vejo que os fatos marcantes se relacionam ao meu autismo. Como quando eu era sempre reprimida por meu sincericídio, ou excluída por não corresponder aos interesses da maioria das pessoas. Também me lembro dos preconceitos que já sofri desde a época da escola por ser diferente, as vezes que fui tratada com comentários idiotas no trabalho por não participar de panelinhas por exemplo. Lembro quando escutei que por causa do meu jeito nunca seria nada na vida também (fala vinda da minha tia) e outros comentários desnecessários como esse que surgiam quando eu desagradava ou desapontava a expectativa de alguém. (AE10)</p> <p>Às vezes eu só tenho um tema pra pensar e de repente a ideia aparece, como um estalo e eu penso o porquê de não ter pensado naquela possibilidade antes. E as vezes as ideias vem de referências externas que procuro ou como conexões entre uma coisa e outra. Acho que depende muito da situação para saber como uma ideia se forma na minha cabeça. Porque situações diferentes dentro de contextos diferentes podem fazer com que minhas ideias surjam de forma diferente. (AE10)</p> <p>Mas também tiveram partes muito boas como quando eu fui promovida a gerente de onde eu trabalhava com apenas seis meses de contratação por reduzir em dois mil reais o pagamento de impostos e aumentar o lucro de forma considerável apenas corrigindo alguns erros internos de como os produtos estavam sendo cadastrados ajustando uns documentos e tomando algumas ações necessárias no estabelecimento, pequenos detalhes que estavam na cara e os neurotípicos não enxergavam porque passavam o dia na própria “bolha”. (AE10)</p>
Análise do comportamento relacionado ao TEA	As falas indicam que AE10, com outros autistas, tem dificuldades com as relações interpessoais. É relevante a forma de pensar, com formação de ideias distinta para cada situação e aprendizado por observação de padrões. A entrevistada também relata o quando o cérebro neuroatípico a auxiliou com o trabalho, beneficiando a empresa onde atuava.

Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora.

4.2.3 Categorias de análise definidas a priori

A primeira categoria de análise definida a priori é '**potencialidades para o exercício profissional**', elaborada a partir de referências teóricas que permitiram a identificação de similaridades entre comportamento característicos de pessoas autistas e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor. Por ser potencialidade, é uma condição que pode acontecer ou não, dependendo de estímulos externos para ser acionada. A categoria é formada por duas subcategorias – Potencial Empreendedor e Especificidades do Transtorno do Espectro Autista - abrangendo comportamentos evidenciados nas falas relativos a essas subcategorias e que podem ser direcionados ao exercício profissional. As especificidades do TEA, para Gozzi e Oliveira (2018), devem ser levadas em consideração pelo afastamento das características de pessoas neurotípicas ou com outras neuro atípicas. Entretanto, nesta pesquisa foi identificado que algumas especificidades comportamentais se mostraram responsáveis pela manifestação de alguns comportamentos ligados ao Potencial Empreendedor. Essas especificidades comportamentais serão apresentadas no decorrer desta seção.

Nas falas dos entrevistados, o planejamento e a busca por informações, que são características comportamentais que compõem o Potencial Empreendedor, foram os comportamentos mais evidenciados e ambos influenciados por especificidades do Transtorno do Espectro Autista. O planejamento aparece nas entrevistas como forma de redução de inseguranças, tendo alto nível de detalhamento. É uma das dimensões do modelo de Potencial Empreendedor de Santos (2008), composto pelos atributos metas - estabelecimento de objetivos definindo como alcançá-los -, informações - disponibilidade para aprender e demonstrar desejo pela aquisição de conhecimento -, controle – capacidade de acompanhar a execução dos planos elaborados - e o planejamento em si – crença na importância de elaborar planos com detalhamento de tarefas -. Os seguintes trechos de entrevistas elucidam a categoria:

Eu sempre planejei o meu futuro. Eu acho que a coisa que me torna humano normal, eu acho, daqui... no futuro... eu queria ser o pai que eu não tive. Eu acho que a única coisa que me torna normal e a única coisa que me faz ainda ter um contato social com as pessoas. Eu pesquisei na internet todos os livros que eu podia. Primeiramente para ser um pai, você precisa ser um marido. Começando por aí. E para ser um marido você precisa ser um bom namorado. (AE5)

Eu pelo menos sou muito bom em planejamento. Aí, é para fazer tal coisa? Aí eu começo a imaginar a imagem de como ela (...) e começo a botar tudo em mínimos detalhes. Como vai ser o caminho para chegar até o lugar? Como é que vai ser lá? O que é que vai ter lá? E assim daí vou abrindo, sabe? Eu vejo que as pessoas não costumam descer até esse nível de planejamento. Não sei se é uma questão de insegurança ou é tão de viver só no detalhe. E quando eu também não vejo todos os detalhes, eu começo a ficar inseguro. Então para não ficar nessa insegurança, eu desço até o detalhe. (AE7)

Primeiro faço um estudo para analisar as reais possibilidades de algo dar certo, depois penso estrategicamente no passo a passo de como poderia realizar aquilo, traço um plano de ação e faço o possível para colocar em prática. Gosto de tudo perfeitamente planejado mesmo que as coisas nem sempre aconteçam como esperamos, mas gosto de pensar em todas as possibilidades para diminuir os riscos de uma possível surpresa. (AE10)

A busca por informações que é uma característica relacionada a Potencial Empreendedor, é, normalmente, voltada ao hiperfoco – principal interesse dos indivíduos com TEA. Ashinoff e Abu-Akel (2019) definem hiperfoco com um fenômeno que reflete a completa absorção do indivíduo em uma tarefa, ao ponto de parecer ignorar completamente o ambiente ou se desligar de tudo. É um motivador para a busca pelo entendimento de algum assunto em profundidade. Essa busca pelo entendimento é um atributo do potencial, segundo Santos (2008). Os seguintes excertos detalham o atributo.

Eu passei a madrugada inteira pesquisando sobre e aí eu conseguia relacionar diversos aspectos da minha vida que faziam todo o sentido. E fui atrás das fotos dos vídeos, da minha infância, especialmente, e aí... aí eu falei: ‘é isso, não tem como não ser isso’, né? Tenho certeza sobre isso. E aí eu fico obcecado com isso e escrevo todas as evidências que eu consigo me lembrar da minha vida. (AE1)

Escrever, jogar e assistir vídeos sobre... sobre jogos e assistir vídeos sobre autismo e escrever sobre isso. Eu tento pesquisar muito sobre o que eu quero fazer... e pensar muito nisso. e eu tento... eu tento organizar, mas eu não sei me organizar muito bem nas (...) vou tentando fazer as coisas que... geralmente eu penso muito à frente e acabo tendo muita ansiedade pelo futuro. (AE3)

Para você ter uma ideia, eu comecei às duas horas da tarde e fui até às duas horas da manhã pesquisando sobre direção hidráulica. Tipo... eu tava com uma dúvida na minha cabeça: como é que tal coisa vai funcionar em tal velocidade? E eu fui, entendeu? E tu chega num ponto que eu já cheguei há muito tempo atrás, que no Brasil não tem material para nada. Tem que ver coisa em inglês. E quando tu descobre que tem coisa em inglês, aí tu não para mais. Aí tu olha americano fazendo coisas na garagem e tu pensa: puxa vida. E até te dá mais vontade de ficar vendo, sabe? (AE7)

A percepção sobre o ambiente, que é um atributo de empreendedores, segundo Armond e Nassif (2009), surgiu nas falas dos entrevistados. As pessoas autistas participantes desta pesquisa relataram a percepção de padrões, que é outra especificidade do TEA, como forma de perceber e lidar com o ambiente. Nas falas, os padrões aparecem como um recurso para aprendizagem e para a execução de determinadas tarefas. AE10 afirma utilizar padrões principalmente quando está analisando números. Os padrões auxiliam, pelo que se pode inferir nas entrevistas, a entender o meio e as pessoas.

Até hoje eu gosto muito de piscina, dos padrões, das ondas que se formam na água. Isso sempre foi muito atraente para mim (...) Eu comecei a notar padrões que, geralmente, as pessoas querem aplicativos desse jeito. (AE1)

Eu descobri como lidar com as minhas coisas de uma maneira que pudesse me beneficiar. Porque eu era muito... lembra que eu te falei isso, eu tô sempre um passo à frente de todo mundo? E eu era assim. Então comecei a saber os padrões de todo mundo, saber os padrões dos meus tios, saber os padrões dos meus avós, eu sabia os padrões da minha mãe, eu sabia os padrões os meus colegas, eu sabia os padrões os meus professores e eu sabia o padrão de todo mundo. E isso é uma característica minha. (AE5)

Os indivíduos com TEA participantes desta pesquisa forneceram informações que permitiram identificar certos comportamentos e traços de personalidade que são potenciais para o exercício profissional e, em alguns casos, já impulsionaram iniciativas empreendedoras. Motivação econômica e desejo de independência (SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014), necessidade de realização (RAAB; STEDHAN; NEUNER, 2005) e redução de riscos (PALMER, 1971) foram atributos do Potencial Empreendedor mais frequentes nas falas dos entrevistados. As especificidades do TEA, notadamente o hiperfoco, aparecem como impulsionadores do empreender, o que pode ser visualizado nos seguintes excertos das entrevistas de AE1 – com um hiperfoco em programação – e AE4 – com um hiperfoco em criatividade.

E na época em que eu fiquei hiperfocado nisso, eu fiquei no topo do topo dos freelancers, né? Hã... no ranking. Eu fiquei focado nisso. Em ganhar dinheiro. Em fazer muito dinheiro e fazia muitas... se ganhava muitas estrelinhas ali na plataforma. E consegui... consegui entregar esse tipo de projeto. Mas era uma forma, uma estratégia autística digamos assim. E alguém poderia me dizer que eu era empreendedor, mas na verdade eu não era, porque justamente essa questão, o empreendedor tem que tolerar o risco e aí, eu só estava evitando o risco. Mas eu consegui uma estratégia que eu conseguia, né, minimizar o risco, que isso é importante para o empreendedor isso. (AE1)

Comecei a trabalhar com 17 fazendo serviços de design de forma autônoma. Arrumei o meu primeiro emprego formal como digitador/recepcionista em um laboratório de análises clínicas. O meu segundo (e último) emprego formal foi como designer em uma instituição privada de ensino. Por lá as minhas dificuldades de interação social ficaram mais evidentes a ponto de eu receber bronca por não cumprimentar as pessoas. Saí desse emprego no meu último ano da faculdade de design, o mesmo período em que abrir a minha empresa, com a qual trabalho até hoje. (AE4)

As falas dos entrevistados apresentadas até aqui trazem informações que permitem identificar determinados atributos relativos a Potencial Empreendedor e a forma como esses atributos são influenciados por especificidades do Transtorno do Espectro Autista. Entretanto, do TEA decorrem dificuldades de comunicação, socialização e sensibilidade à estímulos sensoriais. Essas questões são tratadas na segunda categoria de análise definida à priori.

A categoria de análise **‘características comportamentais da pessoa autista’** reúne aspectos relativos ao TEA e as dificuldades ocasionadas pelo Transtorno do Espectro Autista como subcategorias. É relevante destacar que em indivíduos com TEA podem ser identificados déficit de comunicação e comportamentos e interesses restritos (DSM-5, 2014). Russel et al.

(2019), em uma pesquisa conduzida com pessoas autistas adultas identificaram traços comportamentais como vantajosos e desvantajosos simultaneamente, tanto no local de trabalho quanto na vida pessoal. Para os autores, não há fronteira entre uma força e uma fraqueza, exemplificando essa constatação com a ‘atenção aos detalhes’, que é um aspecto comportamental da pessoa autista e que pode ter um resultado negativo quando associado à troca de tarefas ou ao tempo para a conclusão de uma tarefa e resultado positivo no que tange à qualidade do que está sendo feito. Russel et al (2019) relatam que características de autistas podem agir como vantajosas ou desvantajosas, dependendo do contexto, circunstância, perspectiva ou até mesmo do nível de controle a que estavam sendo submetidos. Diante disso, essa categoria de análise também reúne falas que indicam as estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidar com as dificuldades, especialmente as dificuldades de socialização, e como estímulos podem contribuir para a superação de algumas questões provenientes do TEA, como pode ser visto nos trechos das falas a seguir.

Porque eu sou uma pessoa que tem eu... eu considero isso, que eu tenho estratégias sociais muito sofisticadas hã... especialmente em comparação, também, em comparação as pessoas típicas na verdade, né? Eu considero que eu tenho melhores estratégias de socialização do que a grande maioria das pessoas típicas. Então, eu desenvolvi isso ao longo, né, da.. desde o primeiro momento em que eu fui para a psicoterapia e gerou um hiperfoco meu entender relacionamentos, né, e conseguir me desenvolver. Então, ao longo do processo de diagnóstico também foi o processo de constante aprendizagem nesse sentido. (AE1)

Eu tentar me conhecer e também olhar os outros, como os outros funcionam, vamos dizer que deu uma flexibilidade na minha vida. Não vou dizer que eu sou mesmo, que eu não sou. Quando eu tinha 15 anos, não... não... como eu tô, assim, contigo, eu não conseguia nem conversar. Então, eu melhorei muito, mas agora deu um efeito teto, sabe... sabe... eu tô batendo no teto. Não tô conseguindo passar. (AE7)

Só que eu sou péssimo em regras sociais de comportamento. Eu não sabia que pra eu ir à casa de alguém, eu tinha que combinar antes com a pessoa. Eu não tinha essa noção. Tanto que teve vezes que eu fui à casa da Stella e ela estava em casa e não quis me atender. Eu ia pra casa sem entender porquê. Só tempos depois eu fui entender. (AE9)

Robison (2008), assim como os autistas entrevistados nesta pesquisa, relata o desenvolvimento de estratégias de socialização, afirmando ter conseguido ajustar seu “comportamento de um modo mais normal” (p.33). Além da dificuldade de socialização, a sensibilidade a estímulos sensoriais é uma das características decorrentes do autismo e que alteram o comportamento do indivíduo. Grandin e Panek (2019) destacam o caráter debilitante da hipersensibilidade sensorial, que dificulta ou impede participação do autista em atividades familiares e profissionais, o que é ilustrado nos seguintes trechos das entrevistas.

A coisa que mais me incomoda é que o mundo é barulhento demais! Parece que tudo que é feito pela humanidade faz questão de criar ruídos, que acabam machucando os meus ouvidos. (AE4)

Não gosto de muvuca, barulhos altos, lugares apertados e coisas jogadas no chão, se estiverem desarrumadas em uma gaveta ou prateleira até que tudo bem, mas se me atrapalha a andar já me tira do sério. (AE6)

Raramente entendo o que me falam em locais abertos por conta do TPAC, luzes parecem se mover e me deixam tonta e sonolenta. Não gosto de cheiros fortes, mas se o local não possuir estímulos o suficiente para cobrir algo que está me incomodando (possivelmente de fora, se estiver em uma sala, já que tenho sensibilidade auditiva), irei eu mesma criar meus próprios estímulos. (AE8)

Outro aspecto comportamental da pessoa autista é a dificuldade com mudanças, que pode ser de maior ou menor intensidade, chegando, em alguns casos, a níveis de inflexibilidade. Está relacionada ao planejamento e ao desejo que planos sejam concretizados como foram concebidos, conforme demonstram os trechos a seguir.

Mas ainda mantenho sim uma rotina bem rígida sobre algumas coisas que são importantes para mim como por exemplo a minha pesquisa. Terça-feira à tarde todos os dias eu me encontro com a minha companheira de pesquisa e isso é muito inflexível para mim, a tal ponto que, quando eu tive que ir para Franca para ir para o seminário do MEC eu me senti muito mal, especialmente na terça-feira porque eu queria aqui, né? Eu queria estar aqui, eu queria estar junto com a minha companheira de pesquisa e pesquisando o nosso... o nosso tema de dissertação que é algo que é muito estimulante para mim. E eu passe a terça-feira inteira com essa dificuldade bem grande de me concentrar em qualquer coisa, com esse sentimento intenso e ruim de não estar cumprindo com ritual que eu gosto, por exemplo. (AE1)

O que eu tenho de organizado nessa questão de rotina, minha vó não tem. Então ela me ferrava muito nessa questão. Porque é assim: eu estava acostumado na casa da minha bisavó, aí volta e meia, ela chegava: 'você vai para o trabalho comigo'. Eu ficava, 'não, eu não quero'. Eu ficava me esperneando. Eu não queria. Ia mudar minha rotina. Ia mudar tudo o que eu pensava. Eu tinha um plano para o dia, eu era criança, mas eu tinha um plano pro dia. Eu ia assistir meus... meu *Baby Looney Tunes* as 4 horas. Dez horas da manhã... Aí...eu ia para o trabalho com a minha avó chorando, sim. Depois de umas duas três horas eu parava de chorar porque cansa (risos). Eu lembro que cansava. Aí quando eu estava começando a me acostumar com ir com a minha vó para o trabalho dela, ela me jogava de novo na casa da minha bisavó. Eu ficava chorando na casa da bisavó, porque eu queria ir para o trabalho com a minha vó, porque eu acostumei com a rotina. É... complicado. (AE5)

Segundo o DSM-5, a insistência nas mesmas coisas e a adesão inflexível a rotinas estão entre os sintomas do TEA, sendo mencionado no manual o sofrimento extremo em relação à pequenas mudanças e dificuldade de transição (2014, p. 50). Entretanto, para Russel et al (2019), a reformulação de traços patologizados por critérios diagnósticos como vantajosos em algumas circunstâncias permitem que aspectos do neurodesenvolvimento possam funcionar como uma vantagem individual. Os autores indicam ainda que, se o isolamento de traços comportamentais for mal orientado (em terapias ou tratamentos), as intervenções que buscam reduzir sintomas do autismo podem reduzir, por consequência, traços comportamentais

vantajosos. Os dados da pesquisa de Russel et al (2019) indicam a dificuldade de erradicar desafios preocupantes atribuíveis ao autismo sem perder aspectos valiosos. Voltando ao aspecto comportamental apresentando anteriormente, a inflexibilidade com mudanças de rotina passa a ter um lado vantajoso no que tange ao exercício profissional, pois proporciona que o indivíduo tolere atividades mais repetitivas e rotinas mais rígidas.

Russel et al. (2019), identificaram ainda em suas pesquisas que estratégias de acomodação podem ser caminhos para que as características comportamentais gerem vantagens. Os autores consideram que o contexto social modera as vantagens, sugerindo que pessoas autistas podem fazer contribuições significativas para a sociedade e se desenvolver no ambiente social certo. Afirmam ainda que estratégias de inibição e autocontrole podem ser úteis para que determinadas características não extrapolem limites que as levariam a se tornar desvantajosas. Nessa perspectiva, entender o desenvolvimento da pessoa autista ganha relevância, sendo a próxima categoria de análise definida a priori.

A categoria de análise a priori '**desenvolvimento**' acolhe as informações acerca de cognição e suporte, que são as subcategorias resultantes das falas com pessoas com Transtorno do Espectro Autista participantes desta pesquisa. Um dos aspectos relacionados à cognição e que é um impulsionador do empreender é a autoeficácia. O Potencial Empreendedor, para Santos, Caetano e Curral (2014), é uma habilidade que pode ser desenvolvida, sendo a autoeficácia um de seus atributos. Já Krueger (2020) afirma que o Potencial Empreendedor parte do aumento da autoeficácia, questionando quais experiências de aprendizagem poderiam criar esse potencial e destacando a existência de estruturas cognitivas profundas que o sustentam. Nas entrevistas, a autoeficácia, definida como crença que o indivíduo tem sobre sua capacidade de realizar com sucesso determinada atividade (BARROS; SANTOS, 2010), pode ser verificada nos seguintes trechos:

E é difícil de achar alguém que fale sobre autismo e tecnologia. Então, como eu quero ser o melhor sobre isso, eu quero fazer algo bom sobre isso, inevitavelmente as pessoas acabam... eu acabo chamando atenção sem querer das pessoas. As pessoas falam de mim para outras pessoas e eu acabo sendo chamado para novos contextos e quando envolve o meu hiperfoco eu nunca recuso. Esse é o ponto. (AE1)

Eu olho para as pessoas que passaram pela mesma formação que eu e que deveriam ter o mesmo conhecimento que eu e não têm nenhum conhecimento. Eu desmonto meu carro, desmonto minha moto, mexo com eletrônica e eu sou bom, entendeu? Não é porque eu sou autista... E se tu não achar que tu é bom, né, o que que vai sobrar? Amizade já é difícil... O que vai sobrar? (AE7)

A crença de autoeficácia se converteu em iniciativa empreendedora para alguns dos autistas entrevistados nesta pesquisa, como por exemplo em AE8 e AE9 que, partindo de um conhecimento prévio em culinária, começaram a produzir doces para vender, e no caso de AE1 que, sabendo programar aplicativos para Android, iniciou um trabalho como freelancer que culminou na abertura de uma empresa de desenvolvimento de software, conforme indica o trecho a seguir.

Me propus a ser empreendedor, né? Na época fui... autônomo, não com CNPJ ainda..., mas eu iniciei e assim, né, sendo freelancer e... eu muitas vezes me perguntava como... que as pessoas conseguem ser freelancer. Isso é uma coisa que eu me perguntei há muito, muito tempo. Porque eu estava pensando, não é possível que o programador há sou, como eu disse, na paz, humildemente, eu sou um bom programador... (AE1)

Outro aspecto cognitivo relacionado ao desenvolvimento é a aprendizagem que, de acordo com os entrevistados, se dá, predominantemente, pela observação e pela prática, com relatos que indicam baixa tolerância ao erro e busca pela perfeição na execução de determinadas tarefas. Para Krueger (2020), a aprendizagem experiencial, definida como o processo pelo qual o conhecimento é criado por meio da transformação da experiência (KOLB; KOLB, 2005), tem sido um dos pilares da educação para o empreendedorismo. Nesse sentido, é relevante considerar o papel das experiências na busca pelo desenvolvimento. No relato dos entrevistados, a busca por novas experiências aparece como resultante de contextos a que os entrevistados estão submetidos ou como forma de crescimento pessoal, ainda que, para muitos, experimentar algo novo exija grande esforço. A fala de AE1 exemplifica.

Não é que busque... Eu acho que funciona assim, eu inevitavelmente tenho experiências novas por conta de interesses antigos. (risos) Então, por exemplo, eu tenho um grande foco em programação e o grande foco em programação me permite, sem querer, por exemplo, me permitiu, sem querer, eu ir para o Vale do Silício. Então, eu nunca busquei ir para o vale do Silício. (...) E todo mundo falava que Rio das Ostras tem praias maravilhosas. Você precisa ir lá. E eu não teria ido à praia se eu não tivesse tido um tempo ocioso, todo mundo que estava no grupo social foi à praia, né? Eu acompanhei. Não entrei no mar, não fazia nenhuma questão de entrar no mar. Eu apenas tirei uma foto e para mim aquela foi experiência o suficiente. De resto, fiquei lendo um livro, né? Então essa... essa questão de conhecer e acessar novos lugares dessa maneira típica de se pensar assim: 'nossa como eu gostaria de conhecer umas coisas', eu acabo conhecendo sem querer, né, porque o meu foco em querer ser o melhor em algo inevitavelmente me faz acessar novos contextos e ter novas experiências. (AE1)

Conforme indicaram as falas, as experiências são consequências de interesses muito específicos e quase sempre relacionados ao hiperfoco. Conforme já explanado neste capítulo, Ashinoff e Abu-Akel (2019) consideram que o hiperfoco é um importante aspecto da cognição. Geurts, Corbett e Solomon (2009) propuseram que o hiperfoco em autistas poderia estar

associado com a flexibilidade cognitiva, que seria a habilidade de realocar recursos cognitivos baseados em determinada situação (ASHINOFF; ABU-AKEL, 2019). Ashinoff e Abu-Akel (2019) definiram quatro critérios para se verificar o hiperfoco: interesse na tarefa (que pode ser importante, interessante, divertida); intenso estado de atenção seletiva ou sustentada; quando em hiperfoco, há uma percepção diminuída de estímulos fora da tarefa e; durante o estado de hiperfoco, há um aumento de performance na execução da tarefa. Vários relatos dos entrevistados trazem informações sobre o hiperfoco, sendo selecionada para ilustrar esse tópico a seguinte fala de AE5.

eu entrava em hiperfoco olhando para o teto quando eu era criança. eu acho que eu não consigo fazer isso. Aquilo era incrível (risos). Aquele perfil era louco. (...) eu lembro que meu primeiro carrinho de controle remoto que montei foi entrando em hiperfoco. (...) (...) foi bem legal. Era bem assim. Olha como eu fazia. Não funciona hoje em dia não, mas funcionava quando eu era criança. Eu olhava para o teto depois de um tempo, não sei quanto, começava a chuveirar a visão. E se eu conseguisse sobreviver o chuveirar de visão com a respiração baixa e sem piscar eu entrar em hiperfoco. O meu hiperfoco foi tão forte naquela época que eu conseguia ver meu relógio em câmera lenta. Era bem louco. Era muito legal. Aquilo, nossa, é muito legal mas hoje em dia é complicado. Mas aquele hiperfoco que era legal porque eu conseguia pensar muito mais livre eu conseguia ver as coisas muito mais livres que... eu ia de uma maneira livre. O pensamento fluía. (...) eu sou bom para fazer esse tipo de coisa porque eu sento no meu hiperfoco eu não vejo ninguém na minha frente e cada vez mais eu tento buscar isso. Eu tenho que eu lembro que eu tentava meditação para buscar o hiperfoco Mas até hoje eu não sei o que realmente me fazia ir. (AE5)

Ashinoff e Abu-Akel (2019) afirmam que o hiperfoco em autistas é um fenômeno real, mas que precisa ser melhor distinguido de outros sintomas e comportamentos estereotipados. Os autores afirmam que ainda não é claro se o hiperfoco é um sintoma primário do autismo ou um sintoma secundário, induzido por outros comportamentos relativos ao autismo. Para esses autores, é possível que os mecanismos subjacentes aos comportamentos de hiperfoco não sejam específicos do autismo, mas que comportamentos relacionados ao autismo desencadeiam o mesmo tipo de hiperfoco visto na população neurotípica, mais frequente ou fortemente. Ashinoff e Abu-Akel (2019) propõem ainda, fornecendo forte evidências de suporte, que hiperfoco e estado de fluxo são sinônimos. De acordo com Tse, Nakamura e Csikszentmihalyi (2019), o estudo de fluxo é uma experiência subjetiva, caracterizada pela completa concentração em tarefas, elevado senso de controle, perda de autoconsciência, fusão de ação e consciência, distorção do senso de tempo e experiência autotélica (que não possui propósito ou finalidade para além de si mesmo). De acordo com esses autores, três condições que facilitam a experiência de fluxo já foram identificadas em pesquisas prévias: equilíbrio entre desafio percebido e habilidade; objetivo claro e próximo e; retorno imediato. No caso de indivíduos

com TEA, o desafio percebido e a habilidade, relacionados principalmente aos interesses restritos, fomentam o estado de fluxo.

Prosseguindo com as informações concernentes à categoria de análise à priori ‘desenvolvimento’, o suporte ao indivíduo com TEA deve ser considerado. Nas entrevistas, há relatos de apoio recebido de familiares, educadores, cuidadores e terceiros. Os seguintes trechos das entrevistas detalham o suporte recebido de familiares.

Minha mãe sempre foi meu pilar de apoio, né? E daí, conforme eu fui crescendo, mais ainda. Tipo... minha mãe sempre tipo... ela nunca entendeu completamente o que acontecia antes de ir na psicóloga, mas ela sempre se preocupou e notava que tinha alguma coisa que tinha que ser feita. Daí ela sempre tentou me ajudar e coisa assim e daí eu sou muito grato por isso, né? (AE2)

... e na vida é mais a independência. Não precisar tanto da minha mãe. E também ser entendida pelos meus pais que, às vezes eles não entendem e acabam causando algum prejuízo sem querer. (...) eu preciso, às vezes, que minha mãe vá comigo nos lugares.(...) ela me dá conselhos, ela me leva aos lugares que eu ainda não sei sozinha, me ajuda a resolver diversas burocracias. às vezes ela me ajuda, me faz cozinhar e me ajuda e me põe para... para limpar a casa (...) também (...) me diz qual é qual é o tipo de roupa para cada tipo de situação. Me ajuda a escolher as minhas roupas porque eu não sou boa em saber o que que eu vou vestir. E também ela me ajuda a comprar roupas porque eu ainda não faço isso sozinha. Ela vai comigo, às vezes vai sozinha, ela já conhece o meu gosto (...) e ela me ajuda também me dando acesso a terapias já que algumas ela mesma paga e outras ela me ajudou indo comigo pegar encaminhamento e vai sempre na primeira consulta comigo e me ajuda (...) e ela trabalha em casa com as tarefas domésticas e para que eu não precise me preocupar com isso.(AE3)

Minha família e amigos me ajudaram por simplesmente me tratarem como tratariam qualquer outro, sem ter pena, dó e sem passar a mão na minha cabeça. Corrigiam e exigiam como fariam com qualquer outro. E só por isso cheguei onde cheguei. (AE6)

Já os seguintes excertos detalham o suporte recebido por terceiros - pessoas foram do círculo familiar –, profissionais especializados e educadores.

Já a minha psicóloga foi... bom a psicóloga foi quem me ajudou a virar outra pessoa assim e consegui funcionar como gente, né? Eu antes de...de...de aprender a lidar com meu autismo e coisas assim, né, Eu praticamente não funcionava direito. Eu tava sempre a moda louco assim, né? (...) se não fosse por ela, só conversar com ela agora e sempre me dá ...me dá um... alívio melhor, assim, né? Só de poder conversar um pouco ... eu já... já ajuda a organizar a cabeça, né? (AE2)

Geralmente desabafa um com o outro e juntos (...) ajudam... ajudam na faculdade, explicando a matéria... hã... mandando textos. E... estudando juntos e dando apoio e recentemente meu amigo João foi comigo no núcleo de acessibilidade ver se eu conseguia alguma adaptação. Aí ele foi comigo e me apresentou, que eu sou meio tímida (...) e (...) e ele (...) eles estão sempre me ajudando na minha autoestima e eu na dele e a gente sempre... pelas conquistas uns dos outros (...) eles já vieram na minha casa poucas vezes, mas vieram. E a gente já se encontrou uma vez para ir ao cinema. Eles foram no meu aniversário (...) E é assim. (AE3)

Finalizadas então, a análise das categorias de análise a priori, procede-se com o segundo momento de categorização, que é a identificação das categorias de análise não a priori.

4.2.4 Categorias de análise definidas não a priori.

A categoria de análise não a priori ‘**atuação profissional**’ foi percebida nas falas de todos os entrevistados do Estudo 2, emergindo das narrativas de duas formas: relatos do cotidiano de trabalho para os que já estão inseridos no mercado e considerações sobre como seria o ambiente de trabalho esperado pelas pessoas autistas. A categoria é evidenciada nas seguintes unidades de análise:

Quadro 23 - Unidades de análise que evidenciam atuação profissional

(continua)

Entrevistado	Contexto	Unidade de análise
AE1	Possui uma empresa de desenvolvimento de software e não está aceitando trabalhos que não sejam nas áreas de educação e saúde, o que coloca a empresa em situação delicada.	Consultoria eu gosto de fazer. Pode ser para qualquer ideia, daí. Consultoria em gosto de fazer isso. Mas envolver, programar, não. Não. Definitivamente não. Programar para mim só se envolver educação ou saúde. E eu realmente não... não suporto a ideia de programar qualquer coisa que não seja dessa... E a minha tolerância está baixíssima para isso. Eu simplesmente... E essa foi uma das coisas que eu te perguntei, que eu te falei, sobre o meu relato, que eu me vejo perguntado sobre a inflexibilidade que eu tenho sobre isso. Porque os meus sócios não gostaram de ouvir isso num primeiro momento. Como assim, W? Só porque você é autista agora vai ficar dando... dando as cartas aí, com o que que a gente vai trabalhar ou não, digamos assim. E eu me questionei muito sobre isso. No sentido de que será que é uma coisa que eu tenho que trabalhar em mim? Será que é uma coisa que eu tenho que ter flexibilidade?
AE2	Atua como auxiliar de depósito em supermercado. Faz diversas tarefas. Trabalho como forma de organização do tempo e de si mesmo.	O dia de trabalho é um tantinho irregular, porque eu não tenho assim uma função específica. tipo me colocaram aqui de assistente de depósito, mas eu faço de tudo um pouquinho. Aqui tipo... eu estava varrendo o chão (...) Alguém me chama para alguma ajuda, eu vou lá e ajudo. Alguém precisa de ajuda para... para botar um... umas coisinhas ali na frente, quando possível, de preferência não sozinho, porque daí eu tenho problema com o público assim, né? Eu não tenho aquele pique, assim, mas eu posso pelo menos fazer o serviço dos outros ficar um pouquinho mais rápido. (...) Para mim é mais para não estar naquela mesmice, de ficar só em casa assim, né? Tipo, eu gosto de ficar em casa, mas fica todo santo dia em casa é... tipo depois de um certo tempo começa a incomodar porque tipo a mesma coisa... fica difícil de distinguir os dias um do outro. É a mesma coisa. Tudo vai se tornando a mesma coisa, né? Trabalhar pelo menos me dá um... aquela coisa assim me... eu consigo identificar melhor... como é que eu estou.

Quadro 23 – Unidades de análise que evidenciam atuação profissional

(conclusão)

Entrevistado	Contexto	Unidade de análise
AE4	Empresário que está adaptando a rotina de trabalho aos cuidados com o primeiro filho.	Atualmente estou entrando em uma nova rotina de trabalho, pois voltei a trabalhar de forma integral. Antes só trabalhava 4/5h por dia, então basicamente eu chegava na empresa às 15h e ficava até às 20:30/21h realizando o que precisa ser feito. Como eu trabalho fazendo brinquedos e uso a criação de histórias como ferramenta de marketing, então os meus dias são variados nos afazeres, pode ser algo integralmente dedicado à costura e peças para venda, dividido meio a meio em criação e prototipagem ou um dia para resolver burocracias (fazer backups, ir ao correio enviar produtos, resolver pendências de banco, ir comprar materiais etc.)
AE5	Relato das estratégias adotadas para desempenho de função. Facilidade com as tarefas. Problemas com a rotina – inflexibilidade com os horários.	Eu era um robô. Eu colocava um fone de um lado e no outro ficava com fone da empresa, então eu ouvia. E eu criei um bordão. Eu repetia as mesmas palavras sempre. Eu meio que automatizei. É... foi bem tranquilo, só que fugia muito do que eu pensava que era um trabalho... O trabalho era fácil. Elas não iam ficar perguntando sobre a minha vida. Elas queriam o lanche delas. Era bem tranquilo só que trabalhar à noite não é para mim e nem final de semana. Para mim trabalhar de segunda a sexta, das 7 horas até às 5 horas da tarde, que seja não final de semana. Então isso me incomodava muito, me incomodava ao nível de sair meio chorando de casa. Eu tenho que ir para lá. Mas eu trabalho.
AE6	Desempenho satisfatório nas tarefas, mas passividade na aquisição de novos clientes – dificuldades sociais – prejudicou trabalho, bem como a passividade.	No momento estou desempregado, mas até então eu trabalhava como recepcionista e fazia serviços gerais de manutenção em uma academia. Os serviços, eu fazia sozinho, então não há o que comentar e na recepção era o que se deve esperar de atendimento ao público. Tive que engolir sapo, aguentar cara feia, o pacote completo. Felizmente, não recebi reclamações sobre o atendimento, disseram que era simpático e educado, só fui cobrado mais na parte se oferecer os planos da academia, arrecadação de clientes em geral. Fui mais cobrado por ser passivo e não ter proatividade, eu preciso que alguém me mande fazer algo, caso contrário eu vejo e não faço.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os três excertos das entrevistas apresentados trazem relatos sobre facilidade de execução de algumas tarefas e os impactos negativos que os déficits de reciprocidade socioemocional, descritos no DSM-5 (2014) geram na vida profissional de uma pessoa autista, ilustrando a dificuldade de interação social característica do Transtorno do Espectro Autista, que pode influenciar outros momentos de atuação profissional, incluindo o relacionamento com os superiores, conforme relata AE7.

Tá uma coisa que aconteceu comigo que aconteceu com W. e que acontece com outros autistas também. O que acontece, a gente acaba, vamos dizer, assim ó, tendo um prejuízo no trabalho por causa da... de não ter essa parte social. Eu vou dizer assim ó, eu vou trabalhar um trabalho de peão, entre aspas, um trabalho braçal, tô programando

tudo mais. Muitas vezes, o meu código acaba sendo muito mais, na minha cabeça, é o melhor do mundo, mas a cabeça do chefe tu fez o que era para fazer. Essa que é a verdade. E os outros também estão programando, mas vai ver o cara neurotípico ali, que é o cara que se dá bem com o chefe. E aí como é que tá? E aí, e o filho? E aí, que o Grêmio? E o Inter? Não sei o que... que faz aquela frente. Eu não faço, mas eu dou o melhor de mim. Eu fico trabalhando em casa. Eu trabalho das 6:30 até a meia-noite em casa programando. Mas sem dúvida quando tiver alguma coisa ele precise escolher e ele... ele vai passar pelo outro. Entendeu? (AE7)

Quanto ao ambiente de trabalho esperado pelas pessoas autistas, os relatos trazem importantes considerações, conforme demonstram os trechos do Quadro 24.

Quadro 24- Unidades de análise acerca do ambiente de trabalho esperado

Entrevistado	Contexto	Unidade de análise
AE1	O entrevistado se refere a questões relacionadas ao ambiente e a busca, por parte de algumas empresas, de criar um ambiente inclusivo, sem saber quais são as necessidades da pessoa autista contratada.	É aquilo que eu... é aquela regra. Essa resposta é exatamente essa regra que eu... Essa resposta eu estou constantemente buscando por ela. Eu espero que daqui um ano eu refine ela mais ainda, né? Mas nesse momento, o mais refinado e sofisticado possível que eu consigo chegar e que as pessoas precisam saber é que o que não incomoda a elas pode me incomodar e não é uma frescura e nada do tipo. E o que não me incomoda, pode incomodar outras pessoas.
AE3	A entrevistada estava participando de processos seletivos. A fala ilustra a preocupação com a dificuldade social e de comunicação que a caracterizam enquanto pessoa autista.	Estruturado silencioso com respeito a minha privacidade hã... que as pessoas me explicassem as coisas de forma mais direta e que não exigissem que eu fosse social da mesma forma que eles. Como (...) é que... bem... eu não sei (...) que eu tivesse a mesma socialização que eles. Não houvesse nenhum tipo de assédio moral por causa do meu jeito e que... que eles também respeitassem os dias que eu precisaria me ausentar para ir numa consulta (...)
AE10	Trabalha como autônoma, mas já atuou em empresas e teve diversos problemas de relacionamento, principalmente por pensar diferente.	Que prezo muito por sinceridade e que ambiente de trabalho serve para trabalhar e não para socializar. Que meu autismo não me limita e que eu posso ser tão boa naquilo que faço como qualquer outra pessoa desde que me respeite como sou e isso inclui não me irritar com comentários desnecessários. Eu não gosto de ficar conversando ou rindo ou brincando em ambiente de trabalho, isso é cansativo e sem sentido pra mim. Atrapalha o rendimento e a concentração, o que acaba prejudicando no resultado final e também faz com que as tarefas se acumulem. Não sou contra quem faz o contrário desde que não me inclua nisso ou não me discrimine ou julguem por pensar diferente dos neurotípicos (o que na maioria das vezes acontece).

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto, a reflexão sobre ambiente e relações profissionais envolvendo pessoas autistas demanda atenção às diferenças individuais, conforme indicou AE1 no trecho apresentado. Essa constatação vai ao encontro de Bury et al (2020), que salientam que é necessário identificar, em pesquisas, os mecanismos específicos que sustentam domínios comportamentais particulares de autistas, ao invés de focar no transtorno de maneira geral. Os autores reconhecem, assim como algumas empresas já reconheceram, que indivíduos no espectro autista trazem forças únicas associadas a comportamentos e interesses repetitivos e restritos, o que pode ser bem oportuno para alguns tipos de negócios e algumas tarefas. Entretanto, sugerem que essa constatação do mercado de trabalho parece ser baseada em visões estereotipadas do autismo que não consideram a heterogeneidade de forças, interesses e habilidades das pessoas autistas.

Pfeiffer et al (2017), buscando identificar como os fatores ambientais impactam a performance e a satisfação com o trabalho em pessoas autistas, identificaram que interações sociais, atitudes e elementos físicos e sensoriais do ambiente são barreiras e, ao mesmo tempo, facilitadores de satisfação e performance, o que corrobora com as falas dos entrevistados deste estudo. Para Pfeiffer et al (2017), déficits nas habilidades profissionais não são uma barreira em comparação com os fatores sociais inerentes ao trabalho e ambiente em geral, identificando que as interações sociais impactam a satisfação e performance percebida no trabalho. Também impactam, segundo esses autores, as atitudes de empregadores e colegas. Pfeiffer et al (2017) afirmam que compreensão inapropriada da condição do autista pode impactar negativamente na percepção de satisfação e performance no trabalho. Isso que pode ser verificado também nesta tese, especificamente no relato de AE7 apresentada anteriormente. Por outro lado, uma atitude que, por exemplo, colabore com a adaptação da pessoa autista com o ambiente físico da organização, impactam positivamente as percepções já mencionadas.

Além dos tópicos voltados ao cotidiano da organização e expectativas quanto ao ambiente de trabalho, a categoria de análise não a priori ‘atuação profissional’ contém temas relacionados à capacidade de inovação, relações profissionais e inclusão, que foram recorrentes nas entrevistas, compondo subcategorias relacionadas à atuação profissional. O Quadro 25 traz as subcategorias e as unidades de análise que as ilustram.

Quadro 25 – Subcategorias da categoria “atuação profissional”

Subcategoria	Unidade de análise
Inovação	<p>Tem algo que eu já senti muito, mas não elaborei a teoria. Isso acontece muito comigo já, vamos dizer assim ó... O caminho que ele tava adotando não ia atingir o objetivo e aí eu sou obrigado a fazer aquilo que na cabecinha dele, limitada, ele acha que vai atingir o objetivo. Sério, isso daí me incomodava. Me incomodava. Então, às vezes, assim ó, eu não vou dizer que ele estava lá na frente que o caminho não é o mesmo de lá frente ou não, às vezes o caminho é diverso. Entendeu? Eu acho que o caminho devia ser aquele que está do outro lado... Eu faço, mas às vezes eu tenho certeza que o caminho dele não vai atingir. Muitas vezes é grave. (AE7)</p> <p>Mas também tiveram partes muito boas como quando eu fui promovida a gerente de onde eu trabalhava com apenas seis meses de contratação por reduzir em dois mil reais o pagamento de impostos e aumentar o lucro de forma considerável apenas corrigindo alguns erros internos de como os produtos estavam sendo cadastrados, ajustando uns documentos e tomando algumas ações necessárias no estabelecimento. Pequenos detalhes que estavam na cara e os neurotípicos não enxergavam porque passavam o dia na própria bolha. (AE10)</p>
Relações profissionais	<p>Acho legal eles saberem do meu diagnóstico, não virem isso..., mas não virem... isso como algo limitativo de qualquer forma. Que eles entendessem que... Para eles não falarem todos juntos quando estão comigo. Para não me acharem estranha e falarem assim de mim pelas costas pelo meu jeito. Que eles não deixassem de me convidar para ir aos lugares, mesmo que eu provavelmente não vá aceitar ou que eles planejassem ir para lugares que sejam mais fáceis para eu ir. Que eles não me atrapalhassem quando eu estivesse concentrada. (...) que não ficassem atrás de mim parados olhando que eu estou fazendo. E que não ficassem olhando se eu fizesse alguma coisa que eles acham estranha. (AE3)</p> <p>Acho que o principal que eles adoravam fazer e eu não gostava era tipo... não me abraça. Me cumprimenta me dando a mão, tá bom. E me deixa fazer meu trabalho. Se eu precisar falar com você, eu vou te chamar. Às vezes é necessário que a gente fique no nosso canto porque, assim, dependendo do dia que eu estou, eu deixo espaço para pessoa fazer piadinha para pessoa brincar um pouquinho. Mas as pessoas brincam demais. Acaba me incomodando e elas querem abraçar, elas querem ficar segurando ou você vai abrir uma porta para ela fazer uma brincadeira. É muito chato. Então, sei lá me deixa no meu canto e sem piadas. (AE5)</p>
Inclusão	<p>É justamente quando eu vou em ambiente que querem me incluir que eu vejo que está o problema. Se o ambiente não for inclusivo, muitas vezes eu consigo, com as minhas estratégias, eu consigo hã... e a minha autonomia, eu consigo fazer daquele lugar inclusivo. Mas agora, quando o lugar já estudou sobre autismo, já assumiu alguma coisa, já perguntou para alguns autistas e eles formularam alguma ideia do que é o autismo... Ah então devo, eu devo fazer tal coisa para deixar o ambiente inclusivo para o W., daí é um problema. (...) Estou cansado de chegar em ambientes que tem pessoas que querem ser totalmente gentis comigo, querem me incluir e elas me privam de ter acesso a situações, a contextos interessantes e legais, para mim porque elas ouviram falar, ou ouviram o autista falar que os autistas não gostam de som alto, os autistas não gostam de não sei o que, então, eu não vou gostar também, sendo que esse discurso não tem validade certa, né? (AE1)</p> <p>Eu já me sentia mais incluído, mas eu acho que eles se acostumaram porque eles passaram cinco anos comigo. Era mesma turma. Eles não faziam turmas randômicas como era antes. Era a mesma turma sempre. Então eu acho que eles se acostumaram comigo. E tinha gente pior. Porque a Sabrina tinha um monte de laudos. (AE5)</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A subcategoria “inovação” traz elementos emergentes das narrativas dos entrevistados que evidenciam alcance de resultados no exercício profissional. Os dois trechos selecionados indicam estabelecimento de objetivo, na primeira fala, por parte do gestor e de forma genérica, em um relato trazido por AE7 apenas para ilustrar uma situação cotidiana enfrentada por um indivíduo neuroatípico e, na segunda, por parte da pessoa autista, como forma de executar bem o seu trabalho. Hedley et al (2017) afirmam que o potencial de inovação da pessoa autista, se deve a sua forma única de ver o mundo e resolver problemas - indo ao encontro do que afirma Grandin (2010) sobre o pensar diferente -. Hedley et al (2017) identificaram que os autistas contratados eram descritos por seus colegas de trabalho como profundamente engajados em suas tarefas e capazes de trabalhar segundo um padrão alto, criando ferramentas que facilitam o trabalho dos demais. Hedley et al (2017) identificaram entre os trainees autistas um alto grau de interesse em alcançar um objetivo e pensar profundamente sobre as tarefas, em uma tentativa de entender como os sistemas funcionam de forma a produzir com excelência. Essas características do comportamento do autista trazidas por Hedley et al (2017) podem ser associadas a comportamentos de intraempreendedores, especificamente a automotivação e a capacidade de inovar e criar (ANTONCIC; HISRICH, 2001), que são características comportamentais que interessam às organizações.

A segunda subcategoria relacionada a atuação profissional foi denominada “relações profissionais”, trazendo a idealização, por parte dos entrevistados, de como as relações sociais no ambiente profissional deveriam ser. O posicionamento dos entrevistados quanto a necessidade de previsibilidade e de manutenção de rotinas também compõem essa subcategoria. Mais uma vez, emergiu das falas a necessidade de consideração de particularidades comportamentais. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Bury et al (2020), com os entrevistados apresentando diferentes perspectivas, mas com o mesmo direcionamento para aceitação e compreensão.

E a última subcategoria é “inclusão” que emergiu dos relatos dos entrevistados com considerações sobre ambientes inclusivos como limitadores de experiências e padronizados a partir de ideias pré-concebidas sobre o autismo. A categoria inclui também informações sobre sensação de inclusão, decorrente da convivência escolar em um ambiente com outras pessoas com deficiência. Em postagens nas redes sociais, a inclusão – e a principalmente a falta de inclusão - aparece em relatos de desrespeito aos direitos das pessoas com deficiência, entre elas os autistas, e como manifestações da importância de se entender a forma do autista se relacionar com o mundo para que a inclusão possa acontecer. Os seguintes trechos de postagens feitas por pessoas autistas, elucidam essas afirmações.

Eu fui a um centro de especialidades para passar com a dermatologista. Disse para o atendente que eu era autista. Começaram a atender, não me chamaram preferencial. Eu questionei, ele disse que autista não tinha direito. Eu falei para ele sobre a lei de proteção ao autista. Ele começou a falar mais. Ai, eu comecei a chorar e a não falar coisa com coisa. E quando estou emocionalmente instável, minha voz começa a aumentar. Eu não consigo controlar o quão alto está minha voz, e mesmo que eu esteja chorando, eu choro gritando. A médica ouviu dentro da sala e me chamou. Eu mostrei o laudo para ela. Ela foi um doce. (postagem de um autista em um grupo de suporte a pessoas autistas no Facebook).

Autismo é uma forma de estar no mundo. Não somos menos, somos diferentes. Que tal você tentar ver o mundo a partir da nossa perspectiva? Se permitir sentir com a mesma intensidade com a qual sentimos. Que tal tentar nos entender melhor? Perceber que o mundo é feito por pessoas diferentes e que, às vezes, algumas diferenças são maiores que as outras. Por que não tenta repensar o que você entende como o jeito certo de se comportar, de existir? Autismo não é uma sentença, autismo não é um peso, um fardo. Autismo é uma forma de neurodiversidade que deve ser compreendida e respeitada. Não sou defeituosa, sou autista. Sou o que sou, sou autista. Não preciso de cura, preciso de aceitação, respeito e inclusão. (AE3, em postagem em seu blog sobre neurodiversidade).

A próxima categoria de análise não a priori nominada ‘**características comportamentais**’ reúne os temas identificados nas falas dos entrevistados deste estudo que elucidam comportamentos, atitudes e forma de se relacionar com pessoas e com o ambiente. Está relacionada aos sintomas do Transtorno do Espectro Autista, conforme definido no DSM-5 (2014). Há uma semelhança entre os conteúdos desta categoria de análise não a priori e da categoria de análise a priori “características comportamentais da pessoa autista”, o que indica consistência entre o embasamento teórico adotado para esta tese e a coleta de dados. A categoria características comportamentais consta no Quadro 26.

Quadro 26 – Unidades de análise que evidenciam características comportamentais

(continua)

Entrevistado	Contexto	Unidade de análise
AE1	Entendimento literal e reação intensa à ideia de enfrentar a situação imaginada	Eu lembro que quando esse colega me falou né que... que... que... eu era o melhor amigo dele eu lembro que isso me desesperou, porque eu tinha uma regra, né? Alguém tinha me dito uma regra que melhores amigos eram inseparáveis e que conversavam sempre e coisas do tipo. E eu ficava pensando: tá, mas eu não quero conversar sempre com essa pessoa. Eu não quero ficar com ela sempre. Isso, essa ideia era desesperadora para mim. Então, quando eu ouvi que eu era o melhor amigo dessa pessoa lembro de que eu não queria mais voltar para a escola
AE2	Dificuldade em atender demandas dos clientes causa problemas físicos, gerando busca por evitar a situação estressante.	E eu também não sou muito bom em, tipo... digamos... digamos aqui no serviço mesmo, se puder lidar com público em geral, assim, sabe? Tipo, eu não tenho problema nenhum de chegar uma pessoa só e ter uma conversa decente assim, né? Mas tipo chegar... no público, ali no serviço e ter que... responder coisas e coisas assim, eu me perco... eu tipo, meio que uma parte eu fico confuso, outra parte fico em pânico, daí... daí fica meio complicado. É difícil de... lidar.

Quadro 26 – Unidades de análise que evidenciam características comportamentais (conclusão)

Entrevistado	Contexto	Unidade de análise
AE3	Isolamento como necessidade e como resultado da dificuldade de interação	No Ensino Médio, não tinha amigos. Só ficava dentro da sala no recreio. Ou andava em círculos pelo pátio. Não interagia com os outros alunos.
AE4	Isolamento e consequências na vida em família	Infelizmente tive que sair da casa dos meus sogros por eu ser quem sou (autista que não interage muito etc.) ¹³
AE5	Insistência nas mesmas atividades e isolamento	Porque eu ficava no meu mundo. E eu fazia as minhas coisas. E eu era... eu... E não interessa os outros (...) Eu tinha as minhas coisas, vivia no meu mundo. O mundo dos outros não... não me importava de certa forma. Então eu... eu acabava me dando muito mal porque se eu fosse brincar de lutinha, eu ia brincar de lutinha até eu cansar... E eu não aceitava que falassem não... e eu nunca participava dos jogos, eu nunca participava de nada. Tinha dança eu não ia, tinha teatro, não ia, tinha luta eu não ia, tinha futebol, eu também não ia. Eu não ia a nada. E ficava lá. Às vezes, eu estava sozinho no recreio e eu andava em círculos em volta da quadra, como todo mundo também andava em volta da quadra ninguém percebia que eu fazia círculos em volta da quadra, mas eu conseguia fazer 8 voltas até bater o sinal para ir para sala.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para Lazzeri (2013), comportamentos podem ser definidos como ocorrência de uma ação ou reação de um organismo; como um padrão; comportamento de grupo; comportamento como um movimento ou mudança de um objeto e; comportamento como um repertório. O autor sustenta que comportamento como ação ou reação pode ser coisas que um organismo realiza de modo automatizado e rígido – cadeias de reações ou padrões fixos de ação – ou flexível e espontâneo, em geral, ocorrências de padrões operantes. O autor salienta que comportamento possui funções e não equivale a relações, embora Lazzeri (2013) afirme que seja algo que possui fundamentalmente propriedades relacionais.

Ainda que algumas manifestações comportamentais sejam semelhantes entre os autistas, reforços operantes modelam o repertório comportamental (SKINNER, 2003), da mesma forma que com indivíduos neurotípicos, o que permite inferir que não há como estereotipar o comportamento autístico. Para o DSM-5, pessoas autistas podem apresentar apego a rotinas e padrões ritualizados de comportamento, mas não de forma igual. Há variações de intensidade nas ações e reações e desenvolvimento de estratégias pelos próprios autistas para

¹³ Alguns entrevistados responderam aos questionamentos com respostas curtas. Pela relevância do conteúdo, os relatos foram utilizados nas análises.

lidarem com sua condição, de forma a adequarem seus comportamentos, o que é bem explicado por Robison (2008) ao relatar seus esforços para se comportar de acordo com os padrões sociais. Os reforços operantes são uma das formas de estimular o ajuste de comportamento. Segundo Skinner (2003), reforços operantes positivos podem ser definidos como acréscimos em alguma situação e reforços negativos como remoções de algo, afirmando que, em ambos os casos, o efeito do reforço é o mesmo: probabilidade de aumento de resposta. Esse recurso é relatado por mães de autistas como válido para ajuste de comportamento (ver resultados do Estudo 3 desta tese), ainda que algumas peculiaridades de comportamento sejam mais difíceis de ajustar. Essas peculiaridades emergiram das narrativas dos entrevistados. Uma delas é o isolamento, que resulta de dificuldades em estabelecer interações sociais, mas também é apontado como uma necessidade nos momentos em que os estímulos ambientais se tornam exaustivos, na percepção do autista. O isolamento também indica desligamento da realidade, segundo os participantes da pesquisa.

A categoria “características comportamentais” engloba, também, temas relacionados a dificuldades de socialização. Um aspecto dessa categoria é que os entrevistados evidenciam que o foco nas relações sociais ocasiona prejuízos em outras áreas e vice-versa. O mesmo é descrito por Robison (2008), que relatou que o aprimoramento das relações sociais foi acompanhado da redução da capacidade de desenvolvimento dos equipamentos eletrônicos com os quais trabalhava. Os seguintes trechos das narrativas demonstram isso:

Eu matei as minhas relações sociais e comecei a lidar só com as relações profissionais. Eu tinha um pouquinho de relações sociais? Tinha. Mas aí eu matei. Acabei com elas. Não quero. Me dei melhor com as minhas relações profissionais. Eu posso ser um bom profissional. Eu posso me focar bastante nas coisas. (AE5)

Sempre fui introvertido e me limitava a um grupo de amigos de no máximo 3 pessoas. Mas felizmente isso melhorou no ensino médio. Estranhamente minhas notas também baixaram ... (AE6)

Eu tentar me conhecer e também olhar os outros, como os outros funcionam, vamos dizer que deu uma flexibilidade na minha vida. Não vou dizer que eu sou mesmo, que eu não sou. Quando eu tinha 15 anos, não... não... como eu tô, assim, contigo, eu não conseguia nem conversar. Então, eu melhorei muito, mas agora deu um efeito teto, sabe... sabe... eu tô batendo no teto. Não tô conseguindo passar. (AE7)

As falas dos entrevistados trazem informações sobre o desenvolvimento de estratégias de socialização, relação com o ambiente e atitudes, que foram organizadas como subcategorias da categoria “características comportamentais”. As unidades de análise que ilustram as subcategorias são apresentadas no Quadro 27.

Quadro 27 - Subcategorias da categoria “características comportamentais”

(continua)

Subcategoria	Unidade de análise
Estratégias de socialização	<p>Porque é difícil de você conseguir chegar, eu concordo com ela, é difícil de você conhecer outro autista que desenvolveu de uma forma tão bem quanto eu, especialmente no domínio das relações sociais, né? Porque eu sou uma pessoa que tem... eu... eu considero isso, que eu tenho estratégias sociais muito sofisticadas há... especialmente em comparação também em comparação às pessoas típicas na verdade, né? Eu considero que eu tenho melhores estratégias de socialização do que a grande maioria das pessoas típicas. Então, e eu desenvolvi isso ao longo, né, da.. desde o primeiro momento em que eu fui para a psicoterapia e gerou um hiperfoco meu entender relacionamentos, né, e conseguir me desenvolver, então, ao longo do processo de diagnóstico também. Foi o processo de constante aprendizagem nesse sentido, (...) do diagnóstico tá, mas foram coisas que apenas comecei a identificar e consegui pensar em como intervir depois que eu consigo me reconhecer como indivíduo autista. E isso foi acontecendo ao longo do processo de diagnóstico. As habilidades sociais se desenvolveram bem, né, só que as intervenções para o domínio B né, que eu citei na minha palestra ainda não foram... não tiveram tanto êxito quanto as estratégias que eu tive para o domínio A, que é mais complicado daí. Eu fico em constante... constante questionamento. Até que nível eu devo intervir e até que nível é parte da minha natureza e está tudo bem ser assim. Então, enfim. E até hoje eu imagino que nos próximos anos ainda continuarei sofisticando mais as minhas estratégias. Essa é a minha resposta. (AE1)</p> <p>A coisa estava complicada, assim, quando era adolescente. Acredita que eu cheguei num ponto, assim, que eu botei na minha cabeça que poderia ser uma boa ideia eu ficar mais burro? Para poder interagir melhor com os outros... Chegou um ponto que, assim, eu não entendia. Como é que eu vou entender (?). Eu estava tão... enlouquecido que eu cheguei ao ponto de acreditar que ficar mais burro ia dar certo. Aquilo ali me marcou mal (risos) porque no final das contas eu consegui ficar preguiçoso. E foi a coisa mais horrível que eu me arrependi a morte de ficar... de ficar preguiçoso. Eu cheguei a um ponto que eu chegava a fazer uma prova, fazer uma coisa assim, né, eu não conseguia lembrar as coisas. Sempre minha memória sempre foi muito boa e aí eu percebi que eu tinha conseguido funcionar muito bem. Mas aquilo ali só tava me atrapalhando porque para saber, assim, que tipo,... que... que... eu tava pensando com isso, né? Aquilo ali (risos) eu tive que ficar mais anos (;;;;) fazendo voltar para o meu... meu... meu método normal de funcionar e pensar assim e não ficar de...de...de vadiagem, coisa assim né? Demorei mais do que eu demorei para aprender a me expressar. Porque no começo da adolescência eu estava enlouquecido, eu tava com essas ideias aí (risos) (AE2)</p> <p>Também sei cozinhar doces e os vender. Imito minha mãe e outras vendedoras e dá certo. Por algum tempo aguento fazer isso. (AE8)¹⁴</p>

¹⁴ Ainda que a resposta seja curta e possa caracterizar viés do estudo, esta foi mantida pela relevância do relato.

Quadro 27 - Subcategorias da categoria “características comportamentais”

(conclusão)

Subcategoria	Unidade de análise
Estratégias de socialização	<p>Para você ter uma noção sobre como eu não sei entender as pessoas (risos). Eu sei premeditar elas, mas eu não sei entendê-las. (...) porque eu não entendia quando ela queria falar comigo, quando ela não queria falar comigo. Na verdade, eu não entendo até hoje. Mas vamos fingir que eu entendo. E eu não entendi, então tinha muitas vezes que ela me respondia por educação, mas não falava comigo. Eu não sabia. Não, na verdade até hoje eu não (...) A maioria das pessoas que eu conversei a partir desse ponto eram ou de outro país ou de outro estado, tudo pelo computador, porque era só sentar na frente do computador e eu pareço normal conversando assim tipo você me ouvindo parece que eu sou um garoto normal. As pessoas também. Então era fácil para mim criar um certo vínculo (AE5)</p>
Relação com o ambiente	<p>Olha, sempre é chato muito barulho né? Sempre horrível assim... tipo, principalmente, barulho muito alto, muito agudo, que essas coisas, praticamente, me machucam... Eu não posso ir numa festa por exemplo. Se eu vou numa festa eu vou, tipo... eu não acho graça na festa para... interagir com outras pessoas, né? E daí... conversa e faz barulho. Eu vou ter que ficar lá praticamente esperando para comer ... e aí as pessoas conversando em volta e eu aqui... daí... daí... só de pensar eu já vou começando a demonstrar um tipo de... me balançar de ansioso, né. Isso sempre é chato. (AE2)</p> <p>Eu tendo a evitar ir a lugares como supermercados muito grandes ou loja de construções, porque, depois de algum tempo lá, eu começo a ficar com dor e muito ansiosa. Eu acabo olhando para muitas coisas, ficando bem animada para olhar para as coisas, ficando com dor de cabeça e dor nos ouvidos por causa do barulho e às vezes as luzes... esperar na fila... e as pessoas e também. À noite na rua é difícil por causa das luzes. Elas ficam mais fortes e os carros ligam os faróis e isso é bem forte. E também as luzes dos postes (...) é difícil... É difícil também a parte dos meus vizinhos que são bem barulhentos e eu não consigo me concentrar com qualquer tipo de barulho (AE3)</p> <p>Raramente entendo o que me falam em locais abertos por conta do TPAC, luzes parecem se mover e me deixam tonta e sonolenta. Não gosto de cheiros fortes, mas se o local não possuir estímulos o suficiente para cobrir algo que está me incomodando (possivelmente de fora, se estiver em uma sala, já que tenho sensibilidade auditiva), irei eu mesma criar meus próprios estímulos. (AE8)</p>
Atitudes	<p>Por mais que eu tenho claras evidências que eu conseguiria aprender, eu conseguiria sim entregar esse projeto, e com certeza seria uma performance melhor que a grande maioria dos outros, outros competidores ali, eu não conseguia tolerar não saber 100% do caminho. Às vezes eu passava as 24 horas estudando intensivamente para saber como iria concretizar aquele projeto, todas as etapas dele, eu conseguia 90%. Mas dez por cento faltava. Nossa, não tô conseguindo entender como vou fazer isso. Me desesperava, cancelava o projeto, pedia desculpa e tal. E aí, passava, sei lá... podia passar, depois disso me aliviava. Ficava aliviado. Aí passava mais um dia e pronto, tinha 100%. (AE1)</p> <p>As outras pessoas estão ali... mas a maioria das pessoas da cidade grande, não tô nem aí para os outros que estão passando. Então é só... só não... é só fingir que eles não estão ali. (AE2)</p> <p>Ao mesmo tempo em que eu era muito calmo, quando estimulado, eu era muito agitado. Então, eu tava na minha, eu era calmo. E quando me retiravam da minha, eu era agitado. (AE5)</p>

Fonte: Dados da pesquisa

As estratégias de socialização evidenciam o meio que as pessoas autistas entrevistadas utilizam para interação social, permitindo inferir que as interações não são um processo natural, mas um conjunto planejado de atitudes que é acionado em determinados contextos. As falas dos entrevistados deixam claro que há um limite nas interações.

A segunda subcategoria, relação com o ambiente, busca esclarecer como o meio afeta o comportamento do autista. Os entrevistados detalham como luzes, sons e outros aspectos relacionados aos ambientes que frequentam impactam em seus sentidos, causando alterações físicas e emocionais.

E atitudes é a subcategoria que reúne as narrativas dos entrevistados no que tange à reação a determinadas situações. Nas narrativas sobre atitudes, fica evidenciado tomada de decisões de forma a obter distanciamento de determinado estressor (AE1 e AE2) e reação a estímulos (AE5). Já nas postagens nas redes sociais, algumas atitudes de AE3 podem indicar resiliência, ainda que o escrito esteja longe do repertório de ações que a entrevistada tomaria, o que ela mesma reconhece no texto postado nas redes sociais.

Caso dê positivo, vou me considerar oficialmente uma colecionadora de diagnósticos. Até agora já tenho TEA e TAG. Se a psiquiatra me der mais o diagnóstico de TDAH, minha vontade vai ser olhar pra ela (ok, talvez não olhar pra ela já que eu não consigo fazer isso), fazer uma pose durona e dizer: "Já acabou, Jéssica?" (não, o nome dela não é Jéssica. Isso é apenas um meme) e talvez um "manda mais que tá pouco!". (AE3 em postagem nas redes sociais)

Nos textos de AE3 é possível identificar alguns elementos componentes da elaboração do sofrimento e da superação das situações decorrentes do TEA. Para Nascimento, Sampaio e Vasconcelos (2020), narrativas, contexto relacional, tutores e sentidos que podem ser atribuídos na dinâmica do processo de superação não são dimensões isoladas, mas estão conectadas. A entrevistada usa narrativas das situações cotidianas que enfrenta e utiliza recursos do contexto relacional (no caso, as redes sociais digitais) para produzir conteúdo para disseminar informações sobre autismo, o que caracterizaria segundo os autores acima, resiliência. O humor, que é um dos pilares da resiliência segundo Ojeda (1997), também é perceptível no texto de AE3. A resiliência fica evidenciada em outro texto de AE3:

Antes de descobrir que tenho autismo, tudo o que eu queria era "ser normal". Eu me sentia defeituosa e burra. Achava que nunca me encaixaria na sociedade e seria infeliz para sempre. Com o diagnóstico, aprendi a me aceitar mais, a perceber que não tem nada de errado comigo. Não sou defeituosa, sou autista. Sou o que sou, sou autista. Não preciso de cura, preciso de aceitação, respeito e inclusão. Vi muitos familiares de autistas desejarem a cura da condição, alegando ser fácil alguém com autismo leve não querer ser curado. Acontece que, independente do grau, todos os autistas têm

dificuldades, variando em necessidade de apoio. É muito importante aceitar o seu autista como ele é. Entender que ele tem dificuldades, que podem ser melhoradas com terapias. Muitas vezes, o autismo vem acompanhado de comorbidades, como deficiência intelectual e comportamento agressivo. É isso que precisa ser tratado. O autismo é uma forma diferente de estar no mundo. (AE3 em postagem na internet)

O reconhecimento e aceitação da condição de autista demonstra alinhamento com o pilar ‘autoestima’ de Ojeda (1997) e com o fator resiliente ‘eu sou’ de Grotberg (2005). Nesse sentido, trechos das narrativas de AE4 e de AE8 também indicam resiliência:

E saber que eu sou autista finalmente me trouxe a informação que faltava para eu entender quem eu sou de verdade, conseguir explicar os problemas que tive e as coisas únicas e incríveis que faço. (AE4)

Penso, no futuro, trabalhar com algo que trabalhe a neurodiversidade, para poder ajudar outras pessoas como eu. (AE8)

AE4 também possui uma página na internet para discutir sobre o autismo. O humor também aparece nas postagens do entrevistado ao lidar com a sua condição de pessoa autista.

Gente, não é uma crítica, é um pedido: SEJAM OBJETIVOS E DIRETOS QUANDO VOCÊS FALAM COM NÓS AUTISTAS, PELO AMOR DO STIM! (AE4 em uma postagem na sua página sobre autismo.)¹⁵

Outro tema importante que ficou evidenciado nas entrevistas com as pessoas com Transtorno do Espectro Autista foi o suporte recebido pela família, por especialistas e/ou por terceiros, compondo a terceira categoria de análise não a priori denominada ‘**apoio**’. Ainda que esteja voltada aos relatos que refletem auxílio, as dificuldades das pessoas de entorno dos autistas entrevistados também ficam evidenciadas.

As seguintes unidades de análise elucidam a categoria.

Quadro 28 – Unidades de análise que evidenciam apoio

(continua)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
AE2	Reconhecimento pela dedicação da mãe (entrevistada ME1)	Minha mãe sempre foi meu pilar de apoio, né? E daí, conforme eu fui crescendo, mais ainda. Tipo... minha mãe sempre tipo... ela nunca entendeu completamente o que acontecia antes de ir na psicóloga, mas ela sempre se preocupou e notava que tinha alguma coisa que tinha que ser feita. Daí ela sempre tentou me ajudar e coisa assim. E daí eu sou muito grato por isso, né?

¹⁵ Fonte em maiúsculas como na postagem. *Stim* é a forma como os autistas se referem aos movimentos autoestimulatórios ou estereotípias.

Quadro 28 – Unidades de análise que evidenciam apoio

(conclusão)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
AE3	Detalha o suporte que recebe da mãe nas tarefas cotidianas e na busca por terapias e também a dificuldade que os pais têm de lidar com algumas particularidades da entrevistada	... e na vida é mais a independência. Não precisar tanto da minha mãe. E também ser entendida pelos meus pais que, às vezes eles não entendem e acabam causando algum prejuízo sem querer. (...) eu preciso, às vezes, que minha mãe vá comigo nos lugares. (...) ela me dá conselhos, ela me leva aos lugares que eu ainda não sei sozinha, me ajuda a resolver diversas burocracias. Às vezes ela me ajuda, me faz cozinhar e me ajuda e me põe para... para limpar a casa (...) também (...) me diz qual é... qual é o tipo de roupa para cada tipo de situação. Me ajuda a escolher as minhas roupas porque eu não sou boa em saber o que que eu vou vestir. E também ela me ajuda a comprar roupas porque eu ainda não faço isso sozinha. Ela vai comigo, às vezes vai sozinha, ela já conhece o meu gosto (...) e ela me ajuda também me dando acesso a terapias já que algumas ela mesma paga e outras ela me ajudou indo comigo pegar encaminhamento e vai sempre na primeira consulta comigo e me ajuda (...) e ela trabalha em casa com as tarefas domésticas e para que eu não precise me preocupar com isso.
AE6	Reconhecimento do papel da família no próprio desenvolvimento	Minha família e amigos me ajudaram por simplesmente me tratarem como tratariam qualquer outro, sem ter pena, dó e sem passar a mão na minha cabeça. Corrigiam e exigiam como fariam com qualquer outro. E só por isso cheguei onde cheguei.
AE8	Interação mediada com amiga, que oferece apoio	Minha amiga virtual Bia, que é a pessoa que parece que mais me atura: conversamos direto sobre os mesmos assuntos, falamos coisas do dia a dia, damos dicas, etc.

Fonte: Elaborada pela autora.

O Transtorno do Espectro Autista, sendo uma condição que ocasiona problemas de desenvolvimento, comunicação e interação social, demanda envolvimento intenso de pessoas próximas ao autista para superação das dificuldades que se apresentam em diferentes graus. Marques, Marques e Maia (2020) explicam que, com o diagnóstico, os familiares se veem diante de uma necessidade de reestruturação, organização e planejamento do convívio familiar, ressaltando a importância de orientações especializadas. Nas falas dos entrevistados, há um reconhecimento do apoio recebido por pais e profissionais. Alguns que conseguiram desenvolver estratégias de socialização que permitiram a formação de um círculo de amizades mais sólido, também relatam o papel de amigos na superação de questões relacionadas ao autismo. Também emergiu das narrativas dos entrevistados, o apoio da escola e de alguns professores. Entretanto, como os entrevistados desta pesquisa já são adultos, o contexto de escola, especialmente educação infantil, é de mais de dez anos. A realidade da inclusão de autistas no ambiente escolar era diferente do que é atualmente. Nos relatos são evidenciados o despreparo de alguns profissionais naquela época.

Foi tão difícil a minha adaptação na escola que ela pensou várias vezes em atrasar um ano, digamos assim. Não me colocar na pré-escola e esperar mais um ano para colocar só no ano seguinte. Segundo ela, ela foi convencida pela diretora da escola que seria algo bom para mim e que eu me acostumaria. Só que ela tinha muito receio porque claramente as outras crianças já tinham se adaptado e eu ainda não (...) eu me lembro de ver situações bem difíceis assim, na escola. Me lembro de ser punido bastante pelas também minhas estereotípias, né, nos movimentos repetitivos estereotipados. (AE1)

A minha casa é numa esquina, a escola era na outra esquina. Basicamente, os professores não me aguentavam e ligavam para os meus avós irem me buscar. (...) Acho que muitos professores tinham, sim, alguma consciência do que eu podia ter, acho que sim, porque tinham professores que tinham muita calma (...) (...) O professor Odair. Ele era muito legal porque ele me entendia de certa forma ele me dava muita colher de chá. (...) e ele (...) tentava da melhor forma me dar um auxílio, tanto que eu progredi muito com ele. (AE5)

A categoria de análise não a priori ‘apoio’ foi formulada a partir das narrativas sobre o suporte recebido de familiares, especialistas em Transtorno do Espectro Autista e terceiros. Esses três grupos compõem as subcategorias da categoria ‘apoio’, elucidadas pelas unidades de análise apresentadas no Quadro 29:

Quadro 29 – Subcategorias da categoria apoio

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Família	<p>Ao ver o meu filho nascer, ver ele crescendo e se desenvolvendo (hoje ele tem 1 ano e 4 meses) é uma oportunidade única e inestimável, principalmente porque ele é uma das poucas pessoas que eu faço coisas que eu tenho dificuldade (como p.e. dar beijos e abraços) e permito que ele faça coisas que sempre tive agonia (basicamente me tocar com mão melada, babada etc.). Por causa do meu relacionamento com ele que eu passei a ter um pouco mais de raiva e indignação com o meu pai, pois como pode alguém não querer contato com algo tão maravilhoso? (...) Minha esposa é a pessoa que mais me ajuda, pois é uma das poucas que quase conseguem entender completamente como funciona, desde os sinais de que estou entrando em crise a algumas coisas que eu falo e que as outras pessoas não conseguem compreender. (AE4)</p> <p>Minha mãe que sabe quando estou cansada e tenta me ajudar a me adaptar às vezes. Meu avô que sempre me ensina as coisas e me apoia. Minha avó que entende meus problemas, pois já passou por muitos deles. Minha tia Lu por sempre escutar, apesar de nem sempre entender. (AE8)</p>

Quadro 29 – Subcategorias da categoria apoio

Subcategorias	Unidades de análise
Família	<p>Por que da demora do diagnóstico? Primeiro porque minha mãe também era meio varada, assim, ela era meio fora do ar ela também. Já é meio diferente. Ela também não nunca me comparou porque se a mãe... não meu filho é diferente... se ela ver que o filho é diferente, vai procurar um profissional na hora (...) minha esposa, ela é formada em Administração e ela foi para o lado do coaching, ela faz coaching com as pessoas só que assim, ela me cobrava muita coisa. Ô cobrava, me cobrava assim eu... me cobrava mesmo coisas que eu não conseguia fazer e eu não consegui explicar para ela que eu não conseguia fazer. Agora que eu consigo dar uma explicação, agora que ela entende e por ela me entender, ela me respeita, então às vezes eu não quero ir no vizinho conversar, eu quero ficar no meu quarto escuro fazendo meus desenhos no Solidworks quero ficar lá ou às vezes eu saio mas eu quero voltar logo ou estamos viajando vou passar numa cidade que tem uma sei lá um conhecido dela ela quer parar, sabe? Interrompe bem ali, na hora, não sabe... Então essas coisas ela me respeita eu acho que tá melhorando bastante principalmente essas exigências digamos assim. Tá certo que às vezes eu uso da malícia, né? Eu sou autista e eu não posso fazer. Ela sabe que é sacanagem. (AE7)</p>
Especialistas	<p>A terceira vez que eu ouço sobre autismo, é aos 20 anos de idade, quando eu estou nos estados unidos e conheço uma terapeuta, né, uma ABA <i>therapist</i>... <i>A-B-A therapist</i>, e somente uma terap... uma psicoterapeuta especializada em hã... intervenções comportamentais para crianças com autismo e, por coincidência, ela conhece um colega de quarto que compartilhava comigo na... na época né? E ele traz essa terapeuta para casa e aí, em algumas situações sociais, ela convivendo comigo ela cita para mim que, muito provavelmente eu era autista. Porque eu demonstro ali alguma atipicidade nas interações sensoriais... sociais... E ela sugere a mim que eu pesquise sobre ou que seja avaliado. E aí, nessa época, eu me lembro que eu abri uma página do Wikipédia sobre síndrome de Asperger, Asperger's Syndrome, e eu lembro de ter visto (?) criança empilhando latas e eu lembro que só pensei assim: isso não tem nada a ver comigo. E eu simplesmente fechei (...) (AE1)</p> <p>Já a minha psicóloga foi... bom a psicóloga foi quem me ajudou a virar outra pessoa assim e consegui funcionar como gente, né? Eu antes de...de...de aprender a lidar com meu autismo e coisas assim, né, Eu praticamente não funcionava direito. Eu tava sempre a moda louco assim, né? (...) se não fosse por ela, só conversar com ela agora e sempre me dá ...me dá um... alívio melhor, assim, né? Só de poder conversar um pouco ... eu já... já ajuda a organizar a cabeça, né? (AE2)</p> <p>Agora quem tem ajudado imensamente é o AMA. Eles me acolheram com muito carinho e atenção. Até o momento só atendiam crianças e com diagnóstico prévio, quando ficaram sabendo do caso de um autista que era tão independente que não suspeitaram que tivesse autismo, logo quiseram conhecer a mim e aos meus pais. Fiz 6 meses de entrevistas semanais e me perguntavam sobre tudo, quiseram entender como eu consegui ser quem sou. Depois disso abriram uma turma de atendimento para adolescentes tanto para ver mais de perto como era meu comportamento quanto para colocar em prática o que até o momento era só um sonho. O sonho de ver um autista completamente independente. (AE6)</p> <p>Minha professora de violino que tem dislexia também facilita muito meu dia, sempre repetindo as coisas, me incentivando, tendo paciência e dando dicas. Digo o mesmo com o professor de história da música e minhas antigas professoras de história e física da escola. Ele, por exemplo, está sempre me chamando para outros projetos que acredita que tenho interesse (a do violino é o mesmo). (AE8)</p>

Quadro 29 – Subcategorias da categoria apoio

(conclusão)

Subcategorias	Unidades de análise
Terceiros	<p>Geralmente desabafa um com o outro e juntos (...) ajudam... ajudam na faculdade, explicando a matéria... hã... mandando textos. E... estudando juntos e dando apoio e recentemente meu amigo João foi comigo no núcleo de acessibilidade ver se eu conseguia alguma adaptação. Aí ele foi comigo e me apresentou, que eu sou meio tímida (...) e (...) e ele (...) eles estão sempre me ajudando na minha autoestima e eu na dele e a gente sempre... pelas conquistas uns dos outros (...) eles já vieram na minha casa poucas vezes, mas vieram. E a gente já se encontrou uma vez para ir ao cinema. Eles foram no meu aniversário (...) E é assim. (AE3)</p> <p>Quem me auxiliou muito na minha vida foi a minha bisa. Ela... eu criei uma rotina com ela, e ela não é minha bisa de verdade. Ela meio que adotou a gente. E... a gente adotou ela como bisa e ficou assim. Porque ela era mais velha, mais anciã assim, de todos, e ela acabou ficando como a bisa e ficou (risos). E ela... ela também lia muito a Bíblia então eu gostava de conversar com ela e a gente ficava horas conversando. Porque ela não se cansava de falar, ela não se cansava de ouvir e eu não me cansava de escutar. Então... ficava nesse... E ela me ensinou muita coisa sobre empatia, que eu não sabia. Então, eu perguntava definições. Mas por que isso? Por que aquilo? Por que que funciona assim? (...) Minha bisa me deixava ser criança. Então, o que que ela fazia? Eu odiava brincar com os brinquedos. Na maioria das vezes. Então eu pegava pedaços de madeira e construía os meus próprios brinquedos, sabe? Era... era bem criativo. Então, o que que ela deixava para mim. Pedaços de madeira, aqueles resíduos de... de... detergente. Aqueles... potes. E ela deixava essas coisas e eu gostava de brincar... (AE5)</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A categoria de análise não a priori '**forma de pensar**' também emergiu das narrativas dos entrevistados, a partir de questionamentos específicos que foram feitos com base em autores como Grandin (2010) e Robison (2008) (APÊNDICE A) e também em relatos de momentos cotidianos, em outros contextos, das pessoas autistas participantes desta pesquisa. Esta categoria reúne relatos que evidenciam formação de ideias, hiperfoco e aprendizado e autoeficácia, que são as subcategorias de análise.

Quadro 30 – Unidades de análise que evidenciam ‘forma de pensar’

(continua)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
AE1	Relato sobre interesses restritos	Enquanto eu estava em casa, eu sempre lembro de, ou estar brincando com um específico ursinho de pelúcia que eu gostava bastante há..., ou empilhando coisas, ou colecionando moedas de 1 centavo. Sempre nesses interesses bem específicos. Há... ou tampinhas metálicas de garrafa que também eram um interesse restrito meu na época, ou jogando videogame.
AE3	Não linearidade na forma de pensar. Pensamentos causam alterações comportamentais	Bem, às vezes eu gosto de ficar revendo cenas que... que aconteceram e que me deixaram feliz. E às vezes eu gosto de inventar cenas isso me faz rir... começar a rir ou às vezes me deixa tão animada que eu começo a correr... eu posso tá até no meio da rua. Há... ou às vezes eu fico tão ansiosa por causa de algum... algum lugar, que eu não consigo pensar direito e começo a andar de um lado para o outro e a me mexer mais e no meu caso não é só imagens. Também tem palavras. Mas eu... eu não... gosto muito de conversar comigo mesmo, eu descobri que as pessoas costumam fazer. Geralmente... Tem muita repetição de som e muita música e a (...) e eu gosto de ouvir as coisas de novo para (...) e (...) é. Acho que é isso. (...) que talvez seja dificuldade de ter memórias na ordem certa. Talvez às vezes as memórias não sejam muito lineares e causa dificuldade de saber se foi recente ou não e... e ficam vindo a mente e às vezes eu posso ficar chateada de repente sem motivo aparente ou possa ficar muito animada de repente (...) e talvez sair correndo (...)
AE5	Hiperfoco (estado de fluxo) com perda de noção de tempo	Era um problema, porque eu ficava no meu videogame, não tinha amigo. Se ninguém me lembrasse que eu tinha que comer, nem quando eu me lembrava, eu comia. Então, imagina. Eu lembro que tinha alguns momentos no período da tarde que eu me sentia meio tonto, que eu chegava... eu tô meio tonto. Você está há mais de dez horas sem comer. Por isso você está meio tonto. Mas eu não quero comer. Eu quero continuar fechando a fase, que eu não terminei de fazer aquilo. E aí eu ficava muito p... que ela me fazia comer antes de terminar a fase. Você não tem noção. É ... eu sei que ia ter outra fase, e ia ter outra fase, e outra fase, eu sei. Mas na época, quando eu não sabia, então, eu queria terminar aquela fase. E eu passava horas e horas e horas e me dava muita raiva quando eu não conseguia passar as fases porque eu ficava... eu não parava.
AE6	Outro relato que esclarece a restrição de interesses	Assumo que tenho um vício com jogos eletrônicos e perco horas do meu dia nisso. Quanto mais frenético o jogo, melhor.
AE10	Descreve a formação de ideias, que difere conforme a quantidade de temas em análise	Às vezes eu só tenho um tema pra pensar e de repente a ideia aparece, como um estalo e eu penso o porquê de não ter pensado naquela possibilidade antes. E as vezes as ideias vem de referências externas que procuro ou como conexões entre uma coisa e outra. Acho que depende muito da situação para saber como uma ideia se forma na minha cabeça. Porque situações diferentes dentro de contextos diferentes podem fazer com que minhas ideias surjam de forma diferente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Anomaly, Gyngell e Savulescu (2019) em um artigo sobre preservação da diversidade cognitiva em uma era de edição genética, resgatam a opinião de outros autores que afirmam que para a solução de um problema complexo é melhor um grupo de pessoas cognitivamente diverso do que o mesmo número de pessoas muito brilhantes que veem o mundo de maneira semelhante. Para os autores, pessoas com experiências diferentes e estilos cognitivos diferentes, que surgem de uma confluência de traços psicológicos, olham para o mundo através de diferentes lentes que podem se complementar.

Ao analisarem o modo de pensar do autista, Anomaly, Gyngell e Savulescu (2019) explicam que alguns traços podem ser benéficos em graus moderados – embora prejudiciais em graus extremos -, explicando que certos traços podem contribuir para um perfil de personalidade de alta habilidade. As afirmações de Grandin (2010) sobre o pensar diferente vão ao encontro de Anomaly, Gyngell e Savulescu (2019) sobre a importância da diversidade cognitiva.

O pensar diferente do autista, a partir das narrativas dos entrevistados, passa pelo hiperfoco – tanto um interesse restrito quanto o estado de fluxo -, pela formação de ideias e pensamentos e culmina com o aprendizado e autoeficácia, este último, sendo uma crença de êxito na execução de determinadas tarefas, conforme ilustra o seguinte excerto de entrevista de AE7.

Sim, mecânica, meu hiperfoco, né? Essa questão da mecânica aprender eletrônica também mexer com eletrônica, programação, quando eu preciso uma programação também (...) Isso daí sai muito fácil. A parte de mecânica eu acho que é mais também essa questão de visão espacial, né, e (...) e analisar essa parte de mecânica de fora. Eu vejo que eu sou... que eu sou além dos outros. (AE7)

A fala de AE7 ilustra esse caminho do hiperfoco gerando aprendizado e autoeficácia, e, por consequência, condições de desempenhar uma função profissional. Outros trechos dos relatos dos entrevistados apresentados no Quadro 31, ilustram as subcategorias e permitem visualizar a categoria não a priori ‘forma de pensar’, cujo conteúdo é semelhante ao já apresentado na categoria de análise a priori Desenvolvimento, especificamente na subcategoria Cognição.

Quadro 31 – Subcategorias da categoria forma de pensar

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Hiperfoco	<p>Quando eu era criança eu comecei a ir na igreja com um ano e meio de idade, e meu hiperfoco era a Bíblia. Então eu sei muita coisa. Muita coisa que as pessoas geralmente não sabem. (...) Eu sou bom para fazer esse tipo de coisa porque eu sento no meu hiperfoco, eu não vejo ninguém na minha frente e cada vez mais eu tento buscar isso. Eu tenho que... Eu lembro que eu tentava meditação para buscar o hiperfoco, mas até hoje eu não sei o que realmente me fazia ir. (...) Eu nunca consegui achar o que ativasse o gatilho do hiperfoco, algo que eu pudesse ativar, como é o interruptor que faz ativar. Se um dia eu achar isso... Eu entrava em hiperfoco olhando para o teto quando eu era criança. eu acho que eu não consigo fazer isso. Aquilo era incrível (risos) (...) Eu lembro que meu primeiro carrinho de controle remoto que montei foi entrando em hiperfoco. (...) (...) O meu hiperfoco era tão forte que eu quando eu consegui entrar nessa forma, era como se eu tivesse dentro dos navios que estudavam nos livros. Então eu conseguia ter detalhes como, sei lá, uma textura de madeira que eu conseguia imaginar de uma forma mais fluida. (AE5)</p>
Formação de ideias	<p>É que depende do contexto, né? Porque, por exemplo, como eu lido com pessoas, é totalmente diferente de como eu lido com softwares, por exemplo. Tem um ato, enquanto eu estou programando, tem um... tem uma abstração que eu poderia fazer para ti, mais ou menos como funciona a minha atividade profissional. Quando estou negociando, tem uma outra abstração que eu uso, né? Então, modelos diferentes para cada situação, né? Então, quando eu estou conversando com uma outra pessoa, né, eu também uso um outro modelo que vai se formando de uma forma diferente, digamos assim. Então eu diria que tenho N modelos para cada, né, maneiras... N maneiras que as ideias vão se formando. E essa maneira que essas ideias vão se formando vai depender bastante de qual atividade eu estou engajado no momento (...). Para interação com pessoas, por exemplo, certamente eu uso modelos que estão muito relacionados com análise do comportamento, né? Eu enxergo interações como contingências, né? Então, tudo tem o seu antecedente, todos os comportamentos que eu observo são respostas aos estímulos antecedentes e...e... é... logo em seguida de cada resposta que eu observo, há uma consequência que, por conta dessa consequência, eu devo esperar que a probabilidade dessa...dessa resposta que eu acabo de observar será mais ou menos, né?... se incrementará ou se ela se decrementará. Sei lá como é o nome disso... <i>dicrement</i>... Eu não sei, não consigo traduzir esse termo do inglês. Ah... ok. Isso é uma coisa também. Quando eu vou pensando, por exemplo, em análise do comportamento, eu penso em inglês (risos). Eu não penso em português. (AE1)</p> <p>Fora de ordem e rapidamente. Elas geralmente seguem uma temática e são similares em alguns pontos, mas esqueço rápido. Também não iniciam do básico ao complexo, o que pode incomodar, pois tenho que pensar no que falar para escrever para os outros. (AE8)</p>

Quadro 31 - Subcategorias da categoria forma de pensar

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Formação de ideias	<p>Eu não penso exatamente igual todo mundo, né? Meu pensamento é um pouquinho diferente. Eu penso muito mais ligeiro. Quando as pessoas estão aqui, eu já tô lá na frente, né? (...) Digamos simplesmente vai ... vai fluindo as coisas assim como se... vem assim as coisas, mas aí bem ligeiro. Tipo assim, tô pensando uma coisa, por exemplo e enquanto... eu tipo em questão de...de...de segundos eu já completei o pensamento ... assim e aquilo ali já vai se abrindo para outras coisas e vou pensando aquilo ali vai indo assim. Tipo assim, penso numa coisa, isso aqui, isso aqui, depois isso aqui, isso é bem ligeirinho assim mas... tipo... para mim, eu já tô acostumado a funcionar assim. (AE2)</p> <p>Eu só olhei para aquilo e falei, porque eu não vou lá apagar e acender a luz? Essas ideias que eu tento suprimir por toda minha vida, do nada. Geralmente é uma ideia que na minha cabeça é muito legal de fazer. Sabe... porque as outras ideias que vocês geralmente pensam, elas vêm por uma linha de raciocínio. Para esse tipo de ideia não tem... simplesmente vem na cabeça. É uma coisa automática no cérebro por algum motivo que eu não consigo entender. É algo que eu também não controlo. Como você atingir um laser na frente de um gato. Ele tá bem de boa fazendo as coisas dele e de repente ele começa a correr atrás do laser feito um idiota, na frente do laser. Por exemplo eu salvei a mariposa. Eu saí correndo pela faculdade porque eu tava muito feliz por ter salvado a mariposa. Qualquer pessoa de 20 anos não sairia correndo atrás da mariposa. Mas eu estava muito de boa, correndo pela faculdade, felizão porque eu salvei a mariposa. Outra questão, eu terminei a prova e a professora pediu uma folha de papel para poder fazer a chamada. Só que eu destaquei a folha e o picote da folha que eu destaquei caiu no chão eu esqueci de jogar no lixo. Eu já estava meia hora fora da sala eu lembrei da folha que tava no chão. Eu voltei na sala para pegar aquela folha para jogar no lixo. Ela me olhou com uma cara de tipo: por quê? Porque eu não conseguiria terminar a minha vida se eu não jogasse esse picote no lixo. (AE5)</p>
Autoeficácia	<p>Aí Olha eu prefiro sempre... hã... pedir como é que a coisa funciona. Detalhes primeiro ou nem que seja pedir para alguém fazer para poder ver. Eu gosto de ver para ter uma ideia melhor na minha cabeça primeiro... quando eu posso tentar fazer, eu posso tentar mais fazer o mais próximo possível do que foi explicado para tipo... quando é possível, eu gosto de evitar ficar cometendo erro muito... muito... muito bobageira assim, para não fica muito perdido, não ficar fazendo as coisas muito errado. Eu gosto de fazer as coisas certas quando possível. Para mim, eu não tô fazendo a coisa certa me incomoda. (AE2)</p> <p>Por ser um autista visual eu aprendo muito com a observação. Sou do tipo que se entope de vídeos sobre um assunto específico (p.e. marcenaria) e depois de comprar as primeiras ferramentas eu executo a primeira ideia, que geralmente não fica perfeita. É aqui que entra a segunda fase do meu aprendizado: prática. Como eu aprendo de forma exponencial, a diferença entre a minha primeira tentativa e a segunda são gritantes - é como se eu tivesse tido meses de preparo entre as execuções, quando na verdade o espaçamento é de alguns dias. (AE4)</p>

Fonte: Dados da pesquisa

A subcategoria hiperfoco traz os relatos que evidenciam interesses restritos e extrema concentração, chamada estado de fluxo (ASHONOFF; ABU-AKEL, 2019; TSE; NAKAMURA; CSIKSZENTMIHALYI, 2019). Formação de ideias busca descrever, a partir dos excertos das falas dos entrevistados, uma parte do modo de pensar do autista. Nos relatos aparecem impulsividade, rapidez e modo de pensar definido pelas contingências (o que é necessário fazer). As falas demonstram percepção do modo de pensar diferenciado pelos autistas, com alguns dos participantes da pesquisa descrevendo detalhadamente as diferentes estratégias que usam para compreender e envolver-se em diferentes situações. E por fim a subcategoria autoeficácia resulta das narrativas que indicaram crença de êxito na execução de determinadas tarefas.

Finalizando o Estudo 2, resgata-se o objetivo geral do Estudo 2 que é elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor, a partir da busca de dois objetivos específicos: especificar características comportamentais da pessoa autista e verificar manifestações do Potencial Empreendedor no comportamento da pessoa autista.

O primeiro objetivo específico do Estudo 2 foi alcançado, permitindo especificar as características comportamentais do autista:

- Déficits de comunicação e sociais – contornados com estratégias de socialização e amenizados pelas interações mediadas pela tecnologia;

- Sensibilidade a estímulos ambientais;

- Percepção de padrões;

- Hiperfoco – interesses restritos e estado de fluxo;

- Atenção aos detalhes;

- Resistência a mudanças - com possibilidade de adaptação com o tempo;

- Busca por informações – especialmente devido ao hiperfoco;

- Planejamento - para redução de incertezas e inseguranças;

- Pensar diferente.

Já as evidências de Potencial Empreendedor nos entrevistados, foco do segundo objetivo específico, são:

- Busca por informações – resultante do hiperfoco;

- Persistência – resultante de hiperfoco;

- Construção de relacionamentos – por interações mediadas pela tecnologia;

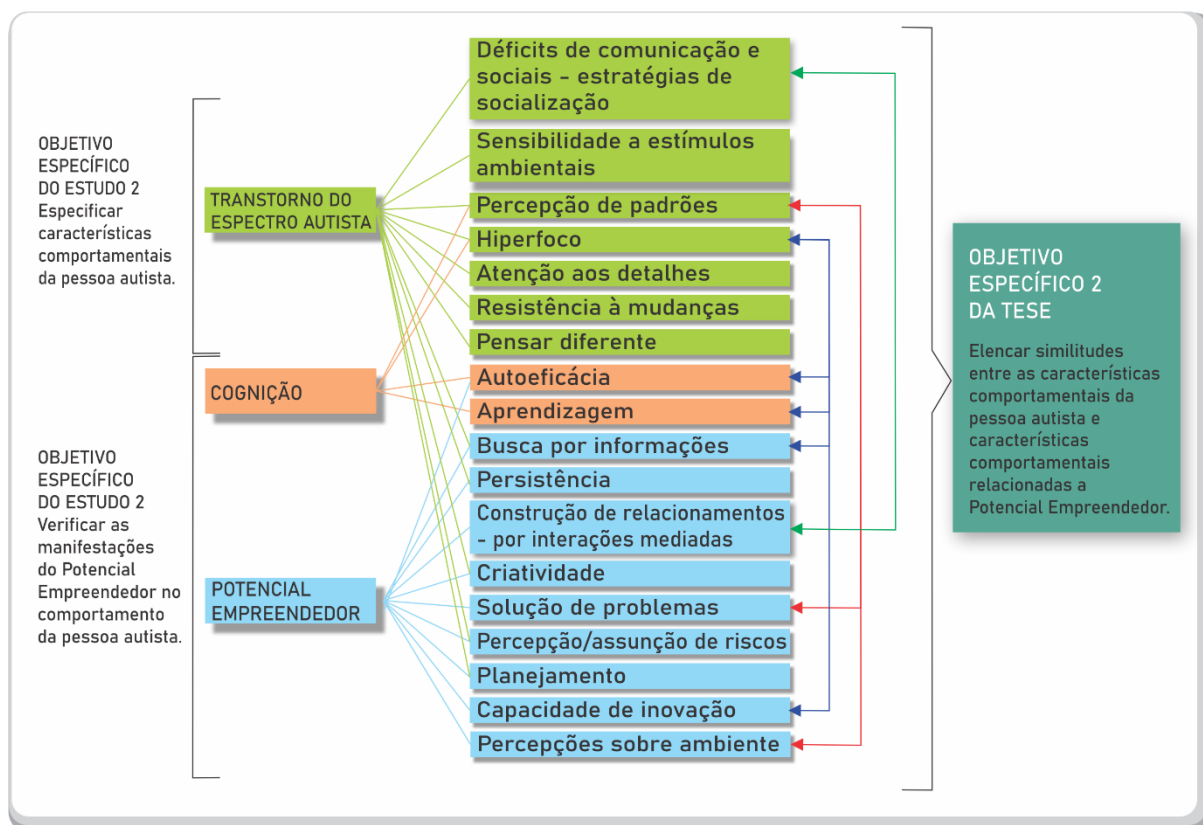
- Criatividade;

- Solução de problemas – resultante de hiperfoco e do interesse por desafios;

- Percepção de riscos - para reduzi-los e nem sempre os assumir;
- Planejamento;
- Capacidade de inovação – resultando em iniciativas empreendedoras;
- Percepções sobre o ambiente – influenciada pelas especificidades do autismo;
- Autoeficácia – resultante de hiperfoco e de estímulos ao desenvolvimento.

É possível verificar que há características comportamentais do autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor que são similares e se influenciam mutuamente. A Figura 27 traz os resultados do Estudo 2.

Figura 27 – Similitudes entre o comportamento do autista e Potencial Empreendedor



Fonte: Elaborado pela autora.

A parte central da figura indica comportamentos que estão tanto relacionados a Potencial Empreendedor e ao Transtorno do Espectro Autista. A similitude de comportamentos foi identificada, inicialmente, na literatura sobre os temas que compõem esta tese e que descreviam empreendedores e autistas, separadamente. Com as entrevistas, foi possível confirmar que há intersecções entre os comportamentos resultantes do TEA e comportamentos que podem ser associados a indivíduos com Potencial Empreendedor. Além disso, alguns

comportamentos da pessoa autista podem ser direcionados para aquisição de conhecimento e desenvolvimento de autoeficácia, o que é um caminho para a inserção profissional.

Este capítulo continuará com os resultados desta tese, apresentando a análise do Estudo 3, realizado com pais, mães e responsáveis por pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

4.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 3

Esta parte da tese contém a análise de conteúdo das entrevistas e das publicações nas mídias sociais dos entrevistados que são pais ou responsáveis por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. A análise seguiu aos procedimentos apresentados abaixo:

- Criação do protocolo de entrevistas, com as informações mais relevantes de cada entrevistado;
- Apresentação das categorias de análise definidas não a priori, emergentes dos relatos dos entrevistados e considerando os construtos teóricos adotados para esta tese, trazendo trechos das falas dos entrevistados e referências teóricas para cada categoria e subcategoria.

4.3.1 O protocolo de entrevistas do Estudo 3

O protocolo de entrevistas do Estudo 3 reúne algumas informações relevantes das respostas dos entrevistados que são pais, mães ou responsáveis por pessoas com Transtorno do Espectro Autista. O protocolo foi elaborado de forma a permitir um panorama geral deste estudo, contendo as seguintes informações: formação e principais atividades, fatos marcantes e aspectos comportamentais e cognitivos referentes a Potencial Empreendedor. O protocolo de entrevistas é baseado em Allinson e Hayes (1996; 2012), Bandura (1999), Krueger e Brazeal (2018), Lazarus e Folkman (1994), McClelland (1961), Santos (2008) e Santos et al. (2014).

Quadro 32 – Protocolo de entrevistas pais/mães/responsáveis por pessoas autistas

(continua)

Entrevistados	Biografia			Dados referentes ao Potencial Empreendedor
	Relação com o autista	Formação/ Atividades	Fatos marcantes	Comportamento e Cognição
PE1	Pai	Policial Militar 1º. tenente	-Conquista de um sonhado emprego público. -Nascimento dos três filhos. -Perda mãe. -Diagnóstico de autismo do filho mais novo.	-Preocupação constante em como fazer para que o filho se desenvolva. Principal plano é cuidar do filho. -Não queria ter se separado para poder ficar perto do filho. -Considera ser atencioso com o filho a característica que ajuda no desenvolvimento.
PE2	Pai	Professor	-Ir para a escola -Praticar esportes -Fazer faculdade -Aprender é um divisor de águas	-Aceitação rápida da condição de autista e busca para achar as terapias para agilizar o desenvolvimento. -Percebeu que o maior impacto do diagnóstico foi na filha mais velha, que perdeu um pouco de atenção. -Planos para o futuro voltados para estabelecimento de rotina educacional e desenvolvimento para os filhos. -Busca por informações constante -Resiliência - persistência -Prefere focar na solução e não no problema.
ME1	Mãe	Trabalha em casa fazendo salgados para festas.	-Diagnóstico foi um alívio. Sabia que o filho era diferente. - Sonhava que ele fizesse faculdade, mas ele desistiu duas vezes. -Afirma que começou a trabalhar em casa para ficar com o filho. Ele ainda não tinha o diagnóstico, mas ela sentiu que tinha que ficar em casa.	-Relata mudança após o diagnóstico. Percebeu que estava errando ao tentar fazer o filho ficar igual ao outros. -Comentou que o marido também é autista, mas que superou sozinho. -Afirma que aprendeu como o filho como poderia ajudá-lo. -Relata estar sempre pensado em fazer algo que possa ajudar o filho a melhorar.
ME2	Mãe	Assistente social	-Casamento aos 20 anos. -Nascimento do primeiro filho aos 30. -Percepção da condição do filho a partir do relato de um pai de autista.	-Luto pelo diagnóstico. -Sem planos para o futuro. Um dia de cada vez. -Persistência – tem que ir até o fim de tudo e acha que isso ajuda o filho. -Age com o filho como se fosse uma criança normal. -Aprendeu a não fazer planos e a ter paciência.
ME3	Mãe	Fisioterapeuta	-Morte do pai aos 16 anos. -Casou aos 17 anos com militar. -Mudou de cidade várias vezes. -Quando o filho nasceu, o pai foi para o Haiti em uma missão. Diagnóstico do filho foi difícil.	-Facilidade de adaptação. Diversas mudanças de cidade. -Período se culpando pelo autismo. -Busca por curar o autismo de forma mágica, movida pela culpa. -Sem planos para o futuro. Angústia em pensar no futuro. -Otimista. Se adapta fácil. Acredita que isso ajuda o filho,.

Quadro 32 – Protocolo de entrevistas pais/mães/responsáveis por pessoas autistas

(continua)

Entrevistados	Biografia			Dados referentes ao Potencial Empreendedor
	Relação com o autista	Formação/ Atividades	Fatos marcantes	Comportamento e Cognição
ME4	Mãe	Professora	-Parou de trabalhar e interrompeu pós-graduação quando o filho foi diagnosticado. -Relata aumento de peso e falta de ânimo para lidar com as questões do filho.	-Planos de virar entregadora autônoma para produtos vendidos online. -Relata que teve que aprender muitas coisas para conseguir lidar com o filho e ajudá-lo a se desenvolver; -Tem planos de ter casa própria. Pensa em fazer pós-graduação em educação especial. -Criatividade e persistência são características que a entrevistada acredita ter e que ajudam no desenvolvimento do filho.
ME5	Mãe	Pedagoga Está fazendo pós em psicopedagogia para auxiliar o filho.	-Percebeu que o filho era autista, mas aceitou primeiros diagnósticos que negaram o transtorno. -Parou de trabalhar após o diagnóstico. - Alteração de vida social após o diagnóstico.	-Tem planos de voltar a trabalhar. -Planos de deslocar o desenvolvimento do filho do ambiente de consultórios e trazer mais para o cotidiano. -Tempo organizado de acordo com a rotina do filho autista. -Usa a ludicidade para ajudar o filho a lidar com mudanças e com rotinas. (criatividade).
ME6	Mãe	Professora de arte	-Adoção dos filhos. -Dia das mães – o médico disse que a menina que ia ser adotada era um monstro. -Conversa com outro médico que a estimulou a adotar a menina.	-Paciência e desprendimento são características que a entrevistada acredita que ajudem no desenvolvimento dos filhos. -Se aposentou e voltou a trabalhar. -Fundou, junto com outros pais, uma instituição para suporte a crianças especiais.
ME7	Mãe	Policia Militar Formada em Direito Faz pedagogia Se inscreveu em uma pós em psicopedagogia para ajudar o filho	-Separação do marido quando o filho era bebê. -Perda da mãe. -Não parou de trabalhar com o diagnóstico. Conseguiu ajustar os horários e funções. -Problemas com o ex-marido, especialmente por conta das medicações. -Menino já tentou o suicídio quando ficou sem a medicação e tem surtos se ficar sem os remédios.	-Está fazendo cursos sobre autismo e hiperatividade. -Se questiona se está superprotegendo o filho. -Deixou de fazer o trabalho de rua no Operações Especiais e passou a fazer um trabalho interno, voltado à prevenção de drogas nas escolas.

Quadro 32 – Protocolo de entrevistas pais/mães/responsáveis por pessoas autistas

(conclusão)

Entrevistados	Biografia			Dados referentes ao Potencial Empreendedor
	Relação com o autista	Formação/ Atividades	Fatos marcantes	Comportamento e Cognição
ME8	Mãe	Do lar Trabalhou no comércio como vendedora e caixa. Fazia lanches para vender.	-Dificuldade no primeiro casamento. -Diagnóstico do filho. -Busca por tratamentos em outras cidades culminou com o fim do casamento. -Teve que pedir intervenção da promotoria pública e do conselho tutelar para ser melhor tratada na escola após se casar. O segundo marido tem dois filhos PcD. -Teve depressão por causa dos problemas escolares do filho.	-Logo após o diagnóstico já buscou tratamentos para o filho. -Saiu de casa e foi morar com a mãe até conseguir um lugar para si e para o filho. Começou a vender doces e lanches para se manter. -Pesquisa na internet como ajudar o filho, complementando as informações que recebe dos profissionais. Tudo que faz pelo filho, considera um investimento. E usa essa expressão. -Quer voltar a trabalhar de uma forma que consiga cuidar dos filhos. Junto com o marido estudam uma forma de não depender de benefício do governo. -Planeja fazer cursos para trabalhar em casa. -Acredita que rotina rígida e organização são características suas que ajudam no desenvolvimento do filho.
ME9	Mãe	Gestora de RH Formada em educação religiosa, Pedagogia e Gestão de RH. Pós em Gestão Estratégica. Atualmente cursando mediação judicial.	-Gravidez não planejada. -Diagnóstico surpreendeu toda a família por ser o único caso. -Parou de trabalhar por causa do filho.	-Se questiona se não é autista e marcou médico para tirar a dúvida. -Tem uma empresa de consultoria em RH – empreendedorismo por necessidade. -Considera que resiliência, coragem e tirar o positivo do negativo são as suas características que ajudam no desenvolvimento do filho. -“Não, porque eu sou autista” é algo que ela não aceita e trata o filho como normal. -Criatividade para ajudar com a escola. -Com o diagnóstico, relata que aprendeu a pensar no futuro.
ME10	Madrasta	Salgados para festas/refeições	-Foi abandonada pela família aos doze anos. Enteadado foi deixado pela mãe aos cuidados da entrevistada, que o considera um filho. -Tinha voltado a estudar, mas parou para cuidar do menino.	-Fala bastante de Deus e entre os planos para o futuro está “pedir a Deus forças para continuar cuidando do filho”. -Percebeu que tem que deixar o menino mais solto, brincando ao ar livre, pois a mente dele “parece parar” se ele fica muito em casa. -Cuida da casa, do menino e prepara refeições para vender. -Pesquisa sobre autismo e busca tratamentos. -Não se sente apoiada pela família e nem pelos amigos. E sempre defende quando alguém se refere ao menino de forma negativa.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Allinson e Hayes (1996; 2012), Bandura (1999), Krueger e Brazeal (2018), Lazarus e Folkman (1994), McClelland (1961), Santos (2008) e Santos et al. (2014).

4.3.2 Categorias de análise definidas não a priori

A categoria **Relação com o autismo** foi elaborada a partir das narrativas dos entrevistados do Estudo 3 – pais e mães de pessoas autistas -, cujas falas evidenciaram a forma como receberam e reagiram ao diagnóstico de autismo dos filhos e as estratégias adotadas para ajustar a rotina da família à nova realidade, moldada por uma condição de saúde crônica que é o Transtorno do Espectro Autista. Nas falas os entrevistados relataram o enfrentamento de um período de luto após o diagnóstico e o estabelecimento de rotinas para buscar tratamentos que minimizassem os sintomas do transtorno. Além disso, nas entrevistas ficaram evidenciados comportamentos relacionados à resiliência, tópico que se mostrou relevante para a análise deste estudo. A categoria Relação com o autismo, ficou então, composta por três subcategorias: luto, reação ao diagnóstico e resiliência. O Quadro 33 traz as unidades de análise que indicam a relação com o autismo.

Quadro 33 - Unidades de análise que evidenciam Relação com o autismo

(continua)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
ME1	Como o diagnóstico foi feito na fase adulta, a mãe está aprendendo a lidar com o transtorno do filho.	Então, tu sabe, né, tu não não é o que a gente quer para um filho.... o nosso sonho... o nosso sonho era ele terminar a faculdade, terminar os estudos e ir para a faculdade. Aí deu aquele baque. Para nós também não foi fácil, mas assim, ó, a psicóloga me colocou assim ó, não podemos forçar ele. Tem que deixar ele no tempo dele. Digamos assim, ó. De repente, na cabeça dele, ele ainda é mais... eles são mais infantis, pode ser isso também. Não amadureceu ainda, digamos, o que ele gostaria de fazer, ainda... que ele não é... ele é assim ó, quando ele gosta de uma coisa, ele gosta. Se ele não gosta... Tu não pode forçar que é pior, né? Aí ele começa a ficar nervoso, mas assim, ó. A gente tenta sempre.... Como é que eu vou dizer, para estimular, com relação a parte do estudo, no momento não estou mais forçando.
ME2	Relato de como a família está lidando com o filho já diagnosticado, sem se impor limitações pelo TEA.	A gente não deixa de fazer nada simplesmente nada. A gente trata ele como se ele fosse uma criança normal e ele é uma criança normal ele tem esse diagnóstico. mas ele é uma criança normal. Ele chora, ele briga, ele faz birra. Claro que com um pouco mais de intensidade que os outros, mas ele não deixa de ser uma criança não. Porque ele é... uma criança típica porque ele não. É mas assim. A gente trata ele como... tipo... a gente nunca deixar... não vou fazer isso porque ele é autista.
ME4	Revela o desgaste da mãe com a atual situação da família.	O cotidiano, ele tem umas regras, mas que nem sempre eu tenho ânimo para fazer... ele... ele assumir, ele... ele se comprometer ali. Porque ele precisa do meu tempo e da minha vontade e se eu te disser que eu tenho ânimo hoje, eu não tenho ânimo nenhum para quase nada. Eu engordei muito. Eu engordei 40 ou 45, 46 kg hã... então assim para mim é bem complicado.

Quadro 33 – Unidades de análise que evidenciam Relação com o autismo

(conclusão)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
ME5	Afastamento do trabalho para proporcionar ao filho acesso às terapias	Quando eu recebi esse diagnóstico, eu não consegui mais trabalhar. Eu exonerei meu do meu cargo e... porque eu não tive estrutura. Eu não tenho uma rede de apoio justamente para ajudar a levá-lo nas terapias, né? E eu achei extremamente importante a minha presença nesse processo, né? Então, desde então, eu estou em casa com ele.
ME8	Não enfrentamento do primeiro diagnóstico, mas continuou buscando ajuda especializada para identificar a condição do filho.	Para mim ele era normal. Mas ela percebeu que ele não olhava nos olhos. Que com dois anos ele não falava. Assim, ela já percebeu e já me falou. Só que assim, eu não pesquisei como ela me falou. Eu não fui a fundo. Deixei quieto fui no... nas consultas. Fiz tudo. Tomografia. Para ver cabeça fiz todos os exames de genéticas. Monte de... faz... que eles fazem tudo para ver se não é alguma outra... outra coisa, né? Para não dizer que é o autismo. E daí se estuda, acompanhamento, levava cartinha na creche para ver como ele se comportava, levava o parecer para ver como era o comportamento dele lá... (...) Ele fez 4 anos em janeiro e aí ele foi diagnosticado. 'Mãe eu não tenho mais nenhuma dúvida ele é autista'.
ME9	Relato do impacto da inflexibilidade com mudanças do autista na família	Às vezes, você sente um pouco o peso. Por exemplo, ele, de vez em quando tem uns, né? Como dizia a minha mãe, tem uns de repente. Uns ataques de autismo. É... ele vai do 0 a 180 em fração de segundos. É só... é sair da rotina, é só fazer... só ele ser contrariado de alguma maneira. É complicado por isso, né? Se ele for... Se ele for, de alguma maneira, ele for contrariado, a coisa toma um vulto hã... de quase que... praticamente... de difícil controle. É... e (...) isso complica um pouco a guerra, né? (...) Complica um pouco a guerra.
PE2	Indicação de resiliência e da busca por equilíbrio ao criar expectativas	Talvez seja a primeira coisa... a gente não pode desistir. Às vezes as respostas são lentas, mas elas vêm. Então ser resiliente, ter resignação também, né? Não adianta lutar contra, achar... idealizar coisas que... então temos que ficar resignados e ser um pouco realistas. Mas não deixar de ser esperançoso ao mesmo tempo. É um desafio, né? Não criar falsas expectativas, é isso que eu quero dizer, mas ao mesmo tempo não ficar pessimista também. (...) nem tanto ao mar nem tanto à terra. Mais ou menos isso.

Fonte: Elaborado pela autora.

Srinivasaraghavan et al (2020) resgatam estudos que têm mostrado o impacto multidimensional no Transtorno do Espectro Autista, incluindo descontinuação de ocupação e limitações de tempo para os pais. Segundo os autores, várias necessidades não atendidas são agravadas por uma baixa consciência da sociedade e uma visão negativa em relação à deficiência, que dificultam ainda mais a reestruturação familiar após o impacto do diagnóstico.

As limitações de tempo em função das terapias e do acompanhamento que demanda um filho autista emergiram nas falas dos entrevistados, em relatos que demonstram uma busca

por recuperação do desenvolvimento, conforme evidencia o relato de ME5 apresentado no quadro 32 e o seguinte trecho da fala de ME3.

Cruel também, que eu acho, que os médicos falam e fazem com os pais. Pelo menos mais eu na minha época, lá do diagnóstico, é corram atrás do tempo. Isso é de uma crueldade sem fim porque eu virei uma escrava, sabe? Eu virei uma escrava de estimular o Lorenzo. Eu li todas as teorias, eu li todos os papiros do floortime, do ABA, todas as técnicas possíveis e impossíveis. O Lorenzo fazia, às vezes, três terapias por dia. Fora isso equoterapia, hidroterapia, psicoterapia, fonoterapia, terapia do não sei o que, da arte, musicoterapia não sei o quê, e aquilo ali. A minha vida era isso. Era isso era isso. E na hora de chegar em casa eu tava exausta e eu sentava na frente da TV e eu dizia: poxa vida esse tempo o que eu tô vendo esses 50 minutos de novela, eu devia tá sentada, lá ensinando ele a jogar, a tornar, a saber compartilhar, a falar, a nomear, entendeu? Então eu não me permitia. Todo momento que eu tinha, não eu não vou ficar perdendo tempo com isso, não, vamos lá que eu vou ganhar tempo com Lorenzo. Eu ficava exausta e ele ficava exausto. Aí chegou um dia que eu dei um basta. Não. Desse jeito que está não vai poder ser mais. Não vai dar para ser porque senão eu não vou estar aqui para contar o final, né? (ME3)

Nas redes sociais, em um grupo de suporte a pais e mães de pessoas autistas, o questionamento sobre a suspensão das atividades profissionais obteve mais de cem respondentes, que afirmaram tomar a decisão de parar de trabalhar para oferecer suporte adequado ao filho e acompanhamento nas terapias e demais atividades. Nas postagens aparecem questões relacionadas a tempo, consequências por ter parado de trabalhar e intenção empreendedora, conforme indicam os trechos a seguir

Sim, não consigo trabalhar pois sou eu sozinha que cuido, levo meu filho nas terapias...

Tem os dois lados da moeda, pois por um lado eu cuido e supro as necessidades especiais dele (acompanho na escola, nas terapias e no que for necessário), mas por outro estou me sentindo ansiosa e depressiva por estar somente em casa

Sim, depois do diagnóstico fechado de autismo, tive que parar de trabalhar, pois não dava conta de ir a terapias, médicos, escola e trabalhar, os horários não encaixavam, fiquei 12 anos sem trabalhar, fazia bolos e vendia, agora meu filho tem 18 anos

Tem 26 anos que eu parei a minha vida, graças a Deus. Hoje meu filho com 27 anos, é fácil? Não, é claro.

Minha chefe pediu para escolher trabalho ou meu filho. Aí parei.

Sou pai e mãe. Não posso trabalhar, mas fico feliz em ver o desenvolvimento do meu filho.

Eu parei faz tempo, meu filho tem 20 anos.

Sim parei há 16 anos, não me arrependo porque ele evolui muito, tanto que já estamos nos preparando pra sermos autônomos, se Deus quiser.

Em relação ao convívio em sociedade, e principalmente à baixa conscientização sobre o autismo, os entrevistados para esta pesquisa relatam situações nas quais foram publicamente repreendidos pela educação de seus filhos durante crises sensoriais, conforme indica o relato de ME4.

Ele teve uma crise pública longa. Eu precisei pensar, todo mundo ao meu redor. (...)Ele surtou. Aí todo mundo começou a me olhar, ele começou a ficar mais nervoso, as pessoas dizendo ah... ah se fosse meu filho... aquelas histórias que a gente sempre escuta. Sentei, peguei ele pelas costas, sentei no chão(...) abracei ele por trás e ignorei. Assim eu digo que naquele dia eu liguei o botão do f***-se para que eu pudesse atender ele sempre com calma no momento que ele estiver com crise há... óbvio que às vezes eu surto. Às vezes eu não aguento, mas meu marido nesse momento ele me ajuda (ME4)

Nas redes sociais, a falta de entendimento sobre o autismo é relatada por pais de pessoas autistas em postagens de apoio aos que responderam ao questionamento sobre como reagiam diante das crises sensoriais e comportamentais de seus filhos.

Então algumas pessoas acham que autistas são só aqueles que não se comunicam ... não olham nos olhos... não falam, mas há outros sinais mais sutis.

As pessoas não conhecem o que é viver no mundo autista e tudo vira birra, pirraça, manha... enfim, já passei por isso! Da muita raiva, mas é pura ignorância, falta de conhecimento!

Nesse sentido, as crises são um dos desafios enfrentados pelos pais de pessoas autistas. Tonello et al (2018) descrevem as crises como momentos de agitação extrema e agressividade, variando em frequência e intensidade. Os entrevistados desta pesquisa relataram momentos de crise vivenciados, indicando a forma como lidaram com a situação. Esses relatos também ilustram a relação com o autismo e trazem algumas pistas sobre o comportamento dos pais, especialmente quanto à criatividade para amenizar a situação.

Por diversas vezes ele fica irritado em situações como aglomeração de pessoas, barulhos. Então o apanho no colo e o abraço forte para que se acalme. E também o levo para passear de carro que é uma coisa que ele adora. (PE1)

Tem momentos em que ele se descontrola, que ele fica, como eu vou dizer alterado, né? E às vezes tem que pensar alguma alternativa para tirar ele do foco do problema. Então, por exemplo, uma coisa que a gente tem passado, eu percebi que ele gostava de andar de carro quando não tem mais o que fazer, não é comida, não adianta água, não adianta programa de TV não adianta... que que eu vou fazer para ele parar de chorar? Botei no carro para passear. É uma coisa que ele gostava de fazer, resolve então, são situações assim que tem que tentar criar uma brincadeira, criar uma atividade que ele desvia o foco daquilo, para de ter aquela situação. Ele adora água então às vezes quando essa situação eu levo ele para algum lugar que tenha água. Na pia deixa ele molhar as mãos deixa molhar os pés, deixa alguma coisa assim. Ele se distrai e tem que inventar na hora alguma coisa que esteja a mão para ele se distrair ou sair para fora de casa dar uma passeada alguma coisa tem que fazer. (PE2)

E aí a rua... tem uma rua sem asfaltamento e... (...) cortava o caminho. Diminuiu bastante do caminho para chegar até a escola. E aí só que essa rua ficou impraticável. Houve um temporal e a rua não ficou legal mesmo. (...) E aí eu tive que fazer um outro caminho com ele. Foi a primeira vez que ele deu o que eu chamo de ataque de autismo. Ficou tão complicado pela primeira vez eu ... hã... eu não tive controle sobre ele. Eu tive que pedir que uma mãe que vinha logo depois (...) levar a irmã dele. Eu tive que voltar com ele para casa para controlar esse ímpeto dele e aí... ele (...) ser levado para a escola. Porque, se eu não levasse ia ser pior, já que ele estava contando com aquela rotina de aula. Só de passar pela mente dele a possibilidade de não ir à aula a situação dele piorou ainda mais. Piorava ainda mais. Ele só controlou depois que eu dei a ele a garantia de que iria para a aula. Foi a primeira vez e isso me deixou muito entristecida, porque ele é uma criança muito dócil. E naquele momento eu não reconhecia o meu filho. É... não reconheci. (...) E eu faço um exercício constante, de enxergar o meu filho além do autismo. Não colocando o autismo como uma lente porque se eu fizer isso eu não vou saber separar o autismo do...da pessoa do meu filho. E aí vai misturar tudo e não vai dar certo. Porque quando isso acontece, quando ele tem esses ataques, é uma coisa assim... complicada mesmo de se vivenciar. (ME9)

Nas redes sociais, os relatos dos pais indicam as crises como motivadores de abandono de ocupação profissional:

Eu parei quando a minha filha tinha 5 anos não deu mais. Estava tendo crises que só eu mesmo poderia aguentar.

Sim, tentei trabalhar, mas quando muda a rotina dele fica muito difícil. As crises são horríveis porque tudo muda para eles no momento em que são cuidados por nós mães são acostumados com nosso jeito, nosso carinho, o nosso entendimento, que só mãe sabe. E aí se vai trocar rotinas aí é complicado.

As crises também motivam instabilidades emocionais, com alguns pais relatando ideação suicida, conforme indicam as seguintes postagens:

Já passei por isso minha amiga. É tão difícil. Cheguei a muitas vezes... pensei em tirar minha própria vida, tanto desespero. Principalmente quando ele tinha crises...

É complicado as vezes tenho vontade de sumir, mas peço força pra Deus porque não é fácil. Ela tem 17 anos, usa fralda, não fala, é muito violenta com nós e com ela mesma. Às vezes quebra as coisas aqui em casa. Com as crises acabei me tornando prisioneira da minha própria casa, mas Deus sabe o que é melhor.

Por outro lado, a criatividade – que é uma característica comportamental relacionada a Potencial Empreendedor (CARLAND; CARLAND; ENSLEY, 2001) – aparece nos relatos dos pais nas redes sociais ao lidarem com filhos.

Tento descobrir algo que acalme, geralmente são acomodações sensoriais. Ex: cobertor pesado, abraço, bacia com água, algo gelatinoso como aquelas bolinhas que incham na água... rede, balanço.

Sabe o João tem uma maneira engraçada de se acalmar. Eu chamo de rebobinar. Quando algo deu errado ou ele entrou em crise por algum motivo. Ele tem que voltar da onde desencadeou isso ou tem que sair de casa e entrar de novo. Com muita paciência acompanho, porque sei que vai acalmá-lo.

Nas narrativas dos entrevistados, a aceitação de mudanças, que é uma característica comportamental do Potencial Empreendedor, de acordo com Mitchel (1989), aparece associada à outras características que, na visão dos pais e mães participantes desta pesquisa, auxiliam no desenvolvimento dos filhos. Os seguintes excertos das entrevistas esclarecem:

Olha eu sou uma pessoa que me adapto muito fácil e eu sou muito otimista. Eu acho que são coisas que ajudam ele. (ME3)

Eu acredito que a característica é, a principal característica de quem tem um filho com necessidades, seja o doar-se, né? Ou aprender a doar-se, precisa... precisa dispor de mais tempo para lidar com essa criança, ela... durante um período até onde... nesse período ela consiga rotina, né? Conseguir entender melhor o que acontece com a criança, ela, de certo modo ela se anula, ela deixa de viver a profissão dela para cuidar dessa criança, né? Para entender melhor qual que é o diagnóstico e estabelecer a rotina onde ela vai ter que trabalhar com essa criança e também acho extremamente importante a questão da pessoa, das principais características, é a paciência, né? Porque a criança autista ela tem uma modulação de humor extremamente alta. A frequência muda muito, né, uma hora ela tá bem, outra hora não tá. (ME5)

Paciência. A gente adquire com eles. Muita paciência. E desprendimento. Tem que ter e a gente tem que entender que nem tudo dá para fazer, que nem tudo dá para ir. Eu me vejo assim uma pessoa com paciência porque se eu não tivesse paciência... com entendimento espiritual é uma coisa que ajuda muito também e... e desprendida, né. de certas... certas coisas assim que eu gostava de fazer que agora não posso fazer mais. (ME6)

Entre as subcategorias da categoria Relação com o autismo, estão Luto, Reação ao diagnóstico e Resiliência. Os temas emergentes das narrativas dos entrevistados que levaram a elaboração dessas subcategorias trazem aspectos comportamentais relevantes para o entendimento do comportamento dos pais e mães de autistas e a forma como esses comportamento se revertem em ações que visam o desenvolvimento do filho com TEA. As unidades de análise que evidenciam as subcategorias mencionadas estão no Quadro 34.

Quadro 34 - Subcategorias da categoria 'Relação com o autismo'

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Luto	Quatro meses que tem o diagnóstico oficial, mas a gente já tinha suspeita porque os comportamentos... indicando isso... minha esposa, logicamente preocupada para saber o que tava acontecendo... realmente acho que essa seja maior ansiedade de saber o que está acontecendo, para tomar as ações que tem que ser feita. Logicamente não foi da noite para o dia que você aceitou a situação, mas foi bem rápido aceitação. Tanto minha quanto dela. Não teve nenhum problema assim de demorar muito tempo para aceitar, aquela história que fala do luto dos pais. Não teve muito. (PE2)

Quadro 34- Subcategorias da categoria 'Relação com o autismo'

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Luto	<p>Uma doença que não enxerga... não é uma doença, é um diagnóstico que tu não percebe. Que quem não conhece vem dizer que ele parece normal. Eu não vejo teu filho assim, eu não sei o quê... Como assim teu filho autista? Então também tinha isso. Então, assim, a gente levou um choque. Teve aquele tempo de luto aonde todo mundo chorava e ninguém sabia o que que era, como é que nós vamos lidar com uma criança. (ME2)</p> <p>Mas (...) é... antes eu perguntava a Deus, né? Por quê? Por que eu? Pra quê eu? Que lição o Senhor quer me dar? (...) (...) Que lição o Senhor quer me dar? É... deu um pouco de luto, né? É como se eu tivesse me preparando para uma festa e quando o primeiro convidado batesse a porta e eu abrisse com um sorriso de quem tá esperando, eu levasse um soco na cara... entendeu? E ele o primeiro caso na família. Tanto de minha parte quanto da parte do meu marido. Se bem que hoje eu olho para o meu filho e às vezes eu acho que eu também sou. Eu fico me remetendo a minha... a minha infância, né? ME9</p> <p>Porque conforme ela estava examinando ele, conversando comigo, ele tava prestando atenção no que a gente tava falando, né? E assim, era a mensagem que eu queria ouvir, né? Queria ouvir que meu filho não tinha nada e outra coisa que me levou assim até um diagnóstico um pouco mais tardio dele foi porque meu filho nasceu prematuro. Eu tive pré-eclâmpsia na gravidez dele e além de nascer prematuro, ele nasceu uma criança Pig que era pequeno para idade gestacional. Ele deveria estar com aproximadamente, pelo meu tempo de gestação, com aproximadamente 3 kg e ele nasceu com um quilo e setecentos. Então quando ele começou o tratamento com a Neonatal... essa médica que fez o acompanhamento dele me orientou dizendo que ele seria uma criança que demoraria mais a falar, demoraria mais andar, que não era para eu criar muita expectativa em relação ao desenvolvimento de outras crianças, né? Então foi também o que me levou... que... que me fazia crer que em parte do que eu percebia nele poderia ser esse problema que ele teve no nascimento. (ME5)</p>
Reação ao diagnóstico	<p>Para nós... para nós foi um alívio. Foi um alívio porque a gente queria entender o porquê ele... que ele era daquele jeito diferente. Ele não era assim... pros outros ele não era, mas para nós ele era. A gente percebia que tinha algo diferente, entendeu? Que ele tinha aquela parte da socialização que ele não conseguia se soltar. Mas aparentemente para os outros ele não tinha nada de anormal. Para nós foi um alívio... Ai a gente começou a aprender a como lidar com ele... o que a gente tava tentando fazer com que ele fosse igual aos outros... para nós ele era igual, mas ao mesmo tempo não, a gente conseguiu aprender como lidar com ele depois. ... (...) é porque... tinha muita coisa que a gente estava forçando ele que depois a gente descobriu que não podia, entende? Que não era daquela maneira que nós iria conseguir ajudar ele, que nós tinha que mudar junto também. Pois a gente descobriu que não podia... Que não era que não era daquela maneira que nós iríamos conseguir ajudar ele que nós tínhamos que mudar junto também... Eu me senti aliviada quando ela diagnosticou. (ME1)</p> <p>Mas é claro, ele é diferente dos outros. Eu vejo isso nitidamente. Eu cheguei... não cheguei a ver todos, eu não sabia exatamente o que era, até porque, na minha família, não tem ninguém na família do pai dele que se saiba também não. Então ele é único para nós. O dia que o médico disse para mim com todas as letras, eu acho que foi um dos dias mais difíceis e felizes da minha vida porque acabou meu sofrimento, mas e agora, né (~~)¹⁶. ME7</p>

¹⁶ (~~) Símbolo adotado na transcrição das entrevistas indicando momento em que entrevistado chorou.

Quadro 34- Subcategorias da categoria 'Relação com o autismo'

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Reação ao diagnóstico	<p>A nossa preocupação maior era que... o que vamos fazer. Essa foi a maior dificuldade e o que nos estressou mais no processo quando começamos a procurar as terapias. As terapias não se encaixavam E aí a gente começou a ver o que vamos fazer. Meio perdidos nessa situação. Para que lado vamos correr e aí foi tentativa e erro até consegui achar os terapeutas que ele se agradava, que mai...s a metodologia... a gente também se adaptar. A gente vai aceitando. E aí vamos ficando mais tranquilos quando o tratamento começou a andar (PE2)</p> <p>Mas aonde... com... quem eu vou chamar? Aí eu chamei um doutor do HGU, no Dia das Mães. E ela tava deitadinha em cima da minha cama. Eu tava naquela fase pego não pego. Aí o doutor olhou para ela e disse assim: 'tu vai pegar isso aí?' Ah eu tô querendo, doutor. 'Mas isso aí é um monstro'. Bem assim ele disse.. 'Isso é um monstro, não é filho, isso não é criança. Para vocês pegarem isso aí vocês têm que ganhar muito mais que vocês ganham, vocês tem que ir... ir para os Estados Unidos fazer tratamento. Não é assim. Por mim vocês não adotam'. Aquele dia das mães eu chorei, chorei, chorei, sabe? Foi muito triste aquele dia me marcou demais. Aí eu fui no doutor aquele que é espírita, o Dr D. Fui no doutor D. e ele olhou para Andreia, ele disse 'eu já tenho slides com essa menina'. Pois é doutor, eu tô querendo adotar ela daí ele disse assim: 'a senhora faça o que o seu coração mandar, a senhora tá com vontade de adotar a senhora adota porque assim como hoje ela é uma criança com problema amanhã ela pode vir a ser uma criança uma pessoa normal, uma pessoa perfeita, uma filha muito carinhosa. (...) a senhora pode vir a ter um seu, um filho normal e ele ser um péssimo filho e vai ser seu filho, não lhe dar carinho nenhum'. Eu saí dali me decidi. Adotar. Precisou aquelas palavras dele, sabe, para que eu me decidisse. Eu já tinha me decidido e aí foi essa história essa é a nossa história daí. Nós adotamos ela. Aí eu não tinha nada, fizemos a caminha dela era um baú. Colocamos uma esponja em cima de um baú. Ela tinha um ano e poucos meses. Adotamos Andreia. (...) Nós adotamos Andreia faltava dois mesinhos para ela fechar 2 anos nós fizemos os dois aninhos dela na minha casa já. Para nós foi um encanto, assim, sabe ela era muito linda, uma criança robusta bonita, mas ela não demonstrava nada de carinho de atenção para nós. Nós éramos como um espelho para ela. Parecia que ela olhava assim e nós estávamos invisíveis para ela, para os olhinhos dela. Mas nós éramos felizes com ela. Aí começamos a maratona, né, de exames, hidroterapia. Tudo que tu possa imaginar, assim, a gente deu para ela. Hidroginástica... não... é hidroterapia. Hidroterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, fonoaudióloga, tudo né. Totalmente a nossa vida. (ME6)</p>
Resiliência	<p>E aí eu fui correr atrás de atendimento para ele... fono... só que na cidade que eu morava lá em Tapes é uma cidade muito pequenininha não tem muito recurso nem neuro tem lá. A neuro ele consultava no Conceição em Porto Alegre e daí eu comecei a correr atrás de atendimento para ele. E aí no que eu comecei a correr atrás de atendimento dele o pai dele era muito ciumento eu não saía de casa aí ele dizia que eu tava batendo perna na rua. Daí eu vi que isso ia prejudicar o meu filho. Como é que eu ia poder correr atrás de atendimento? A gente não vive um clima bom já não era uma coisa, né? Aí eu resolvi sair de lá. Separei dele e vim para cá morei com a minha mãe no início. (ME8)</p>

Quadro 34- Subcategorias da categoria 'Relação com o autismo'

(conclusão)

Subcategorias	Unidades de análise
Resiliência	<p>E aí eu adotei o V. A A. tinha 10 anos. Aí depois quando o V. tava com três aninhos, né, aí uma comadre minha me disse que tinha uma guriuzinha assim assim assim, sabe. Aí eu disse, ah eu queria ter uma experiência de um filho normal também ver como é que é porque o V. também tem os atrasos dele, né? Ele começou a caminhar com 3 anos, era tudo atrasado, sabe? Mas a A. nunca falou se o Vitor falar com cinco para mim tá ótimo. Meu parâmetro era a A. sabe (risos) Se ele não falar, se ele falar com cinco, com seis, com sete, desde que fale para mim conta. (...) Aí quando o V. fechou os três aninhos, aí essa minha comadre falou da A. aí eu fui lá em Itaara. Me apaixonei por ela também e adotei. Mas hoje em dia, quem me dá mais trabalho ela. Ela é depressiva, bipolar e tem um retardo leve. Não aceita e aí complica (ME6)</p> <p>Paciência. Eu sou uma pessoa pacientemente, sou exigente, não sou de desistir. Acho que rapidamente supero os desafios e me reorganizo. Eu prefiro focar na solução, não no problema. Isso é uma característica, não que não pense no problema, mas tenta agir dessa maneira eu acho que isso ajuda bastante e também sou paizão mesmo, que aperta, que abraça, que tem o contato físico Eu acho que isso ajuda bastante até porque ele mesmo assim, ele gosta bastante do toque, ele gosta que toque nele e a gente aproveita bastante as entradas que ele dá e a amassa ele o tempo inteiro e ele gosta ele gosta dessa situação. (PE2)</p> <p>Vamos ter que esperar o tempo dele, né, mas sempre pensando. A minha cabeça está sempre a mil, né? (Risos). Querendo fazer alguma coisa para melhorar. (...) Porque uma coisa que eu nunca fiz com ele, nunca superproteger. (ME1)</p> <p>Eu sou uma pessoa é... não só eu como pai, né, resiliente é... (...) corajosa. (...) É... eu sempre procuro passar isso para eles. A minha faculdade de Recursos Humanos eu fiz com muito sacrifício físico por conta dessa questão é... envolvendo a minha visão. (...) Eu sempre procuro passar para... para eles é... (...) sempre procuro passar, não só para ele, mas para a irmã dele, essa positividade, né? Eu sempre procuro extrair o positivo do negativo. Sempre pode ser pior. Não me curvar diante disso. Se você tem pedras da vida... Então, eu sempre procuro colocar isso na mente do D.... Ele já tem ciência da condição dele. E aí às vezes ele vem com uma... uma história, né? Não porque eu sou autista. Não. Até porque eu nunca tratei, nunca o tratei de maneira diferenciada. É... (...) Porque eu acredito que daquela porta para fora ninguém fará isso. (...) Por exemplo agora, ele, de uns tempos para cá, ele começou a falar desenfreadamente. E aí meu marido acha que é como se eu tivesse me incomodando apenas. Só um incômodo por si só. E minha preocup... Comigo não. Não... Isso daqui... Quando começar a falar eu vou arrumar uma maneira de me proteger disso, né? Vou para o meu quarto, fecho a porta. Só que lá fora as pessoas não vão fazer isso. Então ele tem que ser tratado por que ... isso não está dentro de uma normalidade. Não é normal uma pessoa levantar e falar durante todo dia ininterruptamente, ... entende? Então, enfim, é o que eu penso, né? Passar para os meus filhos essa... essa questão... essas características que eu tenho. (ME9)</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O luto, segundo Medeiros, Costa e Oliveira (2020), se dá em cinco fases: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. A primeira fase é de dor tão intensa que não parece ser possível ou ser real. A raiva, de acordo com os autores, surge logo a seguir, acompanhada do pensamento ‘por que comigo?’. A fase de negociação é definida pela tentativa do indivíduo de fazer acordos, para que a situação possa voltar a ser como antes. Às vezes, esta fase é acompanhada de religiosidade. A fase de depressão se dá quando o indivíduo percebe que a perda é inevitável. Para Medeiros, Costa e Oliveira (2020), todos os sonhos, projetos e lembranças associados ao objeto da perda (pessoa) ganham outros significados. A última fase, aceitação, é caracterizada pelo fim do desespero, com a perda sendo aceita com paz e serenidade. Nas unidades de análise apresentadas para ilustrar o luto, a negação - Logicamente não foi da noite para o dia que você aceitou a situação (PE2); E assim, era a mensagem que eu queria ouvir, né? Queria ouvir que meu filho não tinha nada. (ME5) -, a raiva - Por quê? Por que eu? Pra quê eu? Que lição o Senhor quer me dar? (ME9) - e a depressão - Teve aquele tempo de luto aonde todo mundo chorava e ninguém sabia o que que era, como é que nós vamos lidar com uma criança (ME2) – ficaram evidenciados. A negociação pode ser verificada nas falas selecionadas para a categoria apoio, especificamente subcategoria fé/religiosidade. E a aceitação pode ser verificada na fala de ME6 - Parecia que ela olhava assim e nós estávamos invisíveis para ela, para os olhinhos dela. Mas nós éramos felizes com ela.-.

Da superação do luto resulta a aceitação do autismo e a tomada de atitudes para amenizar os sintomas com a busca por informações e tratamentos/terapias. Nas falas dos entrevistados, a aceitação resultou em resiliência, que pode ser evidenciada nas falas já apresentadas no Quadro 33. Para Rutter (1999), a resiliência trata-se de um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que permitem uma vida sadia, mesmo se o indivíduo estiver inserido em um contexto de adversidades. Lazarus e Folkman (1994) afirmam que a assimilação da adversidade vai depender da capacidade cognitiva e comportamental individual diante do enfrentamento.

Para Grotberg (2005), conduta resiliente advém de fatores resilientes: eu tenho (apoio, confiança, limites, apoio externo...); eu sou (autoestima, força interna e fé); eu estou (disposição para assumir seus atos) e; eu posso (procurar solução, procurar ajuda, capacidade para aprender). O comportamento resiliente pode ser negativo, com diminuição da resiliência ou positivo, com aumento. Associando os resultados obtidos na análise das entrevistas e das postagens nas redes sociais com os fatores resilientes é possível verificar um comportamento resiliente negativo em relação ao TEA quando os pais ou mães se isolam da sociedade devido às crises e dificuldades resultantes do transtorno, têm pensamentos destrutivos (ideação suicida)

e abandonam suas próprias vidas para viver a vida de seus filhos autistas. O comportamento resiliente positivo é identificado quando há busca por informações e tratamentos, propensão a aprender para melhorar a condição do filho, ajustamento da família para manter atividades sociais e profissionais. As seguintes postagens nas redes sociais indicam comportamento resiliente negativo e positivo entre os pais e mães de pessoas autistas.

Eu parei de trabalhar não saio pra canto algum. Minha vida parou. Fazer o que né? O nosso anjo não tem culpa né? Só resta cuidar deles pedindo forças pra Deus nos ajudar a cuidar dele. Às vezes penso que eu não vou conseguir mais Deus vem e me levanta.

Eu tive que parar de trabalhar pois não pude contar com minha tia e nem da minha mãe para ficar com ele. Sofri muito...fiquei hipertensa, aflorou minha crise do pânico e agora faço todos os dias academia pois é pra mim uma terapia. Estou muito feliz e confortada. Graças à Deus.

Queria entender como alguém chama o autismo dos meus filhos de leve. Estou cansada, desesperada, não sei mas o que fazer pois não tenho vida e o meu filho maior está cada dia mais agressivo quando não consegue o que quer. Só recebo críticas, as pessoas acham que é falta de peia e que eu não dou limites. Só porque ele fala muito bem acham que ele é só uma criança mimada. Tenho dois autistas em casa e estou a ponto de ficar louca.

Já passei por isso minha amiga é tão difícil cheguei a muitas vezes, pensei em tirar minha própria vida, tanto desespero, principalmente quando ele tinha crises e eu não sabia o que fazer. Eu chorava junto com ele muitas vezes me ajoelhei e pedi a Deus...

Santos, Caetano e Currel (2014) colocam a resiliência como um traço distintivo entre empreendedores, sendo parte das competências psicológicas que compõem o modelo de Potencial Empreendedor desenvolvido pelos autores.

Um outro aspecto concernente à resiliência, e que será tratado na categoria Apoio tem a ver com fé e religiosidade. O que se observou na análise das entrevistas e das postagens nas redes sociais é que a religiosidade impulsiona a resiliência dos pais e mães de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, oferecendo significação em alguns casos em que a aceitação já é efetiva e esperança em outros, quando o luto ainda não foi totalmente elaborado.

A segunda categoria deste estudo é **Desenvolvimento**, que reúne temas emergentes das falas dos entrevistados indicando busca por informação, criatividade dos pais e aprendizagem – tanto a forma como se dá a aprendizagem quanto o aprendizado resultante da vivência com o Transtorno do Espectro Autista. O Quadro 35 traz as unidades de análise que explicam a categoria.

Quadro 35 - Unidades de análise que evidenciam Desenvolvimento

(continua)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
ME4	Como a criatividade e a capacidade de aprender da mãe ajuda a proporcionar experiências para o filho	eu acredito que criatividade (...) eu acho que criatividade, a capacidade que eu tenho de aprender de pesquisar coisas novas (...) e de certa forma paciência e persistência porque eu persisti muito para que ele aprender as coisas tanto que Davi entrou na escola já praticamente alfabetizado. A gente tem costume de ler junto, ele gosta de experiência, então tudo que o meu filho diz ‘ah, mãe quero experimentar tal coisa’, eu dou um jeito. Se for comida, se for brinquedo, tudo o que ele quiser tentar eu vou tentar com ele sem medo de errar desde que a gente tente alguma coisa nova que a gente mude entendeu?
ME5	Relata o aprendizado que teve como mãe de autista e o quanto isso mudou a sua forma de ver os pais e as crianças que ela atendeu nas escolas onde atuou	Depois que eu tive meu filho autista, eu comecei a olhar com olhar diferente essas crianças. Inclusive as que eu já tive em sala de aula, com um olhar diferente pensando não somente na criança, mas no responsável dela que tá por trás. Porque junto com a segurança da criança tem a insegurança também do pai da mãe que manda aquela criança sem saber como que ela vai conseguir se virar quais são... E tem um olhar diferenciado para aquela criança no meio de tantas outras, quem que vai conseguir dar uma atenção diferenciada para aquela criança né? Então eu acho que como profissional e eu acho que é o que falta muito por parte dos meus colegas de profissão, falta muito esse olhar essa atenção, o olhar não somente para criança mais a família e dá uma assistência. O que que essa criança... que que eu posso oferecer não... não para criança somente aqui na escola, mas o que ela pode levar que vai beneficiar ela e a família toda né? Com relação ao meu filho, entender que a questão da comunicação deles é algo assim excepcional
ME9	Momentos de criatividade para auxiliar o filho nas atividades escolares e nas interações sociais	Ah...a matemática (...) a matemática. O ensino da matemática que é uma disciplina. Ele tem muita facilidade com português. Matemática então, eu tive que usar criatividade, né? Também em alguns trabalhos da escola teria que fazer uma... uma (...) maquete. Ele é muito dramático, né? Não sei nem se essa característica é do autismo ou se é uma característica pessoal dele. Então, eu sentei com ele, eu... tinha que fazer uma maquete de uma praia, de duas praias porque ele ficou com a região nordeste. Tem areia. Como é que eu vou fazer areia. Aí a gente... meu filho vai ficar realmente teria que lavar areia, vai dar um trabalhão, não vai secar tempo, e aí vamos fazer com farinha. Farinha de mesa. Deu certo, né? Então, as vezes a gente canta, dança é... para poder tentar colocar o conhecimento um pouco mais na mente dele. Fora a questão de interação, né, também. Interação com as pessoas. Meio... meio em que ele vive, meio que ele está inserido. Então a gente tem que usar de certa criatividade pra que isso possa acontecer, né? Outro dia teve uma festa na escola aí ele tava com dificuldade. Festa junina. Então tava com dificuldade para dançar. Eu fui lá, botei a camisa (risos), botei o chapéu e fui dançar com ele. É... fui dançar com ele. Dancei com ele (...) durante a festa. Fui o par dele. Aí ele se sentiu seguro e acabou participando porque, a princípio, ele não queria, mas, ao mesmo tempo, ele queria quando viu os amigos participando. Deixa, eu vou ser seu par, entendeu?

Quadro 35 - Unidades de análise que evidenciam Desenvolvimento

(conclusão)

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
ME10	Relata a busca por informações	E então procuro tratamento diferenciado para ele, não sei se é diferenciado que eu ainda estou meia leiga nesse assunto né, mas eu sempre procuro ver em grupos. Ele passa em psicóloga, terapia ocupacional, psicopedagoga, fono, neuropediatra, sempre tô passando ele conversando com pessoas, me informando sobre isso como agora no momento né? Então é isso.

Fonte: Elaborado pela autora.

O conteúdo da categoria Desenvolvimento resultou em três componentes do Potencial Empreendedor: busca por informações (SANTOS, 2008), criatividade (AHMETOGLU et al, 2015; ATHAYDE, 2009; CARLAND; CARLAND; ENSLEY, 2001; CARLAND et al, 1995) e aprendizagem (MITCHEL, 1989).

A busca por informações, nas narrativas, é voltada ao entendimento do autismo e a novas formas de tratamento. Os entrevistados indicaram profissionais especializados, livros, revistas, internet e grupos de suporte a autistas como as principais fontes. Essa busca acaba influenciando a aprendizagem e a aplicação dos novos conteúdos no cotidiano da família, visando redução dos sintomas do autismo. Duas postagens foram selecionadas nas redes sociais para ilustrar a busca por informações e aprendizado.

A psiquiatra que eu levei é especialista. Por isso que no post, eu disse que não tinha motivos para duvidar do diagnóstico. Eu só gostaria de aprender mais. O tratamento dela inicia em fevereiro.

Ser mãe de autista é estar em um quarto escuro onde, de vez em quando, alguém acende e apaga a luz rapidamente.

A primeira postagem foi feita por uma mãe de autista que estava tentando confirmar com outras mães se os tratamentos indicados pelos especialistas eram eficazes. O diagnóstico havia sido concluído poucos dias antes. Já a segunda postagem revela carência de entendimento e complexidade do transtorno para os familiares dos autistas e o papel que as informações recebidas tem de explicar algum aspecto do TEA, mesmo que, logo a seguir, surja outra questão que precisa ser respondida. As unidades de análise que ilustram as subcategorias da categoria Desenvolvimento podem ser conferidas no Quadro 36.

Quadro 36 - Subcategorias da categoria Desenvolvimento

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Busca por informação	<p>O autismo quando a gente descobriu a gente passou a estudar como eu te disse, alguma coisa que a gente não conhecia E aí a gente começou a pesquisar procurar na internet ver vídeos entrevistas relatos compramos muitas revistas para se inteirar do assunto e tinha muita troca com os profissionais sempre fui atrás de saber... saber como que eu posso fazer tanto de muita coisa que os profissionais me ensinaram para fazer em casa também que a questão da fala dele ele fazia fono e a forma me ensinou como fazer em casa para dar continuidade no tratamento dele e assim que desenvolveu a fala a fala dele e assim que a gente conseguiu que ele melhorasse bastante então assim a gente conseguiu que tudo que hoje conhecimento é através do estudo a gente procurou muito sabendo (ME2)</p> <p>Desenvolvi uma ligação muito forte com meu filho, um amor incondicional. Uma preocupação constante em como fazer para que ele se desenvolva. Passei a estudar e ler sobre o tema tentando aplicar esses conhecimentos para ajudá-lo (...) costumo pesquisar na Internet. Participo de grupos no Facebook sobre autismo. Leio novidades sobre o tema e tento aplicar com ele. (PE1)</p> <p>Ah isso a gente está o tempo inteiro olhando buscando por isso mas se eu pegasse proporcionalmente entre pai e mãe a mãe vai mais que eu nessa busca de informações. Ela dá um pouco mais... O tempo livre que ela tem ela tá pesquisando isso. Eu já não é tanto assim. Eu até procuro muita coisa através dos profissionais que tratam de fazer terapias. A gente acaba sabendo de eventos, acaba sabendo de palestras, livros, vídeos e trocas com outras pessoas que estão na mesma situação que acabam ficando com essas informações. É lógico que tem que ter cuidado, de muitas situações que não são muito lógicas. Nós temos um certo filtro hoje um pouco mais fácil esse filtro. No início era difícil ver o que era certo eu que não era (PE2)</p>
Criatividade	<p>Ai minha filha, eu fico inventando moda o dia inteiro. O sensorial dele é hipo né? Às vezes é difícil de dar conta. (ME3)</p> <p>Quando eu comecei ensinar o Davi a voltar a comer comidas sólidas hã... eu comecei a fazer... desenhar no prato e montar os pratos mais bonitinhos é... apagar... eu aprendi que tinha que apagar todas as luzes, não as luzes não. apagar tudo que era eletrônico, assim, que fizesse barulho para ele poder parar e só comer na hora de comer. Isso me ajudou muito na época. Hã... quando foi para ensinar ele a fazer xixi coloquei lantejoula, corante, cereal, de tudo dentro do vaso sanitário para ver se ele conseguia. Hã... quando ele dava a crise dentro de casa, o quarto dele tirei tudo que ficava pendurado só tinha uma televisão, mas era pendurada no alto então quando ele dava a crise eu acabava tendo que trancar ele no quarto. Aí o rodeava o quarto dele com colchão e ele ficava lá dentro se debatendo. Porque ele batia a cabeça na parede Então tinha que empurrar colchão na parede em tudo. (ME4)</p> <p>É... assim na hora da lição da escola porque ele não tem a coordenação motora muito boa para a escrita. Ele é mais aquela criança que grava tudo na cabeça, que sabe que... tudo é gravado na cabeça. Então sempre tem que ter algum tipo de criatividade. Mostrar para ele em papéis cortado... em... colado em parede, sempre assim, desenhos e também fazendo tem algo, né, a gente tem que conversar, explicar para ele e mostrar para ele que não é aquilo que tem que ser naquele momento. Então, é isso. (ME10)</p>

Quadro 36 - Subcategorias da categoria Desenvolvimento

(conclusão)

Subcategorias	Unidades de análise
Aprendizagem	<p>Então, assim, eu aprendi junto com ele. Ele que me ensinou, ele que me ajudou ajudar ele ao mesmo tempo. Entendi, é bem interessante, ele tem, assim, uma facilidade para... para palavras, assim, para se expressar por isso que eu digo que ele é muito sincero, mas assim ó, ele ajuda nesse sentido. (ME1)</p> <p>Logo após o diagnóstico então eu tive que reaprender muita coisa(...) a ter paciência muitas, muitas e muitas coisas eu tive que aprender para que ele pudesse desenvolver como precisava hã... (...) hoje eu penso em voltar a trabalhar mas eu cheguei a fazer um umas entrevistas este ano pensei Ah vou deixar ele com a minha sogra só que ela volte meia fica doente aí assim como é que eu vou deixar ele com ela não tem como. (ME4)</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os entrevistados também relataram aprendizados decorrentes do cotidiano com o TEA, indicando aumento de paciência, desenvolvimento de habilidades específicas e mudanças na forma de fazer planos e buscá-los. Voltado ao Potencial Empreendedor, esse aprendizado resultante do enfrentamento do transtorno está relacionado a aceitação de mudanças (MITCHEL, 1989), persistência e controle (ATHAYDE, 2009; SANTOS, 2008). Os seguintes excertos das entrevistas demonstram o que o autismo ensinou aos pais e mães entrevistados.

Me ensinou várias coisas ensinou principalmente até um pouco mais de paciência porque às vezes a gente acha que que tu tem que ser o nosso tempo na verdade não como sempre te disse a gente não fazia planos para o Futuro no nosso dia a dia viver um dia de cada vez se vai dar certo não vai dar certo a gente não cria expectativa nenhuma hoje tu vai perguntar e tu acha que teu filho vai fazer faculdade não sei eu acho que sim mas eu não faço planos para o futuro então isso já foi uma coisa que eu aprendi a ter muita paciência porque eu sei que é uma coisa de cada vez e Tem certas coisas que é difícil como uma criança normal tomar banho e se veste e põe a roupa direito e ele não ele foi mais difícil ele aprendeu agora com seis anos que ele aprendeu a colocar o tênis e a meia e amarrar o tênis direitinho tudo conjunto dos profissionais ensinando Então com muita paciência nesse caso foi o que antes não me ensinou a ter muita paciência. (ME2)

Sem dúvida o que o autismo me trouxe é trabalhar minha paciência. Sem dúvida paciência, resignação, resiliência com certeza sem sombra de dúvida que o autismo me trouxe foi eu melhorar como ser humano de forma íntima certamente de forma íntima. (ME3)

Paciência. Que cada um tem seu tempo, mas que o tempo pode ser otimizado. Que eu sou capaz de mais coisas do que imaginava. Até bolo e confeitaria aprendi a fazer por causa dele. (ME4)

Que a gente é capaz. Não tem nada no mundo que o amor de mãe não suporte. Que a gente é capaz, que é possível que a gente tem força não sei de onde que a gente tira. (ME7)

A ser uma pessoa ainda mais resiliente. (...) (...) A pensar mais no futuro. (...) (...) A ter uma percepção maior das limitações que outras pessoas têm, de como ser alguém usada e ousada para ajudar essas pessoas a transcender. Eu queria um caminho delas. (...) Ajudar percorrer. Ninguém faz nada sozinho. E alguns precisam de uma ajuda a mais, sabe? Que você pense no que fazer para ajudar. E isso te torna uma pessoa melhor. Cada vitória que

meu filho tem e que eu me percebo é... é... é... coadjuvante nisso, eu me torno uma pessoa melhor. O autismo não é o fim. Ele é o meio. Uma das coisas também que o autismo me ensinou é ter uma percepção do mundo que me rodeia. Porque as vezes nós ficamos muito presos em nós mesmos nas nossas próprias necessidades. É... a economia nos ensina economia matéria nos ensina que os bens sempre serão escassos porque nós somos insaciáveis enquanto seres humanos. Nunca está bom. Nunca está completo. É... e quando nós focamos só nessas necessidades, nós esquecemos o que está a nossa volta. Parece um clichê, mas é verdade. Nós observamos muitas nossas necessidades elas... elas... as nossas necessidades são sempre urgentes e como diz o Congresso Nacional, né, urgência urgentíssima. Enquanto isso o mundo está a nossa volta. E pessoas precisam... pessoas... elas ultrapassam seus limites que limitado todo mundo é. Cada um com uma outra necessidade maior do que o outro, mas todos nós somos limitados. Mas acabamos esquecendo dessa condição de limitação humana porque estamos focados apenas nas necessidades que são sempre urgentes e sempre urgentíssimas. (ME9)

O que o autismo me ensinou sinceramente foi amar de verdade, amar sem hipocrisia, amar sem escolher quem, você vai amar porque ele é assim, porque ele ama todo mundo, ele brinca com todo mundo. Dificilmente ele chora. Então ele me ensinou a amar. Incondicionalmente. (ME10)

Quanto aos planos para o futuro, a descoberta do diagnóstico e o estabelecimento de uma nova rotina com o filho autista, alterou a forma de elaborá-los e realizá-los, tanto planos de curto quanto de longo prazo. Os trechos das entrevistas que ilustram a forma de planejamento de longo prazo adotada pelos participantes da pesquisa são apresentados a seguir.

Eu fiz magistério. Na verdade, a minha formação é em Direito. Hoje eu me inscrevi numa pós em psicopedagogia. Nada a ver né, mas eu escrevi para hoje, para ver se eu entendo melhor ele, para poder ajudar ele. Eu faço Pedagogia EAD também. É tudo para poder ajudar o E. Na graduação que eu tô fazendo eu fiz um mini curso de autismo eu cheguei a fazer tava na escola. E agora comecei a fazer essa... essa pós. Acaba tendo uma extensão, aí eu pedi na hiperatividade uma extensão também para conseguir entender ele. É tudo por causa dele porque isso é muito fora do contexto que eu trabalho, né? (ME7)

Trabalhar de forma que eu consiga cuidar dos meus filhos até que Deus faça um milagre. A gente está estudando ainda o meio de não depender de benefício a gente sabe que um dia pode suspender. Ainda mais agora que a gente conseguiu casar e se regularizar perante Deus né e a gente sabe que enquanto tá tudo quietinho enquanto vai indo. E confiando em Deus né porque não é fácil. Mas a gente tá estudando de trabalhar em casa e conseguindo cuidar deles antes quando era só eu e o J., eu fazia salgado e doce para vender. (ME8)

Então, como eu lhe falei anteriormente, né, estou cursando mediação (...) eu tenho uma pequena consultoria. Ainda não alavancou como eu gostaria que tivesse alavancado. Pretendo tirar minha habilitação porque por conta do problema de visão que eu tinha eu estava impedida até de andar de bicicleta, né. Então tirar... tirar uma CNH. E investir nas crianças, né? O D. está retomando o tratamento dele porque nós mudamos de plano de saúde e o que temos que temos hoje, os profissionais que o acompanhavam não atendem. Então, enfim tem que começar praticamente tudo de novo. Investir neles, no conhecimento. Continuar investindo, né, no conhecimento deles, para que eles possam ter o poder de escolha no futuro. (ME9)

É... meu plano para o futuro é pedir a Deus força para lutar e nunca desistir e poder cuidar dele. Tenho sim, eu tenho filho mas ele... no momento... assim... do futuro é que eu preciso cuidar, né? E cuidar e fazer por ele tudo que for possível né (...) e assim queaju... que eu acho que ajuda ele assim no desenvolvimento dele. (ME10)

Já os planos de curto prazo incluem estruturação de rotina familiar, com ajustamento de horários escolares (PE2), ajustar os horários do filho para conseguir cuidar da saúde, trabalhar e poder sair da casa dos avós (ME4), voltar a trabalhar e concluir a pós-graduação (ME5). Nas narrativas dos entrevistados também surgiu a ausência de planos para o futuro.

A gente aprendeu a viver um dia de cada vez com ele. Então planos para o futuro a gente não sabe, mas a gente vive um dia de cada vez, fazendo com que ele se desenvolva melhor. Então todo ganho que a gente vê na escola, tudo, tudo é muito festejado a gente apoia ele. (ME2)

Sem planos para o futuro. Sem planos para o futuro. Não tenho planos para o futuro. O futuro é hoje, assim, é viver o que tem hoje. Tudo tudo para que ele se sinta bem. Ele vai em todos os lugares conosco, ele quer ir para praia nós largamos tudo e vamos para praia, sabe? O L. é muito doce, é muito doce, é uma criança muito doce, então assim, é viver todos os dias. Assim eu evito pensar no futuro. Uma coisa que me angustia muito (~) (ME3).

Encerrando a explanação sobre a categoria Desenvolvimento, aspectos relacionados à intenção empreendedora, que é posterior ao Potencial Empreendedor, e a iniciativas empreendedoras foram evidenciados nas entrevistas.

Porque eu queria fazer alguma coisa. Não gosto de ficar parada e aí eu tive que optar por fazer alguma coisa e eu comecei a fazer salgado e deu certo. Porque eu gosto de... eu gosto de cozinha eu adoro fazer comida. Não doces, mas salgados no caso. E aí eu optei por ali e ali eu fiquei né não me arrependo até. (ME1)

A Associação C. foi criada por 10 ou 12 pais (...) porque a gente não tinha onde botar as crianças já grandinhas né? E e aí nós criamos Associação C. né? E hoje permanece só dois pais daqueles todos. Os outros saíram. Só nós e a M, que é presidente hoje. (ME6)

Aí eu não sei se, mais tarde, eu não vou, conforme as possibilidades, às vezes até a prefeitura dá cursos. Se der, se fechar os horários, né, de estudar mais sobre o assunto, se eu não vou, de repente entrar nesse ramo. (ME8)

As narrativas indicam que a busca por empreender se dá por necessidade e não por oportunidade, sendo uma alternativa para trabalhar em casa, manter a família e cuidar do filho autista. Nas redes sociais, mães que trabalham em casa contam o que fazem para estimular outras mães que estão sem trabalho a encontrar uma fonte de renda.

Agora faço salgados meninas. Trabalho com bolo de pote, salgados pra festa, trufas, pão de mel, torta de frango, tudo em casa.

Trabalho como costureira em casa.

Crochê. Faço no meu horário e já vivo disso há 3 anos.

Visto que uma das bases para o desenvolvimento - cujos temas emergentes das entrevistas e das redes sociais foram apresentados até aqui - é o apoio, este estudo prossegue

com categoria que reúne temas relacionados ao suporte emocional e profissional recebido pelos pais e mães participantes desta pesquisa desde o diagnóstico dos filhos. A categoria **Apoio** está relacionada a Potencial Empreendedor pela formação de redes de relacionamento (CHEN; GREENE; CRICK, 1998; SANTOS, 2008; SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014). É composta pelas subcategorias fé/religiosidade, família e profissionais.

Quadro 37 - Unidades de análise que evidenciam Apoio

Entrevistado	Contexto	Unidades de análise
ME2	Importância do apoio para superação do diagnóstico	Ele, primeiro neto e o primeiro filho dos dois lados. Ninguém sabia nada. Mas aí graças a Deus, assim, a gente teve bastante apoio dos amigos e também dos próprios profissionais que interagem muito com a gente. E eu trabalhava na área de saúde também e a gente conseguiu, graças a Deus.
ME3	Religião como suporte emocional e decisiva para atribuição de significado ao diagnóstico	Sinceramente, assim, eu fui catequista até quando eu tava grávida do L. e depois que eu tive L. eu abandonei a Igreja Católica. Assim, eu não encontrava as respostas às minhas perguntas e foi quando eu recebi o diagnóstico do Lorenzo que encontrei espiritismo. E por aí passa. Eu segui essa caminhada aí pelo espiritismo, sabe? Coisa que me conforta, que me reenergiza, uma coisa que me faz bem, que me equilibra. Equilibra. Tem gente que acha um esporte, um hobby, uma natação. Para mim o que me reequilibra é a fé, é assim, é o espiritismo. É isso o que veio consolar meu coração e acho que de alguma forma eu consegui finalizar o meu luto com eles. Ressignificar ele, o meu luto, com essa luta que eu luto com Lourenço todos os dias. Eu acredito muito que é missão mesmo, que a gente veio no resgate de alguma coisa que ficou pendente no passado.
ME5	Suporte recebido por professores e estabelecimento de vínculos com a pessoa autista	A professora do T. O que é... ela transcende os muros da escola. Ela tem uma atuação muito grande na vida do T. E o T. tem uma ligação com ela fora do comum, até pelo fato da gente... não ter muitos vínculos, ele ter essa questão de afetividade de fora, além do pai e da mãe... então ele estabelecer um vínculo quando tem uma pessoa que passa um tempinho maior com ele...
ME7	Influência dos amigos no processo de aceitação do diagnóstico	Quem te deu mais apoio, quem tava mais próximo assim quando eu tive o diagnóstico 'certo é autista'... meu marido tava lá em Roraima, eu tava sozinha, eu liguei para minha amiga que me ajudou a criar o E. E aquele dia eu tava em casa e chegou um colega do quartel e eu tava assim para baixo. Aí ele me disse mas meu filho também é autista E aí a gente começou a conversar, entendeu? E aí tem o nosso colega também tem um filho autista entendeu e aí ele me falou que dá para levar numa escola especial, que não é o fim do mundo, 'pensa o teu falou meu não fala'. 'O teu fala', aí eu fui falando com os meus colegas.
PE1	Envolvimento do núcleo familiar com o autista e dificuldade dos demais familiares em lidar com ele	A minha esposa e meus filhos são completamente apaixonados pelo Henrique. Tudo gira em torno dele. Da proteção dele. De cuidados para que ele não se machuque, não corra perigo. De fazer junto com ele as coisas que ele gosta. O restante da família (pais, irmãos, parentes) parecem não saber o que fazer para ajudar e não tem muito contato com ele.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para De Araújo et al (2020), a rede de suporte social é uma interligação entre elementos sociais - família, serviços de saúde, instituições - que exerce função na linha de cuidado e evolução dos aspectos sociais-interativos da pessoa autista. Neste estudo, o papel dos profissionais especializados em Transtorno do Espectro Autista e da família se mostraram determinantes para que os pais dos autistas conseguisse estabelecer uma nova rotina após o diagnóstico. Além disso, a fé e a religiosidade emergiram na fala dos entrevistados e nas postagens nas redes sociais como fatores relevantes para a significação do Transtorno do Espectro Autista, colaborando com o enfrentamento do TEA, com os processos de superação do luto e com a resiliência. O Quadro 38 traz unidades de análise que detalham a forma como se deu o apoio aos pais de autistas, esclarecendo as subcategorias de Apoio.

Quadro 38 - Subcategorias da categoria Apoio

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Fé/religiosidade	<p>A mãe com as simpatias. Todas as simpatias que eu pude fazer para o Lorenzo falar, eu fiz. Era botar um pinto para piar dentro da boca... era a primeira água... da casca do ovo... era uma sopa de todas as colheres da casa... Eu levei o Lorenzo para cirurgia espiritual lá no Leme. Eu fiquei trancada três dias com ele no quarto, porque tinham o cara lá do Ramatis que ia fazer uma cirurgia e o Lorenzo chorava. Estranhou. Não tinha nada assim eletrônico. Sem nada nada nada. Nós dois. Depois eu levei o Lorenzo numa tribo indígena aqui em Coroa Vermelha perto de Porto Seguro porque eu, na minha esperança de mãe, eu pensava como é que um índio lá no meio do mato sem diagnóstico sem... sem médico, o que que eles fazem? Eu tinha impressão que ele ia me dá uma garrafada, um colar, um cocar, qualquer coisa. E tinha uma mulher lá em Livramento que era uma vigarista de marca maior, o que ela tirou de dinheiro, credo. Amarrar fitinha. Leva essa froinha. Não sei o quê fluidificada. E não sei quantos potes. E não sei quantos de não sei de que jeito. Fiz terapia ortomolecular. Muito, quando deu aquele boom da terapia ortomolecular, o Lorenzo tinha uns 5 anos. Eu tenho asco de groselha. De tanta fórmula que o Lorenzo tomou diluída na groselha, era para poder engolir. Eu tinha que carregar aquilo refrigerado para tudo quanto é lugar, todo lugar onde eu ia. Deus me livre e guarde. Eu fiz de tudo que eu podia fazer. se tivesse que de joelho daqui Aparecida, vamos? Vamos. Porque eu tinha uma sensação de culpa. Eu sempre achava que era alguma coisa que eu errei com ele, que eu não sei o que, alguma coisa que eu tinha feito que tinha deixado ele dessa forma assim. (ME3)</p> <p>É... antes do diagnóstico era uma incógnita. É... por ter um... abraçado uma fé... uma religião, né? A religião ajuda muito... Muito... você é... Entender os porquês da vida. (ME9)</p>

Quadro 38 - Subcategorias da categoria Apoio

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Fé/religiosidade	<p>A gente acredita que é Deus que reverteu né? A gente serve a Deus, a gente sabe que tudo é Deus que faz né? Na vida da gente. (...) Diante de tudo assim sim uma coisa que eu tenho para te dizer que eu tenho muita fé em Deus desde que ele tá na minha barriga e eu recebo profecia sobre ele sem saber que ele é ser autista. Deus prometeu que vai curar ele, vai usar ele, vai fazer um grande milagre através dele. Eu tenho que Deus pode fazer muita coisa ele sabe que tudo que a gente está passando é temporário, mas assim a gente tem que ir, se não é Deus, se não se firmar em Deus, não é fácil. Deus sempre dá o refrigerio, né, que é uma doença digamos assim sinistra né, que a única que eles não sabem o que causa porque acontece. Só tem tratamento, mas não tem cura, tem pouca melhora, é a única patologia. Eu acredito até que uma coisa assim dos últimos tempos. Antigamente não tinha nada disso a gente tá vendo tanto. (ME8)</p> <p>E que ela não poderia diagnosticar o autismo, que ele teria autismo, por motivos que ela não conseguia entender ele. Hunf. Até achei estranho porque quando a gente não entende, que a gente acha que tem algo, né? Mas passado, né, eu fui... eu fui novamente, voltei de novamente, aí a nova neura deu o laudo do autismo. Ele é autismo leve, né, o dois, graças a Deus. A tudo devemos dar graças, entendeu? Porque se fosse um pouco mais eu iria agradecer a Deus, porque ele me dá força para lutar e não vou desistir. Jamais, né? (ME10)</p>
Família	<p>Acredito que o relacionamento ficou melhor, pois todos se empenham em criar um ambiente adequado pra ele. A separação não teve como causa o autismo do H. Ficamos mais unidos em prol da saúde dele. Quanto a falta de apoio fica evidenciado que poucas pessoas estão preparadas para lidar com eles. E como não entendem, pouco ajudam. (PE1)</p> <p>Pegou a família inteira de surpresa. Se eu não conhecia, eles muito menos. Pessoas todas mais velhas, né? Graças a Deus muito a minha família é muito de procurar saber, de estudar, de saber o porquê, porque não... a gente não procurou saber o porquê, mas como a gente vai fazer para que ele se sintam bem. Então, assim, aceitação foi geral, foi muito boa e graças a Deus hoje os meus maiores apoiadores são a minha própria família, graças a Deus. (ME2)</p> <p>Foi 100%. (~~) desculpa. A minha família 200%. Por que a minha família só eu, minha mãe e o M. e o meu marido. Graças a Deus ele me apoiou todas as vezes que eu inventei todas essas modas aí que eu te falei. De Viajar de fazer não sei o que, ele sempre me apoiou muito. E ele divide bastante assim sabe, essa... essas questões do L. Dúvidas, a gente conversa muito, chega no denominador comum de tratamento, de escola, de tudo. Eu fico meio na frente porque meu marido trabalha muito, mas é uma pessoa que me apoia incondicionalmente no que eu decidir, entendeu? O que me ajuda... total... meu marido, tem a mãe dele também. A minha sogra mora longe, a gente não se vê muito, é super carinhosa com os meninos, sempre apoiou, eu acho que quando você leva naturalidade as pessoas acabam encarando isso com naturalidade, entendeu? Quando você leva a situação as pessoas seu carinho, amor, sabe que a gente trata eles. Isso volta. As pessoas entendem que essa linguagem para lidar com eles entendeu. (ME3)</p>

Quadro 38 - Subcategorias da categoria Apoio

(continua)

Subcategorias	Unidades de análise
Profissionais	<p>Na verdade, sempre só os profissionais. Porque a gente diferente então se a gente fica pouco tempo em cada lugar no máximo 3 anos. Então os laços de amizade são difíceis e assim... que eu posso te dizer, a nossa amizade, claro, são boas, a gente consegue amizades que parece que a gente tem anos juntos. Assim né, sobre a questão do autismo tudo sempre muito novo. Então que eu posso te dizer? É muito de profissional, apoio de profissional porque na cidade grande cada um tem a sua vida, é muito corrido e a gente acaba ficando sempre muito sozinha. Meu marido viaja bastante, então eu tinha muito apoio dos profissionais. Amigos muito poucos sabiam tudo da questão, mas assim aquela da conversa da troca solta... Os profissionais hoje... aqui tá mais fácil porque a gente voltou para nossa cidade. Então é um pouco mais fácil para nós agora mas antes não. (ME2)</p> <p>Que me auxilia no desenvolvimento do meu filho, os médicos doutores de Deus, porque eles são uma maravilha. E tem uma fono e se chama Doutora C. e também tem uma psicóloga que é uma pessoa muito maravilhosa. Essas duas, elas até parecem que são anjos na minha vida né, elas que me ajudam no desenvolvimento dele. (ME10)</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

As narrativas dos entrevistados o papel dos amigos no enfrentamento do TEA, como indica PE1:

Muito importante. Os amigos são solidários com palavras de apoio e estímulo, o que ameniza o sofrimento que às vezes temos em ver o nosso filho sem o tratamento adequado e sem políticas públicas de inclusão. (PE1)

Por outro lado, os entrevistados indicaram que algumas pessoas, mesmo querendo ajudar, acabam prejudicando a busca por informações e por tratamentos, conforme afirma ME3:

(...) você sabe que uma coisa que, na minha opinião, sempre que eu tenho oportunidade de dar os meus depoimentos contar meu testemunho é... não diga o que você tem... O que me atrasou muito foi "fulaninho tem um primo de tio de um sobrinho do vizinho que falou com 5 anos". As pessoas, no intuito de acolher a tua dor, entendeu, tipo... vão para uma vala que que não tem saída, vão te empurrando para ignorância, para ignorância, para ignorância e para sair daquilo ali...(ME3)

Embora o apoio recebido pelos pais e mães participantes desta pesquisa tenha sido evidenciado nas narrativas, alguns momentos em que eles não se sentiram apoiados também surgiram nas falas dos entrevistados.

Não me senti apoiado. Poucas pessoas entendem o que se passa. Não tem conhecimento algum de como lidar com um autista. (PE1)

Eu não tenho muito o apoio assim de familiares. Eu conto mais é com... sou eu e meu esposo, né? (ME5)

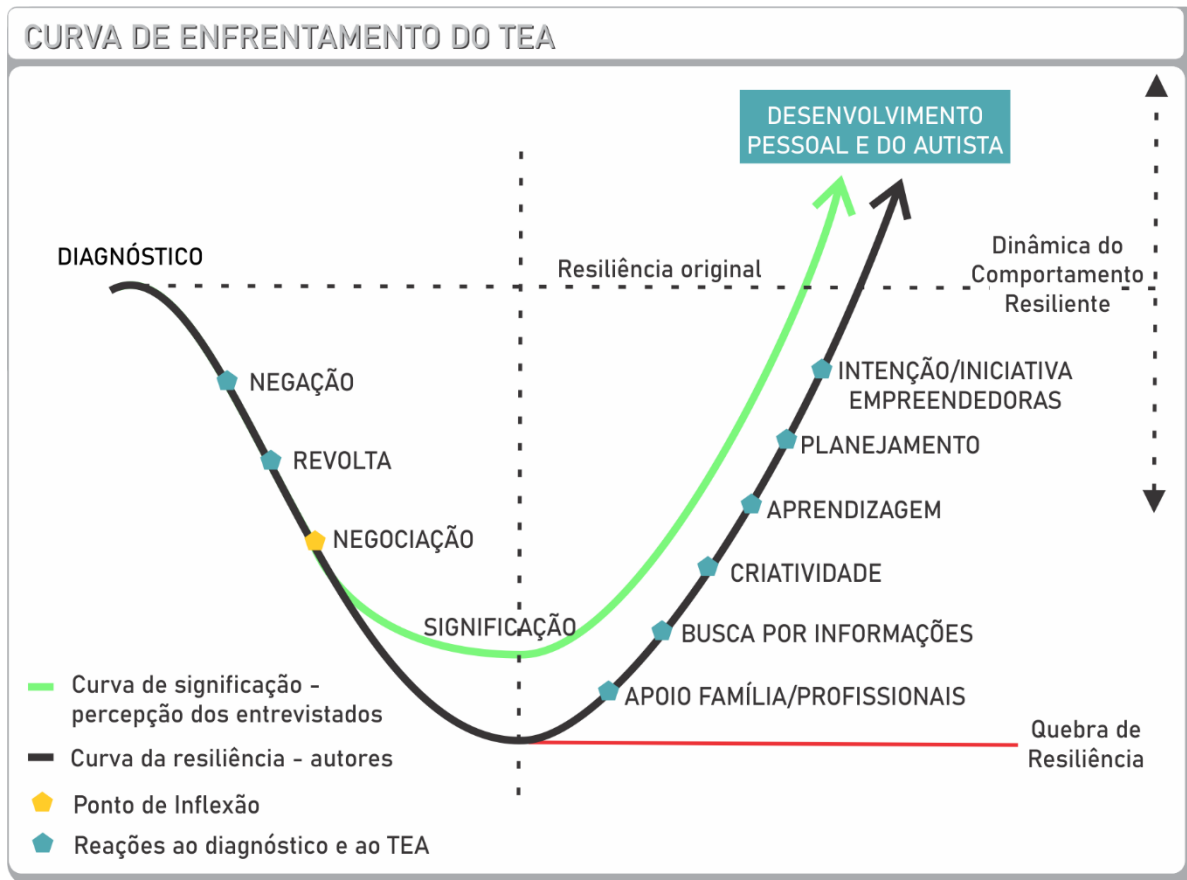
O pai dele que dizia que eu ficava dopando ele, que ele não precisava tomar remédio que eu dou para ele, que ele é mal criado, só que mal educado, que eu resolveria esse batendo nele. Não é isso. Aí eu simplesmente... os médicos falaram que faz mal para ele então já nem vai mais e depois que ele falou do autismo, ninguém... mais que isso também eu acho que um dos maiores problemas é esse. Porque meu marido nunca deu os remédios para E. Toda vez que ele é para lá eu botava na mochilinha e dizia que tinha que dar o remédio. E. voltava surtado que ele precisa medicação, não tem como ficar sem medicação. O E. já tentou suicídio, tudo sem remédio. De chegar aqui, eu tenho que levar ele para o hospital surtado. Batendo em todo mundo. Aí ele mesmo sabe que ele tem que tomar remédio. Uma vez ele tentou suicídio que ele queria morrer foi só uma vez. O E. é autista. Aí a vó disse que cura em nome de Jesus e a gente vai tratar e tal. Mas eles deram sumiço nunca mais apareceram. Disse que ia vir aqui, que é isso e aquilo... O pai já não apareceu mais. (ME7)

Foi Deus de todos os lados. Na família tu encontra apavoramento. (...) Só vê pena nas pessoas, sabe? E aí nas escolas, elas querem incutir o teórico. As especialistas, os médicos e terapeutas, elas te incutem só o teórico. ‘Mãe funciona assim, assim, assim’. Só que na prática não é igual. Todo mundo tem muita coisa diferente tem muita coisa que elas têm na teoria que não funciona na prática e muitas coisas que tu vive na prática e elas não sabem explicar na teoria. (...) A diretora chegou a dizer na minha cara que os gêmeos ganharam uma mãe o J. perdeu uma. (ME8)

Quanto ao apoio da família é muito difícil... é muito difícil... meu esposo ele é um homem maravilhoso só que eu não sei porque talvez por ser nordestino que eles costuma ser um pouco mais grosso ignorante. Ele faz de tudo pela família, mas às vezes ele quer educar de uma forma que eu não acho muito legal porque ele quase não conversa. (...) outro dia a minha irmã falou para mim que achava que ele era endemoniado por causa de uma crise que tava tendo. Eu filmei mostrei para ela, aí ela me disse. Um exemplo assim de apoio da Família... ninguém vem na minha casa e ninguém nos visita. Não, não, não me senti apoiada simplesmente assim pela família não. Amigos também só tem 1 ou 2 amigos que chegaram a dizer para mim “o que você vai fazer com essa criança agora doente” aí eu respondi “doente é a sua língua” que as pessoas não vê que eles é que são doentes mentalmente porque eles, eles autistas são muito especiais. (ME10)

Diante do exposto neste estudo, foi possível inferir que, ao enfrentarem um diagnóstico de autismo, pais e mães acabam utilizando - ou desenvolvendo – características comportamentais que podem ser associadas ao Potencial Empreendedor e que auxiliam na busca por terapias e tratamentos visando o desenvolvimento do filho autista. Aliás, o desenvolvimento em si já é uma meta de longo prazo que exige comprometimento e que demanda busca constante por informações e persistência. A forma como o diagnóstico é enfrentado define a dinâmica de comportamento resiliente do indivíduo, interferindo no processo de elaboração da nova situação e no tempo de duração do luto. A busca pelo desenvolvimento se dará se a resiliência for positiva e acompanhada de ações específicas, que podem ser observadas em indivíduos com Potencial Empreendedor. A Figura 28 traz a curva de enfrentamento do TEA, com o processo de superação do luto e de busca por desenvolvimento.

Figura 28 - Curva de enfrentamento do TEA



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados do Estudo 2, com base nos autores Chen; Greene; Crick (1998) Rutter (1999), Lazarus; Folkman (1999), Grotberg (2005); Santos (2008); Minello (2010); Santos; Caetano; Curral (2014); De Araújo et al (2020); Medeiros; Costa; Oliveira (2020) .

O momento do diagnóstico marca o ponto da resiliência original, que pode ser positiva ou negativa, conforme a reação do indivíduo (LAZARUS; FOLKMAN, 1994; RUTTER, 1999). Os pontos de negação e revolta são os dois primeiros momentos do luto (MEDEIROS; COSTA; OLIVEIRA, 2020). O ponto de inflexão, que é a terceira etapa do luto – negociação – indica o início do processo de recuperação da família após o diagnóstico. Com o apoio da fé e da religiosidade, segundo os entrevistados nesta pesquisa, houve uma atribuição de significado para o Transtorno do Espectro Autista, o que colaborou com a resiliência positiva e busca por meios de desenvolver o autista e que, por consequência, levam ao desenvolvimento dos pais e mães. A busca por informações e a rede de apoio colaboram com o processo de aprendizado, que é o caminho para o desenvolvimento. Com isso, se responde ao problema do Estudo 3 – de que forma características comportamentais relacionadas ao Potencial Empreendedor dos responsáveis podem influenciar o desenvolvimento do autista? - identificando busca de informações, criatividade, aprendizagem, planejamento e intenção/iniciativa empreendedoras como características comportamentais relacionadas ao Potencial Empreendedor, e que também são características que influenciam o enfrentamento do TEA de forma assertiva.

4.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO 4

Nesta parte da tese serão apresentadas as hierarquias de critérios e subcritérios de seleção de pessoal considerados pelas empresas que contratam PcD (Grupo 1) e que não contratam PcD (Grupo 2), participantes desta pesquisa. Os dados são apresentados de forma comparativa, visando identificar as diferenças de atribuição de importância aos critérios em cada grupo de empresas. Todas as planilhas de julgamentos foram entregues a um especialista em Análise Hierárquica de Processos (AHP) que realizou a atribuição de pesos, simultaneamente à atribuição de pesos feita pela pesquisadora. As duas planilhas foram comparadas e verificou-se em ambas os mesmos resultados, que são apresentados a seguir.

O uso da AHP para identificar quais critérios de seleção de pessoas as empresas que contratam PcD mais valorizam indicou o critério “Comportamento” (Cr8) como o mais importante, com 15,05% de relevância. O critério “Atualização” (Cr3) obteve 13,22% de relevância, o critério “Aproveita oportunidades” (Cr2), 11,60% e o critério “Administração do tempo” (Cr4) obteve 10,48%. A análise apontou o índice RC menor ou igual a 2% para todos os decisores (gestores entrevistados) o que indica consistência nos julgamentos. A Tabela 16 traz a Matriz de Critérios, o Índice de Consistência e a Razão de Consistência. Cada coluna contém a avaliação de um decisor, indicados por Wd1 (vetor normalizado do decisor 1) até Wd8.

Tabela 16 - Matriz de critérios de contratação de pessoas nas empresas do Grupo 1

	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	W médio
Cr1	6%	17%	1%	3%	19%	5%	8%	14%	9,11%
Cr2	17%	17%	5%	8%	19%	14%	8%	5%	11,60%
Cr3	6%	17%	5%	8%	19%	14%	8%	29%	13,22%
Cr4	6%	17%	19%	8%	6%	5%	8%	14%	10,48%
Cr5	3%	2%	19%	3%	6%	14%	22%	5%	9,23%
Cr6	6%	6%	5%	8%	6%	5%	8%	5%	6,17%
Cr7	6%	6%	5%	8%	6%	14%	22%	5%	9,04%
Cr8	17%	6%	19%	36%	6%	14%	8%	14%	15,05%
Cr9	17%	6%	2%	8%	6%	5%	3%	2%	6,21%
Cr10	17%	6%	19%	8%	6%	14%	3%	5%	9,88%
λ_{max}	10,07	10,12	10,31	10,08	10	10	10,08	10,15	
IC	0,01	0,01	0,03	0,01	0,00	0,00	0,01	0,02	
RC(%)	1%	1%	2%	1%	0%	0%	1%	1%	

Fonte: Dados da pesquisa
W=vetor normalizado

Entre as empresas que não contratam PcD, há um equilíbrio entre a importância dada aos critérios, com relevância de 13% atribuídas à Cr8 (Comportamento) e Cr10 (Motivação para contratação) e 12% à Cr3 (Atualização) e Cr6 (Criativo e observador da realidade em que vive). A razão de consistência entre os gestores das empresas que não contratam PcD é de menos de 2% para cada decisor, o que indica consistência nos julgamentos. As informações completas referentes aos julgamentos dos critérios pelos gestores das empresas que não contratam PcD constam na Tabela 17.

Tabela 17 - Matriz de critérios de contratação de pessoas nas empresas do Grupo 2

	D1	D2	D3	D4	D5	W médio
Cr1	19%	2%	4%	4%	6%	7,22%
Cr2	7%	5%	4%	4%	3%	4,69%
Cr3	19%	5%	24%	13%	3%	12,76%
Cr4	7%	15%	11%	13%	6%	10,37%
Cr5	3%	15%	4%	4%	3%	5,79%
Cr6	3%	15%	24%	13%	6%	12,14%
Cr7	7%	5%	11%	13%	15%	10,10%
Cr8	19%	15%	4%	13%	15%	13,15%
Cr9	7%	15%	4%	13%	15%	10,73%
Cr10	7%	5%	11%	13%	29%	13,04%
λ_{max}	10,10	10,07	10,10	10,00	10,23	
IC	0,01	0,01	0,01	0,00	0,03	
RC(%)	1%	1%	1%	0%	2%	

Fonte: Dados da pesquisa

W=vetor normalizado

A principal diferença entre os grupos de empresas analisados está no critério CR2 (Aproveita oportunidades). Enquanto as empresas que contratam PcD valorizam a característica comportamental na hora de selecionar seus funcionários, as empresas que não contratam PcD consideram a característica pouco importante. Um dos aspectos relacionados ao aproveitamento de oportunidade nas organizações diz respeito à mudança (KRUEGER; BRAZEAL, 1994; MITCHEL, 1989) e a fazer novas atividades. Para as pessoas autistas que estão no mercado de trabalho, mudanças causam impactos no comportamento, conforme demonstram os seguintes excertos das entrevistas:

Se for uma mudança muito repentina, eu fico extremamente irritado e agitado, sem saber direito o que fazer. Se for algo que eu possa antever com alguns dias, eu tento me preparar psicologicamente, mas isso não reduz o meu descontentamento em realizar essa mudança (AE4)

(...) fico ansiosa e com raiva. Me dando um tempo para me acostumar, consigo ajustar-me e posso começar a gostar disso. (AE8)

Uma das empresas analisadas, que mantém autistas em seu quadro funcional desde 2016, informou que as mudanças são implementadas gradativamente, respeitando o tempo de adaptação de cada colaborador (são 130 PcDs contratados em um universo de 3000 funcionários). Os gestores participantes da pesquisa informaram que essa forma de gerir resulta em dificuldade de contratação, pois muitos querem já iniciar o trabalho com carga horária completa e atividades definidas, o que a empresa identificou ser inadequado, justamente pela necessidade de adaptação. Os processos de adaptação naquela empresa iniciam no período de integração do novo colaborador. A forma como os funcionários aproveitam oportunidades e aceitam mudanças varia de acordo com as necessidades individuais, mas esses são aspectos bem valorizados na empresa. Os gestores salientam ainda que a participação da família nos períodos de adaptação faz parte da política da empresa. Esse posicionamento de respeitar o tempo do indivíduo vale também nos processos de inclusão de novas atividades nas rotinas dos colaboradores mais antigos (o que também é um subcritério de Cr2 nesta pesquisa).

Ampliando a análise dos critérios de contratação de pessoal, os julgamentos dos subcritérios detalham os critérios e indicam a importância dada a comportamentos dos colaboradores. O critério “Assume riscos calculados” é formado pelos subcritérios Capacidade do colaborador avaliar riscos (Scr1), Cumprimento de prazos (Scr2) e Assumir riscos de novos projetos (Scr3).

Entre as empresas que contratam PcD (Grupo 1), Scr1 e Scr2 obtiveram, 38% e 43% de relevância, respectivamente, indicando que poucos dos gestores respondentes valorizam a assunção de riscos em novos projetos como uma característica determinante para contratação. A Razão de Consistência entre os subcritérios no Grupo 1 foi de 0% para os decisores D1 a D6 e 3% para os decisores D7 e D8, o que indica ausência de inconsistências nos julgamentos. Entre as empresas que não contratam PcD (Grupo 2), Cumprimento de prazos (Scr2) foi o critério mais valorizado para contratação, com 43% de relevância. Scr1 e Scr2 obtiveram valores próximos de pontuação, com 29% e 27%, respectivamente. A Razão de Consistência para todos os decisores foi de 0%, indicando ausência de inconsistências. A Tabela 18 a seguir traz os valores dos dois grupos.

Tabela 18 – Critério Cr1 - ‘Assume riscos calculados’

Cr1 – Assume riscos calculados									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr1	20%	14%	43%	60%	43%	33%	64%	26%	38%
Scr2	60%	43%	43%	20%	43%	33%	26%	64%	41%
Scr3	20%	43%	14%	20%	14%	33%	10%	10%	21%
λ_{max}	3	3	3	3	3	3	3,03	3,03	
IC	0	0	0	0	0	0	0,01	0,01	
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	3%	3%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr1	33%	20%	14%	20%	60%	29%			
Scr2	33%	60%	43%	60%	20%	43%			
Scr3	33%	20%	43%	20%	20%	27%			
λ_{max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Assumir riscos não é uma característica comportamental evidenciada nas entrevistas com autistas que estão no mercado de trabalho. Mas a identificação do risco emergiu das falas e também a busca por minimizar riscos, o que é considerado por Palmer (1971) como uma característica comportamental relacionada ao Potencial Empreendedor. Para os entrevistados, a identificação dos riscos seria um meio de redução de incertezas e inseguranças. Os seguintes trechos das falas indicam a identificação dos riscos para minimizá-los.

(...) o empreendedor tem que tolerar riscos e aí, eu só estava evitando o risco. Eu consegui uma estratégia que eu conseguia, né, minimizar o risco. (AE1)

Faço um estudo para analisar as reais possibilidades de algo dar certo, depois penso estrategicamente no passo-a-passo de como poderia fazer aquilo. (AE10)

O segundo critério avaliado pelos gestores entrevistados é ‘Aproveita oportunidades’ (Cr2), composto pelos subcritérios ‘Identificar e aproveitar oportunidades’ (Scr4), ‘Fazer novas atividades’ (Scr5) e ‘Aceitar mudanças’ (Scr6). SCR4 foi o subcritério mais valorizado pelas do Grupo 1, com 42% de relevância. Os subcritérios SCR5 e SCR6 foram ambos avaliados com 29% de relevância, com índice RC de 3% para o decisor D1 e 0% para os demais. Entre as empresas do Grupo 2, Scr4 foi o critério mais valorizado, com 45% de relevância. A Razão de Consistência variou entre dos decisores, mas ainda ficou abaixo de 10%, o que indica ausência de inconsistências na análise. A Tabela 19 detalha Cr2.

Tabela 19 - Critério Cr2 - ‘Aproveita oportunidades’

Cr2 – Aproveita oportunidades									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr4	64%	60%	20%	43%	33%	33%	71%	14%	42%
Scr5	26%	20%	20%	43%	33%	33%	14%	43%	29%
Scr6	10%	20%	60%	14%	33%	33%	14%	43%	29%
λ_{max}	3,03	3	3	3	3	3	3	3	
IC	0	0	0	0	0	0	0	0	
RC(%)	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr4	64%	43%	20%	65%	33%	45%			
Scr5	10%	43%	60%	7%	33%	31%			
Scr6	26%	14%	20%	28%	33%	24%			
λ_{max}	3,03	3	3	30,6	3				
IC	0,01	0	0	0,03	0				
RC(%)	3%	0%	0%	6%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Para Mitchel (1989), aproveitar oportunidades de crescimento e de desenvolvimento está relacionado à Potencial Empreendedor, sendo uma das características que pode ser desenvolvida e direcionada para a inovação. Os dois grupos de empresas participantes desta pesquisa valorizam mais a capacidade de identificar e aproveitar oportunidades e atribuem valor menor a fazer novas atividades e aceitar mudanças. Essas informações são interessantes ao se considerar a inserção de um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista no mercado de trabalho, pois a aceitação de novas tarefas, pelo que se evidenciou nas entrevistas, deve estar associada aos interesses da pessoa autista ou ser desafiadora de alguma forma. Já mudanças exigem mais do indivíduo com TEA.

Tenho bastante dificuldade com mudança. Se for uma mudança muito repentina eu fico extremamente irritado e agitado, sem saber direito o que fazer. Se for algo que eu possa antever com alguns dias, eu tento me preparar psicologicamente, mas isso não reduz meu descontentamento em realizar essa mudança. (AE4)

O critério Cr3 – Atualização – é formado pelos subcritérios buscar por informações (Scr7), aplicar as informações nas tarefas (Scr8) e buscar por novas formas de executar as tarefas (Scr9). Nos grupos de empresas analisadas – que contratam PcD e que não contratam PcD -, a busca por informações e a aplicação das informações nas tarefas foram os subcritérios considerados mais relevantes na contratação de funcionários. Nas empresas do Grupo 1, Scr7 obteve 35% de relevância e Scr8, 40%. No Grupo 2, Scr7 obteve 44% de relevância e ao

subcritério Scr8 36%. Já SCr9, que está diretamente ligado à inovação, é menos valorizado pelos gestores dos dois grupos, mas ainda obteve um percentual significativo. A Razão de Consistência deste critério ficou abaixo de 10%, o que demonstra não haver inconsistências na análise de Cr3. A Tabela 20 resume as avaliações do critério.

Tabela 20 - Critério Cr3 - ‘Atualização’

Cr3 – Atualização									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr7	60%	33%	20%	26%	43%	33%	20%	43%	35%
Scr8	20%	33%	20%	64%	43%	33%	60%	43%	40%
Scr9	20%	33%	60%	10%	14%	33%	20%	14%	26%
λ_{\max}	3	3	3	3,04	3	3	3	3	
IC	0	0	0	0,02	0	0	0	0	
RC(%)	0%	0%	0%	3%	0%	0%	0%	0%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr7	60%	43%	43%	33%	43%	44%			
Scr8	20%	43%	43%	33%	43%	36%			
Scr9	20%	14%	14%	33%	14%	19%			
λ_{\max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Busca por informações é um dos componentes do Potencial Empreendedor no modelo de Santos (2008). Aparece nas narrativas dos entrevistados com Transtorno do Espectro Autista como resultante de interesses, especialmente os relacionados ao hiperfoco, conforme ilustra o trecho a seguir:

Às vezes eu passava as 24 horas estudando intensivamente para saber como iria concretizar aquele projeto, todas as etapas dele (...) (AE1).

Na narrativa de AE1, a busca por informações corresponde aos três subcritérios de Cr3, com busca por informações voltada à execução de tarefas e inovação.

No critério ‘Administração do tempo’, formado pelos subcritérios ‘Dedicar-se ao trabalho’ (Scr10), ‘Organização das tarefas de modo a cumprir os prazos’ (Scr11) e ‘Perceber o tempo dedicado a cada tarefa’ (Scr12), as empresas que contratam PcD valorizaram Scr10, com 50% de relevância. Nas empresas que não contratam PcD, Scr10 e Scr11 obtiveram a mesma avaliação, sendo consideradas 40% relevantes. O subcritério relacionado a percepção do tempo de cada tarefa foi considerado menos relevante no critério Cr3, mas ainda assim obteve

percentual significativo. A Razão de Consistência dos julgamentos dos decisores do Grupo 1 ficou abaixo de 10%, com D4 com 6% e D8 com 3%. No Grupo 2, a Razão de Consistência foi de 0% para todos os decisores. A Tabela 21 resume o critério.

Tabela 21 - Critério Cr4 - 'Administração do tempo'

Cr4 – Administração do tempo									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr10	43%	43%	71%	65%	60%	33%	60%	26%	50%
Scr11	43%	43%	14%	28%	20%	33%	20%	64%	33%
Scr12	14%	14%	14%	7%	20%	33%	20%	10%	17%
λ_{max}	3	3	3	3,06	3	3	3	3,03	
IC	0	0	0	0,03	0	0	0	0,01	
RC(%)	0%	0%	0%	6%	0%	0%	0%	3%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr10	26%	43%	64%	33%	33%	40%			
Scr11	64%	43%	26%	33%	33%	40%			
Scr12	10%	14%	10%	33%	33%	20%			
λ_{max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

A administração do tempo não é uma característica relacionada diretamente a Potencial Empreendedor, mas é uma capacidade necessária para o exercício profissional e valorizada pelas empresas. As pessoas autistas entrevistadas para este estudo (bem como outras pessoas que estejam no espectro) têm uma forma peculiar de lidar com o tempo, entrando em estado de fluxo ou hiperfoco (ASHINOFF; ABU-AKEL, 2019) quando estão realizando uma tarefa de seu interesse. O seguinte excerto da narrativa de AE1 demonstra a forma como alguns autistas lidam com o tempo e hiperfoco:

Começo a tentar ingressar no mercado de trabalho, começo a notar as minhas atipicidades, né? No trabalho, principalmente a questão do hiperfoco. Como me deprimia ter que mudar o foco de tarefas e trabalho. (AE1)

Necessidade de realizar sonhos/futuro é o critério composto pelos subcritérios 'Necessidade de realização' (Scr13), 'Buscar autorrealização' (Scr14) e 'Planos pessoais estruturados' (Scr15). Nas empresas que contratam PcD, SScr14 obteve 47%, indicando que a busca por autorrealização é um aspecto comportamental valorizado naquelas organizações. Nas

empresas que não contratam PcD, Scr13 foi o critério apontado como mais importante, com 41%. Planos pessoais estruturados não é o subcritério mais valorizado pelos gestores participantes desta pesquisa, mas obteve avaliações relevantes nos dois Grupos. Não há inconsistência nas avaliações, conforme indica a Tabela 22 que resume a análise do critério.

Tabela 22 - Critério Cr5 - ‘Necessidade de realizar sonhos/futuro’

Cr5 – Necessidade de realizar sonhos/futuro									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr13	43%	14%	45%	14%	26%	33%	43%	26%	31%
Scr14	14%	43%	45%	71%	64%	33%	43%	64%	47%
Scr15	43%	43%	9%	14%	10%	33%	14%	10%	22%
λ_{max}	3	3	3	3	3,03	3	3	3,03	
IC	0	0	0	0	0,01	0	0	0,01	
RC(%)	0%	0%	0%	0%	3%	0%	0%	3%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr13	45%	43%	20%	33%	65%	41%			
Scr14	9%	43%	60%	33%	28%	35%			
Scr15	45%	14%	20%	33%	7%	24%			
λ_{max}	3,03	3	3,03	3	3				
IC	0,01	0	0,01	0	0				
RC(%)	3%	0%	3%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

O critério Cr5 é formado por subcritérios que estão relacionados ao Potencial Empreendedor, pois envolve planejamento e necessidade de realização e de autorrealização (CARLAND; CARLAND; ENSLEY, 2001; KING, 1985; RAAB; STEDHAN; NEUNER, 2005). Nas falas dos entrevistados a necessidade de realização aparece em relatos sobre sonhos futuros relacionados à família e trabalho. O planejamento aparece em relatos sobre a necessidade de planejar como forma reduzir inseguranças.

O critério ‘Criativo e observador da realidade em que vive’ reúne duas características comportamentais associadas ao Potencial Empreendedor (ARMOND; NASSIF, 2009; ATHAYDE, 2009; MITCHEL, 1989), formado pelos subcritérios ‘Ser criativo’ (Scr16), ‘Percepção de soluções inovadoras’ (Scr17) e ‘Questionamento se os métodos são adequados e permissão para desenvolvimento de novos métodos’ (SCr18). Nas empresas do Grupo 1, os três subcritérios obtiveram pontuação semelhante e a Razão de Consistência demonstrou que não há inconsistência nos julgamentos. Nas empresas do Grupo 2, a criatividade é o subcritério mais

relevante, embora os outros também tenham obtido pontuações significativas. A Tabela 23 resume o critério Cr6.

Tabela 23 - Critério Cr6 - ‘Criativo e observador da realidade em que vive’

Cr6 – Criativo e observador da realidade em que vive									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr16	64%	20%	33%	33%	20%	43%	20%	14%	31%
Scr17	26%	20%	33%	33%	20%	43%	20%	43%	30%
Scr18	10%	60%	33%	33%	60%	14%	60%	43%	39%
λ_{max}	3,03	3	3	3	3	3	3	3	
IC	0,01	0	0	0	0	0	0	0	
RC(%)	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr16	43%	60%	33%	33%	60%	46%			
Scr17	43%	20%	33%	33%	20%	30%			
Scr18	14%	20%	33%	33%	20%	24%			
λ_{max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Nas narrativas dos entrevistados com Transtorno do Espectro Autista e que estão inseridos no mercado de trabalho, a criatividade aparece como meio de realização de alguma tarefa, como foco no exercício profissional e como auxiliar no desenvolvimento de outras habilidades, conforme demonstra o seguinte trecho da entrevista de AE4:

Eu sou extremamente bom em criar coisas novas, sejam brinquedos, ferramentas, objetos, textos, personagens, histórias etc. Por causa disso eu sou muito habilidoso com ferramentas, então geralmente sou escalado para consertar objetos, realizar alguma tarefa braçal como montar um móvel ou cuidar de jardim. (AE4)

‘Proatividade e dinamismo’ é o critério composto por ‘Busca por novas maneiras de superar desafios’ (Scr19), ‘Orientação a mudanças’ (Scr20) e ‘Desenvolvimento de novas maneiras de realizar tarefas’ (Scr21). No Grupo 1, os gestores participantes da pesquisa valorizaram igualmente os três subcritérios, com Scr19 obtendo alguns pontos percentuais a mais que os outros subcritérios. No Grupo 2 também houve equilíbrio nas avaliações, mas Scr21 foi o critério mais valorizado. Os julgamentos são consistentes nos dois grupos, conforme demonstra a Tabela 24.

Tabela 24 – Critério Cr7 – ‘Proatividade e dinamismo’

Cr7 – Proatividade e dinamismo									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr19	10%	60%	78%	33%	33%	33%	33%	20%	38%
Scr20	26%	20%	11%	33%	33%	33%	33%	60%	31%
Scr21	64%	20%	11%	33%	33%	33%	33%	20%	31%
λ_{\max}	3,03	3	3	3	3	3	3	3	
IC	0,01	0	0	0	0	0	0	0	
RC(%)	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr19	33%	33%	33%	33%	20%	30%			
Scr20	33%	33%	33%	33%	20%	30%			
Scr21	33%	33%	33%	33%	60%	38%			
λ_{\max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Nas entrevistas com pessoas autistas, a superação de desafios apareceu de duas formas: questões relacionadas ao trabalho e superação de aspectos relacionados aos sintomas do autismo.

Quando eu tinha que trabalhar com chefes era... eu tinha que botar um fluxograma. O primeiro quadrinho do fluxograma o que o chefe quer. E não o que eu quero. Porque a gente se move pelo desafio e... (AE7)

Quanto à orientação a mudanças, todos relataram ter bastante dificuldade, especialmente se forem inesperadas, sendo para alguns um motivador de crises, desconfortos e alterações comportamentais, o que é confirmado pelo relato de AE10.

Uma das coisas principais na qual eu fico muito nervosa é uma situação inesperada como por exemplo uma visita. Uma visita que chega sem avisar. Isso com certeza me desorganiza (AE10)

O critério Comportamento (Cr8) é composto pelos subcritérios Capacidade de socialização (Scr22), Facilidade de aprendizagem (Scr23) e Precisão na fala (Scr24). Em ambos os grupos foi considerado o critério mais importante na contratação de colaboradores, obtendo 15,05% de relevância no Grupo 1 e 13,15% no Grupo 2. Entre as empresas que contratam PcD, Scr22 foi o subcritério que obteve pontuação mais alta. Entre as que não contratam PcD, as avaliações foram semelhantes para todos os subcritérios. Os julgamentos foram consistentes, conforme indica a Tabela 25.

Tabela 25 – Critério Cr8 - ‘Comportamento’

Cr8 – Comportamento									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr22	60%	43%	73%	73%	60%	43%	14%	43%	51%
Scr23	20%	43%	8%	8%	20%	43%	43%	43%	28%
Scr24	20%	14%	19%	19%	20%	14%	43%	14%	20%
λ_{\max}	3	3	3,06	3,06	3	3	3	3	
IC	0	0	0,03	0,03	0	0	0	0	
RC(%)	0%	0%	6%	6%	0%	0%	0%	0%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr22	20%	43%	14%	60%	33%	34%			
Scr23	60%	14%	43%	20%	33%	34%			
Scr24	20%	43%	43%	20%	33%	32%			
λ_{\max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Scr22 e Scr24 representam dois quesitos que estão dentro dos sintomas do TEA, de acordo com o DSM-5 (2014). Os dados da tabela acima, entretanto, evidenciam que, entre as empresas que contratam PcD a capacidade de socialização é um subcritério considerado importante, mas a prática demonstra que não é decisivo para contratação, uma vez que as empresas visitadas nesta pesquisa mantêm em seus quadros funcionais indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e que apresentam déficits nos subcritérios mencionados.

‘Enfrentar a realidade de forma diferenciada’ (SCr25), ‘Pensar diferente’(SCr26) e ‘Raciocínio não usual’ (SCr27) são subcritérios do critério ‘Pensamento’. No Grupo 1, o pensar diferente é mais valorizado que os demais subcritérios, com 40% de relevância e RC inferior a 3%. Números semelhantes resultaram da análise do Grupo 2, com RC igual a 0%. A Tabela 26 resume o critério.

Tabela 26 – Critério Cr9 – Pensamento

Cr9 – Pensamento									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr25	10%	20%	43%	43%	43%	33%	33%	14%	30%
Scr26	26%	60%	43%	43%	43%	33%	33%	43%	40%
Scr27	64%	20%	14%	14%	14%	33%	33%	43%	30%
λ_{\max}	3,03	3	3	3	3	3	3	3	
IC	0,01	0	0	0	0	0	0	0	
RC(%)	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5	Média			
Scr25	33%	20%	14%	33%	33%	27%			
Scr26	33%	60%	43%	33%	33%	40%			
Scr27	33%	20%	43%	33%	33%	32%			
λ_{\max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Sobre a forma de pensar da pessoa autista, alguns entrevistados inseridos no mercado de trabalho relataram rapidez de pensamento e outros relataram certa confusão mental pelo excesso de informações que vem à mente. A forma de pensar diferente do autista é relatada por Grandin (2010). Nas empresas analisadas, a forma de pensar diferenciada foi aproveitada por algumas organizações. Só para exemplificar, um supermercado participante desta pesquisa aproveitou a facilidade de trabalhar com números e a boa memória de um funcionário com TEA (nível 2) para aumentar os controles dos prazos de validade dos produtos. Em apenas duas semanas de trabalho não havia mais produtos por vencer nas prateleiras e o funcionário sabe em quais locais estão os produtos mais próximos do vencimento, sem precisar usar planilhas ou outro tipo de controle.

‘Motivação para contratação’ é um critério que busca identificar a capacidade que as empresas mais valorizam na contratação de um colaborador. ‘Capacidade para gerar resultado imediato’ (Scr28), ‘Capacidade de inovação’ (Scr29) e ‘Capacidade produtiva’ (Scr30) são os subcritérios, sendo que entre as empresas que contratam PcD, Scr30 foi considerado mais relevante, com 53% e Razão de Consistência menor que 3%, o que significa ausência de inconsistência nos julgamentos. Com pontuação menor, 45%, as empresas que não contratam PcD também consideram a capacidade produtiva o mais importante na hora da contratação. A Tabela 27 resume o critério.

Tabela 27 - Critério Cr10 – Motivação para contratação

Cr10 – Motivação para contratação									
Grupo 1									
	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	Média
Scr28	43%	20%	20%	20%	20%	43%	33%	10%	26%
Scr29	14%	20%	20%	20%	20%	14%	33%	26%	21%
Scr30	43%	60%	60%	60%	60%	43%	33%	64%	53%
λ_{\max}	3	3	3	3	3	3	3	3,03	
IC	0	0	0	0	0	0	0	0,01	
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	3%	
Grupo 2									
	D1	D2	D3	D4	D5				Média
Scr28	60%	14%	20%	20%	14%				26%
Scr29	20%	43%	20%	20%	43%				29%
Scr30	20%	43%	60%	60%	43%				45%
λ_{\max}	3	3	3	3	3				
IC	0	0	0	0	0				
RC(%)	0%	0%	0%	0%	0%				

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 28 apresenta-se o resumo dos critérios dos dois grupos analisados, com destaque para os critérios que obtiveram maior pontuação na avaliação pelos gestores.

Tabela 28 – Resumo dos critérios dos dois grupos analisados

	Cr1 Assumir riscos calculados	Cr2 Aproveita oportunidades	Cr3 Atualização	Cr4 Administração do tempo	Cr5 Necessidade de realizar sonhos/futuro
Grupo 1	9,11%	11,60%	13,22%	10,48%	9,23%
Grupo 2	7,22%	4,69%	12,76%	10,37%	5,79%
	Cr6 Criativo e observador da realidade	Cr7 Proatividade e dinamismo	Cr8 Comportamento	Cr9 Pensamento	Cr10 Motivação para contratação
Grupo 1	6,17%	9,04%	15,05%	6,21%	9,88%
Grupo 2	12,14%	10,10%	13,15%	10,73%	13,04%

Fonte: Dados da pesquisa

Este estudo tem como objetivo evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho, a partir da hierarquia de características comportamentais valorizadas pelas empresas na contratação de funcionários e pela identificação de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em autistas que estão no mercado de trabalho.

A AHP utilizada como meio para alcançar o primeiro objetivo específico deste estudo indicou que, entre as empresas que contratam PcD identificar e avaliar riscos é mais importante do que os assumir; aproveitar oportunidades é uma característica valorizada; buscar informações e utilizá-las na realização de tarefas é mais importante do que capacidade de inovação; dedicação e organização para fazer o trabalho e cumprir prazos são características relevantes. As empresas que contratam PcD também valorizam a busca por autorrealização, diferentemente das empresas que não contratam PcD, que valorizam mais a necessidade de realização. Nestas, são relevantes o cumprimento de prazos; a criatividade e a busca por desenvolver novas maneiras de realizar as tarefas. Nos dois grupos de empresas analisados, o pensar diferente é considerado importante e a capacidade produtiva é mais relevante do que a capacidade de inovação.

Entre os autistas que estão no mercado de trabalho, alguns dos quais atuando nas empresas participantes desta tese, as características comportamentais evidenciadas foram a capacidade de identificar riscos para minimizá-los; resistência à mudanças, que pode ser amenizada após um período variável de adaptação; aceitação de novas tarefas, desde que dentro dos interesses dos autistas e seus hiperfocos (especialmente no caso de autistas de nível 2); capacidade de criação e inovação e utilização dessa capacidade para trabalhar, aprender e lidar com a realidade; uso do hiperfoco para trabalhar, o que gera busca por informação e aumento da concentração para execução de tarefas; uso do planejamento para redução de inseguranças; pensamento diferenciado, com percepções de padrões e sobre o ambiente, o que pode gerar resultados para a empresa; déficits de comunicação e sociais amenizados por estratégias de socialização e; capacidade de construir relacionamentos – interações mediadas pela tecnologia -.

O Quadro 39 resume os resultados do Estudo 4, indicando os subcritérios mais valorizados pelas empresas e os comportamentos de pessoas com TEA correspondentes.

Quadro 39 – Resultados do Estudo 4

Empresas que contratam PcD	Empresas que não contratam PcD	Pessoas Autistas
Avaliar riscos e cumprir prazos é mais importante que assumir riscos	Cumprir prazos é mais importante do que avaliar e assumir riscos	Identificar riscos para minimizá-los
Aproveitar oportunidades é mais importante que fazer novas tarefas e aceitar mudanças	Aproveitar oportunidades é mais importante que aceitar mudanças, mas fazer novas tarefas também é valorizado	Aceita novas tarefas com mais facilidade se estiverem relacionadas aos interesses - hiperfoco. Mudanças podem acontecer, desde que respeitado o tempo de adaptação
Busca por informações é importante	Busca por informações é importante	Busca por informações resultante de interesse restrito - hiperfoco
Dedicação e organização para cumprir prazos	Dedicação e organização para cumprir prazos	Dedicação resultante do hiperfoco e do desafio que move alguns autistas
Busca por autorrealização	Necessidade de realização	Realização sob direcionamento. Autorrealização quando une trabalho e hiperfoco.
Criatividade não é relevante	Criatividade é relevante	Criatividade para trabalhar, aprender e lidar com a realidade
Busca por novas maneiras de superar desafios é um pouco mais importante do que orientação a mudanças e desenvolver novas maneiras de realizar as tarefas	Desenvolver novas maneiras de realizar as tarefas é mais importante do que buscar novas maneiras de superar desafios e orientação a mudança	Alguns são movidos pelo desafio, mas tem dificuldades com mudanças, demandando tempo de adaptação
Capacidade de socialização é importante, mas não impede contratação	Capacidade de socialização não é importante	Déficits sociais, que são minimizados por estratégias de socialização
Pensar diferente	Pensar diferente	Forma de pensar do autista, quanto à raciocínio e memória são diferenciados
Capacidade produtiva	Capacidade produtiva	Capacidade produtiva verificada. Capacidade de inovação verificada e pouco explorada.

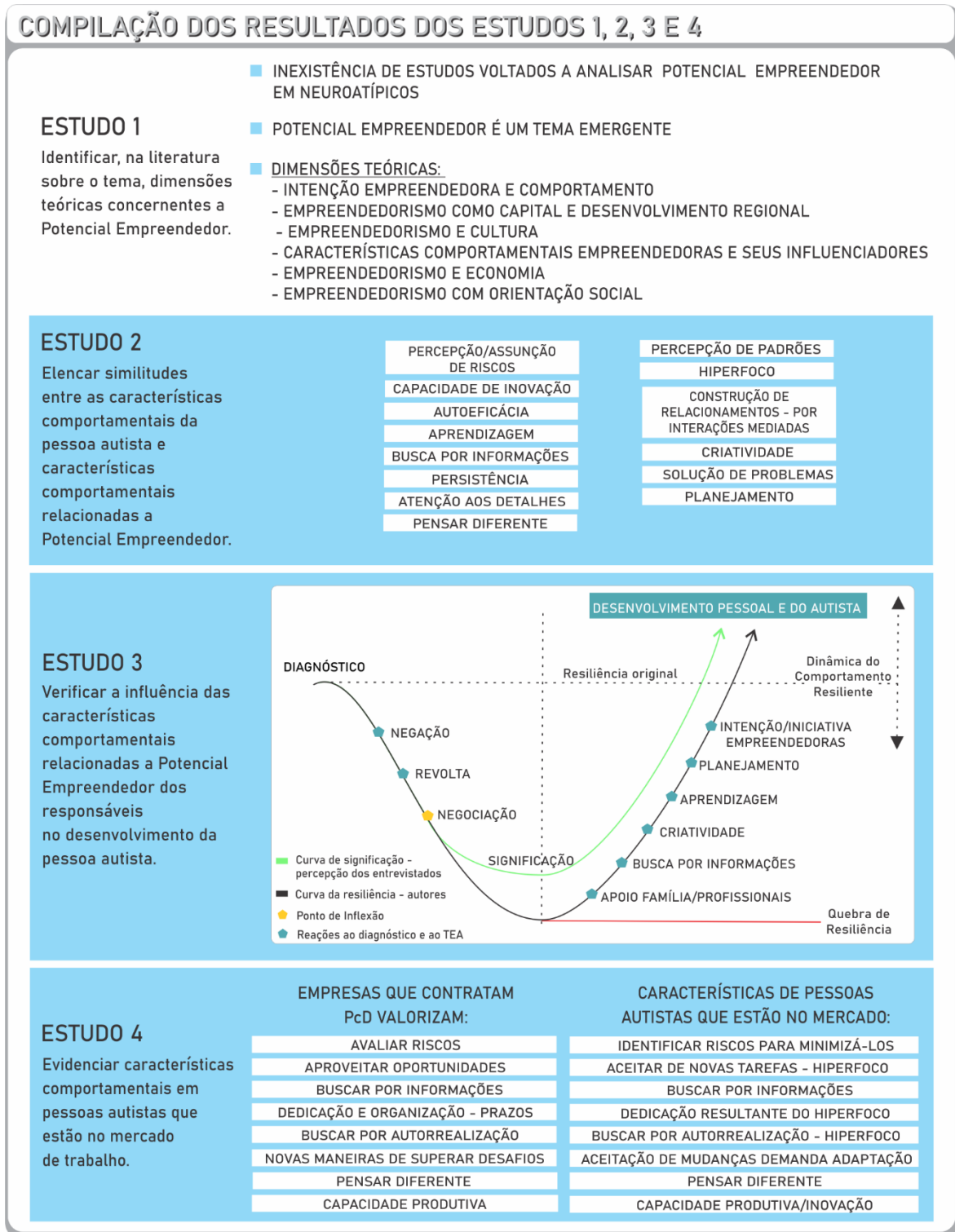
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Apresentados os resultados do Estudo 4, a apresentação dos resultados desta tese prossegue com a análise integrada, tópico que articula os resultados dos quatro estudos que compõem esta pesquisa, de forma a atingir o quinto objetivo específico delineado neste trabalho.

4.5 ANÁLISE INTEGRADA

Para dar início à análise integrada desta tese, é relevante resgatar os resultados dos estudos que a compõem. A Figura 29 resume esses resultados.

Figura 29 – Resumo dos resultados dos estudos da tese



Fonte: Dados da pesquisa.

Esta seção da tese foi elaborada para articular a contribuição do Potencial Empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando inserção no mercado de trabalho, sendo este o quinto objetivo específico desta pesquisa. Para tanto, os resultados dos quatro estudos que compõem esta pesquisa serão considerados e informações adicionais, provenientes das observações do diário de campo, serão trazidas para a discussão.

O primeiro ponto a se destacar é a lacuna teórica que foi evidenciada no Estudo 1 e tem no Estudo 2 um primeiro momento, definido pela associação dos temas Potencial Empreendedor e Transtorno do Espectro Autista. O Estudo 2 representa um passo no desenvolvimento desse campo de pesquisa.

Ao se analisar os resultados dos Estudos 2, 3 e 4 com o do Estudo 1, que teve por objetivo identificar na literatura sobre o tema, dimensões teóricas concernentes a Potencial Empreendedor, foi possível identificar que os resultados dos Estudos desta tese estão alinhados com a primeira dimensão teórica – intenção empreendedora e comportamento - e com a quarta dimensão teórica – características comportamentais empreendedoras e seus influenciadores -.

Um dos tópicos que compõem a primeira dimensão teórica é a Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1991) que afirma que o comportamento é baseado sempre na intenção do ser humano, envolvendo o esforço que um indivíduo está disposto a fazer na execução de uma ação. Resgatando-se os resultados do Estudo 2 e as observações do diário de campo, o comportamento planejado é percebido no desenvolvimento de estratégias de socialização e de meios que a pessoa autista adota para suportar situações e ambientes estressantes. O que foi possível inferir nas falas dos autistas entrevistados nesta pesquisa é que situações que podem causar crises são, na medida do possível, evitadas e que algumas reações e *stims* são utilizados para retomada do controle. Entre os autistas que estão no mercado de trabalho (Estudo 4) o comportamento planejado é observado na execução de algumas tarefas, especialmente em autistas de nível 2. Um dos entrevistados, ainda que tenha facilidade com números e visão espacial privilegiada – consegue dizer quantos produtos cabem em uma prateleira do supermercado onde trabalha apenas olhando para o espaço por alguns segundos – prefere fazer tarefas no depósito, para evitar contato com outras pessoas, pois sabe que eventuais questionamentos feitos por clientes podem desencadear crises. Em outra empresa visitada, o colaborador autista apresentando facilidade para trabalhar com números e memória privilegiada, ficou responsável por verificar prazos de validades dos produtos, memorizando datas e locais de cada uma das mercadorias estocadas. Com isso, a referida empresa não foi mais multada por comercializar produtos vencidos. Isso evidencia uma real contribuição do

trabalho de uma pessoa autista para a organização, proporcionando para a competitividade por meio da redução de custos.

Também compõem a primeira dimensão teórica, estudos que utilizam a Teoria do Comportamento Planejado para desenvolver modelos de Intenção Empreendedora e de Potencial Empreendedor (LIÑAN; SANTOS, 2007; KRUEGER; BRAZEAL, 1994). Os construtos componentes desses modelos, bem como de outros autores referenciados nesta tese (ATHAYDE, 2009; CARLAND; CARLAND; ENSLEY, 2001; CARLAND ET AL., 1995; CHEN; GREENE; CRICK, 1998; KING, 1985; MITCHELL, 1989; PALMER, 1971; RAAB; STEDHAN; NEUNER, 2005; SANTOS, 2008; SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014) permitiram a identificação de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor e a posterior verificação se essas características estavam presentes nos autistas entrevistados (Estudo 2 e 4) e nos pais, mães e responsáveis por autistas (Estudo 3). O que se pode inferir, a partir dos resultados dos estudos que compõem esta tese é que o desenvolvimento de comportamentos relativos à Potencial Empreendedor é influenciado por características comportamentais relacionadas ao TEA, havendo similitudes comportamentais que são indicadas na literatura atinente aos temas e que foram identificadas nos participantes desta pesquisa. Muitos desses comportamentos resultam de estratégias para lidar com situações decorrentes do transtorno e dos estímulos educacionais recebidos. Isso quer dizer que não são necessariamente construídos com vistas ao desenvolvimento do potencial e para a inserção profissional, mas como forma de lidar com questões cotidianas. Um exemplo disso é a necessidade de planejamento, que é uma característica relacionada a Potencial Empreendedor, mas que, para as pessoas autistas participantes desta pesquisa, é uma das estratégias utilizadas para redução de incertezas.

Ainda na primeira dimensão teórica identificada no Estudo 1 desta tese, a Teoria do Comportamento Planejado é alvo de estudos associando o tema à educação para o empreendedorismo. Entre os entrevistados do Estudo 2 foi possível perceber intenção de empreender e iniciativas empreendedoras, sem, no entanto, haver formação prévia voltada ao desenvolvimento de características comportamentais relacionadas aos construtos. Sendo a intenção empreendedora uma estrutura teórica significativa (FAYOLLE; LIÑAN, 2014) e que pode ser influenciada pela educação empreendedora (FAYOLLE; GAILLY, 2015), há, neste ponto da pesquisa, uma abertura a novas possibilidades de investigação, com foco no desenvolvimento de comportamentos alusivos à Potencial Empreendedor. Nos autistas entrevistados e que são empreendedores, a ação empreendedora foi impulsionada pelo

hiperfoco e pela autoeficácia percebida resultante dele e influenciada pelas dificuldades de socialização.

Analisando as entrevistas feitas com as pessoas autistas que estão no mercado de trabalho, a autoeficácia foi uma das características comportamentais associadas a Potencial Empreendedor (SANTOS; CAETANO; CURRAL, 2014) que emergiu das narrativas. Os trabalhos de Bandura, também pertencentes a primeira dimensão teórica evidenciada no Estudo 1, envolvem os conceitos de autoeficácia e autoeficácia percebida, que opera, segundo o autor, como um mecanismo comum por meio do qual a ação humana e o pensamento são influenciados (BANDURA, 1982; 1984). Um trabalho mais recente de outro autor que faz parte do grupo sobre intenção empreendedora e comportamento também enfatiza o papel da autoeficácia no Potencial Empreendedor. Krueger (2020) considera a autoeficácia como um meio para desenvolver Potencial Empreendedor. O autor questiona quais experiências de aprendizagem poderiam criar esse potencial, destacando estruturas cognitivas profundas que o sustentam. No caso das pessoas autistas participantes desta pesquisa, o hiperfoco (interesse restrito) é um impulsionador pela busca por informações, que geram aprendizagem e crença de êxito na execução de tarefas, a autoeficácia.

Já é reconhecido, atualmente, que a atenção aos detalhes e a tolerância em realizar tarefas repetitivas, que são parte dos interesses e comportamentos restritos e repetitivos característicos do Transtorno do Espectro Autista, podem ser vantajosos para as organizações (BURY et al, 2020). O Estudo 4 trouxe exemplos de autistas que estão no mercado e são eficientes em realizar tarefas repetitivas. O Estudo 2 desta tese confirmou a importância do hiperfoco na aprendizagem e no desenvolvimento da autoeficácia, indo ao encontro de Bury et al (2020). Entretanto, identificou-se também que a exposição a novos contextos e a novas experiências são capazes de proporcionar o desenvolvimento de outras habilidades que podem ser utilizadas para exercício profissional. Um exemplo disso é dado pelo entrevistado AE2, que faz diversos trabalhos na empresa onde trabalha e pela entrevistada ME1, mãe de AE2. Ela relatou que o filho começou a fazer em casa algumas tarefas que aprendeu a fazer no trabalho, passando a auxiliar mais no cuidado e manutenção da residência da família. Essa alteração de comportamento ocasionada pelo exercício profissional ficou evidenciada nas entrevistas com autistas que estão no mercado de trabalho. Alguns relataram imitação de comportamentos – o que, segundo eles, causa extremo desgaste físico e emocional – e outros relataram aprendizados que levaram a novas formas de reagir e interagir com outras pessoas e com o meio.

No que tange à exposição a novos contextos, que podem colaborar com a aprendizagem e o interesse por outros assuntos (e conseqüentemente novos hiperfocos), certas características comportamentais dos responsáveis pela pessoa autista – pai/mãe – os tornam mais propensos a estimular a busca pelos contextos. Essas características, associadas à Potencial Empreendedor, podem ser desenvolvidas e ainda direcionadas ao preparo da pessoa autista para o exercício profissional.

Entre as empresas que contratam autistas, as especificidades do autismo (dificuldades de socialização, de comunicação e sensoriais) não são impeditivos para contratação. O que se observou, durante as visitas à essas organizações, é que as pessoas são contratadas pelas suas habilidades em desempenhar funções já determinadas. As empresas não focam na disfuncionalidade, mas sim no que a pessoa pode fazer. Entretanto, algumas empresas relataram terem descoberto habilidades diferenciadas nos autistas tempos depois da contratação. Algumas descobertas foram feitas pelos gestores diretos ou pelo *buddy*¹⁷ do autista contratado, mas não identificadas no processo seletivo. E em alguns casos, as habilidades diferenciadas não eram aproveitadas.

Uma das empresas visitadas e que possui autistas em seu quadro funcional, afirmou não ser uma empresa inclusiva. Todas as vagas são de ampla concorrência e podem ser acessadas por PcD, sendo que o local de trabalho é adaptado para receber o colaborador. Os gestores desta empresa demonstraram, na AHP do Estudo 4, terem visões diferenciadas sobre as características valorizadas para trabalhar na empresa. Enquanto um deles valoriza mais necessidade de realizar sonhos e proatividade, o outro dá mais importância à aproveitamento de oportunidades pelo colaborador, atualização e comportamento. Ainda que essas características não sejam normalmente associadas a pessoas autistas, o fato de haver autistas contratados por uma empresa com essas visões sobre a contratação de colaboradores indica uma certa flexibilidade da organização, que afirma contratar pelo potencial.

A questão das potencialidades foi levantada por algumas mães que participaram desta pesquisa. Cientes que autistas de nível 1 conseguem inserção no mercado de trabalho e condução de suas vidas de uma forma relativamente autônoma, elas questionam como um autista nível 2 pode acessar às vagas de emprego. Elas já haviam concluído que o hiperfoco é uma forma de desenvolver potencialidades, o que foi confirmado nesta pesquisa e já apontado em outros estudos com pessoas autistas referenciados nesta tese. E neste ponto reside uma das contribuições desta pesquisa, que identificou similitudes entre comportamentos de autistas e

¹⁷ Colega de trabalho que apoia a PcD no desempenho de suas atividades profissionais.

comportamentos relacionados a Potencial Empreendedor. Os comportamentos de Potencial Empreendedor são resultantes, na maioria das vezes, do hiperfoco. Mas o que vai gerar possibilidade de atuação profissional é a autoeficácia. Um dos entrevistados reconheceu que o seu trabalho era resultante de um hiperfoco – o autismo – que permitia acesso a diferentes contextos e que proporcionavam aprendizado e desenvolvimento. Isso permite inferir que é necessária uma condução do hiperfoco, a partir de experimentações de novos contextos, para que se tenha o desenvolvimento da autoeficácia e se aumentem as possibilidades de atuação a partir disso. A atividade profissional desse mesmo entrevistado é resultante de outro hiperfoco, a programação de computadores, sendo aceitos apenas os trabalhos que estão dentro do repertório do entrevistado. O fato de não se perceber como capaz de efetuar uma tarefa o faz recusá-la. Ou seja, a recusa vem de uma não percepção de autoeficácia.

Conforme foi apresentado no início desta análise integrada, esta pesquisa também está alinhada com a quarta dimensão teórica identificada no Estudo 1 – características comportamentais empreendedoras e seus influenciadores. Reunindo os trabalhos de McClelland (1965; 1987), Shane (1992; 1993; 1996; 2000), Shane; Locke; Collin (2003), Shane; Cherkas; Spector (2010), Gartner (1990; 2007), Gartner, Davidsson, Zahara (2007), Kuratko (2005), Kuratko, Ireland, Covin (2005) e Kuratko, Hornsby, Covin (2014), as pesquisas deste agrupamento de autores versam sobre relação entre empreendedorismo e necessidade de realização, características de personalidade e tendências ao empreendedorismo, comportamento empreendedor e, semelhante à primeira dimensão teórica, educação para o empreendedorismo. A necessidade de realização e busca por autorrealização estão relacionadas às características comportamentais empreendedoras e foram identificadas nos autistas participantes desta pesquisa. O que foi possível perceber é que há a necessidade de realização, pois os entrevistados escrevem livros, vendem alimentos que eles mesmo produzem, têm empresas e planos de crescimento e também buscam autorrealização, ao ajustarem exercício profissional e hiperfoco. Não obstante, em visitas às organizações participantes desta pesquisa, foi observado que alguns autistas contratados, e que estão nos níveis mais severos do espectro, precisam de direcionamento para realizar algumas tarefas e encontram autorrealização no fato de estarem empregados, tanto é que o comprometimento desses indivíduos é considerado elevado por seus gestores – que são sujeitos de pesquisa do Estudo 4. Entre as empresas que contratam PcD, a busca por autorrealização é valorizada. Já entre as empresas que não contratam PcD, a necessidade de realização é mais importante. Mas os dois grupos de empresas participantes desta tese indicam a importância de características comportamentais empreendedoras para a contratação de um profissional.

A avaliação de riscos também é um comportamento importante ao se considerar o empreender. E nesse quesito, os dois grupos de empresas do Estudo 4 poderiam contratar pessoas autistas, pois ambos consideram que avaliar riscos e cumprir prazos é mais importante do que assumir riscos. Entre os autistas entrevistados para esta tese, a identificação de riscos foi um comportamento evidenciado como uma busca para minimizá-los.

Outro aspecto relacionado a características comportamentais empreendedoras é o aproveitamento de oportunidades, que é valorizado pelas empresas participantes do Estudo 4. Entretanto, para os autistas entrevistados, relações sociais influenciam o aproveitamento de oportunidades. Foi relatado por entrevistados participantes do Estudo 2 que as pessoas autistas são preteridas em relação a outras pessoas que mantenham relações sociais mais próximas com os gestores. Ainda que as empresas que participaram do Estudo 4 afirmem não valorizar a capacidade de socialização, ela é determinante ao se assumirem novas posições na organização. Entre os autistas entrevistados, os déficits sociais são minimizados por estratégias de socialização, especialmente o uso das interações mediadas pela tecnologia.

Ao se analisar os influenciadores das características comportamentais empreendedoras, esta pesquisa volta sua atenção ao papel dos pais, mães e responsáveis no desenvolvimento do autista (Estudo 3). Conforme já explanado nos resultados desta tese, o acesso a diferentes contextos promove o desenvolvimento da pessoa autista. Nesse sentido, foi observado, especialmente nas postagens nos grupos de suporte, que responsáveis por autistas que não conseguiram significar o diagnóstico e superar a fase de luto desenvolveram comportamentos que estimulam o isolamento e prejudicam, por consequência, o desenvolvimento do autista. Diante do que foi exposto nesta pesquisa, a superação das fases iniciais do luto e a atribuição de significado à situação operam como fomentadores de resiliência e permitem que novos comportamentos sejam evidenciados, a partir do aprendizado, que resulta do suporte e da busca por informações. O que se observou, entre os pais e mães entrevistados, é uma singularidade de comportamento, com estabelecimento de expectativas e frustrações se alternando e, em alguns casos, a significação servindo como sustentação do indivíduo. Além disso, comportamentos relacionados ao empreender são desenvolvidos pelos pais e, principalmente pelas mães, de acordo com os relatos dos entrevistados e com as postagens nas redes sociais, convergindo para intenção empreendedora como forma de conferir certa liberdade de exercício profissional para que as mães consigam ajustar seus horários de trabalho e os horários de terapias dos filhos, sem prejudicar a manutenção financeira da família.

O que se infere ao analisar os dados obtidos com as entrevistas com pais e mães de autistas e com os membros dos grupos de suporte nas mídias sociais é que tolerar riscos e buscar

informações podem prover mais possibilidades de desenvolvimento aos autistas. Um exemplo disso está no relato de uma das entrevistadas do Estudo 3, que permitiu que o filho autista fosse sozinho a um estabelecimento comercial fazer compras. A entrevistada relata que esse momento faz parte de um plano maior para desenvolver a autonomia do filho.

A autonomia é um dos fatores que influencia a inserção profissional de uma pessoa autista. As organizações analisadas nesta pesquisa querem indivíduos proativos, que não necessitem de acompanhamento constante, mas oferecem vários formatos de supervisão (como o *buddy*, por exemplo). Em uma das empresas visitadas, foi destacado pelos gestores o papel dos pais nos processos de adaptação dos filhos, especialmente os que estavam nas formas mais severas do transtorno. A inserção lenta, com aumento gradual da carga horária e indicação dos pais sobre aspectos comportamentais do indivíduo contratado facilitam o processo de inclusão profissional.

Os gestores dessa empresa relataram, durante a visita, a dificuldade de estabelecimento de vínculos entre o autista e o *buddy*, mas isso foi contornado pelo oferecimento de mais autonomia ao contratado, que pode escolher qual dos colegas seria o seu supervisor. De acordo com os gestores das empresas participantes dessa pesquisa, são observadas mudanças de comportamento entre as pessoas com deficiência contratadas. Isso é congruente com relatos das pessoas autistas participantes do Estudo 2 desta tese ao relatarem suas experiências com o trabalho.

Diante do que foi apresentado nesta análise integrada, que buscou articular a contribuição do Potencial Empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando a inserção no mercado de trabalho, pode-se inferir que o Potencial Empreendedor dos pais influencia o desenvolvimento dos filhos – e em alguns casos até fomenta a manutenção da família gerando iniciativas empreendedoras -. Além disso, características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor interessam às organizações e podem ser observadas nos autistas participantes desta pesquisa, havendo, inclusive similitudes entre comportamentos da pessoa autista e comportamentos associados a Potencial Empreendedor. Logo, uma das justificativas para realização desta pesquisa, que é a obrigatoriedade das empresas em contratar PcD, entre os quais, pessoas autistas, ganha novos contornos. A contratação pode ser efetuada com foco no resultado e não no cumprimento de uma determinação legal. Além disso, pelas peculiaridades de cada indivíduo, que são acentuadas pelo TEA, as necessidades de adaptação de ambientes previamente às contratações não são necessárias, sendo consideradas, pelos autistas participantes da pesquisa, como privação de contextos que poderiam ser interessantes e proporcionariam desenvolvimento.

Um aspecto importante e que precisa ser considerado ao se preparar uma pessoa autista para o exercício profissional é a infantilização a que são submetidos os indivíduos que estão no espectro autista. Nesta pesquisa, a infantilização do autista foi evidenciada nas falas das pessoas autistas entrevistadas para os Estudos 2 e 4, que relataram vivências onde foram tratadas de forma não condizente com suas idades. No Estudo 3, principalmente nas postagens nas redes sociais, há uso de expressões que podem ser relacionadas à infantilização, como por exemplo, a expressão anjo azul, que as mães de autistas usam para se referir aos seus filhos. Os próprios autistas consideram que esse tipo de expressão fragiliza ainda mais a sua condição. E no Estudo 4, especificamente durante as visitas às organizações, foram observadas certas práticas e formas de tratamento entre gestores, autistas e seus colegas de trabalho que, de certa forma, não estão de acordo com a idade e o ambiente organizacional.

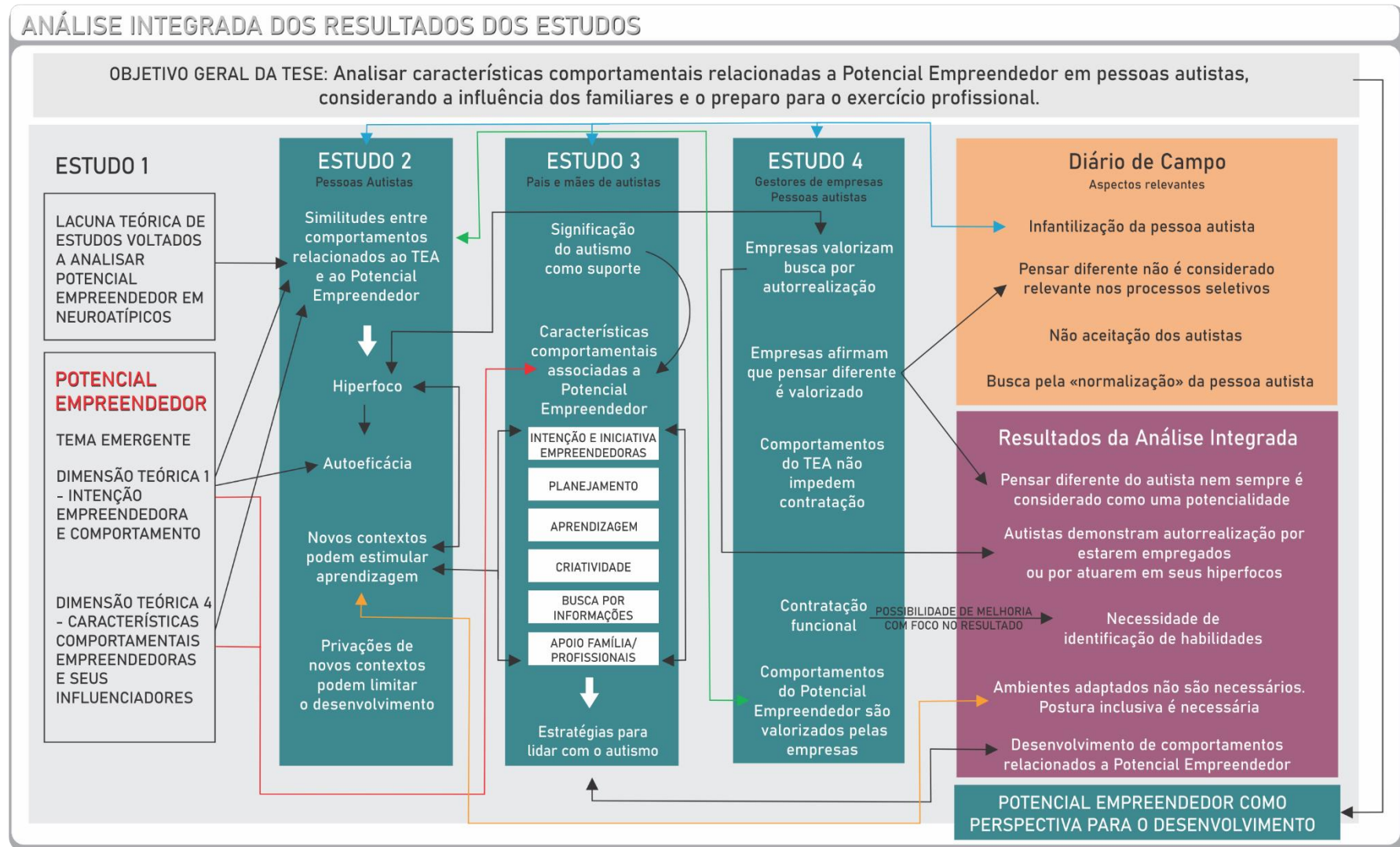
Além disso, a busca pela “normalização” do autista também foi um tema evidenciado nas observações e nas postagens das redes sociais. Nestas, as discussões são polarizadas: de um lado, familiares que desejam uma cura para o autismo – especialmente nos casos que o transtorno se apresenta em sua forma mais severa – e de outro os autistas que desejam ser reconhecidos como pessoas – nas palavras deles, um tipo diferente de ser humano – e não ser curados. As terapias que visam ajustes de comportamento também são alvo de questionamentos pelos autistas.

Os dados da pesquisa identificaram ainda dificuldade de aceitação de autistas, com estabelecimento de rótulos e evidências de capacitismo¹⁸. Isso foi percebido em algumas empresas visitadas, com relatos dos gestores sobre problemas enfrentados quando a isso.

Por fim, a partir da análise integrada dos quatro estudos componentes desta tese, foi possível inferir que o Potencial Empreendedor pode ser um caminho para o desenvolvimento de pessoas autistas visando o exercício profissional. A Figura 29 traz a articulação dos estudos componentes desta tese, demonstrando o caminho seguido para essa consideração.

¹⁸ Preconceito em relação a pessoas com deficiência.

Figura 30 – Análise integrada dos resultados dos estudos



Fonte: Elaborado pela autora com base em Allinson e Hayes (1996; 2012); Athayde (2009); Bandura (1988; 1998; 1999); Carland et al. (1995), Carland, Carland e Ensley (2001); Chen e Crick (1998); DSM-5 (2014); Grandin (2010; 2019); Grandin e Panek (2019); King (1985); Krueger e Brazeal (1994); Mitchell (1989); Muotri (2011); Palmer (1971); Raab, Stedhan e Neuner (2005); Robison (2008); Santos (2008); Santos, Caetano e Curral (2014); Teixeira (2016) e nos dados desta pesquisa.

Esta tese, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (PPGA-UFSM), especificamente a linha de pesquisa Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional, está entre os estudos que buscam sistematizar pesquisas direcionadas à dimensão humana e à dimensão organizacional. Ante o exposto, esta tese está alinhada às determinações do programa, ao analisar as características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas, considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional, objetivo geral desta pesquisa que foi alcançado pela realização dos quatro estudos componentes desta tese e da análise integrada. Este trabalho prossegue com as Considerações Finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo analisar características comportamentais relacionadas à Potencial Empreendedor em pessoas autistas, considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional. A partir dos quatro estudos realizados, foi possível identificar que há similitudes entre comportamentos resultantes do TEA e características comportamentais do Potencial Empreendedor (Estudo 2), que esses comportamentos podem ser influenciados pelos familiares (Estudo 3) e que podem se converter em potencialidades para o exercício profissional com foco no resultado, o que pode ampliar possibilidades de acesso ao mercado de trabalho para os autistas, convertendo o que seria uma contratação para o cumprimento da lei em uma contratação que pode significar aumento de competitividade para a organização (Estudo 4 e análise integrada).

As similaridades entre o comportamento do autista e as características comportamentais relativas a Potencial Empreendedor são o ponto de partida para considerar o Potencial Empreendedor como uma perspectiva para o desenvolvimento do autista, visando a inserção profissional. Como são características que fazem parte do modo de pensar e de interagir de um indivíduo com o ambiente, muitas resultantes de estratégias para lidar com as especificidades do autismo, estas são desenvolvidas ao longo da vida da pessoa autista, resultando, em parte, de estímulos recebidos e acesso a novos contextos e experiências, o que pode ser influenciado pelos familiares.

Essa constatação resulta do Estudo 3, que evidenciou que pais e mães de autistas defrontam o autismo de forma mais resiliente, desenvolvendo-se ao mesmo tempo em que buscam o desenvolvimento dos filhos quando possuem certas características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor. E como evidenciou o Estudo 4, as empresas valorizam características do Potencial Empreendedor na contratação de seus colaboradores, inclusive PcDs, ainda que, para estes, a contratação seja, na maioria das vezes, funcional e não voltada à resultados. E as especificidades do autismo, como dificuldades com comunicação e socialização não são impeditivos para contratação, tanto para as organizações que contratam PcD quanto para as que não contratam PcD. Dessa forma, o problema desta tese - de que forma o desenvolvimento de características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor em pessoas autistas pode ser influenciado pelos familiares e refletir no preparo para o exercício profissional? – foi respondido.

Como esta pesquisa foi conduzida a partir de estudos, os objetivos específicos da tese foram convertidos em objetivos gerais, de forma a garantir a acuracidade da coleta e da análise dos dados em cada momento da pesquisa. A busca pelo primeiro objetivo específico da tese - identificar, na literatura sobre o tema, dimensões teóricas concernentes a Potencial Empreendedor – foi conduzida a partir da realização de pesquisa bibliométrica, cujo objetivo foi identificar a relação entre Potencial Empreendedor e desenvolvimento do indivíduo, preparando um arcabouço teórico para a análise deste trabalho. Conforme já apresentado, este momento da pesquisa indicou uma lacuna teórica pela ausência de publicações com os temas Transtorno do Espectro Autista e Potencial Empreendedor associados. Esta tese, então, representa um primeiro passo às pesquisas que relacionem características comportamentais empreendedoras, especificamente aquelas relacionadas à Potencial Empreendedor, à indivíduos neuroatípicos.

Ainda que Potencial Empreendedor não seja um tema novo em pesquisas, a bibliometria identificou ausência de *hot-topics* relacionados ao tema. A temática pode ser caracterizada como emergente quando associada aos tópicos *business, development, performance, model, education, experience, inovation, opportuniy, employment e knowledge*. Dentre estes tópicos, *development, education, experiênce employment e knowledge* interessam especialmente a esta pesquisa, por estarem relacionados ao desenvolvimento do indivíduo e a sua inserção no mercado de trabalho.

Esta pesquisa, especificamente o Estudo 1, identificou a estrutura intelectual da produção científica acerca de Potencial Empreendedor. Os dados da pesquisa indicaram seis dimensões teóricas: intenção empreendedora e comportamento; empreendedorismo como capital e desenvolvimento regional; empreendedorismo e cultura; características comportamentais empreendedoras e seus influenciadores; empreendedorismo e economia e; empreendedorismo com orientação social. Essas dimensões teóricas formam a base teórica para análise dos resultados desta tese, especialmente os trabalhos constantes na dimensão intenção empreendedora e comportamento e na dimensão características comportamentais empreendedoras e seus influenciadores.

O segundo objetivo específico desta tese - elencar similitudes entre as características comportamentais da pessoa autista e características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor – orientou a realização do Estudo 2. Os resultados da pesquisa permitiram elencar comportamentos do autista que interessam às organizações por estarem relacionados ao Potencial Empreendedor. Como os comportamentos são desenvolvidos ao longo da vida,

resultantes de enfrentamentos e acesso a novos contextos, questionamentos acerca de educação empreendedora como possibilidade para o desenvolvimento de pessoas autistas foram suscitados e indicam um caminho para realização de novos estudos, semelhante aos que já são realizados na UFSM com estudantes universitários e dos ensinos fundamental e médio. Nesses estudos, atividades práticas são utilizadas para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores.

O terceiro objetivo específico desta tese - verificar a influência das características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor dos responsáveis no desenvolvimento da pessoa autista – foi alcançado com a realização do Estudo 3, componente desta pesquisa. Superação do diagnóstico e aspectos relativos à resiliência emergiram das falas dos entrevistados, proporcionando entendimento sobre a forma de defrontar o autismo e como as características individuais influenciam esse enfrentamento. Alguns comportamentos são desenvolvidos – ou acessados em um repertório prévio – à medida que situações oriundas do transtorno se estabelecem e podem repercutir no desenvolvimento da pessoa autista. Um exemplo disso, é dado pelas mães que optam por empreender para ter mais controle sobre seu tempo e, com isso, uma maior proximidade do filho autista. Conforme já foi demonstrado em estudos realizados pelo PEAE/UFSM, características empreendedoras podem ser desenvolvidas a partir de atividades práticas específicas. Então, estudos sobre o desenvolvimento dessas características em pais, mães e responsáveis por pessoas autistas e suas implicações podem ser incrementados em novas pesquisas.

Evidenciar características comportamentais em pessoas autistas que estão no mercado de trabalho é o quarto objetivo específico desta tese e foi alcançado com o Estudo 4. Os resultados da pesquisa permitiram identificar comportamentos que são valorizados pelas organizações para a contratação de colaboradores e comportamentos de pessoas autistas que estão inseridas no mercado. Ao se contrapor os resultados do Estudo 4 com as observações registradas no diário de campo desta pesquisa, o que se pode inferir é que, ainda que especificidades do autismo não sejam impeditivos de contratação, as pessoas autistas são contratadas pela funcionalidade. Isso indica que uma mudança deveria ser implementada: a da contratação por habilidades, voltada a resultado. Em se tratando de indivíduos neuroatípicos, o pensar diferente poderia ser aproveitado como estratégia competitiva.

Um outro aspecto que preocupa as empresas é a necessidade de adaptação dos ambientes para receber PcD. E nesta pesquisa, foi possível evidenciar que não são necessárias, além das adaptações de acessibilidade (piso tátil e rampas, por exemplo), que deveriam estar

presente em todas as edificações. Os ambientes inclusivos, elaborados a partir de entendimentos pré-concebidos sobre o autismo, privam, segundo os autistas participantes desta pesquisa, de contextos que poderiam ser interessantes e estimuladores. A reflexão sobre ambiente e relações profissionais envolvendo pessoas autistas demanda atenção às diferenças individuais.

Sobre os aspectos comportamentais da pessoa autista, o que se tem, atualmente, na pesquisa sobre autismo e inserção profissional é que determinadas características comportamentais como atenção aos detalhes, concentração e até mesmo o hiperfoco podem ser utilizados pelas organizações, gerando resultados. As empresas de tecnologia têm contratado pessoas autistas por essas características (SAP, 2019; SHEIN, 2020). Entretanto Bury et al (2020) salientam que é necessário identificar, em pesquisas, os mecanismos específicos que sustentam domínios comportamentais particulares. Para os autores, a vasta heterogeneidade que atravessa os aspectos sociais e não sociais do autismo, a infinidade de mecanismos que podem servir a domínios particulares, bem como as altas taxas de condições concomitantes (por exemplo, TDAH, TAG) podem afetar a capacidade de uma pesquisa de mostrar, de maneira confiável, habilidades e vantagens comuns no local de trabalho. Para contornar isso, Bury et al (2020) recomendam uso de abordagens individuais ao invés de abordagens de deficiência.

E por fim, o último objetivo específico desta tese - articular a contribuição do Potencial Empreendedor como perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando inserção no mercado de trabalho – permitiu que o construto fosse evidenciado como uma possibilidade para estimular o desenvolvimento de determinadas características comportamentais que interessam ao mercado.

Há algumas limitações na realização desta pesquisa. A primeira é o pequeno número de participantes, o que torna os resultados desta pesquisa não generalizáveis. O uso de instrumentos qualitativos também se torna uma limitação. Embora fomente o surgimento de novos temas que não seriam contemplados em instrumentos quantitativos, não permite aplicação em um grande número de pessoas. Nesse sentido, instrumentos quantitativos, bem como a realização de análises estatísticas mais robustas, possibilitariam ampliação da amostra de participantes, permitindo inclusive acesso a outras realidades, que podem fornecer dados significativos para análises generalizáveis.

Como sugestões para estudos futuros, a presente pesquisa deixa em aberto uma questão fundamental no desenvolvimento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista que é a influência do professor-escola-educação, pois esta tese estava focada no trinômio autista-família-empresa. A educação empreendedora para fomentar o desenvolvimento da pessoa

autista e dos responsáveis por autistas também é um campo de pesquisa a ser considerado na realização de novos estudos voltados ao desenvolvimento de características comportamentais empreendedoras ou relacionadas a Potencial Empreendedor. Esta tese está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, mostrando uma forma de se buscar o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8, tópico 8.5, voltado ao alcance do emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas as mulheres e homens, incluindo para os jovens e pessoas com deficiência, podendo ser utilizada como um primeiro passo para elaboração de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento de pessoas autistas visando inserção profissional.

Como contribuições, esta pesquisa permitiu a identificação de uma lacuna teórica – Potencial Empreendedor e características empreendedoras em neuroatípicos; permitiu identificar o Potencial Empreendedor como um tópico emergente, no qual ainda há espaço para desenvolver estudos associando o construto à educação, educação para o trabalho, desenvolvimento e conhecimento; evidenciou que características comportamentais de pessoas autistas encontram similitudes nas características comportamentais relacionadas a Potencial Empreendedor e que isso pode ser utilizado para fomentar a inclusão profissional; mostrou que há influências de características do Potencial Empreendedor dos pais no desenvolvimento dos filhos, considerando a superação do diagnóstico e resiliência; apontou que a contratação de pessoas autistas pode ser voltada ao resultado e não apenas à funcionalidade e que isso pode gerar vantagem competitiva e; que o Potencial Empreendedor pode ser uma perspectiva para o desenvolvimento da pessoa autista, visando a inserção no mercado de trabalho.

6 REFERÊNCIAS

- ACS, Z.; STOREY, D. Introduction: Entrepreneurship and Economic Development. **Regional Studies**, v.38, n.8, p.871-877, 2004.
- ACS, Z.; MUELLER, P. Employment effects of business dynamics: Mice, Gazelles and Elephants. **Small Bus Econ**, v. 30, p.85–100. 2008.
- ACS, Z.J.; BRAUNERHJELM, P.; AUDRETSCH, D.B. *et al.* The knowledge spillover theory of entrepreneurship. **Small Bus Econ**. v. 32, p.15–30. 2009.
- ACS, Z.; ARMINGTON, C. Employment Growth and Entrepreneurial Activity in Cities, **Regional Studies**, v.38, n.8, p.911-927, 2004.
- AHMED, S. U. nAch, risk-taking propensity, locus of control and entrepreneurship. **Personality and Individual Differences**, v.6, n.6, p.781–782. 1985.
- AHMETOGLU, G.; HARDING, X.; AKHTAR, R.; CHAMORRO-PREMUZIC, T. Predictors of creative achievement: Assessing the impact of entrepreneurial potential, perfectionism, and employee engagement. **Creativity Research Journal**, v. 27, n. 2, p.198–205. 2015.
- AJZEN, I. From Intentions to Actions: A Theory of Planned Behavior. In: Kuhl J., Beckmann J. (eds) **Action Control. SSSP Springer Series in Social Psychology**. Springer, Berlin, Heidelberg. 1985.
- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p.179–211. 1991.
- ALLINSON, C. W.; HAYES, J. The cognitive style index: a measure of intuition analysis for organizational research. **Journal of Management Studies**. v.33, p.119-135, 1996.
- ALLINSON, C. W.; HAYES, J. **The cognitive style index: technical manual and user guide**. United Kingdom: Pearson, 2012.
- AMARATUNGA, D.; BALDRY, D.; SARSHAR, M.; NEWTON, R. Quantitative and qualitative research in the built environment: application of “mixed” research approach. **Work Study**. v. 51, n.1, p. 17-31, 2002.
- AMUNDSON, R. Against normal function. **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, v. 31, n. 1, p. 33–53, 2000.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANOMALY, J.; GYNGELL, C.; SAVULESCU, J. Great minds think different: preserving cognitive diversity in an age of gene editing. **Bioethics**. 2019.
- ANTONCIC, B.; HISRIC, R. D. Intrapreneurship: Construct Refinement and Cross-Cultural Validation. **Journal of Business Venturing**. v.16, p.495-527, 2001.

ANTONCIC, B.; HISRICH, R. D. Clarifying the intrapreneurship concept. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 10, p. 7–24, 2003.

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006.

ARAUJO, A. C.; LOTUFO NETO, F. A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais - o DSM-5. **Rev. bras. ter. comport. cogn.** v.16, n.1, 2014.

ARMOND, A. C.; NASSIF, V. M. J. A liderança como elemento do comportamento empreendedor: um estudo exploratório. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo, v. 10, n. 5, p. 77-106, 2009.

ASCHEGHI OSKOOEE, H. Development of Individual's Entrepreneurship Abilities With Special Educations in Short-Term. **ECIE2015-10th European Conference on Innovation and Entrepreneurship**, p.36. 2015.

ASHINOFF, B.; ABU-AKEL, A. Hyperfocus: the forgotten frontier of attention. **Psychological Research**, 2019.

ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil (parte 1). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, vol. 18, n.º 2, p. 314-338. 2015a. Publicado originalmente sob o título “Die 'autistischen psychopathen' in kindesalter” na Revista “Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten”, Berlim, 3 de junho de 1944. Disponível em: <<http://fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/revistas/Volume%2018/Junho%202015/p.%20314%20a%20338.Hans%20Asperger.CV.pdf>>. Acesso em: 15 dez de 2019.

ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil (parte 2). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, vol. 18, n.º 3, p. 519-539. 2015b. Publicado originalmente sob o título “Die 'autistischen psychopathen' in kindesalter” na Revista “Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten”, Berlim, 3 de junho de 1944. Disponível em: <<http://fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/revistas/Volume%2018/Setembro%202015/p.519-539.Os%20psicopatas%20autistas.CV.pdf>>. Acesso em: 15 dez de 2019.

ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil (parte 3). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, vol. 18, n.º 4, p. 704-727. 2015c. Publicado originalmente sob o título “Die 'autistischen psychopathen' in kindesalter” na Revista “Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten”, Berlim, 3 de junho de 1944. Disponível em: <<http://fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/RLPF%20dez%202015/p.704-727.Hans%20Asperger.Latino%20dez.15.CV.pdf>>. Acesso em: 15 dez de 2019.

ATHAYDE, R. Measuring Enterprise Potential in Young People. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, v. 33, n.2, p.481–500. 2009.

AUDRETSCH, D.B.; ACS, Z.J. New-firm startups, technology, and macroeconomic fluctuations. **Small Bus Econ.** v. 6, p. 439–449, 1994.

AUDRETSCH, D.; THURIK, A. Capitalism and democracy in the 21st Century: from the managed to the entrepreneurial economy. **J. Evol. Econ.** v 10, p. 17–34, 2000.

AUDRETSCH, D.; KEILBACH, M. Entrepreneurship capital and regional growth. **Ann. Reg. Sci.**, v. 39, p. 475-469, 2005.

AUDRETSCH, D.; DOHSE, D. Location: a neglected determinant of firm growth. **Rev. World. Econ.** v. 143, p. 79-107, 2007.

BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v.84, p.191-215. 1977.

BANDURA, A. Self-efficacy mechanism in human agency. **American Psychologist**, v.37, p.122-147. 1982.

BANDURA, A. Recycling misconceptions of perceived self-efficacy. **Cogn Ther Res**, v.8, p.231–255, 1984.

BANDURA, A. Organisational Applications of Social Cognitive Theory. **Australian Journal of Management**, v. 13, n. 2, p. 275–302, 1988.

BANDURA, A. **Self-efficacy**. In V. S. Ramachaudran (Ed.), *Encyclopedia of human Behavior*. v. 4, p. 71-81. New York: Academic Press. 1994 (Reprinted in H. Friedman [Ed.], *Encyclopedia of mental health*. San Diego: Academic Press, 1998).

BANDURA, A. Social cognitive theory: an agentic perspective. **Asian Journal of Social Psychology**. v. 2, 1999.

BANDURA, A. Social cognitive theory: na agentic perspective. **Annual Review of Psychology**. v. 52, n.1, p.1-26, 2001.

BANDURA, A. **The evolution of social cognitive theory**. In: Smith, K.G.; Hitt, M.A. **Great minds in management**. Oxford University Press, p. 9-35. 2005.

BANDURA, A.; ADAMS, N.E. Analysis of self-efficacy theory of behavioral change. **Cogn Ther Res**. v. 1, p. 287–310, 1977.

BANDURA, A.; ADAMS, N.E.; HARDY, A.B. *et al.* Tests of the generality of self-efficacy theory. **Cogn Ther Res**, v. 4, p. 39–66. 1980.

BAKER, M.J. Selecting a research methodology. **The marketing review**. v. 1, p.373-397. 2001.

BANKS, M. G. An extension of the Hirsch index: indexing scientific topics and compounds. **Ithaca**: Cornell University. 2006. Disponível em: [http:// www.arxiv.org/abs/physics/0604216](http://www.arxiv.org/abs/physics/0604216). Acesso em: 2 de mar. de 2020.

BAR-ILAN, J. Which h-index? – A comparison of WoS, Scopus and Google Scholar. **Scientometrics**. v. 74, n. 2. p. 257–271. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, Portugal. 2010.

BARLACH, L. Comportamento empreendedor: um estudo empírico baseado no referencial de McClelland. **ReCaPe - Revista de Carreiras e Pessoas**. v.4, n.3, Set-Dez, 2014.

BARINI FILHO, U.; CARDOSO, O. A abordagem cognitiva na formação da competência empreendedora: o caso da Odebrecht. **Administração em Diálogo**, São Paulo, n. 5, p. 65-76, 2003.

BARON, R. A. Cognitive Mechanisms in entrepreneurship: why and when entrepreneurs think differently than other people. **Journal of Business Venturing**. v. 13, p.275–294. 1998.

BARROS, M.; SANTOS, A. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 112, p. 1-9, 2010.

BENEVIDES, J. C. Impacto das perturbações do espectro do autismo nas figuras parentais. Universidade Fernando Pessoa. **Dissertação**. 2014.

BIALER, M. Um estudo descritivo do funcionamento psíquico de uma autista. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37 n.4, p.1025-1036. Out-dez. 2017.

BLEULER, E. **Dementia praecox ou groupe des schizophrénies**. Paris: Epel; Clichy: Grec. 1993.

BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. 1988.

BRASIL. **Lei nº. 13.146 de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em 5 de março de 2019.

BRASIL. **Projeto de Lei 6.159/2019**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2230632>
Acesso em: 24 de fev. de 2020.

BRASIL. **Lei nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm. Acesso em 25 de fev. de 2020.

BRASIL. **Lei nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8213cons.htm. Acesso em 25 de fev. de 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13146.htm. Acesso em 15 de mar. de 2020.

BOTTINO, C.; DIAS, C.; DIB, S. K. **Empreendedorismo: Matéria Eletiva**. Rio de Janeiro: Publit Editora, 2006.

BURY, S. M.; HEDLEY, D.; ULJAREVIC, M.; EVNAT, G. The autism advantage at work: A critical and systematic review of current evidence. **Research in developmental disabilities**, v. 105, 2020.

CAMOZZATO, S. et al. Orientação empreendedora, autoeficácia dos gestores e satisfação com o desempenho: um estudo em empresas incubadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 19, n. 48, pp. 68-83, ago. 2017.

CARLAND III, J. W. et al. Risk taking propensity among entrepreneurs, small business owners and managers. **Journal of Business and Entrepreneurship**, v. 7, n. 1, p. 15, 1995.

CARLAND, J.W.; CARLAND, J.C. A model of potential entrepreneurship: Profiles and educational implications. **Journal of Small Business Strategy**, v. 8, n. 1, p. 1-14, 1997.

CARLAND, J. W.; CARLAND, J.C.; ENSLEY, M. D. Hunting the Heffalump: the theoretical basis and dimensionality of the Carland Entrepreneurship Index. **Academy of Entrepreneurship Journal**, v. 7, n. 2, p. 51-84, 2001.

CARTILHA DO CENSO 2010 – PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

CARVALHO, R.A. Análise de cocitação de autores: aspectos metodológicos e comparação com a análise de cocitação de documentos. 2019. 200 f. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2019.

CHEN, C.C.; GREENE, P. G.; CRICK, A. Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? **Journal of Business Venturing**. v.13, n.4, p.295–316, 1998.

CHIEH, N.; ANDREASSI, T. Intraempreendedorismo: um estudo de caso sobre o entendimento e a aplicação do termo em uma instituição bancária. **RECADM**, v. 7, n.2, p. 1-12. nov. 2008.

COSTA, B.R.L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. v.7, n. 1, p.15-37. jan/abr. 2018.

COSTA, H. G. **Introdução ao método de análise hierárquica**: análise multicritério no auxílio à decisão. Niterói, RJ, 2002.

CZECH, H. Hans Asperger, National Socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. **Molecular Autism**. v. 9, n. 29, 2018.

DAVID, D. E. H. **Intraempreendedorismo social**: perspectivas para o desenvolvimento social nas organizações. Florianópolis, 2004.

DE ARAÚJO, J.C. et al. Cuidar de crianças autistas: experiências de familiares. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 2, p. e2138-e2138, 2020.

DEFICIENTE SIM, SUPERAR SEMPRE. **Autismo e empreendedorismo**. Disponível em: <https://deficientesimsuperarsempre.wordpress.com/2014/08/13/empreendedorismo-a-resposta-para-alguns-com-autismo/>. Acesso em 2 de março de 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, p. 15-41, 2006.

DEVI, B.; KHANDELWAL, B.; DAS, M. Application of Bandura's social cognitive theory in the technology enhanced, blended learning environment. **International Journal of Applied Research**. v. 3, n.1, p. 721-724. 2017.

DINI, A. Autismo: 1 em cada 59 crianças está dentro do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Crescer**. Publicada em 8 de maio de 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2018/04/autismo-1-em-cada-59-criancas-estao-dentro-do-espectro-autista.html>. Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. 1ª.Ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

DRUCKER, J.; GOLDSTEIN, H. Assessing the Regional Economic Development Impacts of Universities: A Review of Current Approaches. **International Regional Science Review**. v. 30, n. 1, p. 20-46, 2007.

DSM-5. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5th edition. American Psychiatric Association. 2017.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre. Artmed, 2014.

DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Biblioteca aberta de ensino superior. Disponível em: <http://baes.ua.pt/handle/10849/232>. Acesso em: março de 2020.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **Cies e-working paper**. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. 2009. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

DURVAL, R. As esquizofrenias segundo Eugen Bleuler e algumas concepções do século XXI. **Revista Rev. Psiq.**, São Paulo, v. 25, 2011.

ELKIS, H. A evolução do conceito de esquizofrenia neste século. **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 22, p. 23-26, Mai, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462000000500009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 de dezembro de 2019.

FADDA, G. M.; CURY, V. E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Psicologia em Estudo**, v. 21. n. 3. Jul-set. p. 411-423. 2016.

FAYOLLE, A.; LIÑAN, F. The future of research on entrepreneurial intentions. **Journal of Business Research**. v. 67, n.5, p. 663-666, mai, 2014.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B.; LASSAS-CLERC, N. Assessing the impact of entrepreneurship education programs: a new methodology", **Journal of European Industrial Training**, v. 30, n. 9, p. 701-720. 2006.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Attitudes and Intention: Hysteresis and Persistence. **Journal of Small Business Management**. v. 53, n.1. 2015.

FEIJÓ, N. Lei das Cotas ainda é desafio para as empresas. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre. 2016. Disponível em:
https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/11/cadernos/empresas_e_negocios/533695-lei-de-cotas-ainda-e-desafio-para-as-empresas.html. Acesso em: 24 de maio de 2019.

FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras Estudos Midiáticos**. v. 16. n. 2, 2014.

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 39, n. 4, p 6-20, 1999a.

FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenas empresas. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999b.

FILION, L. J. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **RAE Light**. v. 7, n. 3, p. 2-7, jul./set. 2000.

FISCHER, R. M. O círculo do poder – Práticas invisíveis de sujeição nas organizações complexas. In: FLEURY, M.T.L.; FISCHER, R. M. **Cultura e Poder nas Organizações**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1996.

FLEURY, M.T.L. et al. Entre a Antropologia e a Psicanálise: dilemas metodológicos dos estudos sobre cultura organizacional. **Revista de Administração**. São Paulo. v. 32, n. 1, p.23-37, 1997.

FLEURY, M.T.L.; FISCHER, R. M. **Cultura e Poder nas Organizações**. 2ed. São Paulo : Atlas, 1996.

FLICK, U. Qualitative Research in Sociology in Germany and the US – State of the Art, Differences and Developments. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum Qualitative Social Research**, n. 6, v. 3, 2005.

FLICK, U. **Desenho de pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLSTEIN, S.; RUTTER, M. Infantile autism: a genetic study of 21 twin pairs. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, n. 18, v.4, p. 297–321, 1977.

FRITSCH, M.; MUELLER, P. Effects of New Business Formation on Regional Development over Time, **Regional Studies**, v. 38, n. 8, p. 961-975, 2004.

FRITSCH, M.; BRIXY, U.; FALK, O. The Effect of Industry, Region, and Time on New Business Survival – A Multi-Dimensional Analysis. **Rev Ind Organ**. v. 28, p. 285–306, 2006.

FRITSCH, M.; MUELLER, P. The persistence of regional new business formation-activity over time—Assessing the potential of policy promotion programs. **Journal of Evolutionary Economics**, v. 17, n. 3, p. 299–315. 2007.

FRITSCH, M. How does new business formation affect regional development? Introduction to the special issue. **Small Bus Econ**, v. 30, p.1–14, 2008.

FRITSCH, M.; SCHROETER, A. Why does the effect of new business formation differ across regions? **Small Bus Econ**. v.36, p.383–400, 2011.

FRITSCH, M. New Business Formation and Regional Development: A Survey and Assessment of the Evidence, **Foundations and Trends in Entrepreneurship**. v. 9, n. 3, p. 249-364. 2013.

FRITSCH, M.; WYRWICH, M. The effect of entrepreneurship on economic development—an empirical analysis using regional entrepreneurship culture, **Journal of Economic Geography**. v. 17, n. 1, p. 157-189. Jan. 2017.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**. n. 2, v. 80. 2004.

GARTNER, W. Who Is an Entrepreneur? Is the Wrong Question. **American Journal of Small Business**, v.12, n. 4, p. 11-32, Abr. 1988.

GARTNER, W. What are we talking about when we talk about entrepreneurship? **Journal of Business Venturing**. v.5, n. 1, p.15-28, jan, 1990.

GARTNER, W.; DAVIDSSON, P.; ZAHRA, S. Are you Talking to Me? The Nature of Community in Entrepreneurship Scholarship. v.30, n.3, p. 321-331, 2006.

GARTNER, W. Entrepreneurial narrative and a science of the imagination. **Journal of Business Venturing**. v. 22, n. 5, p. 613-627, Set, 2007.

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 10, v. 21, p. 3061-3070, 2016.

GEURTS, H. M.; CORBETT, B.; SOLOMON, M. The paradox of cognitive flexibility in autism. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 13, n.2, p. 74–82, 2009.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, 1995.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E.F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais. 1999.

GONDIM, S.M.G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12 n. 24, p.149-161, 2003.

GOULDING, C. Grounded theory, ethnography and phenomenology: a comparative analysis of three qualitative strategies for marketing research. **European Journal of Marketing**. v. 39, n.3/4, p. 294-308, 2005.

GOZZI, J.; OLIVEIRA, J. C. Autismo e Trabalho: Reflexões. **Transformações na Modernidade**. v. 1, n. 1, 2019.

GRÁCIO, M.C.C.; OLIVEIRA, E.F.T. Análise de cocitação de autores: um estudo teórico-metodológico dos indicadores de proximidade, aplicados ao GT7 da ANCIB. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 196-213, 2013.

GRANDIN, T. **About Temple Grandin**. 2019. Disponível em: <https://www.templegrandin.com>. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

GRANDIN, T. **O mundo precisa de todos os tipos de mentes**. TED 2010. Disponível em: https://www.ted.com/talks/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds?language=pt-br. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **O cérebro autista**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

GRANT, M. **The passing of the great race**. Charles Scribner's Sons. New York, 1916. Disponível em: <http://www.solargeneral.org/wp-content/uploads/library/passing-of-the-great-race-madison-grant.pdf>. Download em: 5 de março de 2019.

GROTBERG, E.H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A. OJEDA, E.N.S. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HARADA, N. Potential Entrepreneurship in Japan. **Small Business Economics**. v. 25, p. 293–304, 2005.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM Editores S.A., 2018.

HAIR JR, J. F.; BLACK, W.C.; BABIN, B.J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HASHIMOTO, M. Organizações intraempreendedoras: construindo a ponte entre clima interno e desempenho superior. 2009. 364 f. **Tese** (doutorado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. 2009.

HAYES, J.; ALLINSON, C.W. Cognitive style and its relevance for management practice. **British Journal of Management**. v. 5, n.1, p. 53-71, 1994.

HENS, K.; ROBEYNS, I.; SCHAUBROENCK, K. The ethics of autism. **Philosophy Compass**. v.14, n. 12559, 2019.

HEDLEY, D.; WILMOT, M.; SPOOR, J.; DISSANAYAKE, C. **Benefits of employing people with autism: The dandelion employment program.** 2017.

HIRSCH, J. E. An index to quantify an individual's scientific research output. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 102, n. 46, p. 16.569-16.572, 2005.

HISRICH, R.; PETERS, M.; SHEPHERD, D. **Empreendedorismo.** 7.ed – Porto Alegre: Bookman, 2009.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

HOBOLD, G.; DE NEZ, J.; BUSSOLO, R.; A inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho no município de São Ludgero – SC. **II Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior.** Jun. 2018.

HOFSTEDE, G. Cultural dimensions in management and planning. **Asia Pacific J Manage.** v. 1, p. 81-99, 1984.

HOFSTEDE, G. **Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental.** Sílabo : Lisboa, 2003.

INÁCIO JÚNIOR, E.; GIMENEZ F.A.P. Potencial Empreendedor: um instrumento para mensuração. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 107-116, abr-jun. 2004.

JOHANNISSON, B. Business formation - a network approach. **Scandinavian Journal of Management.** v. 4, n.3-4, p. 83-99, 1988.

JOHANNISSON, B. Community entrepreneurship - cases and conceptualization. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 2, n. 1, p.71-88, 1990.

JOHANNISSON, B. Paradigms and entrepreneurial networks—some methodological challenges, **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 7, n. 3, p. 215-232, 1995.

JOHANNISSON, B., MONSTED, M. Contextualizing Entrepreneurial Networking. **International Studies of Management & Organization.** v. 27, n. 3, p. 109-136, 1997.

JOHNSTON, M. Strategy 'Off the Shelf'. **Long Range Planning**, v. 29, n. 3, p. 405-411, 1996.

JONES, D.R.; PATTON, D. An academic challenge to the entrepreneurial university: the spatial power of the 'Slow Swimming Club'. **Studies in Higher Education.** v. 45, p. 375-389, 2018.

JUNIOR, E. I.; GIMENEZ, F. A. P. Potencial Empreendedor: um instrumento para mensuração. **Revista de Negócios.** Blumenau- SC. 2004.

KANNER, I. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2, p.217-250. 1943.

KICKUL, J.; GUNDRY, L.K.; BARBOSA, S.D.; WHITCANACK, L. Intuition Versus Analysis? Testing Differential Models of Cognitive Style on Entrepreneurial Self-Efficacy and the New Venture Creation Process. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 2, p. 439–453, 2009.

KING, A. S. Self-Analysis and Assessment of Entrepreneurial Potential. **Simulation Gaming**. v.16, 1985.

KLAUTAU, P.; WINOGRAD, M.; BEZERRA JR., B. Normatividade e plasticidade: algumas considerações sobre a clínica psicanalítica com pacientes neurológicos. **Rev. Mal-Estar Subj. Fortaleza**. v. 9, n. 2, p. 551-574, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482009000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 5 de março de 2019.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev Bras Psiquiatr**. v. 28 (Supl I), 2006.

KOLB, A. Y.; KOLB, D. A. Learning styles and learning spaces: Enhancing experiential learning in higher education. **Academy of management learning & education**, v. 4, n. 2, p. 193-212, 2005.

KRUEGER, N. The Impact of Prior Entrepreneurial Exposure on Perceptions of New Venture Feasibility and Desirability. v. 18, n. 1, p. 5-21, 1993.

KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. **Entrepreneurship: Theory and Practice**. v. 18, n. 3, p. 91–104. 1994.

KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. Potencial Empreendedor e empreendedores em potencial. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 7, n. 2, p. 201-226, Mai-Ago, 2018.

KRUEGER, N.; DICKSON, P. How Believing in Ourselves Increases Risk Taking: Perceived Self-Efficacy and Opportunity Recognition. **Decision Sciences**. v. 25, n. 3. 1994.

KRUEGER, N.; Encouraging the identification of environmental opportunities. **Journal of Organizational Change Management**, v. 11, n. 2, p. 174-183. 1998.

KRUEGER, N. The Cognitive Infrastructure of Opportunity Emergence. **Entrep. Theory Pract**. v. 24, n. 3, p. 5-24, 2000.

KRUEGER, N. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs: 25 years on. **Journal of the International Council for Small Business**, v. 1, n. 1, p. 52-55, 2020.

KURATKO, D. The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. **Entrepreneurship theory and practice**. v. 29, n.5, p. 577-597, 2005.

KURATKO, D.; IRELAND, D.; COVIN, J. A Model of Middle–Level Managers’ Entrepreneurial Behavior. **Entrepreneurship theory and practice**. v. 29, n. 6, p. 699-716, 2005.

KURATKO, D.; HORNSBY, J.; COVIN, J. Diagnosing a firm's internal environment for corporate entrepreneurship. **Business Horizons**. v. 57, n. 1, p. 37-47, 2014.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. Cognitive Appraisal Processes. *In*: LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Estresse, appraisal and coping**. Springer Publishing Company, New York, Chapter 2, p. 22-54, 1994.

LAZZERI, F. Sobre o conceito de comportamento: alguns breves comentários. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 9, n. 2, 2015.

LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo : Ed. 34, 1996. (7ª reimpressão: 2005).

LIÑÁN, F.; SANTOS, F.J. Does Social Capital Affect Entrepreneurial Intentions?. **Int Adv Econ Res**. v. 13, p. 443–453, 2007.

LIÑÁN, F. Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? **Int Entrep Manage**. v. 4, p. 257–272, 2008.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. Development and Cross–Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. v. 33, n. 3, p. 593-617, 2009.

LIÑÁN, F.; RODRÍGUEZ-COHARD, J.C.; RUEDA-CANTUCHE, J.M. Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. **Int Entrep Manag**. v. 7, p. 195–218, 2011.

LOYD, D. Obtaining consent from Young people with autism to participate in research. **British Journal of Learning Disabilities**, v. 41, p. 133–140, 2012.

MACEDO, M. A. S.; CASA NOVA, S. P.; ALMEIDA, K. Mapeamento e análise bibliométrica da utilização da análise envoltória de dados (DEA) em estudos das áreas de contabilidade e administração. *In*: Encontro da Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em Administração, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

MACHADO, R. N. Estrutura intelectual da literatura científica do Brasil e outros países dos BRICS: uma análise de cocitação de periódicos na área de célula-tronco. **Tese**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

MADUREIRA, A.F.; BRANCO A.U. A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. **Temas em psicologia da SBP**. v. 9, n. 1. p. 63-75. 2001. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n1/v9n1a07.pdf>. Acesso em 1 de março de 2019.

MARQUES, C. S.; MARQUES, M. L.; MAIA, L. F. S. Transtorno do Espectro Autista. **Revista Atenas Higeia**, v. 2, n. 2, p. 15-21, 2020.

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, v. 20, n. 35, p. 201-208, 2014.

MASOTI, D.R. Autoeficácia e autorregulação acadêmica contribuindo para a previsão da evasão escolar. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.2, 2014.

MATTAR, J. **Metodologia científica na era da informática**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MAZZOTTA, M.J.S. **Fundamentos da Educação Especial**. São Paulo: Série Cadernos de Educação, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1982.

McCAIN, K. W. Mapping Authors in Intellectual Space: A Technical Overview. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 41, n. 66, p. 433-443, 1990.

MCCLELLAND, D. C. **The Achieving Society**. New York: The Free Press, 1961. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015020810936;view=1up;seq=18>. Acesso em 19 de fevereiro de 2019.

MCCLELLAND, D. N achievement and entrepreneurship: A longitudinal study. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 1, n. 4, p. 389–392. 1965.

MCCLELLAND, D. C. Characteristics of Successful Entrepreneurs. **The Journal or Creative Behavior**, v. 21, n. 3. p. 219-233, 1987.

MEDEIROS, K.S.; COSTA, E. S.; OLIVEIRA, M.R. Morte: o processo de luto. **Psicologia.pt**. 2020.

MIGUEL, S.; MOYA-ANEGON, F.; HERRERO-SOLANA, V. A new approach to institutional domain analysis: Multilevel research fronts structure. **Scientometrics**, v. 74, n. 3, p. 331-344, 2008.

MINAYO, M. C.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R.(Ed.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2005.

MINELLO, I. F. Resiliência e insucesso empresarial: um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio. 2010. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Cresce número de empregos formais para pessoas com deficiência**. Data da publicação: 18 de outubro de 2018. <http://trabalho.gov.br/noticias/6607-cresce-numero-de-empregos-formais-para-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em 7 de fevereiro de 2019.

MIRANDA, A. A. B. História, deficiência e educação especial. Reflexões desenvolvidas na tese de doutorado: A Prática Pedagógica do Professor de Alunos com Deficiência Mental. **Unimep**. 2003. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8634951-Historia-deficiencia-e-educacao-especial-1.html>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

MIRANDA, A. A. B. Educação especial no Brasil: desenvolvimento histórico. **Cadernos de História da Educação**. n.7. jan./dez, 2008.

MITCHELL, W. D. The “new” middle manager: unleashing entrepreneurial potential. **Canadian Public Administration**. v. 32, n. 2, p.234–243, 1989.

MUELLER, S. L.; THOMAS, A.S. Culture and entrepreneurial potential: a nine country study of locus of control and inovativeness. **Journal of Business Venturing**. v. 16, v.1, p.51–75, 2000.

MUOTRI, A. **Incluindo autistas na ciência**. Publicado em 3 de março de 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/espisal/2011/11/03/incluindo-autistas-na-ciencia/> Acesso em 02 de março de 2019.

MUSSONS-TORRAS, M.; TARRATS-PONS, E. Modelo de credibilidad emprendedora en estudiantes de educación postobligatoria. **3C Empresa. Investigación y pensamiento crítico**. v. 8, n.4, p. 51-71, 2019.

MYGATT, A. New Research on Autism. **Anthropology News**, 2007.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 2009. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

NASCIMENTO, B.D.P.S.; SAMPAIO, C.R.B.; VASCONCELOS, B.R.T. Resiliência: notas epistemológicas, teóricas e críticas. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 25, n. 2, jul-dez, p. 814-845, 2020.

NASCIMENTO, S.; LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Características empreendedoras e desempenho organizacional: uma análise com gestores de empresas incubadas. **IX EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. Passo Fundo/RS, 2016.

NATIONAL AUTISM CENTER. **Evidence-Based Practice Autism in the Schools**: a guide to providing appropriate interventions to students with autism spectrum disorders. USA. 2011.

NETO, B. S. Contribuição e Elementos para um Metamodelo Empreendedor Brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do virador. 2008. 314 f. **Tese** (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

NGWABA, U. Getting it right with health: foreign direct investment as Africa’s best chance to achieve the health targets of Agenda 2030 sustainably? **Australasian Review of African Studies**. v. 40, n. 2, p. 90-140, 2019.

OIT. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/oit-no-brasil>. Acesso em 10 de março de 2019.

OJEDA, E.N.S. Perfil del niño resiliente. **Seminario Internacional sobre aplicación del concepto de resiliencia em proyectos sociales**. Universidad Nacional de Lanús. Fundación Bernard van Leer, 1997.

OLIVEIRA, E. F. T.; ALVES, B. H. Cosseno de Salton, Índice de Jaccard e Correlação de Pearson: comparando índices normalizados e absolutos em análise de cocitação de autores. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, p. 235-253, Edição Especial 5 EBBC, 2017.

OLIVEIRA, L. C.; CAVALLI, V. T.; GUIDUGLI, S. T. Política pública de inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho: algumas considerações sobre sua formulação,

implementação e avanços de 2001 até 2015. **Planejamento e políticas públicas**. n. 48. jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il.

ONU. **Transformando Nosso Mundo**: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 27 de julho de 2020.

ORTEGA, F. The Cerebral Subject and the Challenge of Neurodiversity. **Bio Societies**, n.4, p.425–445. London School of Economics and Political Science. 2009.

PALMER, M. The Application of Psychological Testing to Entrepreneurial Potential. **California Management Review**. v. 13. v.3, 1971.

PEBMED. Portal de Medicina. **Classificação Internacional de Doenças**. Disponível em: <https://pebmed.com.br/cid10/transtornos-globais-do-desenvolvimento/>. Acesso em 31 de dezembro de 2019.

PELLICANO, L. A future made together: new directions in the ethics of autism research. In. Research in special needs and inclusive education: the interface with policy and practice. **Journal of Research in Special Educational Needs**. v. 14, n. 3, p. 192–218, 2014.

PENNA, E. C. G. Qualidade de vida de mães de pessoas com o diagnóstico de Autismo. **Caderno de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. 2006.

PEREIRA, M. E. C. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, n. 3, v.1, p.158-163. 2000.

PFEIFFER, B.; BRAUN, K.; KINNEALEY, M.; DERSTINE MATCZAK, M.; POLATAJKO, H. Environmental factors impacting work satisfaction and performance for adults with autism spectrum disorders. **Journal of Vocational Rehabilitation**. v. 47, n. 1, p. 1-12, 2017.

PROJETO EDUCAÇÃO E ATITUDE EMPREENDEDORAS (PEAE). **Depoimentos de pais e professores dos alunos da educação fundamental que participam do projeto**. Disponível no arquivo do grupo de pesquisa GPECOM/UFSM. Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

RAAB, G.; STEDHAN, Y.; NEUNER, M. 2005. Entrepreneurial Potential: An Exploratory Study of Business Students in the U.S. and German. **Journal of Business and Management**, v. 11, n. 2, p.71–88. 2005

RAMOS, M. **O impacto do autismo na sociedade**. Grupo Conduzir. 2017. <https://www.grupoconduzir.com.br/2017/06/o-impacto-do-autismo-na-sociedade/>. Acesso em 2 de fevereiro de 2019.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais 2018. Ministério da Economia. Out. 2019.

REIO, T. Nonexperimental research: strengths, weaknesses and issues of precision, **European Journal of Training and Development**, v. 40, n. 8/9, p. 676-690, 2016.

- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.
- ROBISON, J. E. **Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- ROSTAIN, H. La bibliométrie et ses techniques. Toulouse: **Sciences de La Société**; Marseille: Centre de Recherche Rétrospective de Marseille, v. 38, p. 7-121, 1996.
- RUSSEL, G.; KAPP, S. K.; ELLIOTT, D.; ELPHICK, C.; GWERNAN-JONES, R.; OWENS, C. Mapping the autistic advantage from the accounts of adults diagnosed with autism: a qualitative study. **Autism in Adulthood**. v. 1, n. 2. p. 124–133, 2019.
- RUTTER, M. Resilience concepts and findings: implications for family therapy. **Journal of Family Therapy**. v. 21, p. 119-144, 1999.
- SAATY, T.L. Decision making with the analytic hierarchy process. **International journal of services sciences**, Pittsburgh – USA. 2008.
- SALKIND, N. J. **Encyclopedia of research design**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications. 2010.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 2006.
- SANTOS, P.C.F.. Uma escala para identificar Potencial Empreendedor. 2008. 364 f. **Tese**. (Doutorado em Engenharia de Produção) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- SANTOS, S.C.; CAETANO, A.; CURRAL, L. Psychosocial aspects of entrepreneurial potential. Portugal. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/7849>. 2014.
- SAP. **Inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo no ambiente profissional**. Disponível em: <https://news.sap.com/brazil/2019/04/inclusao-de-pessoas-com-transtorno-do-espectro-do-autismo-no-ambiente-profissional-bl0g/>. Acesso em 22 de abril 2020.
- SARASVATHY, S. D.; DEW, N.; VELAMURI, S.R.; VENKATARAMAN, S. Three views of entrepreneurial opportunity. Handbook of entrepreneurship research, 2003. n: ACS, ZOLTAN, J.; AUDRETSCH, D. B. (Ed.). **Handbook of entrepreneurship research**. Dordrecht: Kluwer, 2003.
- SCHUMPETER, J. The creative response in economic history. **The Journal of Economic History**. v. 7, n.2, p. 149-159. 1947.
- SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, socialism and democracy**. New York: Harper, 1984.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Editora Nova Cultural. 1997.

SHANE, S. Why do some societies invent more than others? **Journal of Business Venturing**. v. 7, n.1, p.29-46, 1992.

SHANE, S. Cultural influences on national rates of innovation. **Journal of Business Venturing**. v. 8, n.1, p. 59–73, 1993.

SHANE, S. Explaining Variation in Rates of Entrepreneurship in the United States: 1899-1988. v. 22, n. 5, p. 747-781, out, 1996.

SHANE, S. Prior Knowledge and the Discovery of Entrepreneurial Opportunities. v. 11, n. 4, p. 367-472, 2000.

SHANE, S.; LOCKEA, E.; COLLIN, C. Entrepreneurial motivation. **Human Resource Management Review**. v. 13, n. 2, Summer 2003, p. 257-279, 2003.

SHANE, S.; CHERKAS, N.; SPECTOR, T. D. Genetics, the Big Five, and the tendency to be self-employed. **J. Appl Psychol**. v. 95, n. 6, p.1154-62. 2010.

SHEIN, E. Hiring from the Autism Spectrum. **Communications of the ACM**. v. 63, n.6. jun. 2020.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SILBERMAN, S. **NeuroTribes**. The legacy of autism and the future of neurodiversity. Avey. New York, 2015.

SILVA, M. R. Análise bibliométrica da produção científica docente do programa de pós-graduação em educação especial/UFSCar: 1998-2003. 168f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

SILVA, S. Características comportamentais empreendedoras: um estudo comparativo entre empreendedores e intraempreendedores. **Dissertação**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2006. 57f.

SOUZA, G. H. S.; SANTOS, P.C.F.; LIMA, N.C.; CRUZ, N.J.T. LEZANA, A.G.R.; COELHO, J.A.P.M. Escala de Potencial Empreendedor: evidências de validade fatorial confirmatória, estrutura dimensional e eficácia preditiva. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 324-337, 2017.

SOUZA, G. H. S.; SANTOS, P.C.F.; CRUZ, N.J.T.; LEZANA, A.G.R.; LIMA, N.C. O Potencial Empreendedor e o sucesso empresarial: um estudo sobre elementos de convergência e explicação. **XVII SEMEAD**. Out. 2014.

SRINIVASARAGHAVAN, R.; KOSHY, B.; DEVARAJAN, C.; BEULAH, R.; GLORY, L.; MANOHARAN, M. The impact of Autism Spectrum Disorder in comparison with other neurodevelopmental disorders in children on the family: single centre experience. **Indian Journal Psychology Med**. v. 42, 2020.

TAMANAH, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B.M. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Ver. Soc. Bras. Fonoaudiol.** v. 13, n. 3, p. 296-299. 2008.

TEMPLE Grandin. Direção: Mick Jackson. Produção: HBO. Estados Unidos: HBO, 2010. DVD. 2010.

TENÓRIO, F. Psicose e esquizofrenia: efeitos das mudanças nas classificações psiquiátricas sobre a abordagem clínica e teórica das doenças mentais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 941-963, out./dez. 2016.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo**. 2. ed, Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

TIME. Medicine: frosted children. **Time**. 1948. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,798484,00.html>. Acesso em 28 de dezembro e 2019.

TENNIS, J. T. Two axes of domains for domains analysis. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 3/4, p. 191-195, 2003.

TONELLO, L.; GIACOBBI, L.; PETTENON, A.; SCUOTTO, A.; COCCHI, M.; GABRIELLI, G. C. Crisis behavior in Autism Spectrum Disorders: a self-organized criticality approach. **Complexity**, vol. 2018, Article ID 5128157, 7 pages, 2018.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 108 p. 1986.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11ª ed., São Paulo, Cortez, 107 p. 2002.

TRIPODI, S; BENDER, K. Descriptive studies. **The handbook of social work research methods**, v. 2, p. 120-130, 2010.

TSE, D. C. K.; NAKAMURA, J.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Beyond challenge-seeking and skill-building: Toward the lifespan developmental perspective on flow theory. **The Journal of Positive Psychology**, 2019.

URBAN, B.; NDOU, B. Informal entrepreneurship: a focus on South African township entrepreneurs. **Journal of Developmental Entrepreneurship**. 2019.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. **VOSViewer Manual**. Universiteit Leiden. 2019.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Software survey: VOSViewer, a computer program for bibliometric mapping. **Scientometrics**, v. 84, p. 523–538, 2010.

VANZ, S. A. de S.; CAREGNATO, S. E. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em Questão**, v. 9, n. 2, p.295-307, 2003.

VIEIRA, V. A. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. **Rev. FAE**, Curitiba, v.5, n.1, p.61-70, 2002.

VILLARROEL, A. **Neurotípico o neuroatípico**. Sensory / Maestra de Colores. Venezuela. Publicado em fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.maestrade colores.com.ve/neurotipico-o-neuroatipico/>. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

VOLKMAR, F. LORD, C. Diagnosis and definition of autismo and other pervasive developmental disorders. In: VOLKMAR, F. **Autism and pervasive developmental disorders**. Cambridge University Press. 1988.

WATSON, K.; MCGOWAN, P. Rethinking competition-based entrepreneurship education in higher education institutions: Towards an effectuation-informed competition model. *Education + Training*. v. 62, n. 1, p. 31-46. 2019.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

WILLIAMS, B.; ONSMAN, A.; BROWN, T. Exploratory factor analysis: A five-step guide for novices. *Australasian Journal of Paramedicine*, v. 8, n. 3, 2010.

WILLIAMS, C. The undeclared sector, self-employment and public policy", **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 11, n 4, p. 244-257. 2005a.

WILLIAMS, C. Surviving Post-Socialism: Coping Practices in East-Central Europe, **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 25, n.9, p. 65-77. 2005b.

WILLIAMS, C.; ROUND, J.; RODGERS, P. Beyond the formal/informal economy binary hierarchy. *International Journal of Social Economics*. v. 34, p. 402-414, 2007a.

WILLIAMS, C., Socio-spatial variations in the nature of entrepreneurship, **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, v. 1 n. 1, p. 27-37. 2007b.

WILLIAMS, C.; ROUND, J. Evaluating the Penetration of Capitalism in Postsocialist Moscow. **American Journal of Economics and Sociology**. v. 67, n. 2, 2008.

WILLIAMS, C. Informal entrepreneurs and their motives: a gender perspective, **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 1, n. 3, p. 219-225. 2009.

WILLIAMS, C.; NADIN, S. Entrepreneurship and the informal economy: an overview. **Journal of Developmental Entrepreneurship**. v. 15, n. 4, p. 361-378, 2010.

WILLIAMS, C.; NADIN, S. Evaluating the Nature of the Relationship between Informal Entrepreneurship and the Formal Economy in Rural Communities. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**. v. 12, n. 2, p. 95-103, 2011.

WILLIAMS, C.; SHAHID, M. Informal entrepreneurship and institutional theory: explaining the varying degrees of (in)formalization of entrepreneurs in Pakistan, **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 28, n. 1-2, p.1-25, 2016.

WILLIAMS, B.; ONSMAN, A.; BROWN, T. Exploratory factor analysis: a five-step guide for novices. **Australasian journal of paramedicine**, v. 8, n. 3, 2010.

WING, L. Asperger's syndrome: a clinical account. **Psychological Medicine**. n.11, v.1, 1981.

7 APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA – TEA

ROTEIRO DE ENTREVISTA – ESTUDO 2 - AUTISTAS		
Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento		
Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 19668919.2.0000.5346		
Objetivos do Estudo 2		
Geral: Identificar as similitudes entre o comportamento do indivíduo com TEA e o Potencial Empreendedor		
Específicos: - Elencar características comportamentais do autista - Verificar as manifestações de Potencial Empreendedor no comportamento do autista		
Dados complementares de Suporte		
1. Gênero ()M ()F 2. Idade:_____ 3. Idade diagnóstico:_____		
4. Formação:_____		
5. Profissão/trabalho:_____		
Questões de Pesquisa		
PARTE I	Quanto à história de vida	1. História de vida 2. Diagnóstico de autismo 3. Experiências e fatos marcantes 4. Cotidiano 5. Descoberta do autismo
PARTE II	Quanto ao Potencial Empreendedor	6. Planos para o futuro. 7. Capacidade de planejamento 8. Busca por novas experiências 9. Atividades favoritas 10. Criatividade
PARTE III	Quanto ao Autismo	11. Situações difíceis 12. Dificuldades (físicas, sensoriais, psicológicas) 13. Facilidade (físicas, sensoriais, psicológicas) 14. Experiência sensorial – ambiente -. 15. Ideias/raciocínio/pensamento 16. Aprendizado/cognição 17. Ansioso/nervoso/irritado
PARTE IV	Quanto ao apoio familiar educacional e social	18. Pessoa que mais ajuda e como. 19. Pessoa que mais fez diferença na tua vida. 20. Família. 21. Amigos.
PARTE V	Quanto ao Trabalho	22. Dia de trabalho. 23. Com o que quer trabalhar 24. O que os colegas precisam saber sobre você? 25. O que quer contar sobre o autismo?

8 APÊNDICE B – ROTEIRO ADAPTADO PARA ENTREVISTA POR ESCRITO

ENTREVISTA SOBRE AUTISMO

Idade:_____ Idade diagnóstico:_____

Formação:_____

Profissão/trabalho:_____

1. Fale sobre sua história de vida.
2. Quando foi diagnosticado com autismo?
3. Relate experiências e fatos marcantes da sua vida.
4. Como é o seu dia? O que faz todos os dias?
5. Quais seus planos para o futuro?
6. Quando você quer algo, como faz para planejar e realizar?
7. Você costuma experimentar coisas novas?
8. Tem dificuldade com mudanças?
9. Quais as maiores dificuldades que enfrenta por ser autista?
10. E o que é fácil para você? Que atividades você realiza com facilidade.
11. Como é a sua relação com o ambiente? O que te incomoda?
12. Como as ideias se formam na sua cabeça?
13. E como você aprende?
14. Fale sobre coisas que te deixam nervoso ou irritado.
15. Fale sobre as pessoas que te ajudam – família, amigos, ou outra pessoa.
16. Como é o seu dia de trabalho?
17. E o que as pessoas que trabalham com você precisam saber sobre você e sobre o autismo.

9 APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA - PAIS/MÃES

ROTEIRO DE ENTREVISTA – ESTUDO 3 - PAIS DE AUTISTAS		
Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento		
Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 19668919.2.0000.5346		
Objetivos do Estudo 3		
Geral: Verificar a influência do Potencial Empreendedor do responsável no desenvolvimento do autista		
Específicos: - Identificar Potencial Empreendedor no responsável pelo autista - Verificar o desenvolvimento do autista desde o diagnóstico		
Dados complementares de Suporte		
1. Gênero () M () F 2. Idade: _____ 3. Formação: _____ 4. Profissão: _____		
Questões de Pesquisa		
PARTE I	Quanto à história de vida	1. Fale sobre sua história de vida. 2. Conte experiências e fatos marcantes da sua vida. 3. Como foi o processo de diagnóstico e confirmação do autismo do seu filho (a)? 4. Fale sobre sua vida antes do autismo. 5. Fale sobre sua vida depois do diagnóstico.
PARTE II	Quanto ao Potencial Empreendedor	6. Quais são seus planos para o futuro? O que está fazendo para alcançá-los? 7. Quais as características que você acredita que ajudam no desenvolvimento do seu filho? 8. Há algo que você queria ter feito e não fez devido à condição do seu filho? 9. Como você gerencia o seu tempo? 10. Relate momentos em que você precisou ser criativo para resolver algum problema ou auxiliar o seu filho. 11. Você costuma buscar informações ou tratamentos diferenciados para seu filho? Como faz isso?
PARTE III	Quanto ao Autismo	12. Comente sobre alguma situação difícil que você viveu por ser responsável por um autista. 13. Relate momentos em que o autista surpreendeu. 14. Fale sobre o comportamento do seu filho (a). 15. Relate situações que você viveu por conta do autismo. 16. E o que o autismo te ensinou?
PARTE IV	Quanto ao apoio familiar educacional social	17. Fale sobre a sua família e a relação deles com o autismo. 18. Você se sentiu apoiado (a) após o diagnóstico? 19. Quais os momentos mais difíceis que você enfrentou? Como foi a sua reação nesses momentos? 20. Comente sobre pessoas que te auxiliam com o desenvolvimento do seu filho. 21. O que mudou no relacionamento familiar com o diagnóstico? Relate situações em que o apoio familiar ou a ausência de apoio ficaram evidenciados. 22. E qual o papel dos amigos na sua vida atualmente?

QUESTIONÁRIO PARA PRIORIZAR CRITÉRIOS DE SELEÇÃO EM EMPRESAS

Este instrumento serve para priorizar critérios de seleção adotados pelas organizações.
Atribua para cada critério e subcritério uma nota de 1 a 9, conforme indica a tabela a seguir:

VALOR	DEFINIÇÃO
1	Alguma importância
3	Importância pequena
5	Importância grande
7	Importância muito grande
9	Importância absoluta

Cr1	Assumir riscos calculados	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr1	Capacidade do colaborador de avaliar riscos.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr2	Cumprimento de prazos.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr3	Assumir riscos de novos projetos.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr2	Aproveita oportunidades	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr4	Identificar e aproveitar oportunidades.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr5	Fazer novas atividades.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr6	Aceitar mudanças.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr3	Atualização	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr7	Buscar por informações.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr8	Aplicar as informações nas tarefas.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr9	Buscar por novas formas de executar as tarefas.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr4	Administração do tempo	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr10	Dedicar-se ao trabalho.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr11	Organização das tarefas de modo a cumprir os prazos.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>

			SCr12	Perceber o tempo dedicado a cada tarefa.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr5	Necessidade de realizar sonhos/futuro	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr13	Necessidade de realização.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr14	Buscar autorrealização.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr15	Planos pessoais estruturados.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr16	Ser criativo.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr6	Criativo e observador da realidade em que vive	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr17	Percepção de soluções inovadoras	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr18	Questionamento se os métodos são adequados e permissão para desenvolvimento de novos métodos.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr19	Busca por novas maneiras de superar os desafios.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr7	Proatividade e dinamismo	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr20	Orientação a mudanças.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr21	Desenvolvimento de novas maneiras de realizar as tarefas.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr22	Capacidade de socialização.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr8	Comportamento	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr23	Facilidade de aprendizagem.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr24	Precisão na fala.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr25	Enfrentar a realidade de forma diferenciada.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr9	Pensamento	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr26	Pensar diferente.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr27	Raciocínio não usual.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr28	Capacidade de gerar resultado imediato.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
Cr10	Motivação para contratação	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>	SCr29	Capacidade de inovação.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>
			SCr30	Capacidade produtiva.	1 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/>

10 ANEXO A – TCLE TEA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Estudo: Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento. CAAE 19668919.2.000.5346 e parecer N. 3.570.217.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH)

Telefone e endereço: (55) 99644-9230. Av. Roraima n°1000, Prédio 74C, Sala 4213, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS.

Aplicação: indivíduos com Transtorno do Espectro Autista

TERMO IMPRESSO EM DUAS VIAS, UMA DAS QUAIS FICARÁ COM O PARTICIPANTE DA PESQUISA

Prezado(a) Participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: *Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento*, que tem por objetivo “analisar o Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, considerando a influência dos familiares e o preparo para exercício profissional”. É importante destacar que este estudo será realizado com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e seus familiares, visando identificar o Potencial Empreendedor e buscando, ao final da pesquisa, identificar formas de se desenvolver Potencial Empreendedor em autistas com vistas à inserção no mercado de trabalho. Também serão realizadas entrevistas com gestores de organizações que já contratam autistas, para identificar informações sobre o mercado de trabalho para a pessoa com deficiência e, através do cruzamento dos dados obtidos com todos os participantes, formatar uma nova perspectiva de desenvolvimento para autistas, com foco o desenvolvimento profissional.

Considera-se que o benefício da realização deste estudo está no fornecimento de subsídios para as empresas compreenderem a condição do autista no momento de contratação, identificando corretamente suas potencialidades e permitindo o desenvolvimento profissional do indivíduo. Além disso, espera-se, a partir dos conceitos de Potencial Empreendedor, indicar uma nova perspectiva para o desenvolvimento de autistas, envolvendo também o desenvolvimento dos familiares no preparo para o exercício profissional. Ao aceitar participar da pesquisa, você responderá à Escala de Comportamento Adaptativo, que será aplicada por uma educadora especial e por uma psicopedagoga e participará de uma entrevista semiestruturada contendo questões sobre autismo. O risco que estará submetido é o desconforto e cansaço devido ao tempo despendido durante a entrevista e preenchimento do questionário. Dessa forma, a desistência poderá ocorrer a qualquer momento, sendo possível a retirada deste consentimento sem penalidade alguma. A sua participação na pesquisa é livre e voluntária, não havendo nenhuma compensação financeira para isso e, também, não haverá custos para você. Ressalta-se ainda, que sua identidade permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa, principalmente no que tange à publicação dos resultados. Você terá garantias de esclarecimentos antes e durante o desenvolvimento do estudo.

Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com o prof. Dr. Italo Fernando Minello, pelo telefone (55) 99644-9230. Todos os dados coletados serão armazenados junto ao Grupo de Pesquisa Gestão Empreendedora e Comportamento Humano nas Organizações (GPECOM), sob a responsabilidade do prof. Dr. Italo Fernando Minello (pesquisador responsável), em armário da sala 4213, do prédio 74C do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, Campus da UFSM, CEP:97105-900, Santa Maria/RS, durante o período de 5 anos, estando a sua disposição a qualquer momento. Após esse período, os dados serão destruídos.

Eu, _____ (seu nome), após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, nascido(a) em ____/____/____, declaro ter sido informado (a) e concordo com a participação, do (a) meu filho (a) como participante, no Projeto de pesquisa “Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento”.

Santa Maria, 22 de novembro de 2019.

 Nome:
 Participante

 Nome:
 Responsável

 Prof. Dr. Italo Fernando Minello
 Pesquisador responsável

11 ANEXO B – TCLE PAIS/MÃES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Estudo: Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento. CAAE 19668919.2.000.5346 e parecer N. 3.570.217.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH)

Telefone e endereço postal completo: (55) 99644-9230. Av. Roraima nº1000, Prédio 74C, Sala 4213, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS.

Aplicação: familiares de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista

TERMO IMPRESSO EM DUAS VIAS, UMA DAS QUAIS FICARÁ COM O PARTICIPANTE DA PESQUISA

Prezado(a) Participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: *Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento*, que tem por objetivo “analisar o Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, considerando a influência dos familiares e o preparo para exercício profissional”. É importante destacar que este estudo será realizado com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e seus familiares, visando identificar o Potencial Empreendedor e buscando, ao final da pesquisa, identificar formas de se desenvolver Potencial Empreendedor em autistas com vistas à inserção no mercado de trabalho. Também serão realizadas entrevistas com gestores de organizações que já contratam autistas, para identificar informações sobre o mercado de trabalho para a pessoa com deficiência e, através do cruzamento dos dados obtidos com todos os participantes, formatar uma nova perspectiva de desenvolvimento para autistas, com foco o desenvolvimento profissional.

Considera-se que o benefício da realização deste estudo está no fornecimento de subsídios para as empresas compreenderem a condição do autista no momento de contratação, identificando corretamente suas potencialidades e permitindo o desenvolvimento profissional do indivíduo. Além disso, espera-se, a partir dos conceitos de Potencial Empreendedor, indicar uma nova perspectiva para o desenvolvimento de autistas, envolvendo também o desenvolvimento dos familiares no preparo para o exercício profissional.

Ao aceitar participar da pesquisa, você responderá as perguntas de um questionário que mede Potencial Empreendedor e participará de uma entrevista semiestruturada contendo questões sobre o mesmo tema. O risco que estará submetido é o desconforto e cansaço devido ao tempo despendido no preenchimento do questionário. Dessa forma, a desistência poderá ocorrer a qualquer momento, sendo possível a retirada deste consentimento sem penalidade alguma. A sua participação na pesquisa é livre e voluntária, não havendo nenhuma compensação financeira para isso e, também, não haverá custos para você. Ressalta-se ainda, que sua identidade permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa, principalmente no que tange à publicação dos resultados. Você terá garantias de esclarecimentos antes e durante o desenvolvimento do estudo.

Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com o prof. Dr. Italo Fernando Minello, pelo telefone (55) 99644-9230. Todos os dados coletados serão armazenados junto ao Grupo de Pesquisa Gestão Empreendedora e Comportamento Humano nas Organizações (GPECOM), sob a responsabilidade do prof. Dr. Italo Fernando Minello (pesquisador responsável), em armário da sala 4213, do prédio 74C do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, Campus da UFSM, CEP:97105-900, Santa Maria/RS, durante o período de 5 anos, estando a sua disposição a qualquer momento. Após esse período, os dados serão incinerados.

Eu, _____ (seu nome), após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Santa Maria, 22 de novembro de 2019.

Prof. Dr. Italo Fernando Minello
Pesquisador responsável

Assinatura do participante

12 ANEXO C – TCLE EMPRESÁRIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Estudo: Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento. CAAE 19668919.2.000.5346 e parecer N. 3.570.217.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH)

Telefone e endereço postal completo: (55) 99644-9230. Av. Roraima nº1000, Prédio 74C, Sala 4213, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS.

Aplicação: gestores de empresas que contrataram autistas

TERMO IMPRESSO EM DUAS VIAS, UMA DAS QUAIS FICARÁ COM O PARTICIPANTE DA PESQUISA

Prezado(a) Participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: *Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento*, que tem por objetivo “analisar o Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, considerando a influência dos familiares e o preparo para exercício profissional”. É importante destacar que este estudo será realizado com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e seus familiares, visando identificar o Potencial Empreendedor e buscando, ao final da pesquisa, identificar formas de se desenvolver Potencial Empreendedor em autistas com vistas à inserção no mercado de trabalho. Também serão realizadas entrevistas com gestores de organizações que já contratam autistas, para identificar informações sobre o mercado de trabalho para a pessoa com deficiência e, através do cruzamento dos dados obtidos com todos os participantes, formatar uma nova perspectiva de desenvolvimento para autistas, com foco o desenvolvimento profissional.

Considera-se que o benefício da realização deste estudo está no fornecimento de subsídios para as empresas compreenderem a condição do autista no momento de contratação, identificando corretamente suas potencialidades e permitindo o desenvolvimento profissional do indivíduo. Além disso, espera-se, a partir dos conceitos de Potencial Empreendedor, indicar uma nova perspectiva para o desenvolvimento de autistas, envolvendo também o desenvolvimento dos familiares no preparo para o exercício profissional.

Ao aceitar participar da pesquisa, você participará de uma entrevista semiestruturada contendo questões sobre autismo e contratação de autistas. O risco que estará submetido é o desconforto e cansaço devido ao tempo despendido durante a entrevista. Dessa forma, a desistência poderá ocorrer a qualquer momento, sendo possível a retirada deste consentimento sem penalidade alguma. A sua participação na pesquisa é livre e voluntária, não havendo nenhuma compensação financeira para isso e, também, não haverá custos para você. Ressalta-se ainda, que sua identidade permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa, principalmente no que tange à publicação dos resultados. Você terá garantias de esclarecimentos antes e durante o desenvolvimento do estudo.

Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com o prof. Dr. Italo Fernando Minello, pelo telefone (55) 99644-9230. Todos os dados coletados serão armazenados junto ao Grupo de Pesquisa Gestão Empreendedora e Comportamento Humano nas Organizações (GPECOM), sob a responsabilidade do prof. Dr. Italo Fernando Minello (pesquisador responsável), em armário da sala 4213, do prédio 74C do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, Campus da UFSM, CEP:97105-900, Santa Maria/RS, durante o período de 5 anos, estando a sua disposição a qualquer momento. Após esse período, os dados serão incinerados.

Eu, _____ (seu nome), após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Santa Maria, 22 de novembro de 2019.

Prof. Dr. Italo Fernando Minello
Pesquisador responsável

Assinatura do participante

13 ANEXO D – TERMO DE ASSENTIMENTO**TERMO DE ASSENTIMENTO EM DUAS VIAS**

Título do Estudo: Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento. CAAE 19668919.2.000.5346 e parecer N. 3.570.217.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH)

Telefone e endereço postal completo: (55) 99644-9230. Av. Roraima nº1000, Prédio 74C, Sala 4213, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS.

Dados do participante:

Nome: _____ RG: _____ Idade: _____

Prezado(a) Participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: *Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento*, que tem por objetivo “analisar o Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, considerando a influência dos familiares e o preparo para exercício profissional”. A proposta é achar formas de melhorar o acesso dos autistas ao mercado de trabalho. E para isso, precisamos conversar com indivíduos autistas, o que torna a sua participação nesta pesquisa muito importante.

É importante também explicar que iremos apenas conversar e que uma educadora especial, uma psicopedagoga e seus familiares irão acompanhar todo o procedimento de entrevista. Se você se sentir desconfortável com o ambiente ou simplesmente mudar de ideia e não quiser mais participar do estudo, podemos interromper a atividade sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Se você mudar de ideia após o encerramento da entrevista e não quiser mais que suas respostas façam parte da pesquisa, não tem problema. Entre em contato com o grupo de pesquisa e seus dados serão descartados. Seu nome não irá aparecer em nenhum momento. O nome dos seus familiares não irá aparecer e apenas a equipe de pesquisa saberá quem são os autores das respostas.

O único risco que você corre ao participar deste estudo é o cansaço devido ao tempo de duração da entrevista. Mas você pode interromper a entrevista a qualquer momento, sem problema algum. Os resultados do estudo serão encaminhados a seus familiares e a você ao final da pesquisa. Seu nome ou o nome de seus familiares não irão aparecer nos trabalhos publicados ao final da pesquisa. Se tiver dúvidas, entre em contato com o professor dr. Italo Fernando Minello (os dados estão no alto desta página).

ESTE TERMO DE ASSENTIMENTO É FEITO EM DUAS VIAS, UMA DAS QUAIS SERÁ ENTREGUE AO PARTICIPANTE E A OUTRA FICARÁ COM O PESQUISADOR.

Certificado de Assentimento

Eu _____ entendi que a pesquisa é sobre Potencial Empreendedor em autistas, visando melhorar a inserção no mercado de trabalho.

Nome:
Participante

Nome:
Responsável

Prof. Dr. Italo Fernando Minello
Pesquisador responsável

Santa Maria, dia 22 de novembro de 2019.

14 ANEXO E – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Título do Estudo: Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH)

Telefone e endereço postal completo: (55) 99644-9230. Av. Roraima nº 1000, Prédio 74C, Sala 4213, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de questionário estruturado e validado e entrevista semiestruturada para realização de pesquisa exploratória com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e seus familiares. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto.

As informações serão mantidas no Centro de Ciências Sociais e Humanas – CCSH, situado na Av. Roraima, nº 1.000, prédio 74C, sala nº 4213, Cidade Universitária, UFSM, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS, por um período de 5 anos, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Italo Fernando Minello. Após esse período, os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 12 de setembro de 2019, com o número de registro CAAE 19668919.2.0000.5346 e do parecer 3.570.217.

Santa Maria, 22 de novembro de 2019.

Prof. Dr. Italo Fernando Minello
Pesquisador Responsável

DISPENSA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Título do Estudo: Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH)

Telefone e endereço postal completo: (55) 99644-9230. Av. Roraima nº1000, Prédio 74C, Sala 4213, CEP.: 97105-900, Santa Maria/RS.

Aplicação: familiares de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista


O estudo “**Potencial Empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: uma perspectiva para o desenvolvimento**” será realizado com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista em graus leve e moderado, seus familiares e empresários que contrataram autistas. Sendo assim, não será realizado em nenhuma instituição específica, o que justifica a dispensa de autorização institucional. Todos os participantes do estudo se voluntariam a participar da pesquisa e não estão vinculados a instituições. Os questionários e entrevistas são individuais, focados em posicionamentos e opiniões pessoais dos participantes, não envolvendo posicionamentos corporativos e institucionais, o que também justifica a dispensa de autorização institucional.

Os critérios de inclusão, conforme exposto no projeto, no caso do autistas, é estar diagnosticado dentro do espectro autista, em grau leve e moderado. A anuência dos familiares ou responsáveis é exigência para participação na pesquisa, uma vez que eles também irão responder a questionários e entrevistas. Já para inclusão dos empresários na amostra, o critério é ter contratado um autista em seu empreendimento.

Santa Maria, 10 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Italo Fernando Minello
Dep. de Ciências Administrativas
CCSH - UFSM

Prof. Dr. Italo Fernando Minello
Pesquisador Responsável

 <p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM PROJETO NA ÍNTEGRA</p>	<p>Data/Hora: 10/04/2019 11:55 Autenticação: 7394.4C25.4AF3.DB97.5B6E.D362.0120.644B Consulta em http://www.ufsm.br/autenticacao</p>
<p>Título: POTENCIAL EMPREENDEDOR EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO</p> <p>Número: 051647</p> <p>Situação: Em trâmite para registro</p> <p>Avaliação: Avaliado</p> <p>Fundação: Não necessita contratar fundação</p> <p>Supervisor financeiro: Não se aplica</p> <p>Proteção do conhecimento: Projeto não gera conhecimento passível de proteção</p>	<p>Classificação: Pesquisa</p> <p>Início: 04/04/2019</p> <p>Registrado em: 10/04/2019</p> <p>Término: 31/03/2020</p> <p>Última avaliação:</p> <p>Número na fundação: Não se aplica</p>
<p>Tipo de evento: Não se aplica</p> <p>Carga Horária: Não se aplica</p>	<p>Alunos matriculados: Não se aplica</p> <p>Alunos concluintes: Não se aplica</p>
<p>Palavras-chave: potencial empreendedor, transtorno do espectro, autista, competências</p> <p>Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar o potencial empreendedor em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando a influência dos familiares e o preparo para o exercício profissional. O TEA é uma síndrome que se manifesta por alterações no desenvolvimento da linguagem e da interação social. Os indivíduos com TEA apresentam comportamentos estereotipados, repetitivos e ritualizados, bem como restrição de interesses e alterações sensoriais, com nível de severidade variado, o que justifica o uso da expressão espectro autista. Embora o autismo se caracterize como um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido sob o ponto de vista comportamental e caracterizado por dificuldades de interação social que podem manifestar-se como isolamento, comportamento social impróprio, entre outros sintomas (GADIA et al., 2004, p. 584), não são raros os relatos de autistas que conseguiram superar o transtorno e, dentro do possível, desenvolveram habilidades que lhes permitem uma vida produtiva. Alguns, como Temple Grandin, por exemplo, utilizam sua forma diferenciada de olhar para a realidade como instrumento de transformação, o que vai ao encontro das definições de empreendedorismo. Sendo o empreendedorismo, na visão de Santos et al. (2014) intrinsecamente dependente de decisões e ações individuais (ainda que os fatores externos sejam determinantes para o empreendedor), justifica-se a escolha do potencial empreendedor como elemento do construto que está sendo adotado para esta pesquisa. O potencial empreendedor, que está relacionado às características individuais, pode nunca se converter em intenção empreendedora, mas traz em si um conjunto de atributos comportamentais que podem ser desenvolvidos, permitindo o estabelecimento de competências e capacidades que interessam ao mercado de trabalho. Para responder ao problema deste projeto de pesquisa, serão realizados quatro estudos envolvendo conceitualização de potencial empreendedor relacionado ao desenvolvimento individual, a identificação de potencial empreendedor em indivíduos com TEA e em seus familiares e como esse potencial influencia o desenvolvimento do autista - e a verificação das competências que o mercado de trabalho tem observado em profissionais com TEA que estão em atuação. Este estudo é baseado na relação família autista empresa, a partir do construto que envolve potencial empreendedor, capacidades específicas e transtorno do espectro autista.</p>	

Objetivos: 1.2.1 Objetivo geral Analisar o potencial empreendedor em indivíduos com transtorno do espectro autista, considerando a influência dos familiares e o preparo para exercício profissional. 1.2.2 Objetivos específicos - Identificar a relação entre potencial empreendedor e o desenvolvimento do indivíduo; - Elencar similitudes entre o comportamento do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista e potencial empreendedor; - Verificar a influência do potencial empreendedor do responsável no desenvolvimento do autista; - Averiguar capacidades empreendedoras em autistas que estão no mercado de trabalho; - Articular a contribuição do potencial empreendedor para o desenvolvimento de capacidades no indivíduo com Transtorno do Espectro Autista.

Justificativa: O Brasil, segundo o Censo de 2010, possui cerca de 45 milhões de pessoas com deficiência (PCD), o que representa 24% da população total do país. Desses, 13 milhões são considerados deficientes graves o que significa dizer que, pelas normas adotadas para avaliação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possuem grande dificuldade ou são impossibilitadas de realizar tarefas cotidianas. O restante declarou diferentes níveis de dificuldades resultantes de deficiências visuais, auditivas, motoras ou cognitivas. Do total de brasileiros com algum tipo de deficiência, cerca de 32 milhões estão na faixa etária de 15 a 64 anos, o que os coloca no grupo que deveria estar inserido no mercado de trabalho, na população economicamente ativa. Segundo dados publicados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em outubro de 2018, com base na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2017, 441,3 mil deficientes estavam ocupando postos de trabalho. Ainda que o percentual de deficientes inseridos no mercado tenha aumentado nos últimos anos - e isso se deve à intensificação da fiscalização do MTE -, o número de PCDs em postos de trabalho ainda é pequeno, embora exista uma legislação específica determinando contratação. O artigo 93 da Lei 8.213/1991 estabelece que empresas com cem ou mais empregados preencham, obrigatoriamente, de 2% a 5% dos seus cargos com beneficiários da previdência social reabilitados ou pessoas com deficiência. O direito ao trabalho passa a ser assegurado aos deficientes físicos pela Lei 7.853/1988, regulamentada pelo Decreto 3.288/1988, que assegurou o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas com deficiência. Trata-se de uma busca por assegurar a uma parcela considerável da população os direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. O Poder Público, no texto das leis citadas, se compromete à promoção de ações para inserção de pessoas com deficiência nos setores público e privado, estabelecendo, inclusive, sanções aos que não cumprirem o que determina a lei. Para as organizações, a contratação da PCD não é simples. Questões de acessibilidade e preparo da equipe para inclusão estão entre os principais entraves. Somado a isso, a dificuldade de avaliação de potencialidades dificulta a correta inserção do contratado e não são raros os relatos de profissionais bem preparados que foram colocados em vagas tidas como inferiores apenas por serem deficientes. O preconceito e a falta de conhecimento para lidar com as diferenças físicas e cognitivas também prejudicam a contratação de PCD. A consideração de incapacidade é estabelecida no momento em que a deficiência é mencionada, sem que critérios objetivos de avaliação sejam utilizados nos processos seletivos, tanto em organizações privadas quanto públicas. O Transtorno do Espectro Autista, objeto do presente estudo, carrega em si um grande número de visões equivocadas e mal-entendidos. Ramos (2017) destaca que a capacidade de vida produtiva do autista - ressaltando o nível de comprometimento do desenvolvimento de cada indivíduo - ainda não é considerada. É esse ponto que está a relevância do presente estudo, que busca identificar em PCDs que estão dentro do Espectro Autista, características que possam ser consideradas pelas organizações como pertinentes para o exercício profissional e, mais do que isso, identificar de que forma o desenvolvimento de capacidades específicas, a partir do potencial empreendedor, podem colaborar com o desenvolvimento do autista e sua preparação para o mercado de trabalho. Conforme já foi apresentado no texto de introdução deste projeto, notadamente no caso da professora Temple Grandin, indivíduos com Transtorno do Espectro Autista podem apresentar potencial e características comportamentais empreendedoras e capitalizar essas características para o seu desenvolvimento e também para a geração de benefícios para a sociedade através da inovação. A questão é se isso pode ser feito de uma forma mais sistemática, na qual o desenvolvimento do potencial empreendedor possa ser utilizado como uma forma de incrementar o desenvolvimento do autista, tornando-o apto ao mercado de trabalho e proporcionando a autonomia que deve ser objetivo de todos. Para Moraes (in TEIXEIRA, 2016, p. 21), a busca pela independência na vida adulta deve ser um objetivo das famílias, independente se os filhos tenham ou não diagnóstico de TEA. E aqui reside outra razão para a realização desta pesquisa, que é a análise dos responsáveis pelo autista e de que forma características desses cuidadores podem influenciar no desenvolvimento do indivíduo diagnosticado. Também interessa para o presente estudo, a visão da empresa sobre contratação de autistas e a identificação de capacidades que esses indivíduos apresentam em suas atividades profissionais. Assim como, interessa para a empresa compreender esses indivíduos que, dada suas peculiaridades, podem contribuir com novas visões e transformações no mundo organizacional. É importante destacar que o Programa de Pós-Graduação em Administração do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo tem como missão humana e a



66,1%



dimensão organizacional. A presente pesquisa faz parte do Projeto Educação e Atitude Empreendedoras (PEAE) do Grupo de Pesquisa Gestão Empreendedora e Comportamento Humano nas Organizações (GPECOM). O PEAE tem desenvolvido estudos sobre características comportamentais e atitudes empreendedoras, intenção empreendedora e autoeficácia, a partir de ações envolvendo professores e alunos de instituições de ensino superior e, há dois anos, alunos e professores do ensino fundamental da rede pública. Entretanto, os estudos, até agora, envolveram predominantemente indivíduos neurotípicos, ou seja, que não apresentaram nenhum tipo de alteração neurológica (VILLARROEL, 2018). Então, a presente pesquisa, que está vinculada ao PEAE e ao GPECOM, busca atuar especificamente em um hiato de estudos nesse grupo, voltando a pesquisa para o potencial empreendedor em indivíduos neurotípicos, especificamente aqueles que estão diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Resultados esperados: Responder aos seguintes questionamentos: Questão 1: De que forma o potencial empreendedor se relaciona com o desenvolvimento do indivíduo? Questão 2: Quais as interseções existentes entre o comportamento do indivíduo com TEA e potencial empreendedor? Questão 3: De que forma potencial empreendedor dos responsáveis pelos indivíduos com TEA pode influenciar o desenvolvimento do autista? Questão 4: Quais as capacidades relacionadas à potencial empreendedor que podem ser observadas nos autistas que estão no mercado de trabalho?

PARTICIPANTES						
MATRÍCULA	NOME	VÍNCULO	FUNÇÃO	C.H.*	INÍCIO	TÉRMINO
382394	ITALO FERNANDO MINELLO	Docente	Coordenador	1	04/04/2019	31/03/2020
201760584	RANICE HOEHR PEDRAZZI POZZER	Aluno de Pós-graduação	Autor	10	04/04/2019	31/03/2020

* carga horária semanal

UNIDADES VINCULADAS			
UNIDADE	FUNÇÃO	VALOR	TÉRMINO
28.03.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO	Responsável		31/03/2020

CLASSIFICAÇÕES	
TIPO DE CLASSIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Classificação CNPq	6.00.00.00-7 - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
Linha de pesquisa	06.04.00 - GESTAO DE RECURSOS HUMANOS E ORGANIZACOES
Quanto ao tipo de projeto de pesquisa	2.04 - Projeto de Tese